



Um amor submisso

SOPHIE MORGAN


FONTANAR



SOPHIE MORGAN

*Um amor
submisso*

Tradução
Camila Mello

Copyright © Sophie Morgan, 2013

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro – RJ – Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
No Ordinary Love Story

Publicado originalmente em inglês, na Inglaterra, por Penguin Books Ltd.

Capa
Design original adaptado por Bárbara Estrada

Foto de capa
Omer Knaz

Revisão
Mariana Freire Lopes
Raquel Correa

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Abreu's System Ltda.



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M846a

Morgan, Sophie
Um amor submisso [recurso eletrônico] / Sophie Morgan ; tradução Camila Mello. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
226 p., recurso digital
Tradução de: *No ordinary love story*
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-390-0538-3 (recurso eletrônico)
1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Mello, Camila. II. Título.

13-03234 CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Sumário

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Capítulo um](#)

[Capítulo dois](#)

[Capítulo três](#)

[Capítulo quatro](#)

[Capítulo cinco](#)

[Capítulo seis](#)

[Capítulo sete](#)

[Capítulo oito](#)

[Capítulo nove](#)

[Capítulo dez](#)

[Capítulo onze](#)

[Capítulo doze](#)

[Capítulo treze](#)

[Capítulo quatorze](#)

[Capítulo quinze](#)

[Capítulo dezesseis](#)

[Capítulo dezessete](#)

[Epílogo](#)

Para F, com todo o meu amor e gratidão.

Capítulo um

Eu estava atrasada. Passei grande parte de minha vida atrasada, ou com medo de estar. Sou jornalista, e apesar de o atraso ser um risco da profissão, nada é menos perdoável (OK, exceto talvez o grampeamento de telefone, mas trabalho em um jornal local então não é o tipo de coisa que fazemos, mesmo que as novelas mostrem isso). Fora do ambiente de trabalho, acho o atraso algo irritante em mim e nos outros. Sempre que possível, chego cinco minutos antes e espero, só para minimizar o risco de chegar depois do horário. Sei que é meio estranho, mas é um preço que prefiro pagar.

No entanto, dessa vez não tive como fazer isso. Quando cheguei ao bar, meus amigos Thomas e Charlotte já tinham escolhido a mesa e acenavam para mim como dois lunáticos. Charlotte usava até um chapéu de elfo, o que não é tão estranho quanto soa porque faltavam quatro dias para o Natal. Eu não estava com espírito de festa, em parte porque o trabalho estava um caos e em parte porque ainda estava sarando as feridas do maior término de namoro do mundo. Aceitei beber com eles só porque não ia aguentar a enchecção de saco se dissesse não. Além disso, o bar ficava perto do meu escritório e Charlotte garantiu que haveria várias pessoas — o suficiente para que eu fosse embora de fininho depois de um rápido drinque e uma pequena socialização para me mostrar disposta e calar a boca dos dois. Mas quando fui até a mesa, percebi que havia apenas uma outra pessoa com eles. Era uma armadilha.

A primeira coisa que me ocorreu, e que prova que eu ainda pensava nele, foi que James, meu ex, estava na mesa, apesar de eu racionalmente saber que Thomas jamais beberia, conversaria e comeria biscoitinhos de queijo com ele. Acho que nem eu queria beber com James. O homem de costas para mim se virou, confirmando o que eu já sabia, e uma irritação começou a queimar no fundo do meu estômago. Não conseguiria definir com quem fiquei furiosa — comigo? Com eles? Com ele? Eu me sentia irritada constantemente naquelas últimas semanas. Isso era cansativo, outra razão para eu preferir ficar em casa assistindo a programas sobre cozinha sem falar com ninguém.

Mas não dava para fazer isso naquela noite. Fui totalmente enganada pelos meus supostos amigos. Charlotte hesitou antes de me abraçar, percebeu minha raiva, mas Thomas não demonstrou o mesmo medo. Ele se jogou em cima de mim e me envolveu em um abraço apertado que quase me derrubou.

— Soph! Consegui chegar. Achamos que não viria, você geralmente não se atrasa.

Escapei do abraço e comecei a abrir o casaco.

— É, o trabalho foi difícil e o metrô estava lotado. — Não era minha intenção me desculpar pelo atraso. Tentei não dar um sorriso sarcástico ao me lembrar de uma ocasião quando, depois de aparecer na casa de Thomas com 23 minutos de atraso por causa do trânsito, ele me bateu 23 vezes com um chicote. Tive a sensação de que isso tinha acontecido havia muito tempo, em outra vida. As coisas realmente haviam mudado, apesar de a lembrança ainda inspirar uma onda de afeição que acalmou minha fúria.

O homem, que não era James, havia se levantado quando cheguei e estava esperando eu me aproximar da mesa. Quando me inclinei para colocar o casaco sobre

a pilha de outros casacos, ele esticou a mão.

— Oi, Sophie. Eu sou o Adam. Muito prazer em conhecê-la, ouvi muito falar de você.
— Cabelos escuros, olhos castanhos, óculos. Aperto firme, mãos boas — percebo essas coisas; é um efeito colateral do meu amor por surras. Eu tinha de dar o crédito a eles por conhecerem meu gosto tão bem. Que pena não me conhecerem bem o suficiente para saber que não queria nenhum tipo de relacionamento por um bom tempo.

— É mesmo? — Sorri para ele, mas não um sorriso exagerado. — Porque nunca ouvi falar de você. — Dei uma olhada para Charlotte, que parecia estar frustrada. O silêncio se estendeu e deixei que continuasse por um momento antes de dar um suspiro, me jogar no banco acolchoado e pegar o cardápio. Odeio confrontos e climas ruins, sempre odiei. Podia fazer o papel de gente boa; só precisaria aturar a próxima hora e pouco e ir embora com a desculpa de ter de trabalhar cedo. Reparei que havia quentão no cardápio e sorri internamente. Pelo menos poderia entrar um pouquinho no clima do espírito festivo.

— E aí, o que estão bebendo? Eu busco algo pra nós.

Sei que posso parecer meio grossa, sei que não era culpa do coitado do Adam. A verdade é que meu coração tinha sido partido havia pouco tempo, e percebo que isso soa como um romance mulherzinha. Não foi de propósito — as pessoas que nos machucam de propósito são a pior espécie de canalhas do mundo, e se eu estivesse apaixonada por um canalha seria muito mais fácil organizar minha vida, dar a volta por cima e seguir em frente. Mas James conseguiu entrar na minha vida tanto como namorado quanto como o contraponto dominante para minhas tendências submissas. Depois, ele terminou tudo de repente e me deixou à deriva.

Não que as coisas tivessem terminado por completo, não a ponto de eu conseguir seguir em frente. Se tivesse de descrever a situação no estilo “no último episódio, na vida de Sophie”, como fazem nos seriados de TV, o resumo da HBO seria assim: Garoto conhece garota, garoto domina garota, garota curte a dor e a degradação e se apaixona por garoto, garoto fica culpado por causa da maneira como domina a garota que ama, garota afirma que gosta da dominação. Era de se imaginar que depois disso seria garoto se entende com os dois lados de sua natureza e agradece aos céus por ter encontrado uma garota que o complementa tão bem, porém não foi isso que aconteceu. Depois de semanas de mensagens de texto — enxurradas de afeição e conversas emocionais que fizeram com que o subsequente silêncio fosse ainda mais estressante —, decidi que era hora de parar, pela minha própria sanidade. Perguntei uma última vez se alguma coisa podia dar certo entre nós e, tomando o silêncio como uma boa resposta, mudei o número do celular e coloquei um filtro no e-mail que automaticamente encaminhava qualquer mensagem dele para o lixo. Depois de uma ou duas semanas, parei de checar três vezes por dia se *tinha* mensagem automaticamente deletada. Foi um progresso, não foi?

Estava tentando, lentamente, seguir em frente. Mas doía. E me sentia uma idiota. Muito idiota. Então por enquanto estava bem sozinha. Pelo menos o menor número

possível de pessoas ficaria sabendo da minha idiotice.

Agora, mais do que nunca, sabia que meu amor pela submissão sexual era algo que definitivamente queria como parte de qualquer relacionamento — apenas parte mesmo, mas a falta dessa compatibilidade básica seria um impedimento. Mas depois de perceber isso e de me decepcionar tanto com James quando se mostrou um pouco imaturo emocionalmente, decidi que era hora de me afastar por um tempo. Apesar de a compatibilidade sexual ser um aspecto importante do tipo de relacionamento que eu queria, era parte de algo maior — queria alguém cuidadoso, inteligente, engraçado, que aturasse minha obsessão por TV (e as pilhas de caixas de DVDs), que amasse seu trabalho o suficiente para não se importar com minha dedicação pelo meu e que tivesse ideias similares sobre a vida a longo prazo — isto é, um dia se casar e ter filhos.

Eu sei. O que quero é absolutamente impossível. E o negócio é que encontrar um homem que apresentasse vários desses requisitos (não TODOS, não sou tão insensata assim), que fosse dominador e que quisesse uma mulher como eu... bem, seria como ganhar na loteria dos relacionamentos. E agora, depois da decepção com James, não queria sequer comprar o bilhete de aposta e sofrer outra decepção. Até porque nem estava tão profundamente envolvida com tipos dominadores — se existia uma parábola que detectava perversão eu definitivamente não a possuía, e mesmo com minhas inclinações sexuais eu não saía por aí perguntando para homens aleatórios se queriam me machucar. Falando sério, os tipos de homens que diriam sim provavelmente são aqueles de quem devemos fugir. Já havia usado páginas D/s on-line antes para conversar com homens e fazer amigos, mas não estava pronta para iniciar a procura por um namoro nessas páginas, uma procura que consome tempo e que ocasionalmente destrói a alma — apesar de que um de meus melhores amigos e ex-Dom, Thomas, encontrou sua atual parceira fazendo exatamente isso.

Não, minha fonte de prazer recente era um Kindle carregado de material erótico e outras poucas coisas, e para mim estava ótimo. Simplesmente não sentia que tinha energia para mais nada, principalmente na época de comemorações, sempre tão animada. Planejei tudo. Trabalhava o máximo de horas extras que me permitiam, frequentava mais reuniões em horários extraordinários do que qualquer pessoa gostaria. Reservei uma folga para ir à casa de meus pais no Natal. Trabalharia na noite de ano-novo e no dia primeiro. Preencheria minha vida com trabalho e leituras e sono, e por mim assim estava bom.

Infelizmente, os malas Charlotte e Thomas pareciam *não* ter a mesma opinião.

Bebi o quentão o mais rápido que pude sem queimar o céu da boca e pedi licença para ir ao banheiro. Treinei a desculpa para ir embora cedo enquanto voltava à mesa. No entanto, quando voltei, Charlotte tinha comprado outra taça de vinho enquanto eu estava ausente. O meu “obrigada” foi bem forçado. Ela não conseguia me encarar quando olhei para ela, porém mesmo em meus dias mais antissociais eu não teria me levantado e ido embora. Bebi o vinho — um pouco mais devagar dessa vez — e me resignei a ficar ouvindo a conversa ao meu redor.

Adam era interessante. Engraçado. Inteligente. Perspicaz. Humilde. Sabia lidar com

De: Sophie

Para: Adam

Que inferno essa Charlotte! Mil desculpas. Não parei pra pensar que você também pudesse estar constrangido — acho que se saiu melhor. Você deve ter me achado meio ranzinza. Desculpa. Com certeza não foi pessoal.

Espero que as tentativas de “ajuda” de Charlotte não tenham feito com que o seu término fosse ainda mais infeliz do que os terminos tendem a ser.

Sophie

PS.: Não se preocupe, você não parece ser do tipo que precisa de encontros amorosos sob pressão.

A resposta foi rápida, intrigante e deixou claro que ele não estava mais interessado em mim do que eu nele.

De: Adam

Para: Sophie

O término já era de se esperar há algum tempo e foi menos doloroso do que poderia ter sido. Namoramos por um ano e nos divertimos muito, mas queríamos coisas fundamentalmente diferentes — ela ama viajar e queria trabalhar nos Estados Unidos todo. Gosto de férias, mas queria ficar mais perto de casa pra me casar, ter filhos etc. Essas coisas. Na verdade, ela me mandou um e-mail hoje. Está trabalhando como recepcionista em uma loja de tatuagem em São Francisco. Estamos bem. Mas com terminos é assim mesmo — todo mundo presume que você quer voltar logo pra um relacionamento de novo. Às vezes é bom ter uma pausa.

A

PS.: Você estava meio ranzinza, sim. Mas foi estranhamente cativante. Não levei pro lado pessoal.

Dei uma risadinha.

De: Sophie

Para: Adam

Compreendo o que você disse sobre terminos. Às vezes é mais simples ficar solteiro.

Soph.

Fechei o computador certa de que seria a última vez que ouviria falar em Adam e feliz por ter esclarecido que não estava no clima de me envolver, mesmo que tivesse uma chance. Estava redondamente enganada.

Na manhã seguinte, ele mandou uma mensagem com uma matéria acerca dos políticos sobre os quais conversamos na noite anterior. Quase sem perceber, digitei uma breve resposta. Ele respondeu e aproveitou para perguntar se Charlotte tinha pedido desculpas (sim). Perguntei se ele tinha alguma coisa a ver com o arrependimento dela (tinha). Não demorou muito para começarmos a trocar e-mails pelo menos duas vezes ao dia.

Era seguro. Era simples. Conversávamos sobre coisas que não eram controversas: o planejamento que mamãe fez na internet para o feriado (invasões militares deram menos trabalho), a viagem dele para Yorkshire para o casamento de um membro da

família. Seguindo sua sugestão, assisti a alguns episódios de *The Shield* (admito que em alguns momentos tive de tapar o rosto) e amei. Não tinha mais ninguém com quem fazer comentários entusiasmados, então foi com ele mesmo. Recomendei algumas biografias políticas que ele não tinha lido. No geral, foi surpreendentemente interessante conversar com Adam.

Eu também (não me julguem) tirei vantagem de o Facebook dele estar bem menos restrito do que o meu e dei uma olhada no perfil. Vi algumas fotos (a maioria era de férias, viagens em família e festas) e li os comentários mais recentes rapidamente — a maioria tinha links para matérias de jornais e discussões relacionadas a essa área, comentários sobre programas de TV e filmes que tinha assistido e memes *nerds* de internet. Achei tudo interessante, mas não ousei “curtir” nada para que Charlotte e Thomas não vissem e tivessem uma impressão errada. O primeiro passo da interação moderna — ficar amiga no Facebook — definitivamente era proibido.

Em uma determinada noite, o tom da conversa mudou um pouco. Já conversávamos no Messenger à noite, se os dois estivessem conectados — OK, se ele estivesse online, porque eu ainda estava na minha prisão domiciliar voluntária sem trabalho. Estávamos conversando sobre uma outra tentativa de amigos para arrumar alguém para ele — dessa vez, uma professora escolar de física. Eu estava rindo comigo mesma diante do pavor óbvio que ele sentiu com a conversa que tiveram, quando de repente uma coisa que escreveu me chamou a atenção.

Adam disse: O negócio é que não há como ter aquela conversa sobre compatibilidade, né? Pelo menos Charlotte NOS apresentou sabendo que temos personalidades complementares naquela área!

Corrigi a postura e senti o coração batendo mais forte. Meus dedos se agitaram e depois pararam. Será que estava falando do que eu achava que estava falando, ou eu estava sensível demais? É claro que Charlotte sabia que eu era submissa, sabia por experiência própria. Mas teria contado isso para um cara que eu nunca tinha nem visto? Fiquei dividida entre pedir um esclarecimento e acidentalmente abrir o jogo, correndo o risco de ela não ter falado nada para ele. No final, a curiosidade venceu.

Sophie disse: Personalidades complementares em que sentido?

A resposta confirmou meus temores.

Adam disse: Sexualmente. Não é um pré-requisito pra um relacionamento, mas definitivamente é uma coisa que quero levar em consideração quando sentir que já posso voltar a namorar.

Tenho uma tendência a viajar de vez em quando. Não tenho como controlar. Meu lado racional sempre intervém, mas naquele momento meus pensamentos estavam soltos. Ele sabia que eu era uma sub. Sabia desde o começo. Aquilo era algum tipo de jogo ridículo? Achava que eu estava me fazendo de difícil? Como Charlotte pôde contar isso para ele sem me avisar? Estava incandescente de raiva.

Meu silêncio repentino deve ter sido muito significativo.

Adam diz: Sophie?

Coloquei o laptop de lado para buscar um drinque na cozinha. Não tinha certeza do que responder, se devia responder. Quando voltei, a tela estava cheia de texto.

Adam diz: Eu não incomodei você mencionando isso, incomodei? Juro que não tem nada demais. Charlie só mencionou vagamente que nós dois a conhecemos no mesmo lugar, mesmo sem nos conhecermos. Não falou mais nada sobre você, mas deduzi que ela só forçou nosso encontro porque você é ou submissa ou pelo menos uma *switcher*. Desculpa se fui longe demais.

Thomas e eu conhecemos Charlotte em um *munch* — um tipo de reunião social de pessoas com perversões (calma, não tinha ninguém com couro e correntes, era apenas um encontro em um pub). Se ele a conheceu no mesmo lugar... Opa.

Meu cérebro foi logo tomado por várias perguntas — fiquei curiosa, nunca havia pensado em Adam nesse sentido. Acho que é realmente importante ter cuidado nas deduções sobre as pessoas. Sabia que ele devia ser dominador, visto que presumiu que eu fosse submissa ou uma *switcher* (uma pessoa que domina e também se submete).

Sophie diz: Tudo bem, não estou incomodada. Surpresa por você saber. Eu não sabia isso sobre você. Só fiquei um pouco em desvantagem. Tudo bem.

Será que exagerei? Nem eu achava que estava “tudo bem”. Dane-se. Maldita Charlotte. E maldita curiosidade, porque agora, mais do que nunca, eu queria saber sobre ele.

Sophie diz: Mas e aí, você vai em muitos *munches*?

Eu sei. Sou muito enxerida. Mas estava curiosa — até porque não achei que ele fazia o tipo dominador. Minha parabólica de perversão era zero (melhor dizermos minha pervebólica?). Se bem que quando o conheci, admito que não estava olhando com nenhuma intenção sexual, mesmo que a troca de olhares fosse intensa.

Adam diz: Costumava ir. Foi onde conheci Kathryn, minha ex. Ela era sub. Mas não vou há algum tempo. Você deve estar preocupada agora, mas não estou caminhando pra um novo começo de namoro. Desculpa ter falado nisso, caso seja estranho pra você.

As coisas ficaram mais claras. Tive a certeza de que Charlotte não contou detalhes íntimos do que fizemos, então tudo bem.

Sophie diz: Não tem nada estranho. Tudo bem. Só fiquei surpresa, apenas isso. Charlotte não mencionou nada.

A resposta foi rápida.

Adam diz: Ela é terrível. Mas a intenção foi boa.

Tinha razão. Mas ainda assim eu estava com vontade de conversar seriamente com ela sobre futuros encontros. Antes que eu pudesse responder, outra mensagem apareceu.

Adam diz: Uma última pergunta antes de voltarmos a assuntos não relacionados a D/s, pode ser?

Sophie diz: Não sei se eu devia responder, mas vamos lá...

Adam diz: Você é o quê, afinal? Sub ou *switcher*? Muita curiosidade ;)

Inevitavelmente, não foi a última vez que conversamos sobre D/s. Lentamente, durante semanas e pela primeira vez em anos, conversei com alguém sobre perversões sem nenhuma insinuação subentendida. Não tínhamos expectativas. Estávamos determinados a não namorar. Não havia indicações de que aquilo evoluiria, ou de que ficaríamos juntos. Era ótimo conversar sobre a vida com alguém que não estranhava o lado safadinho das coisas — dava para mencionar esse lado discretamente sem virar algo grandioso ou definitivo.

Ele me contou que se divertiu bastante nessa área com a namorada, mas o relacionamento murchou porque não tinham muito em comum, além do interesse por sexo. Contei um pouco sobre o que aconteceu com James, e a visão e a gentileza de Adam foram um alívio para minhas feridas emocionais.

Nas conversas mais quentes — sempre tarde da noite —, conversávamos sobre nossas experiências. Não em termos explícitos, mas de maneira mais geral e com profundidade suficiente para que eu ficasse intrigada sobre que tipo de dominador ele seria. Era visível que ele tinha muito mais experiência D/s do que eu, e que seu interesse era muito mais voltado para o aspecto mental da dominação do que por infligir dor física. Achei intrigante. Achei-o intrigante. E, no entanto, era incrivelmente gentil. Era respeitador e sensível quando falava — fosse sobre coisas gerais do cotidiano, fosse sobre aspectos emocionais mais profundos.

De vez em quando falávamos sobre nos encontrarmos para beber alguma coisa, mas nunca combinamos nada. No começo, usamos a desculpa do período turbulento do ano-novo, apesar de estarmos em janeiro. Entendi a falta de iniciativa dele como um sinal de que não estava interessado em mim daquela maneira, o que, é claro, devia ter sido um alívio. Contudo, eu não sentia isso em alguns momentos. Não estava certa de que deveria me sentir insultada, mas, como era típico, definitivamente me senti.

Por que não estava interessado em mim no sentido romântico? O que ele achava que eu era, uma ninguém?

Eu sei, sou uma maluca. Mas foi só um pensamento que guardei para mim. Então, certo dia, estávamos conversando sobre as últimas tentativas de Charlotte de levá-lo a um *munch* com Tom. Por *que* ela ficava tentando arrumar alguém para ele?

Adam diz: Falei pra ela que não estava interessado, e ela tentou me convencer de que valia a pena só pra encontrar alguém pra aliviar minhas necessidades físicas.

Sophie diz: “Aliviar necessidades físicas?” Parece termo médico.

Adam diz: Eu sei. Não me entenda mal, às vezes gosto da ideia de um divertimento sem compromisso, mas queria que fosse com alguém que tem pelo menos uma conexão comigo, e que eu saiba que vai ser tranquila. Não quero ficar com alguém que vai sentir que está sendo usada só pra transar.

Sophie diz: Você quer se divertir com uma pessoa que também não quer um relacionamento e que, portanto, não vai ser enganada?

Adam diz: Exatamente.

Sophie diz: Uma pessoa cujos sentimentos você não vai acabar machucando, caso ela queira mais no final?

Adam diz: Sim.

Sophie diz: Uma pessoa que goste das mesmas coisas que você, que tope experimentar e se divertir, mas que vai ficar na dela?

Adam diz: Isso mesmo.

Aposto que vocês já sabem onde isso iria parar. Eu não sabia; nem estava consciente de que meus dedos estavam se movendo até digitar a mensagem e apertar o enter.

Sophie diz: Uma pessoa como eu?

Merda. Assim que mandei a mensagem, quis retirá-la. O que estava se passando pela minha cabeça? Sei que não transava com ninguém há meses, muito menos no terreno D/s, mas ele não estava interessado em mim dessa forma. Merda. Agora ia ser estranho. Comecei a tentar digitar alguma coisa, *qualquer coisa*, que fizesse com que parecesse que eu estava brincando, mas antes de terminar a frase a resposta dele apareceu.

Adam diz: Isso, uma pessoa exatamente como você.

Ui.

Capítulo dois

O negócio é que dizer algo no calor do momento e ter a coragem ou inclinação de fazê-lo de verdade são duas coisas ligeiramente distintas. Admito: ler a resposta de Adam me fez sorrir e me sentir um pouco tonta, não só porque provava que a atração textual entre nós não era (inteiramente) uma via de mão única. Mas isso não significa que fechamos nossos laptops e corremos um para o outro para transar de todas as formas imagináveis. Não que eu tenha um problema moral com isso — conversamos o suficiente para nos conhecermos melhor do que um casal normal ficando em uma boate num sábado à noite. No entanto, fui cuidadosa. E percebi que ele também. Pode parecer loucura, mas essa possibilidade real me fez sentir mais segura, principalmente depois de me apaixonar tanto e tão rápido por James.

Honestamente, eu não soube como responder à mensagem dele. Ficar sem palavras era bem estranho para mim, mas nos dias que se seguiram, isso aconteceu várias vezes com Adam.

Adam diz: Desculpa se pode parecer um pouco demais (rs, que coisa mais dramalhão de novela de minha parte), mas realmente gosto de você, acho que é vibrante e interessante, e percebi nas nossas conversas que quero fazer coisas obscenas com você. E em você.

Sophie: É um pouco demais, sim, mas vou deixar passar. Se bem que foi melhor não ter me dito isso ao vivo. Pelo menos não me viu com o rosto vermelho.

Adam diz: Eu quero ver você com o rosto vermelho.

Fiquei dividida. Minha cabeça ainda dizia que não estava pronta para tentar nenhum tipo de relacionamento de novo, muito menos na área de encontros “com benefícios”. Contudo, meu coração (e, OK, alguns lugares mais embaixo) achava Adam divertido e sensual e, conforme as mensagens foram ficando cada vez mais picantes, a pergunta “por que não?” só crescia.

Ele não fez pressão para nos encontrarmos, mas começamos a ter conversas cada vez mais eróticas. Analisando hoje, era como uma mistura na qual ele me dava ideias do quanto nos divertiríamos juntos e me deixava mais intrigada, a ponto de me dar vontade de tentar. O que ajudou foi que, sendo redator, ele era incrivelmente criativo quando conversava sobre o que poderia rolar (em algum momento, nossas conversas passaram de coisas que fizemos ou gostaríamos de fazer para coisas que gostaríamos

de fazer juntos). Cada vez mais, eu me deitava para dormir e ficava pensando nas cenas que ele tecia. Certamente, eram pensamentos picantes.

As conversas ainda flutuavam entre perversões e vida real. Em uma determinada semana, tive dois dias cheios, trabalhei à noite, e nossas trocas de e-mails foram breves e puramente sobre notícias do dia. Então, no terceiro dia, abri um e-mail dele e encontrei parágrafos longos — ele havia transformado um comentário casual que fiz sobre a fantasia de fazer sexo na rua em uma história completa. Nós éramos os protagonistas.

Levei alguns segundos para perceber do que se tratava. Estava sentada na frente da mesa de trabalho e, à medida que passei os olhos na mensagem, comecei a ficar corada. Fechei o e-mail para que ninguém do escritório, que não tinha divisórias, pudesse ler.

Adam mandou uma mensagem separada perguntando se gostei da narrativa. Falei que ainda não tinha lido o e-mail direito, mas que fiquei meio chocada de receber aquilo no meio do nada, ali no escritório. A resposta sugeriu que eu devia me preocupar com o interesse que ele tinha de me ver corada.

Adam diz: Ficou vermelha?

Senti meus lábios se curvando em um sorriso, apesar da quentura nas bochechas. Como se eu fosse admitir isso para ele.

Sophie diz: Metido.

OK, pensando bem, acho que respondi exatamente o que ele queria...

Depois de uma tarde que pareceu ser a mais longa de todos os tempos, finalmente cheguei em casa e li a história. Era incrível. O enredo era provocante e muito bem-escrito (sei que não devia fazer tanta diferença, mas, acreditem, para mim faz muita). Quando terminei a história, minha mão estava dentro da calcinha.

O interessante foi que focou bastante no ponto de vista da mulher sub, explorando seus pensamentos. Era geralmente o tipo de material erótico que eu gostava, mas acima disso o estilo era interessante — as descrições das mudanças entre medo e excitação, e a compreensão e explicação do estado de espírito dela me mostraram claramente que ele era observador, e isso me deixou intrigada sobre o tipo de dominador que seria, como me controlaria. E, é claro, isso também me fez pensar que seria fácil para ele entender e responder às minhas próprias reações se fizéssemos alguma coisa juntos. Definitivamente, ele era talentoso.

Depois de terminar a leitura, entrei no Messenger e escrevi.

Sophie diz: Finalmente consegui ter privacidade e li a história, e só queria dizer obrigada. Foi incrível. Ninguém nunca escreveu algo parecido pra mim antes (deve ser consequência de eu ser escritora).

Adam diz: De nada. Que bom que gostou. Ficou molhada?

Meus dedos pausaram sobre o teclado. É claro que fiquei molhada. Nós dois sabíamos. Por que digitar isso era tão difícil? Não era um bom sinal de como seriam os

desafios frente a frente.

Sophie diz: Fiquei sim.

Adam diz: Que bom.

Depois disso, nossas conversas no Messenger mudaram de tom um pouquinho nesse mesmo eixo da perversão. Ele não demandava nada, nem agia como um Dom intransigente, mas fazia pedidos tão educados que eram cada vez mais difíceis de recusar — e apesar de eu detestar a necessidade de agradar tão inerente ao meu caráter, eu sabia que era mais do que isso. Cada vez mais, queria agradar a *e/e*.

Escrevi uma história também, canalizando vários pensamentos que eu tinha quando me deitava na cama, os tipos de coisas que poderíamos fazer juntos. Mandou uma mensagem dizendo que gostou muito e que ficou excitado, o que me deu frio na barriga. Sugeriu mais coisas que poderíamos fazer no roteiro que inventei, e de repente estávamos tendo conversas criativas e devassas.

Era muito divertido. Nada era proibido. Devido à abertura tranquila de Adam e ao fato de nossa amizade ser relativamente recente, não havia muito risco em dizer alguma coisa pervertida que fosse incomodá-lo para sempre — podíamos falar sobre qualquer assunto: fantasias, limites e afins. Era um nível novo de comunicação para mim e era muito fascinante e libertador. Era engrandecedor também, por exemplo, quando ficou aparente que ambos éramos bem relaxados em nossas atitudes D/s.

Adam diz: Eu na verdade acho essa bobagem toda de ser chamado de Mestre ou Senhor um pouco constrangedora. Não precisa me chamar de um nome especial pra me mostrar respeito nesse contexto.

Antes de começar a digitar uma resposta, um segundo comentário apareceu.

Adam diz: Amo D/s e a dinâmica toda, mas não sou o tipo de cara que quer viver nisso o tempo todo. Sei que algumas pessoas adoram a ideia de serem completamente obedientes e submissas de modo subserviente, mas honestamente acho isso meio chato. Pra mim, submissa não pode significar passiva. Tem que existir alguma chama. Em parte, tem a ver com o desafio — como fazer com que você execute o que quero? Você vai responder ao quê? Mas em parte, também quero gostar de estar com alguém — discutir sobre política e fazer alguma coisa (fora sexo) que ambos adoremos. O desafio é onde começa a ficar divertido, em qualquer contexto.

A mensagem me fez sorrir. E também me tranquilizou um pouco — as motivações dele combinavam bastante com as minhas, e suas ideias do tipo de sub que gostava se encaixavam comigo. Gostava dele, mas sabia que não ia ser a submissa do tipo “olhos permanentemente para baixo, referindo-se a si mesma na terceira pessoa” que os dominadores gostam. Ele também não estava interessado nisso. Ufa. Eu já estava certa de que para ele tudo bem se eu discordasse ou se fizesse uma brincadeira, mas é sempre bom se certificar.

Sophie diz: Pode parecer irônico, mas gosto do desafio da submissão. Não sei se isso significa que somos realmente compatíveis ou se discordamos.

Adam diz: Não pode ser os dois? Talvez seja uma experiência bem interessante.

Conversamos sobre os meus limites (e os dele — um alívio; nunca estive com um dominador que falasse sobre seus próprios limites, visto que não fazia diferença no final das contas). Perguntou como eu me sentiria com asfixia erótica e tapa na cara — tinha experiência limitada com esse último e fiquei intrigada com o primeiro, mas expliquei que, apesar de estar curiosa quanto aos dois e de achá-los excitantes como ideias abstratas, tinha certa preocupação em experimentá-los pela primeira vez.

Adam diz: Não se preocupe. Não vamos experimentar coisas novas logo de cara. Se formos fazer isso, vamos devagar, numa boa.

Eu me senti segura.

Conversamos nesse tom todas as noites por algumas semanas, deixando um ao outro meio tontos de desejo, apesar de não serem conversas apenas sobre sexo — às vezes, apenas compartilhávamos nossas opiniões enquanto assistíamos ao mesmo programa na TV, cada um em seu apartamento. Até que certo dia ele disse que tinha uma grande festa na noite seguinte com os amigos, portanto não apareceria para conversar.

Admito que a possibilidade de não falar com ele foi estranha, mas desejei que se divertisse e disse que nos falaríamos no dia seguinte. Entretanto, não falar com ele me fez sentir estranha de várias maneiras, e foi difícil manter minha resolução de deixá-lo em paz e não mandar nem mensagem, nem e-mail (não, nem mesmo o link para aquela história em quadrinhos hilária que li; podia esperar até de manhã).

No entanto, às 19h30 meu telefone vibrou. Percebi que não estava sendo difícil só para mim. Era uma mensagem de Adam:

Oi, linda. Como vai?
Chegou bem da reunião?
Bj.

Quase dei um abraço em mim mesma por saber que ele estava pensando em mim. Brega? Sim. Mas foi o que fiz.

Estou bem. Voltei agora
pouco, estou vendo TV
e jantando. Bj.

Sei que não foi a mensagem mais fascinante do mundo, mas era verdade, e eu não queria começar uma conversa enquanto ele estava se divertindo com os amigos, lembram?

Na hora seguinte, ele mandou algumas mensagens. Conforme o tempo passava, elas ficavam mais frequentes.

Sei que pode parecer
conversa de bêbado,
mas senti falta

de conversar com você
hoje. Coisas eróticas
ou não. Bj.

Respondi (no fundo achando que devia ser papo de bêbado, mas se tem uma coisa que meus anos na universidade ensinaram foi a nunca discutir com um bêbado quando estou sóbria) dizendo que sentia o mesmo, porém que ele devia se concentrar em socializar com os amigos. Adam respondeu rapidamente, explicando que era um grupo grande e várias conversas estavam rolando, então não era falta de educação ficar no celular. Não me convenceu (me irrita muito quando alguém pega o telefone no restaurante, a não ser que seja um médico de plantão ou um líder mundial ou coisa parecida), mas ao mesmo tempo estava feliz por ele ainda querer conversar. E queria mesmo. Os erros de digitação pioraram conforme ele foi ficando mais embriagado, e a linguagem mais pervertida, e no final das contas ele estava só escrevendo sacanagens.

A situação era bem erótica, e ainda mais, estranhamente, pelo fato de ele estar com um grupo em um pub sem poder fazer nada, ao passo que eu estava deitadinha de maneira confortável no sofá, em um lugar conveniente para lidar com minhas vontades libidinosas. Ele tinha acabado de mandar uma mensagem contando em detalhes como beliscaria meus mamilos, quando tive um surto de inspiração. Eu ia tirar vantagem dos nossos contextos sociais distintos. Usei minha câmera para bater uma foto dos meus seios, mostrando como os mamilos estavam eretos.

Agora, não sou (tão) boba. Deletei a foto depois de enviá-la e meu rosto não saiu nela — e quero deixar claro que não foi porque tivesse problemas em confiar em Adam, mas mais porque se um de nós perdesse o celular, não queria fotos de mim sorrindo com os seios de fora nas mãos de qualquer pessoa aleatória.

Quando o telefone apitou com a chegada de uma nova mensagem, fiquei meio nervosa antes de ler o texto. Eu havia acabado de mandar uma foto dos meus seios e mais nada, pelo amor de Deus. Quem acha isso sexy? E se os amigos dele viram? Abri a mensagem.

Você é incrível. Bj.

Não entendi se estava falando especificamente dos meus seios ou da minha nova propensão ao enviar sacanagem, mas, de qualquer forma, em se tratando de elogios, fiquei contente.

Como é de se esperar, as coisas foram ficando mais picantes e pervertidas a partir desse momento. Mais tarde, recebi uma mensagem dizendo que ele estava em casa se sentindo um pouco bêbado, deitado na cama, aliviado por finalmente poder se tocar.

Depois de uma mensagem atrevida em que eu dizia estar impressionada com o autocontrole dele, o que provavelmente foi melhor senão teria incomodado o motorista de táxi, meu telefone tocou.

Não era uma mensagem. Ele estava ligando.

Sei que é loucura ter me sentido estranha, mas foi minha reação. Atendi sem muita assertividade. Talvez seja besteira, talvez seja um sinal do quanto confio na palavra

escrita, mas de fato falar com ele me deixou meio envergonhada depois de todas as mensagens eróticas. Digitar era definitivamente mais fácil.

A primeira coisa que pensei quando ele disse oi foi que eu tinha me esquecido (ou talvez nem tenha notado) que sua voz era adorável. Profunda, suave. A segunda coisa que pensei, e que me deixou bem aliviada, foi que, apesar de soar cansado, não estava trêbado. Sempre um alívio. Na verdade, foi bem coerente e bastante criativo nas sacanagens que começou a falar para mim. Seguindo a sugestão dele, coloquei a mão dentro da calcinha e conversamos. Logo senti meu orgasmo se aproximando. Ele deve ter escutado a mudança em minha respiração porque de repente sua voz estava em meu ouvido com o pedido mais inoportuno do mundo.

— Não goze ainda, por favor, Sophie.

O quê? Estava falando sério? Pedi que repetisse. Sim, foi isso mesmo que escutei.

Segurei o máximo que pude, mudando os movimentos dos dedos, porém, francamente, era muito difícil, ainda mais porque estávamos nos enlouquecendo há horas.

Finalmente, ele falou de novo e pediu que eu gozasse com ele. Nem sei se entendi o que quis dizer quando o orgasmo me tomou, mas então ouvi seus gemidos e entendi. Isso me fez sorrir.

Conversamos até altas horas. Coisas sexuais, coisas da vida. Foi legal, me fez sentir que a ideia principal não era apenas nos aliviarmos. Apesar de grande parte ser, eu estava OK com isso.

No final, perguntou se eu consideraria brincar de D/s com ele, sem compromisso. Depois de tantas conversas, eu já não estava tão preocupada, e sabia qual seria minha resposta — o que não significa que não seria engraçado fazer uma piadinha antes de responder.

— Que pergunta mais injusta pra quem acabou de ter um orgasmo.

Ele gargalhou, o que foi doce e íntimo e me fez sorrir na escuridão do quarto.

— Melhor perguntar depois do que antes de eu deixar você gozar.

— Na verdade, você não “me deixou” gozar, não teve nada a ver com permissão. Pedi que eu esperasse e esperei. Você ainda não é meu Dom — protestei.

— Ainda. — Não sei se ele estava concordando comigo ou ressaltando a concordância implícita nas minhas palavras. — Tem razão, eu pedi. É claro que talvez não fosse tão gentil se fosse seu Dom de verdade.

Meu coração começou a bater mais rápido só de pensar nisso. Tudo bem, vamos lá.

— Talvez a gente devesse descobrir.

Começamos a fazer planos para que ele fosse à minha casa na semana seguinte.

E aí, *quais* são as regras de comportamento quando alguém vai à sua casa só por sexo? Devo comprar vinho? Ele vai querer jantar? Acharia que comida é uma distração indesejada? Meu cérebro ficou em um frenesi de indecisão o dia todo. Era domingo. Ele tinha ido almoçar com a família para comemorar um aniversário e combinamos que chegaria lá em casa no começo da noite. Eu teoricamente tinha o dia de folga, mas depois de algumas horas dando voltas no meu apartamento e ficando cada vez mais

nervosa, decidi dar um pulo no escritório para escrever umas duas entrevistas antes de ir até a loja para comprar o que achasse melhor, as comidas e bebidas socialmente apropriadas.

No final, comprei vinho e decidi fazer biscoitos de chocolate, caso ele quisesse tomar chá. Minha ideia foi usar a precisão do cozimento — fazer e misturar a massa (o que eu já havia feito dezenas de vezes) — para me acalmar, para que eu pudesse desligar o cérebro. Eu devia ter escolhido alguma coisa mais exótica que nunca tivesse cozinhado antes para me concentrar mais, pois minha mente ficou perdida tentando juntar as coisas que eu sabia sobre ele, as dicas que deu sobre seus gostos. Tentei sentir o tipo de homem — o tipo de dominador — que seria, o que, é claro, me fez tecer comparações entre os dominadores com os quais já havia estado.

Pela primeira vez em algum tempo, passei por todos os rituais que me fazem sentir mais confortável antes de alguém me ver pelada — as depilações e pinças e alisamentos e esfoliações e hidratações. Fiquei chateada porque a última vez que me preparei toda para transar foi com James naquele último fim de semana, o mais intenso de todos. As memórias ainda se repetiam em meus sonhos; eu acordava cansada e irritada e muito, muito molhada. Estava na dúvida se o encontro com Adam era uma boa escolha, se concordar (quer dizer, não era nem questão de concordar; não podemos esquecer que a sugestão inicial foi minha) em nos encontrarmos para uma transa sem compromisso não seria voltar para um caminho onde já havia estado com Thomas. Já havia decidido que esse caminho não era para mim. Por outro lado, se eu queria o elemento D/s em um relacionamento, mas não queria um relacionamento, então que mal havia em me divertir sem compromisso com uma pessoa que claramente era perversa e confiável, sem antecedentes? Será que eu realmente tinha aprendido alguma coisa? Era uma ideia terrível? Minha animação estava confundindo minha cabeça?

No meio de todos os pensamentos que, francamente, estavam me angustiando e que eu não conseguia calar, havia também uma quantidade perceptível de expectativa. Quanto mais conversava com Adam, mais intrigada ficava. Ainda estava chateada porque ele — graças a Thomas e Charlotte — sabia de minhas tendências sexuais muito antes de eu saber das dele, uma vantagem quase injusta nas nossas primeiras conversas. No entanto, muito do que ele disse me intrigou, o suficiente para me fazer pensar e gostar das possibilidades que inventaria, de como me conduziria em uma dinâmica de dominação e submissão.

Eu sabia que ele não dava tanta importância à dor quanto os outros dominadores com os quais eu já havia estado — e acho que era melhor assim, porque no dia anterior eu tinha batido o dedinho do pé no escritório e tinha doído tanto que as lágrimas correram pelo meu rosto. Acho que estava virando uma covarde. Mas ele se concentrava na satisfação da humilhação, e pensar nisso me deixava intrigada e também um pouco nervosa. Fiz muitas coisas humilhantes no passado, a maioria com Thomas e Charlotte, mas fizeram parte de um contexto mais abrangente; a ênfase ainda era na dor. E se a humilhação fosse demasiada? E se eu me irritasse com ele? E

se ficasse corada? OK, eu certamente ficaria corada, mas e se fosse intenso demais?

Tentei me acalmar. Se cem pancadas de colher de pau diretamente entre minhas pernas foi algo que consegui aguentar, com certeza não teria problemas com o que ele fosse inventar, certo? Não havia nada que ele pudesse dizer ou fazer (ou me mandar fazer — isso passou pela minha cabeça livremente e deu início a um conjunto novo de perguntas) que fosse pior do que aquela dor sem fim, não é? Não tinha certeza, até porque não sabia ao certo o que ele poderia inventar. O desconhecido me deixou nervosa e com o pé atrás, o que evidentemente me deixou excitada, o que, por sua vez, me deixou de mau humor. Quando ele bateu na porta, foi um alívio — quinze minutos mais e eu teria ficado com dor de cabeça de tanto pensar.

Quando abri e o vi sorrindo, a primeira coisa que senti foi confusão. Como foi que não notei os traços fortes e o sorriso sexy? Na fúria de ser colocada em um encontro às cegas, só notei seus cabelos despenteados e o ar ligeiramente presunçoso. O primeiro ainda estava lá, mas o segundo não — bem, pelo menos não naquele momento. Além disso, e me desculpem por eu gostar desse tipo de coisa, ele estava usando um terno. Com muita classe.

Ele disse oi, e dei um passo para trás para deixá-lo entrar. Eu me senti estranha de repente. Ele passou por mim e parou abruptamente, sem saber aonde ir. Dei uma risada, que soou aguda demais até para mim, e apontei para o corredor em direção à sala. Tagarelei umas besteiras para preencher o silêncio, que já estava ficando estranho (bem, para mim estava ficando).

— Nunca fiz isso antes, nunca recebi ninguém aqui pra isso. Não sei direito qual a etiqueta. Você quer um chá, ou um café, ou...

Analisando hoje, acho que foi melhor ele ter feito o que fez — senão eu teria enumerado todas as bebidas que havia na cozinha de uma vez só. Foi tão rápido que nem sei como fui parar nos braços dele, sua boca na minha, a parede pressionando minhas costas. Fiquei sem ar de tão surpresa; ele aproveitou minha boca aberta e projetou sua língua, aprofundando o beijo.

Tinha gosto de menta com um toque de café, acho que uma lembrança singela do almoço que tinha acabado de comer. Conforme minha surpresa foi se esvaindo, comecei a beijá-lo com mais vontade. Nossas línguas logo começaram uma batalha e ele me apertou mais contra a parede. Ele me segurou pelos lábios naquela posição enquanto suas mãos acariciavam meus braços, o que me fez tremer um pouco. Depois, tocou suavemente meu rosto. Colocou uma mecha de cabelos atrás de minha orelha; gemi baixinho quando os dedos tocaram a curva da orelha. Ele sorriu, ainda me beijando, e moveu a mão para repetir o carinho. Lutei para controlar minhas reações e para manter o beijo, mesmo quando os círculos de seus dedos deixaram minhas pernas fracas.

Não sei por quanto tempo ficamos ali. Quando ele se afastou para olhar para mim por um momento, meus mamilos com certeza estavam eretos e havia uma vermelhidão em minhas bochechas. Alisou os meus cabelos e deu um beijinho na ponta do meu nariz.

— Está pronta? Tem certeza que quer fazer isso? Se não tiver, ficarei muito feliz em tomar uma xícara de chá. — Sorriu para mim, mas o tom era de deboche. — Ou café. Ou milk-shake, se você tiver, ou...

Balancei a cabeça firmemente.

— Estou pronta. Tenho certeza. Definitivamente. — Dei um sorriso quando percebi como nossa conversa estava ridícula e como meu tom revelava uma necessidade.

Ele olhou para mim com cuidado por um momento, como se estivesse checando se o que eu estava dizendo era verdade. Finalmente, assentiu com a cabeça.

— Que bom. Lembre-se do que conversamos sobre palavras de segurança e limites. Vou pegar leve com você hoje porque é nossa primeira vez juntos e preciso conhecer suas reações, mas se precisar que eu pare ou vá mais devagar, sabe o que dizer, certo?

Fiz que sim, novamente séria e um pouco nervosa. Ele se inclinou para a frente de novo e sussurrou um último “Que bom”. Sua boca tocava meu lábio inferior, que ele prendeu entre os dentes antes de se mover para trás e me beijar mais uma vez.

Quase no mesmo momento em que nossos lábios se tocaram novamente, a força dos beijos mudou. Foi como se tivesse começado com beijos suaves, mas agora a boca estava quase machucando de tanta intensidade, fazendo pressão à medida que a língua me invadia. Passou a mão pela minha bunda, deixando a metade de cima encostada na parede enquanto puxava minha cintura e meu quadril para perto dele.

Coloquei o braço em volta de seu pescoço, forçando-o a chegar mais perto, mas ele fez que não. Moveu-se rápido novamente para pegar meus dois punhos e prendê-los acima de minha cabeça. Lutei um pouco tentando me libertar, mas sua mão não se mexia e percebi que ele tinha me controlado, o que logo causou uma onda de desejo. Não era muito mais alto do que eu, mas tinha uma força de ferro — não havia como me libertar se ele não me soltasse. Mexi os punhos de novo, tentando me mover, mas ele não cedeu.

Sua outra mão não estava mais acariciando meu rosto. Estava me apalpando, puxando minhas roupas, apertando meus seios, me fazendo ficar sem ar, enrolando meus mamilos entre os dedos por cima das roupas. Meu cérebro ficou congelado em um momento de indecisão, sem saber se devia tentar empurrá-lo com mais força, mesmo quando meu corpo se curvou ao dele com a consciência do tratamento duro, que já estava me excitando. Sorri de leve. Fiquei surpresa ao ver que, mesmo depois de todas as minhas experiências, ainda havia aquele primeiro instinto de me afastar. Minha mente ainda se rebelava contra a verdade que meu corpo, que cada fibra de meu ser, sabia: que desejava aquilo. Queria muito. Tinha sentido falta daquilo. Mal podia esperar para ver aonde ia dar.

Não tive de esperar muito.

De repente, começamos a andar. Ele me arrastou pelo corredor ainda segurando meus punhos. Parou por um momento e checkou qual dos cômodos era o quarto — *ainda bem que não comprei petiscos* — e então abriu a porta e me empurrou para dentro. Largou meus punhos e se sentou na beira da cama; fiquei em pé na frente dele

sem saber o que fazer.

— Tire a roupa.

Ah, tá. Quer dizer, “tá”, não. Quem quer ficar pelada dessa forma na primeira noite com alguém? Sei que pode soar besteira, mas achei que tirando a saia primeiro fosse me dar menos vergonha. Usar saia era, e ainda é, uma raridade para mim, mas ele mencionou que gostava de meia sete oitavos, então decidi me esforçar. Parei de mexer no zíper e finalmente deixei a saia cair. O tecido sussurrou enquanto descia pelas minhas pernas e quando atingiu o chão. Fiquei olhando para um ponto além do ombro dele enquanto me despia, mas não resisti e dei uma olhada na expressão dele para ver se minhas meias pretas o agradaram. Vi de relance o sorriso em seu rosto e o volume nas calças antes de voltar a olhar para a parede — saber que eu o estava satisfazendo me fez sentir corajosa. Comecei a abrir os botões da camisa.

Quando meus dedos, incertos com um misto de nervosismo e ansiedade, chegaram ao final e eu estava pronta para abrir a camisa, minha coragem começou a enfraquecer. Muito sem jeito, fui tirando a camisa pelos lados e, depois de alguns segundos de silêncio, tirei meus braços de dentro das mangas e deixei a roupa cair no chão, como fiz com a saia.

Fiquei em pé usando apenas sutiã e calcinha. Era a mesma quantidade de roupa que usaria em uma praia, mas estava bem menos confortável e confiante. Não queria olhar para ele, mas não sabia o que fazer depois disso. OK, sabia o que ele queria que eu fizesse, só não sabia se conseguiria. Tive a sensação de que seria um passo bem grande.

A voz dele me assustou.

— Roupa de baixo também, vamos lá. — Olhei para ele rapidamente. Seu olhar passava segurança, mas os braços cruzados diziam que não havia tolerância para desculpas. — Vamos.

Abri o sutiã primeiro, libertando meus seios. Fiquei corada quando mostrei os mamilos eretos para nós dois — uma prova, se é que era necessária, de que, apesar de estar achando difícil voltar ao estado mental de submissão (tem como sair dele?), meu corpo aprovava aquilo de maneira definitiva. Senti meu rosto quente; fiquei preocupada com minha cara de vergonha. Estaria vermelha tom beterraba? Sinal de trânsito? Tomate?

Ele se inclinou para a frente. Sua voz foi gentil, em respeito à minha luta interna, mas ainda assim bastante sensata.

— A calcinha também. Vamos lá. Pare de se comportar mal. Quero ver sua boceta. Mas pode deixar as meias. Adorei. — Sorriu para mim. — Safadinha.

Isso não me ajudou a conter a vergonha.

Devagar, passei os dedos pelas laterais da calcinha e as deslizei até os joelhos, mostrando meu corpo para ele antes de levantar os pés para me livrar da calcinha. Fiquei pelada na frente de Adam. O quarto ficou em silêncio por longos segundos enquanto ele olhava para mim.

A vergonha estava começando a doer. Apesar de não ter grandes problemas com

minha aparência, precisaria ser uma mulher mais confiante e segura do que sou para sentir algo além de vergonha e um pouco de constrangimento quando fico pelada na frente do objeto de meu desejo, que está completamente vestido e me encarando.

Ele se moveu na cama, tirou o blazer e devagar, deliberadamente, dobrou as mangas.

— Vire-se e fique de costas pra mim.

Eu devia ter ficado aliviada — mal conseguia olhar para ele —, mas senti uma luta interna muito familiar, exacerbada por uma fúria inesperada por causa da maneira casual que ele mostrava ao mexer em alguma coisa no bolso do blazer sem nem olhar para mim, de tão certo que estava em relação à minha obediência. Eu me virei vagarosamente, engolindo a saliva com força, lutando para manter o controle e para esconder o quanto ele estava me atijando.

Ele se moveu, e logo em seguida senti o cheiro da loção pós-barba e seu calor. Estava atrás de mim, um pouco inclinado para a frente, de maneira que a respiração dele estava bem na minha orelha. Consegui não tremer, porém não consegui controlar meu corpo o suficiente para impedir o arrepio em meus braços. Meu coração batia forte; o mistério do que ia acontecer em seguida me deixou agitada, animada, porém nervosa, era a mesma ansiedade que vem antes do início de uma montanha-russa. Sei que é uma montanha-russa meio peculiar, com mais nudez do que o normal, mas aceitem a metáfora.

Ele agarrou meus punhos atrás de mim novamente e os cruzou, deixando-os em cima de minha bunda. Com a mesma rapidez que veio, foi embora, e tive o desejo instintivo e breve de mover as mãos, mesmo sabendo — assim como ele sabia — que não faria isso. Eu esperaria, dócil naquela posição, pelos próximos acontecimentos.

Rapidamente, uma corda macia passou pelos meus braços, dando uma volta em meus ombros nus. Ele apertou a corda; não conseguiria mover os braços nem que quisesse. Fez tudo rápido, com dedos habilidosos, dando voltas intervaladas em meus braços, acima dos cotovelos, no antebraço, apertando as voltas, puxando meus membros mais para trás, empinando meus seios, me deixando imobilizada de uma maneira que nunca havia estado. Fez meu sangue cantar. Quando chegou nos punhos, apertou a corda em voltas repetidas até que eu tivesse a impressão de que estava usando as algemas com as quais estava mais acostumada. Testei as amarras discretamente, para mim, não para ele, e quando percebi como estava completamente presa, fiquei chocada com o calor que preencheu minha barriga. Nunca estive tão presa e, no entanto, por algum motivo, o sentimento foi libertador. E me deixou molhada.

Ouvi o barulho do resto da corda caindo no chão. Ele veio para a minha frente, o que me tirou do delírio. Abaixei a cabeça, ainda não estava pronta para olhar Adam, porém ele tinha outros planos. Colocou um dos dedos embaixo do meu queixo e me fez encará-lo. Nenhum dos dois falou. Estava sorrindo para mim. Tive de me controlar muito para não dar um chute nele. Ainda estava pensando em fazer isso quando ele se ajoelhou. O movimento repentino me deixou confusa. Por um segundo, fiquei preocupada de ter exagerado sem querer. Então ele pegou as duas pontas da corda e

as passou pelo meio das minhas pernas. Piscou para mim e puxou as cordas com força, fazendo pressão em mim. As duas cordas ficaram cada uma em um lado da minha vagina, apertando-a. Para finalizar, passou o final das pontas nas voltas iniciais, em meus ombros. Era como se eu tivesse sido embrulhada para presente. A pressão das cordas entre minhas pernas, o erotismo, a falta de poder, tudo me fez sentir com os joelhos moles, mas estava determinada a não demonstrar fraqueza. Não ia dar nenhuma amostra da minha dificuldade, de como estava me fazendo delirar — se bem que, a julgar pelo sorriso dele, devia saber.

Afastou-se e ficou admirando a visão — o trabalho com as cordas, meu corpo, talvez um pouco dos dois — antes de ir para trás de mim de novo. De repente, não vê-lo e não ver o que estava fazendo me deixou nervosa, e então suas mãos apareceram em meu campo de visão de novo e pegaram meus seios com força. Apertou e mexeu neles, mãos duras, dedos apertando meus mamilos forte o suficiente para que eu tremesse. Com dificuldade, puxei o ar pelo nariz para que ele não ouvisse a respiração ofegante. Eu sabia que não fazia sentido — ele tinha noção —, mas era importante lutar.

Ele se inclinou para a frente e sussurrou no meu ouvido que eu era linda e corajosa, mas também extremamente safada por deixá-lo fazer aquelas coisas comigo. Fechei os olhos por um segundo, lutando para manter a compostura antes de me virar para ele com raiva. Minha fúria o fez gargalhar, e suas palavras me fizeram fechar os olhos de novo, dessa vez por causa de uma mistura de horror e vergonha.

— Ah, Sophie, nós dois sabemos que é verdade. Se não for verdade, então as cordas no meio das suas pernas não vão estar úmidas quando eu checar, vão?

Cretino.

Ele sabia, eu sabia, que eu estava pingando. Que o beijo e que estar incapacitada e humilhada fizeram com que a temperatura entre minhas pernas subisse. Mas de repente quis fazer de tudo para impedi-lo de confirmar esse fato inevitável.

Suas mãos desceram pelo meu corpo, explorando os lados e indo até minha cintura. Tentei sair desesperadamente, fechar as pernas, mas meu equilíbrio estava prejudicado e eu quase caí. Ele segurou a corda, puxou meus braços para trás e me equilibrou, me fazendo ficar de pé, e voltou a pegar meus seios. Inclinou-se para a frente mais uma vez.

A voz em meu ouvido não foi alta, mas foi dura e bem séria.

— Pare de se mexer. Faça o que mando ou vai se arrepender.

Não consegui me segurar.

— Você não me mandou fazer nada. Não estou desobedecendo.

Não sei o que eu esperava, mas a gargalhada dele me surpreendeu e me encheu de calor.

— Achei que fosse uma ordem implícita que você deve manter as pernas abertas quando tento colocar a mão lá.

Engoli a saliva e concordei. Tentei muito ficar parada quando tocou entre minhas pernas. Era um paradoxo, eu queria que ele fizesse isso, mas não o queria por perto.

Para minha imensa frustração, não tocou minha boceta. Em vez disso, passou os dedos pelas cordas sentindo, sem dúvida, que minha excitação as deixou úmidas. Nunca ninguém me deixou tão encabulada, e era muito frustrante — comecei a entender o estilo de dominação dele, e isso me levou à loucura.

Ele me pegou pelos cabelos e me empurrou para a cama. Novamente, a falta de movimento dos braços e as cordas entre as pernas dificultaram o equilíbrio, mas não me desequilibrei. Fiquei em pé por tempo suficiente para que ele me jogasse na cama de rosto para o colchão, incapaz de aliviar a queda com os braços.

Ele me virou de lado. Fiquei um pouco mais confortável, fora as cordas fazendo pressão na cintura. Pelo menos — finalmente — eu o vi tirando a roupa. Olhei com desejo enquanto se despiu. Tirou as roupas sem vergonha, estava até gostando. Isso fez com que minha posição fosse ainda mais frustrante. Apertei os punhos o máximo que pude, querendo tocá-lo, ajudá-lo ou então empurrá-lo.

Adam ficou parado na minha frente com o pau apontado para mim. Havia um brilho viscoso, um prenúncio de gozo bem na ponta. Tentador. Muito tentador. Era completamente raspado, algo que nunca tinha visto em nenhum homem antes, mas logo percebi que eu ia gostar daquilo.

Ele não disse nada, mas assim que se aproximou da cama eu, sem nem pensar, desesperadamente, abri a boca. Minha vontade de prová-lo foi maior do que qualquer parte de meu cérebro. Ele não esperou para se enfiar pelos meus lábios. Tentei chupar, mas ele puxou o pênis rapidamente, depois o enfiou de novo. Não queria me dar o controle nem desse pequeno aspecto. Estava fodendo com meu rosto, mais rápido e mais forte, segurando meus cabelos para me puxar contra seu pau, até que o senti no fundo da garganta, o que me fez engasgar e ficar sem ar.

Quando viu que eu tinha engasgado, afastou-se por um momento, literalmente me dando espaço para respirar um pouco. O pau estava na frente dos meus olhos, revestido com uma mistura de saliva e secreções que ele passou em minha cara. Fechei os olhos para esconder, mas senti que estavam cheios de lágrimas de vergonha e fúria.

De repente, eu estava em movimento — ele me virou de costas para cima. Senti uma onda de alívio por poder enterrar o rosto no edredom, escondendo meu constrangimento e a humilhação que sentia. Tive alguns segundos de descanso enquanto ele vinha para trás de mim, se bem que o som de um pacote de preservativo sendo aberto indicava que seria temporário. Segurou minha bunda e separou as nádegas. Puxou a corda, pressionando contra minha boceta de uma forma que me fez morder o edredom para suprimir um gemido.

Veio para cima de mim e puxou a corda para o lado. Suas pernas estavam por fora das minhas, mantendo-as unidas, o que me fez sentir ainda mais apertada do que o normal quando enfiou o pau em minha região mais úmida. Fez pressão para dentro e se inclinou para a frente. Suas mãos, cada uma de um lado de minha cabeça, equilibravam a maior parte de seu peso, mas o peso do corpo ainda recaía sobre meus braços amarrados. Sua respiração era forte em meus ouvidos. Ele me dominou, me imobilizou,

e agora estava me usando, empurrando cada vez mais profundamente. Foi intenso, apertado, quase ao ponto de ser claustrofóbico. Seu corpo mal se mexia a princípio; em vez disso me prendeu em uma posição fixa, outra forma de *bondage*, além da corda.

Não dava mais para esperar. Mexi meu corpo embaixo do dele, movimentando os quadris em um convite silencioso para que ele — por favor — me comesse. Não consegui pedir, e ele não correspondeu; ao contrário, me deu um tapa na bunda que indicava que devia ficar parada.

Fiquei quieta, mas era uma tortura. Meus braços estavam começando a doer, e com seu corpo prendendo o meu, mal dava para me mover. Em um momento de sanidade, fiquei chocada ao perceber que estava movendo os dedos dos pés inconscientemente — provavelmente porque eram as únicas partes livres do meu corpo. Percebi de repente que minhas coxas estavam molhadas e que eu estava desesperada para que ele começasse a se mover, apesar de saber que não adiantaria tentar persuadi-lo antes que estivesse pronto.

Finalmente, ele começou a me foder, com força e determinação, uma batida que anulou qualquer tentativa de ficar em silêncio. Comecei a gemer alto, principalmente quando ele se moveu para o lado e a corda no meio das minhas pernas começou a se esfregar no meu clitóris. Depois de tanta provocação e ansiedade, meu orgasmo se formou rapidamente, e logo me aproximei do gozo, sentindo minhas pernas tremendo diante do ataque. Ele percebeu o inevitável uns dois segundos depois, mas não me deixou ter o controle nem disso.

— Ainda não, só quando eu mandar — sussurrou em meu ouvido.

Tentei impedir, me controlar, agradá-lo, mostrar que podia esperar, mas ele estava dificultando; o ritmo incansável enquanto me usava me deixou mais próxima ainda de um orgasmo. A respiração dele em meu ouvido, o som de seu prazer, tudo me excitava ainda mais.

Por fim, ficou com pena de mim.

— Pode gozar agora — ele disse e gozei, sentindo-o contrair-se e gozar dentro de mim enquanto meu orgasmo me tomava. Esse orgasmo fez meus dedinhos se curvarem de novo, mas quando voltei a mim, senti constrangimento, vergonha e um pouco de mau humor: ele conseguiu me controlar completamente.

Sua respiração ainda estava pesada por causa do gozo quando ele se levantou e começou a me desamarrar. Eu me senti estranhamente vazia por ser libertada e por ele não estar mais em cima de mim. Seu rosto estava sério quando disse que não queria me manter presa por muito tempo na primeira vez. Checou se eu estava com os dedos formigando e se meus braços estavam duros por terem ficado amarrados por tanto tempo. Respondi às suas perguntas honestamente, mas em um estado meio sonolento. A excitação de tudo o que fizemos e o poder do orgasmo me fizeram querer ficar apenas deitada admirando as lindas marcas cruzadas da corda em meus braços, passando os dedos sobre elas, amando a sensação. Depois de me soltar e de se certificar que nada foi muito doloroso ou intenso demais, me abraçou e deu um beijo no

meu nariz. Senti uma onda de afeição, e me senti abençoada de verdade por todos os sentimentos que ele conseguiu tirar de meu corpo ocasionalmente rebelde.

Era meio incongruente, principalmente porque eu ainda não sabia muito sobre sua vida cotidiana. Como tomava chá? Torcia para qual time de futebol? No entanto, de alguma forma, senti que combinávamos.

Ficamos conversando por muito tempo depois. À medida que meu discurso foi ficando mais coerente, ele me perguntou do que gostei mais, o que achei mais difícil, as coisas que preferia não fazer de novo e as coisas que certamente repetiria. Nunca havia estado com uma pessoa que conversasse sobre isso com tanta profundidade logo depois do ato. A sensação de intimidade foi enorme. Podia confiar nele em relação a isso.

Interrompemos a conversa várias vezes para nos beijarmos. Ele me agradeceu por ser tão obediente, maleável, divertida. Sorri e fiquei encabulada, tentei não olhar para ele diretamente quando conversamos sobre coisas mais picantes. De repente, sem querer, comecei a olhar para o encontro às escuras tramado por Thomas e Charlotte com mais carinho.

Concordamos que não devíamos dormir juntos, mas Adam foi embora às duas da manhã, e só porque nós dois começávamos cedo na manhã seguinte e ele teria de dirigir pela cidade inteira na hora mais tumultuada. Não comemos os biscoitos. Ele foi para casa com vários deles em um pote de plástico; me senti meio boba quando entreguei o embrulho, mas ao mesmo tempo queria que comesse o que tinha feito. No dia seguinte, enviou uma foto de um dos biscoitos ao lado da xícara de chá no trabalho. Sorri. Respondi por e-mail, e logo estávamos conversando de novo.

Capítulo três

Antes mesmo de ele ir embora naquela noite, eu já sabia que queria vê-lo novamente. Eu sei! Falei tanto que não queria compromisso, que seria apenas por diversão. O que posso dizer? Gostei dele. Era engraçado, humilde e bom de papo. Entre um amasso e outro, conversamos sobre política e TV, trabalho e filmes. Fiquei irritada por ter dado o braço a torcer, e ainda não aprovava a tática de Charlotte e Thomas, mas encontraram exatamente o tipo de cara que eu gostaria de namorar.

Aquela mensagem mostrando o biscoito foi a primeira de várias que mandou durante a semana, e respondi a todas com prazer. Conversamos sobre muitas coisas diferentes — desde artigos nos quais eu estava trabalhando até problemas que ele estava tendo com colegas de trabalho —, e ele começou a me visitar depois do trabalho durante a semana, se os dois estivessem livres. Pulávamos um no outro assim que passávamos pela porta, beijando com urgência, puxando roupas, desesperados para saciar os apetites sexuais um do outro. Era maravilhoso, primitivo, muito divertido. Tomávamos chá e conversávamos sobre nada em especial depois do sexo, e era relaxante, fácil e nada constrangedor. Comecei a esperar suas visitas e a perceber que ele era ideal como namorado pervertido.

Se bem que combinamos que não namoraríamos, que seria uma coisa sem compromisso. Que droga.

É claro que, vendo pelo lado positivo, esse negócio de não namorar fez com que tivéssemos algumas conversas bem diretas e francas, que seriam ligeiramente estranhas de se ter com um possível futuro namorado fixo. E foi assim que ele acabou invadindo minha casa para transar comigo enquanto eu dormia.

OK, estou exagerando um pouco. Mas não muito.

Estávamos conversando sobre fantasias antigas. Coisas que sempre quisemos experimentar mas que, por um motivo ou outro, não conseguimos. Eu tinha menos experiência do que ele, especialmente em D/s, então minha lista era um pouco mais longa. Estávamos deitados na cama conversando sobre isso, ele passando os dedos pelo meu braço, e meu desejo de ser possuída enquanto dormia o interessou bastante — eu queria acordar com alguém me prendendo e me machucando, transando comigo.

Como sempre, era apenas uma fantasia. Sou uma pessoa atenta à segurança. As travas das minhas janelas estavam sempre fechadas, não queria ser assaltada, estuprada ou atacada em minha própria casa por um estranho. Tinha de ser alguém que eu conhecesse, alguém com quem quisesse transar, dentro dos limites previamente estabelecidos (mas certamente no melhor estilo D/s), mas eu amava a ideia de ser tomada de surpresa.

Falamos sobre isso por um bom tempo, e a conversa já me deixou excitada. Falei com pausas e voz baixa — mesmo com minha abertura de sempre em relação a fantasias, e sabendo que Adam conhecia o contexto no qual estaríamos, senti que era um grande tabu dizer que queria acordar com alguém me comendo. Adam falava mais alto, com mais confiança, e era claro que estava adorando a conversa, segundo indicava sua ereção fazendo volume em minha bunda enquanto sussurrava em meu

ouvido. Conforme ele fazia mais perguntas, que me deixavam sem jeito de responder, percebi que estava adorando meu constrangimento e vergonha, adorando as pequenas humilhações em conversar sobre aquilo, sabendo que estava me excitando. Ainda era meio difícil me acostumar ao estilo peculiar de Adam na dominação, um estilo que me deixou com o pé ainda mais atrás do que em minhas outras experiências. Apesar de não ter nada contra beliscões nos seios ou uma surra no momento certo, a dominação dele era muito mais psicológica, focada nas palavras e ações do que na dor. Eu realmente ficava pasma com a maneira como conseguia me colocar em um clima de submissão e obediência sem a dor que até então era bastante importante nas minhas experiências D/s.

Quando terminamos de conversar sobre essa fantasia, depois de Adam me contar como poderia funcionar, ele já havia colocado a mão no meio das minhas pernas e estava me dizendo que eu era uma safada por me excitar com a ideia da cena. Chegamos até a formular um plano.

Eu não tinha uma chave extra. Se tivesse, a coisa toda teria sido muito mais fácil. Da maneira que foi, o pequeno perigo da encenação me fez demorar um pouco para dormir na noite em que eu sabia que ia acontecer.

Combinamos que eu colocaria a chave da minha porta da frente em um envelope dentro da lata de lixo que ficava ao lado da entrada, usada só para reciclar papéis. Mesmo que alguém viesse até minha casa para mexer nas caixas de cereal e jornais velhos, a esperança era a de que um envelope velho casualmente preso com fita adesiva dentro do lixo passasse despercebido. Seria muito inusitado achar que aquele envelope teria a chave que abriria a porta da frente — ou pelo menos foi o que falei para mim, deitada na cama tentando dormir depois de sair à meia-noite para deixar o envelope.

Levei muito tempo para dormir. Vestia uma calcinha um pouco mais sexy do que o normal — eu geralmente dormia vestindo nada ou pijamas, dependendo do tempo. Ainda estávamos na época do ano para vestir pijamas, mas decidi não colocar nada, só dessa vez. Não consegui ficar confortável, e estava nervosa por causa da chave lá fora (apesar de saber que não ia ter problemas, se alguém tivesse me visto lá fora, acharia que eu fui só reciclar jornais) e por causa das coisas que Adam faria comigo quando entrasse. Ele pediu que eu não tivesse um orgasmo antes de dormir, e apesar de uma parte de mim não gostar dessa ideia, me pareceu bobeira não obedecê-lo, já que tinha concordado em realizar uma fantasia tão antiga. Meu corpo estava acostumado a dormir em um estado sonolento pós-orgasmo na maioria das noites, então cochilar foi mais difícil ainda. Fiquei sentada vendo as horas passando no relógio digital, meu cérebro não parava, minha imaginação e meus nervos estavam cada vez mais agitados, e eu cada vez mais irritada. Não ia ter como dormir desse jeito.

Senti meu nariz coçando, ou tinha alguma coisa no meu rosto. Tentei mover o braço embaixo do edredom para coçar, mas parecia estar preso. Fiz força por um certo tempo antes de virar meu rosto para o travesseiro, cheia de sono. Mas estava difícil

me mexer, como se eu estivesse tentando correr embaixo d'água.

De repente, acordei no susto. Meu coração disparou quando percebi que tinha alguém deitado ao meu lado na cama, em cima do edredom. O corpo estava parcialmente em cima do meu, o que dificultava meus movimentos embaixo da coberta. Sabia que era ele. Tinha certeza que sim. O cheiro era o dele, aquele perfume de loção pós-barba. Eu acho. Mas não dava para ver seu rosto, eu estava nervosa, precisava me sentir segura. E se não fosse ele? E se alguém me viu colocando o envelope no lixo? E se fosse o cara do outro lado da rua que recebeu uma caixa para mim certa vez? Ou um adolescente aleatório indo tarde para casa que viu minha movimentação furtiva? Eu sabia que minha imaginação e meu nervosismo estavam exagerados, mas não dava para ver quem era. Eu tinha de ter certeza. Abri a boca para dizer seu nome antes de meu cérebro sonolento perceber que não dava para falar porque a mão da pessoa estava sobre minha boca. Fiquei confusa. O quarto estava iluminado pela luz fraca da manhã. Deduzi que seriam seis ou sete horas. Depois de tanta preocupação para conseguir dormir, acho que consegui cair no sono muito bem. Bem demais, na verdade. Se ao menos conseguisse me certificar de quem era, curtiria muito mais. Mas havia um toque de medo, de perigo. E se não fosse ele? Dava para confiar?

Eu me movi e tentei sair do meu casulo, virar para o outro lado, dar uma olhada nele, só para ter certeza. Ele me pressionou mais ainda. Gemi em sua mão, murmurando meu medo. Havia um choro preso em minha garganta tentando explicar alguma coisa, qualquer coisa, só para que ele respondesse. Se ele falasse, eu o reconheceria e ficaria tudo bem. Senti o cheiro forte do couro quando a mão, coberta por uma luva, apertou minha boca com força, e de repente a voz sussurrou um “ssssshhhhh” no meu ouvido. Seria o homem com quem estive conversando sobre como essa cena seria excitante, ou outra pessoa completamente diferente? Quanto mais o tempo passava, mais certeza eu tinha de que era ele, e não outra pessoa, mas mesmo com apenas cinco por cento de incerteza, meu estômago se encheu de medo.

Ele se moveu, mas sua mão ainda estava prendendo minha boca. Tentei morder a palma, mas não havia muito espaço para isso, mesmo que conseguisse morder com força suficiente para machucá-lo. Esperei pelo que vinha, coração batendo nos ouvidos. Senti um vento frio quando o edredom foi puxado. Fiquei arrepiada com a mudança abrupta de temperatura e tentei puxá-lo de volta, para ter mais segurança e calor. Ele me virou de barriga para cima e apertou minha boca mais ainda. Fiquei quieta, engolindo a saliva com força, finalmente olhando-o nos olhos. Era ele. Apesar de, racionalmente, saber que era, o alívio de ter certeza me deixou zozona. Mas o nervosismo não passou. Seus olhos me averiguaram, nunca me senti tão... tão pelada. Tentei acalmar a respiração para que meus seios não quicassem tanto enquanto ele me encarava, e esperei pelo que viria, pelo caminho que aquilo ia tomar.

Ele não falou, mas novamente apertou minha boca de maneira ameaçadora antes de aliviar a pressão um pouco. Deixou a mão onde estava, enquanto a outra começou a explorar meu corpo. O toque não era leve ou amigável, estava me agarrando, apertando meus seios. Seus olhos se encheram de desejo e eu me vi arrependida por

não ter colocado o pijama. Levantou minha cintura e passou a mão por baixo de mim para pegar minha bunda, e aproveitei a oportunidade para me ajeitar melhor, tentando evitar o pior de seus toques punitivos; era minha melhor oportunidade de resistência.

Grande erro. Apertou minha boca de novo e a expressão em seus olhos foi o suficiente para me interromper, o olhar foi tão intenso que me deixou alerta. Fiquei nervosa por tê-lo irritado e reprovei minha rebeldia interna. Sua outra mão não estava mais maltratando minha bunda, mas serei honesta, isso não foi uma vitória. Senti medo na barriga pensando no que aconteceria depois.

Ele se inclinou para mim, chegou o rosto bem perto do meu; fiquei esperando que brigasse comigo, usasse palavras inflexíveis, desse um aviso. Só não estava esperando que fosse tapar meu nariz com a outra mão. Entrei em pânico.

Sabia da existência da asfixia erótica. Havia lido sobre isso, mas nunca tinha experimentado. Eu sabia que ele gostava, ele sabia que eu estava curiosa, então conversamos sobre como funcionaria. Ele me manteria segura porque conseguia perceber quando estava exagerando ou indo devagar demais. Em nossas conversas depois do sexo, deitados juntinhos, essa prática me pareceu obscura, porém sensual, algo que eu seria capaz de fazer. No entanto, agora que estava acontecendo, meu cérebro ficou sem reação.

Senti medo. Tentei abrandar o pânico crescente, mas senti um nó no peito e meus pulmões lutavam por mais ar. Meu coração se acelerou enquanto me debatia. Suas mãos eram firmes, imóveis, e a expressão era implacável e bem calma, ao passo que cada parte de meu corpo se enchia de medo e pânico. Um pensamento histérico surgiu em minha mente — ele tinha o poder sobre tudo, naquele momento ele controlava minha capacidade de respirar. Fiquei chocada, nunca havia me sentido tão controlada, mas não havia tempo para pensar nisso racionalmente. Finalmente, ele me soltou. Pareceu uma eternidade, mas provavelmente foram alguns poucos segundos. Respirei fundo pelo nariz, o som ecoava pelo quarto.

Por um bom tempo, ficamos apenas nos olhando. Eu estava insegura; sua expressão era séria, mas eu sabia que estava checando minha reação, se certificando de que eu estava OK. Não falou nada, mas de repente se inclinou para baixo e beijou minha testa com carinho. Sua mão ainda estava em minha boca, e a mistura da sutileza com a ameaça de violência foi uma coisa estranha de vivenciar, mas me fez derreter. Tentei sorrir para ele com meus olhos cheios de lágrimas. Ele esperou um pouco mais antes de ver o que queria, e finalmente me soltou.

O alívio não durou muito. Ele foi até o chão para pegar alguma coisa. Não consegui ver o que era, mas parecia estar escondido de mim de propósito. Como conseguiu desembalar o objeto sem que eu percebesse?

Ele pegou uma mordaca com bola e colocou a esfera vermelha e grande em minha boca. Engoli a saliva, tentando minimizar a quantidade que eu sabia que ficaria na bola, mas depois abri a boca com obediência e ele enfiou a esfera em mim. Acho que nem olhei para ele com raiva, tamanha era minha obediência. Asfixia erótica e o sono fizeram de mim uma Sophie especialmente submissa. Levantou minha cabeça com

cuidado para amarrar as cordas de couro da mordaça sem puxar muitos cabelos, e sorri internamente diante do paradoxo: era um homem que gostava de me machucar — mas só queria fazer isso seguindo um planejamento, e não por acidente.

Levou a mão ao chão de novo. Pensei em dar uma olhada para ver o que tinha colocado ao lado da cama. Fiquei ansiosa pensando em quanto tempo ele esteve no quarto enquanto eu dormia. E achei que tivesse sono leve. Dormi profundamente mesmo, ou ele tinha experiência em entrar em casas de mulheres de manhã cedo, mais do que eu achava? Não me atrevi a olhar — ele já parecia estar em um clima perverso, e até mesmo eu tenho o instinto básico de me preservar em situações como essas. Geralmente.

Dessa vez, pegou uma corda curta. Puxou meus punhos e rapidamente os envolveu com o pano macio de algodão. Não foi o nó mais firme dele, mas ficou seguro e apertado. Prendeu as pontas na cabeceira da cama, fiquei completamente exposta em minha calcinha pequena de lacinho. Olhou para meu corpo sorrindo, mas era um sorriso animal que parecia dizer “agora posso fazer o que quiser com você”. Fiquei nervosa, mesmo sentindo que estava ficando mais molhada; saber que ele não demoraria muito mais para perceber isso também me fez ficar corada.

Ele se abaixou de novo, pegou alguma coisa e voltou para a cabeceira. Colocou um pequeno cinto em minha mão, parecia uma coleira de gato ou alguma coisa similar. Era minha rede de segurança; se a deixasse cair, ele pararia, considerando que eu não teria como falar. Segurei o cinto com força, como se quisesse assegurar minha vida, não sei se porque queria estar pronta para deixá-lo cair ou por estar com medo de fazê-lo acidentalmente. Podia acontecer sem querer. Ah, os paradoxos da submissão — e de minha mente contraditória.

Adam subiu na cama, montando meu corpo. Abriu a calça e revelou o pau ereto. Colocou-o entre meus seios a centímetros de minha boca (apenas uma encenação porque a mordaça estava bem firme entre meus lábios).

Um segundo depois, percebi que ele tinha pegado outra coisa também. Não havia tempo para relutar, nenhum lugar aonde ir, nem se fosse possível. A luz do sol reluziu na corrente em sua mão. Era um conjunto de grampos para mamilos. Ele colocou-os em meus seios sem pressa, curtindo minha expressão de medo, minhas tentativas nervosas de engolir a saliva, meus olhares ansiosos para os grampos severos de metal. Aproveitou para apertar meus seios, beliscar meus mamilos, enrolando-os em seus dedos. Ria de leve ao me ver encabulada por eles estarem tão eretos por causa daquele cenário estranho. Quando finalmente colocou os grampos, a dor foi menor do que eu temia, mas a experiência de vê-los sendo colocados foi intensa. Era um sentimento estranho — ele não era de causar dor da maneira sádica que James fazia, mas parecia ficar excitado pela minha vergonha e pela maneira como a dor me excitava. Era uma forma completamente diferente de mexer com minha cabeça, e eu não sabia o que pensar — se bem que, falando sério, era um milagre que aquilo fizesse sentido antes da minha primeira xícara de café no dia.

Assim que apertou os grampos — e mexeu firmemente neles para ter certeza que

estavam seguros (aí, sim, olhei para ele com raiva) —, deitou-se ao meu lado na cama. Deve ter sido uma imagem estranha, ele deitado com jeans e casaco preto de lã com cara de quem estava pronto para ir ao Starbucks, de lado com a cabeça sobre uma das mãos olhando para mim. Ao seu lado, eu, quase totalmente pelada, envergonhada, confusa, babando um pouco pelos cantos da boca e com mamilos incrivelmente eretos. O ridículo da cena me fez sorrir enquanto o observava com medo, esperando pelo que aconteceria.

Devagar, de maneira lânguida, começou a brincar com meu corpo. Não com o mesmo vigor de antes, foi mais provocador e vagou mais. Estava gostando de me ver tremer com a sensação dos dedos cobertos pelo couro movendo-se ao longo de minha pele, de ver os arrepios crescendo no corpo. Sorria quando eu respirava fundo pelo nariz e tentava regular minha respiração enquanto provocava essas pequenas reações em mim. Apalpou minhas coxas, passou um dedo pela corrente entre meus seios, riu diante do meu nervoso quando pegou a corrente de leve. Tirou os cabelos de meu rosto e riu de novo quando fiquei corada por ele ter percebido um filete de saliva caindo do canto de minha boca por causa da mordada. Estava como uma criança com um brinquedinho novo, e tudo que eu podia fazer era ficar deitada e deixar, segurando o cinto e esperando pelo que Adam faria em seguida.

Depois de vários carinhos em minhas coxas, cintura e tiras da calcinha, ele finalmente colocou a mão entre minhas pernas, em cima do lacinho. Eu sabia que ali estaria úmido e quente; apesar do frio do quarto, a experiência toda me deixou corada e fervendo. Pressionou a palma da mão em minha boceta, olhou para mim enquanto fazia isso, e seu sorriso — quase metido — e a satisfação óbvia por eu estar constrangida me fizeram resmungar por trás da mordada. Em um momento de irritação, fechei as pernas e tentei afastar minha cintura. Olhei para ele com raiva enquanto movia meu corpo. Ele bateu em minha coxa — com força suficiente para deixar uma marca vermelha de mão por alguns segundos. Sua voz foi irreal, distante. Foi a primeira coisa que falou desde que acordei.

— Se comporte.

Olhei para ele e senti as narinas inflando, senti a fúria e a rebeldia dentro de mim. Sabia que não estava lutando contra ele, mas contra a parte de mim que estava claramente excitada com aquilo tudo, curtindo cada minuto de perversão.

Beliscou a parte de dentro de minha coxa, um beliscão duro e doloroso, um aviso. Resmunguei quieta. Olhou para mim sem saber qual seria minha reação. Estava pronto para decidir o que fazer dependendo do que aconteceria. Era irritante, mas eu sabia exatamente qual seria minha reação; era inevitável, mesmo que uma parte de mim lutasse contra isso. Eu o encarei e tentei engolir um pouco da saliva que se acumulava atrás da mordada. Depois olhei para o outro lado, não queria ver a expressão de vitória no rosto dele — era metido para caralho, de vez em quando —, e lentamente abri as pernas.

Voltou a tocar minha calcinha, fazendo movimentos para cima e para baixo, o que deixou o pano ainda mais molhado. Ainda estava brincando. Não havia limite de tempo,

e ele adorava provocar. Às vezes, fazia um pouco mais de pressão em meu clitóris e eu gemia na mordança. A intensidade da cena e a falta do orgasmo na noite anterior me deixaram com os nervos à flor da pele. Eu me senti impaciente, porém nervosa, desesperada para continuar, mas preocupada com o que isso significaria. Eu queria deixá-lo orgulhoso, fazê-lo feliz, chutá-lo para fora da cama, gozar.

Depois de algum tempo, ele decidiu que já tinha umidificado minha calcinha o suficiente. Saiu do meu lado e se ajoelhou no meio das minhas pernas, onde — eu sabia — tinha uma ótima visão da umidade reluzente na calcinha, essa peça que havia sido chique, mas que agora era prova da minha putaria. Fechei os olhos de novo, o que me deixava com um pouco menos de vergonha.

Levantou meus joelhos contra meu peito. Mesmo de calcinha, me senti muito exposta; mesmo de olhos fechados, senti seu olhar focado no meio das minhas pernas. Eu o senti se movendo na cama. Ainda segurava minhas pernas lá em cima e abertas, dedos beliscando um pouco, eu deitada, imobilizada. Lambeu minha coxa bem na altura da calcinha. Tremi. Foi para a outra coxa e fez o mesmo, e dessa vez lutei para controlar minhas reações. Mas era como nadar contra uma correnteza de sensações. Ele se mexeu e deixou a boca a centímetros de minha boceta, respiração quente e constante — bem mais do que a minha, percebi com frustração — na minha pele.

Finalmente. Uma lambida de baixo para cima em minha boceta. Por cima da calcinha, então não devia ter sido tão intenso quanto foi, mas porra, foi muito bom. Fez minhas coxas tremerem com a sensação. Acho que muita provocação gera uma Sophie supersensível. Voltou a brincar, lambeu várias vezes, mas ainda por cima da calcinha úmida (quase encharcada). Tive de usar todo o meu autocontrole (e um certo instinto de autopreservação) para resistir ao desejo de dar uma pesada no ombro dele, de tão desesperada que estava para sentir sua língua diretamente em mim. Ergui o quadril em um convite ansioso, silenciosamente — mas sem sutileza nenhuma, admito — implorando para que ele tomasse mais de mim em sua boca. Não serviu de nada. Olhou para mim e o brilho em seu olhar mostrou, assim como o volume entre suas pernas, que estava gostando daquele jeito. Idiota.

Perdi a conta de quanto tempo fiquei à beira do desespero. Ele pegou as laterais da minha calcinha, e eu, com gratidão e pressa, me levantei para que ele a tirasse pelas minhas pernas. Ele a jogou longe e voltou a boca para mim. Não era mais provocação, estava praticamente me bebendo quando enfiou a língua em mim, movendo a cabeça de um lado para o outro de maneira que seu nariz apertava meu clitóris até que gemi com força atrás da mordança. Então ele tomou meu clitóris em sua boca e começou a chupá-lo, fechando os lábios com força em torno dele, erguendo-me da cama em convulsões. Meus gemidos foram abafados pela mordança, e acho que foi melhor assim por causa dos vizinhos.

Foi intenso. A experiência toda foi intensa. Mas ainda não havia tempo para me recuperar. À medida que minha respiração começou a ficar mais branda, ele se levantou e tirou a roupa, pegou um preservativo no bolso do jeans antes de jogar a calça, junto com luvas e o resto das roupas, no chão. Fez uma pequena pausa para

colocar a camisinha, voltou para a cama e se meteu com força dentro de mim, enquanto eu pulsava com os efeitos do orgasmo.

Ele se deitou, jogando a maior parte do peso sobre mim. Seu rosto ficou perto do meu, sorrindo enquanto tirava prazer do meu corpo, movendo seu peso todo para dentro e para fora de mim, empurrando com tanta força que sua pelve batia em meu clitóris, fazendo-me gemer de novo. Cada movimento tocava os grampos em meus mamilos, e a movimentação constante fez com que doessem de uma maneira que chegou a me distrair da cena. O misto de dor e prazer e de estar presa apaziguou minha rebeldia ocasional, me deixando com uma vontade desesperada de dar prazer para ele, de dar — mesmo que de outra forma — o mesmo prazer que ele tinha acabado de me fornecer. Naquele momento, eu teria feito ou aguentado qualquer coisa que ele quisesse, e a melhor maneira de demonstrar isso era inclinando meu quadril, como se o estivesse convidando.

Mantivemos o ritmo enquanto ele tirava a mordança. Engoli minha saliva quando ele a puxou, e ri quando se desculpou por ter puxado meus cabelos acidentalmente quando abriu a fivela. Ele ergueu uma das sobrelanceiras e eu logo me senti rebaixada.

— Desculpa, só achei meio engraçado. Torturar meus mamilos, tudo bem, mas puxar meus cabelos sem querer precisa de um pedido de desculpas.

— Não tem desculpa pra falta de educação — disse ele, segurando meus cabelos e puxando-os com muito mais força do que tinha feito acidentalmente um segundo antes. Ri de novo, mas meu riso foi engolido por um beijo. Sorri dentro do beijo e comecei a corresponder com vontade, se bem que meu gosto nos lábios dele me fizeram ficar corada de novo — era como se o objetivo de vida dele fosse me deixar constantemente constrangida e molhada.

Conforme nos beijávamos, ele me comeu com mais força ainda, tirando o pau com calma, mas empurrando-o para dentro de novo com uma força que me deixou sem ar no beijo. Depois de alguns momentos, levantou a cabeça e me olhou bem nos olhos com uma expressão repentinamente sombria. Manteve a maior parte de seu peso em uma das mãos e colocou a outra em minha garganta.

Foi uma reação completamente involuntária, mas meu corpo todo ficou endurecido. Só de seus dedos estarem ali, fiquei nervosa. Fechei os olhos na tentativa de esconder o nervosismo, mas ele falou com voz firme.

— Olhe pra mim.

Respirei fundo umas duas vezes antes de conseguir abrir os olhos e encará-lo. Quando fiz isso, vi que olhava para mim com seriedade e calma.

— Confia em mim?

Eu o teria deixado me amarrar várias vezes e teria dado as chaves do meu apartamento em um convite aberto para vir abusar de mim enquanto eu dormia. Se dissesse “não”, seria uma perfeita idiota, mas falar em voz alta foi um grande passo.

— Sim, confio em você — respondi com a voz baixa e um tanto tímida, pois confiava sim, e parte de mim se perguntou como, se eu o havia conhecido relativamente há pouco tempo.

Ele fez que sim com a cabeça e pressionou minha garganta, dificultando minha respiração. Engasguei, minha respiração fraca enquanto tentava sugar ar nos pulmões. Eu o vi me observando para checar se eu estava OK. Ele me soltou depois de alguns segundos, e senti uma onda de adrenalina. Fiquei surpresa com a forma como aquilo me excitava, e me excitou mesmo, a julgar pelo movimento involuntário dos meus quadris.

Continuamos trepando, alternando momentos de transa com momentos em que ele apertava minha garganta. Foi aumentando o tempo dos apertos conforme fui me acostumando, mas ainda assim ficava apenas por alguns segundos. Amei a sensação — a falta de poder, a restrição, o olhar cheio de tesão e cobiça no rosto dele e a forma como me comia ainda mais forte. Trepava com tanta pressão que quase machucava, mas, ao mesmo tempo, me levava cada vez mais perto de um segundo orgasmo. Finalmente, me estrangulou uma última vez — com mais pressão e por mais tempo do que das outras vezes — e meu orgasmo veio de novo. Minhas costas se curvaram com a força do gozo, e ele largou meu pescoço para que eu pudesse respirar profundamente, até ficar tonta, enquanto gozava. Meus movimentos frenéticos pareceram levá-lo ao limite, e ele gozou dentro de mim alguns segundos depois, gemendo seu próprio prazer. Ainda bem que não se deitou em cima dos grampos. Em vez disso, deitou-se com cuidado ao meu lado de novo, uma versão um pouco mais desarrumada dele mesmo.

Ainda respirávamos pesadamente quando ele desamarrou minhas mãos e removeu os grampos dos meus mamilos com cuidado. Esfregou gentilmente meus mamilos doloridos enquanto eles latejavam de forma dolorida voltando ao normal.

Por fim, ele se abaixou, pegou o cobertor e nos cobriu, e ainda me abraçou com carinho. Conversamos sobre tudo o que tinha acontecido e o que achei de ser asfixiada. Depois, caí no sono e só acordei com o cheiro de bacon e café feito na hora — como se não bastasse tudo, Adam levou as coisas do café da manhã na bolsa.

Em se tratando de realizar fantasias, a realidade foi incrível. Comecei logo a pensar nas outras coisas que queria experimentar, feliz por ter um parceiro que pudesse me ajudar. Se bem que não *dessa* forma, porque obviamente não íamos começar a namorar. Já havíamos decidido. Obviamente.

Merda. Quem eu estava tentando enganar?

Capítulo quatro

Nas semanas seguintes, mais uma enxurrada de e-mails e mensagens de texto, combinadas com algumas conversas realmente memoráveis tarde da noite — e um número cada vez maior de visitas. Adam ia lá em casa, fazíamos várias coisas escandalosas e, depois de estarmos os dois exaustos e saciados, ele fazia todo o longo caminho de volta até sua casa para ganhar tempo antes de ir cedo para o trabalho.

No entanto, isso começou a mudar lentamente. Ele ainda visitava à noite, mas às vezes só jantávamos. Teve uma noite em que me levou para comer curry. Nós nos agarramos depois (com cuidado porque comemos *muito*), mas ficar junto sem transar estava começando a ser tão divertido quanto as perversões embaixo dos cobertores. E no sofá. No banheiro. Vocês entenderam. Um dia ele foi lá em casa para que eu cozinhasse um *tajine* de carneiro — ele sempre quis provar, mas nunca teve oportunidade. Demorou séculos para ficar pronto, então comemos tarde e fazia mais sentido ele dormir lá. A sugestão foi minha, simulando uma casualidade que não sei se convenceu, e ele concordou no mesmo tom casual. Ficamos sorrindo um para o outro que nem imbecis até cairmos no sono.

De repente eu estava pensando em nossos debates ferrenhos sobre política, e em nossas discussões acerca do melhor filme da série James Bond, com a mesma intensidade que pensava na forma como me prendia à cama e me chupava, me fazendo gemer até de manhã (mas é claro que essas noites também eram maravilhosas).

Adam começou a vir me visitar nos fins de semana. De vez em quando, chegava tarde na sexta-feira para que ficássemos o sábado todo juntos. Passávamos o domingo trabalhando ou em outros compromissos sociais. Era um meio-termo esquisito: não estávamos namorando, e eu não era o tipo de namorada grudenta, estilo “vamos fazer tudo juntos”. No entanto, comecei a esperar pela nossa rotina de fim de semana, ao mesmo tempo em que tentava não pensar muito nisso e apenas curtir o que era.

É claro que, como sempre, não saber exatamente o que o nosso relacionamento era me fez sentir insegura comigo mesma em alguns momentos, até porque ele mencionou levemente que já havia transado com Charlotte algumas vezes.

Estávamos conversando sobre hotéis quando mencionou isso. Não falou de uma maneira inapropriada — uma das melhores coisas em Adam era o fato de que, quando não estava tentando ser perverso, era extremamente cavalheiro. Estávamos combinando de ir a um show juntos. Quando começou a perceber que, para mim, ver um show em um estádio grande tem que ser uma atração maior do que a volta para casa, sugeriu que achássemos um hotel perto do local. Fizemos uma pesquisa no Google para encontrarmos um lugar disponível e, quando ele se inclinou para ver os nomes no topo da lista, soltou a bomba.

— Não, esse não. Charlie e eu ficamos lá uma vez, foi a maior furada.

Fiquei confusa. Eu devia saber quem era essa pessoa? Será que não escutei direito quando me contou sobre esse amigo?

— Charlie? Quem é Charlie? Vocês foram em outro show nesse mesmo lugar?

— Definitivamente não fomos em um show, mas teve um lado performático. — Deu um sorriso quando se lembrou. — Charlie. Charlotte, Charlie. Fomos em uma boate de fetiches.

Torci para que meus olhos não se arregalassem como nos desenhos animados, mas demorou um tempo para a ficha cair.

— A Charlotte do Thomas? — Ele não a chamava de “Charlie”. Na verdade, nunca ouvi ninguém chamá-la assim, a não ser Adam.

— Isso, essa Charlie. — Levantou uma das mãos. — Mas ela não estava com Thomas. Foi uma coisa casual pra nós dois. E só aconteceu algumas vezes. — Olhou para mim e nem sei o que viu ali, pois logo deixou claro. — E não acontece há anos.

Fiquei sem saber o que dizer. Sei que não faz sentido, considerando que eu também tinha visto Charlotte pelada, mas senti uma coisa horrível na boca do estômago, tenho certeza que foi ciúme. Ficou olhando para mim com preocupação.

— Soph, desculpa, achei que ela tivesse mencionado.

A preocupação dele foi fofa, parecia sincera, e me garantiu que ele não estava brincando comigo. Era o que eu esperava. Sorri e tentei não pensar demais.

— Tudo bem. Eu não sabia, mas não me diz respeito, na verdade. — O silêncio se estendeu. Pensei sobre o resto da frase dele e comecei a rir. — Peraí, uma boate de fetiches? Eu nem sei o que é isso. Eu sou tipo a prima pobre do BDSM visitando o primo rico quando estou com você.

Ele sorriu e me abraçou.

— Fique comigo, prima pobre. Com certeza posso fazer você se abrir pra todos os tipos de experiências.

Ele não estava brincando.

Adam certamente abria meus horizontes sexuais. Acho que não havia muitas coisas que ele não tivesse experimentado ou que não quisesse experimentar. Era aventureiro e criativo, e sua habilidade de me fazer corar com as sugestões de coisas que poderíamos fazer era lendária.

Eu não me sentia inadequada em nossas conversas pervertidas. Ficava mais do que feliz em conseguir falar sobre essas coisas, e ele geralmente comentava que era ótimo poder conversar tão abertamente sobre sexo. Mas eu queria fazer mais; queria mostrar que ele não era o único com imaginação. Tive de me preparar, mas em mais ou menos uma semana tive algumas ideias para surpresas eróticas, graças a umas boas comprinhas na internet.

Sendo um casal de *nerds* das notícias, cada vez mais passávamos o sábado de manhã, depois de uma diversão matutina, sentados no sofá de um café local, bebendo café, comendo salgados e dando uma olhada nos jornais.

Em um determinado sábado, coloquei meu plano em ação. Compramos entradas para uma sessão diurna no cinema. Estávamos fazendo hora lendo em voz alta as histórias interessantes e implicando com o jornal que o outro escolheu.

Estava muito nervosa quando fui ao banheiro. Mas ele não notou, estava concentrado nas notícias sobre os jogos de críquete do dia anterior.

Voltei alguns minutos depois carregando uma caixa. Estava amarrada com um laço caprichado e havia um pequeno bilhete embaixo do laço — se aprendi uma coisa nas brincadeiras com Adam foi que os detalhes faziam diferença.

Coloquei a caixa em seu colo e abri um sorriso. Ele olhou para mim sem entender nada.

— Que isso? — perguntou ele. — Não é meu aniversário.

Eu sabia quando era o aniversário dele. Ele havia mencionado casualmente algumas semanas antes e eu adicionei o evento em meu calendário on-line no dia seguinte. Não sei se seria um exagero confessar isso, então fiquei quieta.

— Pode abrir. — Fiquei corada. Para variar.

Ainda surpreso, ele desfez o laço e abriu a tampa. Levantou um pequeno objeto de plástico com alguns botões; parecia um daqueles aparelhos que abrem a porta da garagem. Ele claramente não sabia o que era. Eu me senti o máximo. Era óbvio que o surpreendi.

Mesmo assim, minha voz ainda estava cheia de vergonha quando falei.

— Leia o bilhete.

Ele abriu o bilhete e leu as palavras que eu havia escrito com letras azuis caprichadas.

Acho que nós dois sabemos que você tem a habilidade de acionar meus pontos certos de todos os jeitos mais divertidos. Agora você pode fazer isso literalmente. Você está segurando o controle remoto de um ovo vibrador. Você já deve saber onde ele está neste momento. Os botões ligam e desligam o vibrador e variam a velocidade. Quer brincar?

Ele levantou o rosto como uma criança superanimada na manhã de Natal. Ri comigo mesma, sabendo que o brinquedinho o agradaria.

Ele sussurrou de susto, mas também porque sabia que não gostaríamos que o pessoal ao nosso redor brincasse conosco.

— Isso é demais. Você é demais. Nunca ouvi falar nisso, muito menos usei um.

Dobrou o bilhete com cuidado, colocou-o na caixa com o laço e a caixa de volta na minha bolsa. Colocou o controle remoto no bolso.

Não demorou muito até que encontrasse o botão de ligar. Eu tinha esticado a mão para pegar meu café e quase derramei tudo quando, de repente, senti as vibrações lá dentro de mim. Olhei para Adam e ele sorriu.

Ele o deixou ligado e gradualmente aumentou a velocidade. Tentei ler o jornal, mas era impossível. Não conseguia me concentrar em nada e minha mão ainda tremia, o que fez com que levantar a caneca fosse um esporte perigoso.

Eu me inclinei e coloquei a cabeça em seu ombro, como se estivesse lendo o jornal com ele, mas na verdade eu estava me concentrando para não morrer. Não tinha como ter um orgasmo desses em público — torci para que não tivesse —, mas eu estava cada vez mais molhada e com vergonha. Eu me xinguei por ter inventado essa ideia imbecil. Comecei a ter memórias no estilo do filme *Harry e Sally*. Ninguém quer ter isso.

Cravei as unhas no braço dele e de repente tudo parou. Percebi o quanto estava tensa e finalmente relaxei, voltando ao meu lado do sofá. Respirava rápido, peito subindo e descendo. Ainda bem que não tinha ninguém sentado por perto. Podiam achar que eu estava tendo um ataque de asma.

Ele tirou a mão do bolso e virou a página do jornal. Começou a conversar comigo como se nada estivesse diferente. Fui voltando ao meu normal e comecei a relaxar enquanto terminávamos nossas bebidas.

Nós nos levantamos e fomos para a saída. Quando ele abriu a porta para mim, não percebi que sua mão estava no bolso. Quando saí na rua ensolarada, senti um pulsar na minha vagina e quase tropecei, cheguei a soltar um pequeno berro agudo. Acho que ninguém percebeu, mas ele deu uma gargalhada, andando atrás de mim e imaginando como o filme seria divertido. A cara de louco poderoso dele me fez rir, apesar de eu estar me perguntando como ia conseguir me sentar durante um filme todo e me concentrar. Graças a Deus, escolhemos um filme popular cheio de explosões em vez de um filme cabeça.

Recebi mais algumas surpresas enquanto caminhávamos para o cinema, mas na maior parte do caminho ele me deixou em paz. Ele me agradeceu por dar tamanho controle para ele, mas avisou que não seria tão responsável, caso eu ainda não tivesse percebido.

Nós nos sentamos. Em um dia comum, fico irada com a quantidade de propaganda que colocam antes dos filmes, mas com Adam usando esse momento para me torturar, eu estava mais desesperada pelo começo dos trailers do que nunca. Ele apertava todos os botões e perguntava o que as diferentes combinações estavam fazendo comigo — vibrações constantes, pulsações etc. Expliquei da melhor maneira que pude, sussurrando por entre a mandíbula tensa, enquanto ele variava as programações.

Acho que teria sido mais fácil me concentrar se ele tivesse deixado o brinquedo vibrando, mas passou as duas horas seguintes me torturando. Fazia questão de mudar o estilo antes que eu me acostumassem à sensação, me levando à loucura e fazendo com que eu me segurasse nele de novo.

Em um determinado momento, quando as explosões estavam tão altas que poucas pessoas no cinema sentadas perto de nós conseguiriam ouvir, ele se inclinou para sussurrar no meu ouvido e perguntou se eu estava molhada. Escondi meu rosto em seu ombro e fiz que sim com a cabeça.

Colocou a mão na parte interna de minha coxa e alisou mais para cima — ainda bem que os frequentadores de filmes aos sábados de manhã gostam mais de filmes para famílias, então não havia ninguém naquela fileira. Devagar, moveu o dedo para cima e para baixo na costura do meu jeans e disse que dava para sentir as vibrações.

Foi quando dei um chute em sua canela. Já tinha passado do nível de me preocupar se ia ter problemas com isso, apesar de ele admitir mais tarde que mereceu minha punição. Tirou a mão de minha perna e a colocou sobre meus ombros. Manteve o controle na outra mão e fez de tudo para que eu não tivesse descanso. Nem vi o filme direito — ele acabou me dando o DVD mais tarde —, e quando terminou eu só

conseguia pensar em uma coisa, e não era no preço elevado da pipoca do cinema. Finalmente, as luzes se acenderam. Ele estava sorrindo para mim.

— E aí. Quer fazer o que agora?

Durante um minuto, não consegui falar. O que ele achava que eu queria fazer?

— Almoço? — Ele estava se divertindo tanto. Não sei se o achei cativante ou irritante. A pulsação entre minhas pernas não me ajudava a escolher.

No final, achei que ser educada contaria mais a meu favor.

— Podemos ir pra casa, por favor?

Ele fez carinho no meu braço com um dedo; tremi. Não havia como almoçar sem derrubar tudo. Depois de segundos longos e desesperadores, teve pena de mim.

— É claro que sim.

Ele deixou o ovo em uma programação constante durante o caminho todo para casa, mas o vibrador ainda pulsava enquanto eu andava, então não tinha como ignorá-lo, até porque pesava e se movia dentro de mim, causando ondas fortes de prazer.

Quando chegamos, ele desligou o ovo pela primeira vez em horas. Eu me dei conta de como estava molhada. Será que teria a chance de me arrumar e trocar de calcinha antes de ele decidir fazer alguma coisa maquiavélica comigo? Claro que não. Que otimista.

Assim que entramos na sala, ele veio para trás de mim. Suas mãos envolveram meu corpo e pegaram meus seios enquanto sua boca veio para meu pescoço e ombro, beijando e dando mordidas de leve. Foi como se estivesse esperando até o momento em que fechássemos a porta e tivéssemos privacidade. De repente, percebi que eu o estava atijando sem querer, pelo mesmo tempo em que ele esteve me atijando.

Ele abriu meu jeans e o deslizou pelo meu quadril, e depois colocou a mão entre minhas pernas.

Riu devagar.

— Sua calcinha está encharcada.

Tentei fechar as pernas, mas ele bateu nelas devagar, então deixei-as abertas. Ele me empurrou e me inclinou no braço do sofá, abaixando minha calcinha, que ficou nas pernas junto com o jeans.

Pegou a corda fina de plástico que saía da minha boceta e a puxou. Fiquei sem ar quando o ovo foi parar na mão dele.

Em poucos segundos, estava sem ar de novo. Não o ouvi abrindo a calça nem o som familiar do preservativo sendo desembalado, e sem aviso ele se enfiou lá dentro de mim. Eu estava tão excitada que entrou com facilidade, mas dei um grito de surpresa e cravei as unhas na almofada quando ele começou a se mexer.

Colocou a mão em minha boca e pressionou alguma coisa contra meus lábios. Levei um segundo para perceber, mas era o ovo que tinha passado tanto tempo dentro de mim. Travei os dentes.

Ele ficou parado por um momento e depois puxou meu cabelo em sinal de aviso. Abri os lábios e tomei meu brinquedo molhado na boca, provando meu próprio gosto.

Continuou me comendo com força e não demorou muito para que também ficasse

excitado e tivesse um orgasmo. Ele respirava com força quando se afastou para tirar a camisinha. Quando voltou, abriu a mão na frente de meu rosto e eu abri a boca, deixando o ovo na palma de sua mão.

Ele me ajudou a me sentar no sofá, afastou minhas pernas e se ajoelhou no chão na minha frente. Em segundos, estava me chupando. Assim como na primeira trepada, não teve preâmbulos nem preliminares, apenas a pressão decidida e firme no meu clitóris enquanto me lambia e sugava. Senti seus dedos entre minhas pernas e depois senti o brinquedo sendo introduzido de novo.

Ele o ligou e eu ergui meu quadril, me esfregando contra o rosto dele enquanto ele persistia no meu clitóris. Colocou o aparelho na vibração mais rápida e me lambeu várias e várias vezes. Segurei seus cabelos e gemi muito alto. Estava perdida.

— Por favor, posso gozar? — gemi. Eu sei. Não era uma coisa que eu costumava pedir se não recebesse uma ordem direta para isso, mas não ia arriscar uma interrupção por nada no mundo.

Ele fez que sim e continuou chupando. Eu me curvei para cima de novo e continuei segurando seus cabelos. Senti como se a língua dele estivesse vibrando quando gozei, gritando de prazer até me encostar no sofá de novo.

Ele afastou a boca e desligou o ovo antes de subir no sofá e se juntar a mim. Deitada com a cabeça no colo dele, eu me parabenizei pelo ótimo plano bem-executado. Posso dizer que Adam parecia estar tão satisfeito quanto eu, o que me deixou feliz e me fez sentir como uma deusa por um instante. Todo mundo sai ganhando.

É claro que nem todos os meus planos saíram como eu tinha imaginado.

Sou uma grande fã de comprar brinquedos sexuais on-line. Tenho algumas peças compradas em lojas, mas a maioria vem da internet. Não dá vergonha (que obviamente é uma questão grande para mim — infelizmente, só de ir em uma loja Ann Summers para comprar calcinha já fico corada), tem uma seleção ótima de itens, várias barganhas e liquidações e, geralmente, um bom número de comentários que dizem o que pessoas comuns acharam dos objetos que você está pensando em comprar. Características valiosas.

No entanto, às vezes eu não lia as informações em letras menores tão bem quanto devia.

Adam e eu conversamos muito sobre estímulos anais. Ele tinha muito mais experiência nisso do que eu, e no começo eu estava bem preocupada porque minhas primeiras experiências foram um misto de muito tesão e bastante dor. Decidi encomendar um *plug* para usarmos juntos, algo para nos divertirmos e que funcionasse como um sinal para Adam de que eu confiava nele o bastante para fazer um pouco mais do que já tínhamos feito na região anal.

Sendo uma vítima dos fascínios das funções adicionais e dos aparelhos cheios de sacanagens (não literais), encontrei um *plug* que podia ser inflado usando uma pequena bomba e que também vibrava. Tinha um preço razoável, era até uma barganha, e o fato de poder ficar maior me pareceu especial porque eu estava me acostumando a

brincarem com minha bunda.

Quando chegou, havia um problema.

Não sei em qual ânus ele poderia caber, mas não ia ser no meu, antes mesmo de ser expandido.

Era uma coisa meio ridícula, mas ri muito. Mandeí um e-mail para Adam contando sobre meu erro e expliquei que estava pensando em devolver o *plug* e pedir meu dinheiro de volta (sem ter sido usado, deixei claro). A resposta de Adam me fez engolir a saliva com nervosismo.

Não devolva. Talvez não seja perda total. Bj.

Hum.

Ele foi para a minha casa na sexta seguinte e, como sempre acontecia, depois de um jantar cedo ficamos o resto da noite na cama.

Ele pediu para ver o *plug* e eu fui buscá-lo rindo. Ele disse que definitivamente era muito grande para entrar no meu ânus, mas isso não significava que não ia entrar em outros lugares. Mantive meu controle, mas ele simplesmente colocou o aparelho na mesa de cabeceira depois de fazer sua análise e voltamos a conversar sobre quem escrevia os melhores quadrinhos do Batman (Tim Sale, claro, apesar de ele escolher Miller).

Aos poucos, ficamos mais amorosos e meia hora depois eu o estava chupando, lentamente lambendo de cima a baixo, saboreando o momento ajoelhada na cama. Sua mão estava na parte interna de minha coxa.

Fiquei arrepiada quando ele passou a mão em meu clitóris e enfiou um dedo em mim. Gemi com o pau dele na boca.

Ele tirou a mão e alguns segundos depois senti outra coisa entre as pernas. Ele estava enfiando o *plug* na minha boceta, acho que para mostrar que não foi uma compra em vão no final das contas.

Era meio estranho, tinha o formato de um cone e ficava mais largo conforme enfiava. Gemi quando a parte mais larga entrou e senti minha pele se fechar em volta do objeto. Só dava para ver o eixo e a base. Havia dois cabos presos no *plug* — um para o controle do vibrador e outro para a bomba que o inflava.

Ele imediatamente colocou a vibração no máximo, me fazendo dar um berro diante da intensidade repentina. Então, apertou a bomba. Senti o *plug* inflar dentro de mim. Foi uma sensação estranha; não foi desagradável, mas me fez sentir cheia.

Mas ele não havia terminado. Continuou apertando a bomba, contando em voz alta o número de vezes que o apertava enquanto o objeto inflava lentamente dentro de mim. Ele manteve a mão na base do *plug* para impedir que caísse e a pressão que colocou no aparelho fez com que a intensidade aumentasse.

Quando chegou no oito, eu já estava tremendo. Estava com o pau na boca, mas já havia desistido de conseguir dar prazer para ele. Eu sabia apenas que ele não gostaria que eu o deixasse sair da minha boca.

— Olha isso, dois buracos preenchidos ao mesmo tempo. Você gosta de estar

assim, linda e cheia?

Eu realmente gostava. A intensidade do *plug* estava no limite da dor, mas junto com o boquete (que continuava sendo uma das minhas coisas favoritas sexualmente), estava perto do orgasmo. A característica melódica da voz dele me irritou um pouco, então eu o ignorei.

Ele bateu na minha bunda com tanta força que deve ter deixado uma marca, e perguntou de novo.

Fiz que sim com a cabeça, de mau humor e sem querer olhar para ele. Sabia que podia ver o quanto eu estava gostando porque o *plug* estava todo molhado.

— Você acha que gostaria mais ainda se todos os seus buracos estivessem sendo usados?

Fiquei tensa. Nervosa. Insegura. Já havíamos conversado sobre penetração tripla e eu me sentia curiosa a respeito, apesar de estar convencida que metade das mulheres normais não seria capaz de lidar com isso, independente do que dizem nos filmes pornôs.

Ele não esperou por uma resposta dessa vez. Senti seus dedos se mexendo em volta do brinquedo, coletando o máximo que podia das minhas secreções. Depois, começou a circular meu ânus com o dedo, deixando-o úmido. Não tive como evitar, fiquei tensa.

Ele fez carinho na minha bunda, devagar, me dando uma sensação esquisita de segurança.

— Tudo bem, Sophie. Não vou machucar você, mas se vamos fazer isso você precisa relaxar ou pode sentir desconforto.

Recolocou o dedo na abertura, mas não o moveu.

— Vai pra trás pra mim, linda.

Resmunguei com o pau dele na boca, e ele riu.

— Desculpa, juro que não estou fazendo isso pra humilhar você, é só pra você fazer no seu próprio ritmo.

Ele pode não ter tido a intenção de humilhar, mas me senti humilhada quando comecei a me mover. Eu devia estar incrivelmente excitada porque minha secreção agiu como um bom lubrificante quando me mexi para trás e meu ânus se abriu para o dedo. Eu me senti muito apertada, sem dúvida porque minha vagina estava preenchida, mas consegui fazer pressão para trás sem problemas, deixando-o entrar.

Assim que o dedo entrou em mim, foi como se as vibrações do brinquedo também estivessem nele. As sensações foram muito intensas. Qualquer momento, por menor que fosse, era repleto de ondas de prazer que pulsavam por mim, até com o movimento do meu corpo conforme eu respirava fundo, sentindo-me poderosa.

Adam começou a mover o quadril na minha boca. Lembrei que ele estava ali e voltei a chupá-lo, tentando focar nele o máximo que era possível. Era bem difícil, com tudo mais que estava acontecendo. Ele empurrou o pau para o fundo da minha garganta. Eu me engasguei um pouco, mas depois o chubei o mais fundo que pude.

Nesse momento, começou a mover o dedo para dentro e para fora, lentamente

primeiro e mais rápido e forte depois. Gemi no pau, e ele me disse que eu era uma menina pervertida por estar excitada por causa dos meus três buracos cheios ao mesmo tempo. Eu teria ficado corada se já não estivesse vermelha.

Ele fodeu com a minha boca e continuou seu monólogo sujo. Então, parou no meio de uma frase e soltou um gemido alto. Senti minha boca inundando. Quando o primeiro jato atingiu minha língua, eu também cheguei ao limite. Prendi a boca em volta dele e fiz força para trás, contra o dedo e o brinquedo; meus berros foram abafados pelo pênis. Entrei em colapso na cama. Ele tirou o dedo e rapidamente esvaziou o *plug* e o desligou, tirando-o de mim.

É até irônico porque, apesar de não ter funcionado como um *plug* para mim, virou um brinquedo que Adam gostava muito de usar. Meus sentimentos em relação ao objeto iam do amor ao ódio (dependendo do quanto ele o expandia), mas, de qualquer maneira, quando ele era retirado da gaveta de brinquedos eu sabia que a vida não seria mais monótona.

Dito isso, acho que não havia muitas oportunidades para que minha vida fosse monótona. Uma mudança no meu cargo fez com que meus horários de trabalho fossem mais regulares, mas, apesar de felizmente ser raro ter de trabalhar no fim de semana, ficar no escritório até mais tarde passou a ser frequente. Com as viagens para ver meus pais a cada uma ou duas semanas, e mais os amigos, a vida estava sempre cheia. Já estava antes da chegada de Adam, mas logo percebi que queria arrumar mais tempo para ele. Dava para imaginar as provocações dele nas festas de aniversários dos meus amigos — com discussões embriagadas sobre os cem melhores álbuns já gravados. Dava para ver que meus pais gostariam dele. Cada vez mais, meu primeiro instinto quando lia ou via alguma coisa interessante era contar para ele.

Era estranho.

Era fofo.

E me deixava nervosa.

Depois de James, resolvi que não estava pronta para um relacionamento. Mas senti que estava meio que repensando isso. Não por qualquer relacionamento, e certamente não por um relacionamento com James. Mas com Adam. O Adam direto, engraçado, inteligente e obsceno. Isso era bem diferente.

Tentei reprimir os sentimentos o máximo possível — até porque me sentia meio culpada. Começamos como uma coisa sem compromisso e, apesar de não ter sido uma escolha consciente, eu sabia que a mudança nos meus sentimentos podia fazer com que as coisas ficassem esquisitas caso ele não sentisse o mesmo. E, de uma forma meio irônica, a única coisa sobre a qual não conversávamos até aquele momento era o nosso relacionamento — o sexo, sim, relacionamentos passados, sim, e até o que queríamos a longo prazo. Mas não isto. Então, no melhor estilo “não sei de nada”, continuei agindo da maneira mais simples e direta que conseguia, e não falei nada. Eu era boa em mascarar meus sentimentos, não era?

De acordo com Thomas, eu era péssima nisso.

Adam e eu encontramos Thomas e Charlotte para jantar em um dia de semana. Foi

uma noite divertida — várias bebidas, discussões provocativas, comida boa. Tom e Charlotte estavam em boa forma, e quando me despedi dos três para ir para casa (Adam acordava cedo, foi uma rara noite em que não fomos para casa juntos), eu tive um treco de tanto rir.

Quando meu celular soou assim que cheguei no carro, achei que seria Adam dando boa noite (sim, a gente também fazia isso, mas não quer dizer nada e prometo que não era tão enjoativo quanto parece). Mas não era.

Thomas diz: Você escondeu o jogo! Não sabia que a coisa estava séria. Muito feliz por vocês. Já era tempo.

Senti meu rosto se contorcer em um misto de confusão e desprezo. Sempre que minha mãe via essa minha expressão facial, avisava que me causaria rugas cedo demais. Do que ele estava falando? Como sabia que estava sério? *Estava sério?* Quem disse? Adam falou alguma coisa para ele?

Considerando minha habilidade de me perder em voos imaginários de fantasia sem muito esforço, achei que o melhor fosse buscar explicações imediatas.

Sophie diz: Como assim, a coisa está séria? Adam falou alguma coisa?

Hmmm. Pensando bem, acho que posso ter soado um pouquinho afetada demais, mas gente curiosa precisa saber das coisas. Felizmente, Thomas não me deixou no suspense durante muito tempo.

Thomas diz: Adam não me falou nada, e pelo que eu saiba, Charlotte não perguntou. Posso pedir que pergunte, se você quiser.

Ai. Respondi o mais rápido que meus dedos conseguiram.

Sophie diz: Não, não precisa fazer isso! Então o que você quis dizer?

A resposta veio quase imediatamente.

Thomas diz: Vocês dois estão claramente muito felizes. Charlotte disse que nunca viu Adam tão a fim de uma mulher. E é claro que conheço você muito bem, e diria o mesmo.

Não consegui parar de sorrir. Sei que é brega precisar dessas aprovações dos amigos otimistas, mas dane-se, já estava de bom tamanho. É claro que eu não ia admitir isso para ele.

Sophie diz: Tá bom. Vocês querem todo mundo apaixonadinho que nem vocês.

Não recebi resposta imediatamente — e nem precisava —, então finalmente coloquei o telefone de lado, fechei o cinto de segurança e dirigi para casa. Quando cheguei, duas mensagens me esperavam.

Thomas diz: Quem me dera estarmos apaixonadinhos. Nem tudo é o que parece ser.

Respondi perguntando se estava tudo bem, dizendo que se quisesse conversar eu estava lá — convenhamos, depois de tudo que passamos, eu o conhecia melhor do que

a maioria das pessoas, sabia do seu lado pervertido, e não o julgaria por nada. Ele não respondeu.

E quanto a outra mensagem, enquanto eu digitava uma resposta curta sinceramente torci para que FOSSE o que parecia ser.

Adam diz: Saudades, linda. Queria muito ter ido com você hoje. Avise se chegou bem. Bj.

É bobo me sentir quente e tonta toda vez que ele me chamava de “linda”? É, eu sei.

Capítulo cinco

Bridget Jones, obcecada por pequenos feriados, sabia muito bem que o primeiro fim de semana junto com o namorado em uma viagem é um marco em qualquer relacionamento de pouco tempo. No entanto, pelo que eu me lembre, os feriados dela não tinham nada a ver com a cruz de Santo André ou com tetos espelhados.

Adam e eu passávamos muito tempo juntos. Havia coisas acontecendo ridiculamente cedo, tipo eu embrulhando biscoitos e colocando café na caneca de viagem para ele levar no caminho de noventa minutos de carro até o trabalho. Além disso, havia noites interrompidas por conversas e muita obscenidade. Estávamos em um estado constante de exaustão alegre.

Meu pequeno apartamento era nosso refúgio. Visto que ambos éramos fundamentalmente antissociais, e ainda estávamos naquela fase em que dava vontade de se agarrar a cada segundo, fazia mais sentido ele vir até minha casa em vez de eu ir para a dele, onde morava outro cara (muito gente boa, aliás). Mas meu apartamento, que tinha um bom tamanho para uma pessoa, de repente começou a parecer meio apertado. Não que eu não gostasse de dividir meu espaço com Adam — era surpreendente a facilidade com que aceitei ter outra pessoa lá comigo por tanto tempo depois de anos morando sozinha. O negócio era que... bem, não havia muitas opções de lugares para transar fora o óbvio, cama e sofá, e a sala era literalmente pequena demais para usarmos um chicote rabo de gato. Se bem que era melhor assim — o chicote arde muito.

Estávamos na cama certa noite quando Adam sugeriu passarmos um fim de semana fora. Sendo uma pessoa que, apesar das várias viagens a trabalho, ainda fica incrivelmente animada para ficar em hotéis (ah, as toalhas de graça, café da manhã no restaurante, jornal entregue na porta, o frigobar com amendoim supercaro, mas tentador!), concordei antes de ele explicar o que tinha em mente. E quando explicou, fiquei bem surpresa.

Acho que posso afirmar que não sou uma pessoa especialmente inocente, mas mesmo assim nunca tinha ouvido falar sobre um chalé pornô. Eu sabia que dava para alugar calabouços profissionais por hora, mas a rotatividade desses lugares (e minha sutil frescura com limpeza) me desanimava de ir, mesmo que fosse para satisfazer minha antiga curiosidade e as fantasias ainda mais antigas.

A ideia de estar em um calabouço definitivamente me intrigava, mas, sendo franca, se eu tivesse uma casa com muito espaço, a primeira coisa que eu faria no quarto extra no porão seria construir o melhor cinema que meu orçamento permitisse, e não um quarto vermelho de dor. Pelo visto, isso não é um problema. Dá para alugar casas com esses aparatos nos feriados. Fiquei fascinada. E intrigada também. Escolhemos um fim de semana e Adam fez a reserva. Não fui informada dos detalhes, acho que em parte porque ele sabia que eu o enlouqueceria com perguntas sobre o que faríamos se eu soubesse mais coisas sobre as instalações do lugar. Porém, ele me falou que era completamente discreto, com várias oportunidades para nos divertirmos e até um jardim escondido, caso quiséssemos jogar ao ar livre. Visto que sou uma mulher cujo

caminho entre o trabalho e a casa é lotado de câmeras de segurança, isso me deixou muito curiosa, pelo menos até o fim de semana chegar.

Estava nevando. E não era uma neve do tipo “guerra de neve e chocolate quente e diversão”. Era mais o tipo de neve que logo derrete e vira água, a neve sem graça. daquelas em que você pode escorregar no caminho para o trabalho, quebrar o pescoço e só ser encontrado na primavera. Discutimos se era melhor ir ou não, mas, depois de checar as informações do trânsito, decidimos que valia a pena encarar a viagem de duas horas, até porque o chalé devia ser mais quente do que o meu apartamento no inverno, e a reserva não era reembolsável.

A viagem foi feita com uma ansiedade nervosa. Não conversamos muito porque Adam estava concentrado na estrada. Apesar de a condição não estar tão ruim, o mau tempo faz com que as pessoas dirijam como idiotas, e ele ficou ainda mais cuidadoso porque não conhecia o caminho. No silêncio minha mente vagou, e comecei a pensar no que eu tinha me metido, como seria, se seria uma experiência longa e intensa ou uma série de momentos curtos e sensuais.

Encontramos o chalé escondido no final de uma rua silenciosa e residencial (será que os vizinhos suspeitavam de alguma coisa?). Era discreto, conforme prometido. Estacionamos, pegamos a chave (escondida em um pequeno pote perto da porta — ah, que maravilha estar fora da cidade) e tiramos as malas do carro. Eu estava com uma bolsa bem pesada, mas fora minhas roupas limpas para a viagem de volta, uma nécessaire e o carregador do celular, estava cheia de modelitos especiais e lingerie que eu não tinha a intenção de usar fora do nosso lar pelas próximas 48 horas. Arrastei a mala para dentro e começamos a explorar o lugar.

Todos os cômodos em que passamos pareciam ter um objetivo sexual, como era de se esperar. A sala tinha uma cruz de Santo André. Fomos até ela como se estivéssemos em uma exposição, examinando com fascínio, tentando imaginar como seria estar amarrada ali, observando como era robusta. Adam analisava minhas reações com cuidado, até demais para meu gosto. Pegou minha mão e me levou pelas escadas.

— Mais tarde, talvez.

Senti minhas bochechas ficando quentes, e ele sorriu; sorri de volta, segura por saber que poderia me divertir ali com ele, que, independentemente do visual pesado, ele não ia se transformar em um Dom sinistro que passaria dos meus limites.

Acho que, no instante em que pensei nisso, cheguei no topo das escadas e o que vi no corredor fez minha garganta ficar seca. Três portas fechadas davam em três outros cômodos, mas meus olhos ficaram fixados numa gaiola que estava ali. A porta convidativa estava aberta, e havia uma almofada e um pequeno cobertor em cima dela.

Adam abriu a primeira porta e eu me forcei a andar, a segui-lo. Era um banheiro com uma banheira grande o suficiente para duas pessoas (Ok, deviam caber mais do que duas pessoas, mas certamente era suficiente para nós). A segunda porta dava em um quarto enorme tomado por uma cama com dossel de madeira escura. Não pude deixar de notar que havia aros de metal em intervalos regulares nas hastes para serem

usados no *bondage*. Colocamos as malas no chão e fui atrás de Adam enquanto ele abria a terceira porta. Dei uma breve olhada em vários equipamentos que pareciam aparelhos de academia, mas a porta foi fechada com firmeza.

— Mais tarde — disse ele de novo, dando um beijo delicado em meu nariz, o que fez um contraste com o olhar faminto em seus olhos. — Vamos pegar o resto das bolsas primeiro.

Voltamos para o andar de baixo e encontramos a cozinha no caminho. Era o único cômodo sem equipamentos ou brinquedos, e o que mais me surpreendeu era que estava muito bem-equipado. Fogão de metal sem marcas, grelha e exaustor, superfícies com bastante espaço para cozinhar, cafeteira, máquina de fazer suco. Abri o fogão. O lugar todo brilhava, o que me deixou tranquila quanto à higiene, mas a cozinha estava até mais limpa do que os outros cômodos. Acho que fazia sentido — quem iria para um chalé pornô e optaria por ficar cozinhando? —, mas me pareceu um certo desperdício. Eu me virei e vi o rosto de Adam. Todos os pensamentos relacionados à comida sumiram da minha cabeça.

Eu estava nervosa e animada. Tensa, fiquei olhando para ele, em pé na minha frente. Esperando. Tinha trazido as duas bolsas. Deixou a que tinha suas roupas no quarto. A outra, de couro preto fino que eu conhecia muito bem — era a que continha todos os brinquedos —, estava em suas mãos.

Adam ficou me encarando. Sem parar de me olhar, abriu o zíper e colocou o pau para fora. Fez um sinal convidativo para mim. Sorri e dei um passo para a frente, mas logo parei com o grunhido dele.

— Não. Se arraste no chão.

O silêncio ficou muito alto. Ouvi meu coração começando a bater mais rápido. Dei uma olhada obscura para ele, mas fiquei de quatro e engatinhei no chão de ladrilhos. Eu me senti um pouco ridícula por estar fazendo aquilo usando jeans e casaco. Quando cheguei nele, tive um momento de dúvida. O pênis estava logo ali, mas não ousei me arriscar e presumir que devia chupá-lo. Levantei a cabeça e olhei para ele.

Ele riu e fez carinho em minha cabeça.

— Boa menina. Pode chupar.

Eu me senti ficando vermelha, constrangida por ele ter entendido meu movimento como um pedido silencioso de permissão, mesmo quando percebi, um tanto surpresa, que foi isso mesmo.

Eu o tomei com calma na boca e chupei devagar. Ele gemeu e se encostou na bancada. Os suspiros de prazer dele quando comecei a usar a língua me ajudaram a retomar parte do equilíbrio. Um pouco do meu poder voltou quando o vi se perdendo por um momento, olhos fechados enquanto curtia a sensação da minha boca nele.

No entanto, isso não durou muito. Ele abriu os olhos e, sem olhar para mim, se afastou da bancada. Eu me movi com ele, mas Adam continuou indo para trás, atravessando a cozinha lentamente em direção à porta.

Ele não mandou continuar chupando, mas o andar vagaroso dele era uma indicação, e também, sendo sincera, eu não queria parar. Sendo assim, eu me arrastei junto com

ele, apesar de me sentir um pouco desajeitada e estranha. Ele me levou até a sala e depois às escadas. Por um segundo, achei que fosse subir os degraus de costas e me perguntei se uma pessoa naturalmente desengonçada como eu devia arriscar subir escadas engatinhando enquanto paga um boquete (e se eu caísse? Na melhor das hipóteses, acabaria com o clima; na pior, era um acidente e iria parar na emergência). No entanto, ele abaixou a mão e pegou um punhado dos meus cabelos. Ele me arrancou de seu pau e me levantou. Soltei uma reclamação singela.

Ele se virou para subir as escadas segurando meus cabelos para que eu o seguisse. Meu couro cabeludo doeu, e me apressei para segui-lo até o quarto dos aparelhos. Mal consegui compreender tudo o que estava ao meu redor quando ele me arrastou até a janela e a uma berlinda.

A primeira coisa que tenho a dizer sobre a berlinda é que muitas pessoas a chamam de tronco. Tecnicamente — falou a *nerd* — isso é incorreto. Usados como formas de punição para criminosos e marginais, o tronco (que prende apenas os pés) e a berlinda (que prende cabeça e punhos) eram usados para a humilhação pública. Costumavam jogar comida podre neles, e os habitantes dos vilarejos se reuniam para ridicularizar os criminosos — era um tipo de experiência de congregação e uma diversão da tarde também, exceto para o pobre miserável no centro das atenções. Sempre fui fascinada por esses instrumentos, desde a primeira vez em que ouvi falar neles nas aulas de história medieval na escola. Quando comecei a estudar história no ensino fundamental, ia dormir pensando em fantasias sexuais elaboradas, onde eu ficava presa em uma berlinda, humilhada e fodida por quantas pessoas quisessem me comer.

A berlinda era uma das minhas fantasias mais antigas. Eu havia mencionado isso para Adam meses antes, com voz trêmula e mansa no escuro, envergonhada não só pela perversão, mas pela especificidade. Mas era uma fantasia que nunca achei que realizaria. Vi berlindas nos museus ao longo dos anos, mas sempre eram velhas e raras; os curadores geralmente não deixam as meninas curiosas testarem, e mesmo que deixassem, não dá para se empolgar no meio de um museu ou até em festivais onde encenam sociedades antigas.

Essa parecia ser bem-feita com madeira vermelha e maciça. Achei bonita de uma maneira estranha, e passei o dedo pela superfície lisa envernizada. Sorri internamente. Adam levantou o topo, deixando três vãos curvados à mostra, um grande para o pescoço e outros dois menores para os punhos. Ele me pegou pelos cabelos de novo e colocou meu pescoço no lugar. Hesitei um pouco antes de colocar os punhos sozinha, deixando que ele fechasse o topo, me prendendo no lugar certo.

Meu primeiro sentimento foi uma onda de pânico. O segundo, uma onda de tesão. Adam travou o pedaço de madeira que prendia as duas metades do instrumento e fiquei presa. Presa mesmo, na madeira inflexível. Era difícil me mover por causa do peso do pescoço, então meu campo de visão ia até meus pés e uma pequena circunferência em volta deles. Eu estava com o quadril dobrado, e a posição era não apenas desconfortável como também me deixava incrivelmente vulnerável. Minha bunda estava exposta, e dava para sentir o olhar dele em cima de mim. O olhar era forte o

suficiente para que eu me sentisse nua. Que bom que não estava. Ainda.

Ele deu a volta e parou na minha frente. Seu pênis estava tão perto que minha respiração ia direto para ele. Logo compreendi por que essa berlinda era mais baixa do que outras. A dor nas costas por estar naquela posição desconfortável até que valia a pena.

Ele colocou a bolsa de couro no chão bem no meu campo de visão, abriu-a e começou a mexer nos objetos, mas fez tudo de uma maneira — frustrante — que me impedia de ver o que mais tinha lá dentro além de corda. E concluí que essa corda não seria usada naquele momento.

Finalmente, puxou um pequeno cilindro prateado. Talvez fosse um vibrador bala, foi meu primeiro pensamento, mas então ele tirou a tampa. Batom. Eu não uso muita maquiagem e estou bem satisfeita com o protetor labial, a não ser em ocasiões especiais, quando coloco brilho. Não sou de batom, então fiquei um pouco surpresa.

Ele girou a base e um tom forte de vermelho apareceu. Bem vermelho. Olhei para ele, desconfiada, e ele se agachou na minha frente. Tirou alguns fios de cabelo do meu rosto e beijou minha testa. O toque era doce, macio. E isso fez com que a próxima ação fosse ainda mais surpreendente.

Ele pegou o batom e escreveu alguma coisa na minha testa. Comecei a tremer, meus pensamentos viraram um turbilhão de constrangimento. Podia apostar que escreveu alguma coisa horrível; eu certamente estava ridícula. Fiquei também com bastante medo de ele ter comprado um daqueles batons de longa duração que me deixaria com alguma coisa degradante escrita na testa durante anos. Na minha histeria, comecei a me perguntar se teria de fazer uma franja para ir ao trabalho na segunda-feira.

— Sabe o que escrevi?

Balancei a cabeça, mais para jogar os cabelos no rosto para que ele não visse minha humilhação do que para responder não à pergunta.

— Escrevi “puta”.

Ele se ajoelhou de novo, levantou minha cabeça com um dedo embaixo do meu queixo e tirou os cabelos do meu rosto. Mas o clima mudou. Não senti mais a doçura, apenas uma pontada de humilhação. Queimava, cada vez mais, conforme ele cobria meus lábios com o batom indiscreto. Seus dedos machucavam minhas bochechas enquanto ele fazia vários círculos repetidos. Quando terminou, eu devia estar parecendo uma palhaça. Senti os lábios grudentos e inchados, como se não fossem meus.

Ele veio para trás de mim, mas o alívio de não mais vê-lo não durou nem um segundo antes de suas mãos acariciarem minha cintura, abrindo minha calça e puxando-a até os joelhos, junto com minha calcinha. Mexi as pernas para tentar tirar a calça, mas Adam bateu na minha bunda. A sensação de estar quase nua, exposta daquela forma, me fez sentir mais vulnerável do que se eu estivesse completamente pelada. Foi quando senti cócegas, ele estava escrevendo na minha bunda. Minhas pernas começaram a tremer.

— Caso você esteja se perguntando, escrevi “vadia”. — Senti uma onda de fúria. Ele voltou para a minha frente e, sem nenhum aviso, puxou meus cabelos e enfiou o pau na minha boca, empurrando e puxando tão profundamente que comecei a engasgar, lutando para conseguir respirar. Senti meus dedos se movendo em desespero, imobilizados em seus pequenos buracos tentando se articular e empurrar Adam.

Da mesma maneira repentina, ele se afastou e me deixou olhando para seu pênis, que estava manchado de batom e brilhando com minha saliva. Ele se aproximou. Abri a boca esperando chupá-lo de novo, mas ele apontou para a marca do batom, a cerca de três quartos da base.

— Você tem que melhorar — disse ele e se enfiou em mim de novo.

Entendi o jogo. Tentei abrir mais a boca e chupá-lo mais profundamente, mas em poucos segundos senti um pânico e me engasguei de novo. Meus olhos começaram a ficar cheios de lágrimas. Ele se afastou, deixando uma conexão de saliva da minha boca até a ponta do pau. Fechei os olhos quando vi o filete e gemi baixinho de tanta vergonha. Ele olhou para baixo para ver por que eu estava daquele jeito e, de um jeito casual, chegou mais perto de novo e se limpou na minha bochecha antes de checar novamente onde estava a marca. Fiz questão de manter os olhos fechados, não queria dar a satisfação de deixá-lo ver que a humilhação era tanta que eu já estava quase chorando. Para meu alívio, ele deixou passar. Por enquanto.

— Melhorou, mas ainda não foi tudo. Um último esforço. Vamos lá, linda.

As palavras dele me incentivaram. Respirei fundo um segundo antes de ele se enfiar na minha boca de novo. Suprimi meu reflexo de engasgo, tentando acalmar o pânico crescente por não conseguir respirar e, de alguma maneira, apesar do ângulo estranho e do nervosismo, o pau deslizou pela minha garganta. O gemido dele foi alto e me fez sentir muito orgulho. Fiquei completamente estática, lutando para respirar pelo nariz, que estava esmagado na virilha dele. Consegui por alguns segundos, mas depois voltei a me engasgar e ele se afastou, passando, sem elegância nenhuma, a gosma com saliva no meu rosto todo. Quando chegou perto da minha bochecha, vi a marca de batom até a virilha. Meu espírito competitivo entendeu aquilo como uma vitória, o que era ridículo se pensasse na posição em que eu estava, mas acho que temos de reconhecer nossas vitórias quando elas existem. Tentei imaginar o caos que meu rosto estaria naquele momento.

Ele voltou a se enfiar na minha boca, com força. Pegou um punhado grande de meus cabelos. Empinou minha cabeça para cima o máximo que a berlinda deixava para que pudesse meter e tirar em uma imitação do ritmo que usaria para transar comigo. Em alguns momentos, eu me engasgava, mas na maioria das vezes ele escorregava pela minha garganta. Até que ele se afastou abruptamente e começou a se masturbar muito rápido, bem na frente do meu rosto. Eu o conhecia o suficiente para saber quando um orgasmo estava por vir, e, para minha frustração e irritação, ele gozou com um gemido profundo. Fechei os olhos, mas não pude impedi-lo de melar meu rosto e cabelos.

Quando abri os olhos, ele estava colocando o pau dentro da calça e olhando para mim. Abaixou-se e abriu a berlinda. Eu me levantei lentamente e me alonguei um pouco

para aliviar a dor nos ombros. Estava confusa. Seria o fim por enquanto? Então ele me pegou pelos cabelos, com cuidado para não segurar no esperma, e me empurrou para o corredor, deixando que eu finalmente tirasse o jeans e a calcinha conforme andava. Tirou minha blusa e meu sutiã com destreza, tudo ao mesmo tempo. Senti um pouco do gozo escorrendo pelo meu queixo até os seios. Ele me levou para a gaiola.

Ficamos em pé olhando para ela por alguns instantes. Gaiolas e celas me intrigavam há muito tempo, desde meu fascínio por Marian, prisioneira de Guy de Gisborne e do xerife de Nottingham na batalha incessante para capturar Robin Hood. Contudo, em pé na frente dela, ciente de que Adam estava esperando que eu entrasse de quatro, me senti nervosa. De repente, entrar ali me pareceu dar um passo em direção a um precipício. E por vontade própria. Levantei a cabeça para olhar para ele enquanto observava a gaiola; fiquei me perguntando no que estava pensando. Então o olhar dele encontrou o meu e o momento de pausa passou.

Apertou meus cabelos em direção à gaiola e fez um gesto com a cabeça. Lentamente, voltei a ficar de quatro no chão. Fiz uma pequena pausa para pensar em como entrar e ficar confortável.

Não era uma gaiola grande. Um metro e vinte de altura, no máximo; profundidade e largura um pouco menores. As barras eram grossas e feitas de um aço bem resistente. A separação entre cada uma dava espaço para dois dedos passarem, nada mais.

Ele abriu a porta, jogou a almofada no chão e me empurrou com o pé para dentro. Eu me movi e fiquei virada para entrar de costas. Consegui encará-lo enquanto entrava, tentando, em sinal de recato, não oferecer uma visão direta do quanto fiquei molhada com meu tratamento na berlinda.

Entrei e fiquei de quatro na almofada esperando para ver o que ele faria. A resposta foi “não muito”. Ele fechou e trancou a porta do lado de fora e andou de costas.

— Se precisar de alguma coisa, é só chamar.

Aquilo me deixou meio confusa. Era bem óbvio que o que eu precisava, mais do que tudo, era de uma chance de gozar. Não era disso que ele estava falando? Queria que eu pedisse? Ou queria que eu ficasse quieta e esperasse? Por quanto tempo eu *conseguiria* esperar?

Fiquei ajoelhada por alguns minutos certa de que ele retornaria com algum instrumento de sua bolsa mágica, ou para fazer outra coisa comigo, continuar o jogo. Em vez disso, eu o ouvi indo até a cozinha, o som da geladeira abrindo e fechando, o som da TV sendo ligada. Era claro que estava planejando me deixar ali por algum tempo. Isso me deixou furiosa — a ideia de que me usaria e depois me trancaria até estar pronto para fazer outras perversões comigo, como se eu fosse um brinquedo. No entanto, quanto mais eu pensava nisso, mais molhada ficava, o que me deixou tão confusa quanto excitada. Eu me deitei em posição fetal, olhando para o topo das escadas e também curtindo a paz e a liberdade. Sei que pode parecer loucura, mas tinha alguma coisa muito relaxante e libertadora naquilo. O corredor era quente e eu tinha a almofada para me manter confortável. Fiquei olhando para as barras e mexendo nelas.

Depois de um tempo, fechei os olhos e revivi o que havia acontecido, a sensação de estar na berlinda. Fiquei um pouco encabulada por ter me excitado tanto, mesmo com vergonha e raiva. A adrenalina que veio com a intensidade do tratamento dele, transar com minha boca, a humilhação, tudo começou a se dissipar e me senti sonolenta no calor do corredor. Caí em um cochilo, apreciando o fato de não ter de estar em nenhum outro lugar, não ter mais nada a fazer. Estava literalmente deitada esperando que retornasse para que fizéssemos mais sacanagens. Não era uma experiência que eu gostaria que se tornasse o centro do meu mundo o tempo todo, mas naquele pequeno momento, com certeza havia lugares piores para se estar.

Ele me fez dar um pulo quando abriu a porta. Eu não fazia ideia de quanto tempo estava cochilando, mas não o ouvi retornando para o segundo andar. Ele fez um gesto para que eu saísse, oferecendo o braço para me ajudar a levantar. De maneira solícita, me ajudou a descer as escadas caso minhas pernas estivessem muito duras por estarem dobradas há tanto tempo. Eu o segui, nervosa, me sentindo tímida e consciente de todos os meus movimentos, certa de que havia sêmen seco e batom no meu rosto todo.

Meu coração começou a quicar quando vi a cena. A cruz de Santo André tinha sido trazida para o centro do quarto e havia um chicote ao seu lado. Fiquei surpresa ao vê-lo — quando chegou com duas malas, achei que tivesse trazido outra coisa porque sabia que o chicote não cabia em nenhuma delas. Deve tê-lo escondido em algum lugar do carro e foi buscá-lo depois. Merda.

Dei uma olhada no rosto dele. Não havia humor naquele olhar, apenas um ar sério e averiguador, como se estivesse me medindo para alguma coisa. Pensei rapidamente, preocupada, se ia conseguir dar conta. Há muito tempo não era realmente martirizada. Adam era muito mais chegado à psicologia e humilhação do que à dor. Usou o chicote brevemente certa vez e me surrou algumas vezes, apesar de brincar dizendo que sua mão se cansava antes de eu me sentir desconfortável. Acho que minha reputação de puta da dor ainda permanecia intacta.

Ele me virou de frente para a cruz e usou algemas para me prender pelos punhos e tornozelos, deixando meus braços e pernas arreganhados.

Tentei me preparar para a dor, ciente de que se ele quisesse dar mais do que algumas pancadas autoritárias aquilo ia machucar. Mas ele não estava com pressa. Passou uma das pontas do chicote para cima e para baixo das minhas costas e no meio de minhas pernas. Riu quando eu me encolhi. Deixou o chicote naquele lugar por alguns segundos aterrorizantes. Os músculos das minhas coxas tremiam enquanto eu lutava para fechar as pernas. É claro que não dava. Acreditem: naquele momento, se desse, eu teria fechado. Ele retirou o chicote.

— Você molhou o chicote. Bem, acho que isso responde o quanto você gostou da berlinda e da gaiola.

Fiquei corada. Ele estava certo. Talvez em outro contexto (provavelmente mais tarde, com chá e biscoitos) eu conseguisse admitir o que já sabíamos, que ser tratada daquela forma, machucada, humilhada, trancafiada, estava me deixando incrivelmente

excitada. Conseguiríamos até conversar racionalmente sobre o que foi mais gostoso, mais desafiador. Mas não naquele momento. Naquele momento, escutando sua voz inflexível e imperiosa, eu estava tímida e com uma raiva estranha da alegria dele e do quão molhada estava. Apesar de *estar* excitada, e de nós dois estarmos gostando, senti a necessidade de ser agressiva.

Só que não era eu quem ia mostrar agressividade.

— Você vai contar até um a partir de cinquenta.

O quê? Merda. O terror começou naquele instante. O chicote produzia uma dor intensa — ele só o tinha usado em mim uma vez, e não foram cinquenta chibatadas. Não sabia ao certo como conseguiria. Talvez fosse melhor que as algemas estivessem prendendo meus tornozelos. Senti alguns segundos de otimismo. Talvez ele quisesse que eu contasse a partir do cinquenta antes de começar a me bater, talvez estivesse me confundindo, acumulando o nervosismo...

Veio a primeira batida na minha bunda. Porra. OK. A adrenalina recomeçou. Tudo bem. Vamos lá.

— Cinquenta.

Bateu de novo. E de novo. E de novo. E de novo.

As primeiras dez pancadas arderam um pouco, mas ele estava visivelmente pegando leve. Comecei a achar que talvez conseguisse aguentar, se ele fosse manter a coisa naquele nível.

É claro que não ia. Até eu acho que fui uma idiota de pensar assim, mas sou uma perfeita otimista.

As dez seguintes doeram mesmo.

As cinco próximas me fizeram berrar.

As cinco seguintes me fizeram chorar. As lágrimas correram de um jeito que, percebi depois, fizeram com que meu rosto ficasse ainda mais avacalhado, apesar de não ter consciência disso no momento porque estava me esforçando para dar conta das pancadas.

As vinte finais foram um grande desafio. Ele bateu cada vez mais forte, e o chicote assobiava no ar de uma forma que me enchia de medo. Minhas nádegas e coxas estavam pegando fogo, e quando eu não falava os números rápido o suficiente entre cada choro manso ele me fazia contá-los de novo. E de novo, caso necessário. Quando finalmente terminou, eu devo ter apanhado umas setenta vezes.

No momento em que cheguei no número um, meu corpo tremeu de alívio. Adam rapidamente me libertou da cruz e me ajudou a me sentar de uma maneira que não me apoiasse na pele ardida. Ele se sentou comigo, deitei a cabeça em seu colo e ele fez carinho nos meus cabelos, deixando que a reação percorresse meu corpo como uma tempestade tropical, tanto em intensidade quanto em velocidade.

Ele sussurrou no meu ouvido com voz tranquilizadora enquanto eu recuperava o fôlego. Falou que eu era maravilhosa, que estava satisfeito por eu ter aguentado a surra tão bem, por ele. Que as marcas na minha bunda estavam lindas. Que estava orgulhoso de mim e impressionado pela minha coragem. Suas palavras me aqueceram,

me acalmaram, assim como a endorfina correndo pelo meu corpo e o alívio de não só ter aguentado como de ter me saído bem. Minha respiração ficou mais lenta. Eu me acalmei. No final eu era apenas uma mulher desarrumada com uma linda bunda vermelha e uma boceta incrivelmente molhada.

Ele sorriu para mim.

— Quer gozar agora?

Fiz que sim rapidamente com a cabeça, e senti que estava ficando corada diante da minha sede.

— Sim, por favor.

Gentilmente, ele me ajudou a levantar, me pegou pela mão e me levou de volta para o quarto no andar de cima.

Ele me jogou na cama e me beijou com paixão. Nossas línguas se entrelaçaram, nossas mãos estavam em todo lugar. A dinâmica ficou um pouco mais com cara de brincadeira. Era o Adam que eu via com mais frequência: ainda com momentos perigosos, mas em geral doce, sensual. Amável. Ele se afastou por um momento para sorrir para mim, vi a marca vermelha em torno de seus lábios e me lembrei do batom no meu rosto. O quarto tinha espelhos grandes em todas as paredes e no teto. Dei uma olhada no mais próximo e gemi baixinho quando vi as manchas vermelhas, o gozo endurecido e a leve marca do “puta” refletida ao contrário na minha testa.

Sempre achei que espelhos eram uma coisa muito Mansão Playboy para o meu gosto, mas naquele quarto eles davam uma visão de quase 360° de tudo, o que me agradou, apesar de fazer com que ficasse difícil ignorar as coisas que eu achava desafiadoras (a mancha na minha testa) — até eu começar a ver Adam tirando a roupa no espelho. Estava finalmente se despindo e me dando uma visão livre de seu pau duro, e depois de sua bunda quando se abaixou para pegar um preservativo na bolsa.

Quando por fim tirou a roupa toda, ele me colocou de quatro e me penetrou por trás. Soltei um longo gemido de prazer quando começou a foder com força — depois de tanta provocação e de tantas experiências intensas em um tempo relativamente curto, eu estava mais do que pronta para aquilo.

Ele pegou meus cabelos e começou a usá-los como alavanca, me puxando para trás ao mesmo tempo em que se empurrava para dentro de mim. Seus impulsos me davam um misto paradoxal de dor e prazer. Minha bunda e coxas ainda doíam por causa do chicote, e senti-lo fazendo pressão trouxe novas ondas de dor quente nas marcas, mas isso era compensado pelo prazer de tê-lo dentro de mim. Foi incrível.

Puxou minha cabeça para cima e fez minhas costas se arquearem, fazendo com que eu visse meu próprio rosto no espelho. Fiquei encabulada quando vi a bagunça impudica e desgrenhada em que ele me transformou, chocada pela luxúria nos meus olhos e o sorriso de alegria em meu rosto. Minha expressão me fez vacilar por um momento; eu raramente tinha aquele acesso à minha imagem durante a submissão. Fiquei surpresa com minha expressão de alegria — não havia mau humor — e também pelo fato de parecer mais jovem e livre de alguma maneira.

Fui rapidamente trazida de volta para o que estava acontecendo pela movimentação

atrás de mim. Olhei para Adam, meu carrasco, meu parceiro de crime, o homem que muito calmamente fez tudo o que pôde para realizar várias das minhas fantasias antigas. Fiquei observando-o enquanto transávamos, curtindo a expressão de concentração e desejo em seus olhos conforme entrava e saía de mim.

Depois de algum tempo, ele tirou o pau e me virou de barriga para cima antes de continuar fodendo. O peso dele pressionando minha bunda no lençol e as feridas se esfregando no algodão suave enquanto nos movíamos criaram mais dor, mas eu já não ligava mais — estava concentrada em olhar para o espelho no teto, em observá-lo fazendo força dentro de mim, admirando o momento em que estávamos tão intimamente conectados.

A combinação da dor, do prazer e da sensação de ser uma voyeur enquanto nos assistia no espelho me fizeram chegar tão perto do orgasmo que minhas pernas tremiam no esforço de adiá-lo. Em minha mente de submissa, mais do que nunca, senti que devia pedir para gozar. Pedi, e minha voz soou desesperada até mesmo para mim. Meu alívio quando ele disse “é claro” foi quase uma coisa palpável.

Gozei. Muito forte. Quando parei de tremer, ele saiu de cima de mim e se deitou ao meu lado enquanto eu me recuperava. Fez carinho no meu braço, criando um momento de conexão que me ajudou a voltar à realidade, a voltar para a terra.

Quando minha respiração finalmente se estabilizou, me virei para deitar em seu braço, mas vi o pau duro e coberto de minha secreção.

Sei que ele teve prazer e depois me deixou insatisfeita na gaiola, mas eu realmente era uma pessoa mais legal do que ele e não queria privá-lo. OK, na verdade o pau era uma tentação e eu queria mesmo que ele gozasse na minha boca — não sou tão boazinha assim. Olhei para ele para ter a certeza de que não estava planejando fazer mais nada e que não ia me impedir. Ele sorriu e colocou as mãos atrás da cabeça, uma indicação silenciosa de que não ia me interromper agora. Era minha hora de brincar.

Apesar de saber que Adam gostou do que fizemos naquela tarde, seu esforço para realizar aquilo tudo por mim, sabendo que eu queria experimentar aquelas coisas, preencheu meu coração. Queria fazer alguma coisa por ele, uma coisa da qual eu sabia que ele ia gostar.

Eu me arrastei até a ponta da cama e o tomei na boca, e se antes tentei esconder minha excitação e indignidade quando entrei na gaiola, agora eu a revelei e a mostrei para ele. Eu me posicionei de forma que ele pudesse ver minha bunda vermelha e machucada enquanto eu o chupava; queria que visse não só como eu estava molhada, mas que fazer aquilo por ele me deixava ainda mais excitada.

Naquele momento, os ataques de violência e dureza haviam passado. Ele não fodeu minha boca ou segurou minha cabeça. Ficou deitado me observando intimamente — tenho uma leve suspeita de que olhou para o espelho na nossa frente — enquanto eu o chupava. Eu me entreguei para ele com vontade, chupando o mais profundamente que podia. Consegui, sozinha, fazer com que seu pau escorregasse pela minha garganta, de bom grado em vez de na pressão. Cada vez que fazia isso, sorria para mim mesma com o som de seu gemido. Amava o fato de poder senti-lo pulsando na minha boca.

Finalmente, quando ele gozou, fiz questão de engolir cada gota. Depois, e somente depois, voltei para seus braços, dei um beijinho em seu peito e cochilei.

Quando me mexi de novo, acordada com o movimento de Adam escapando do abraço e saindo da cama, o quarto estava quase escuro. Fiquei deitada sentindo o calor do edredom mais um pouco antes de me levantar para explorar. Eu o encontrei no banheiro com os cabelos molhados. Estava enchendo a banheira para mim. Ele me ajudou a entrar, me beijou com carinho e sorriu quando suspirei de prazer ao sentir a água morna amenizando minhas feridas e dores.

Ele saiu para se vestir e voltou para trazer a nécessaire que tinha meu xampu e sabão líquido, e também o livro de bolso que naqueles dias eu levava comigo para os raros momentos de paz. Ele se ajoelhou ao lado da banheira e me beijou novamente. Disse que ia arrumar o jantar e que eu devia tomar um bom banho antes de me vestir e descer para comer.

Eu estava exausta, em estado de êxtase, e adorando o simples prazer de tomar um banho de banheira depois da intensidade de tudo o que tinha acontecido. Concordei e sorri quando ele se abaixou mais para sussurrar no meu ouvido:

— Acho melhor você tirar essas coisas escritas no rosto e na bunda.

Saiu do banheiro assobiando. Eu teria jogado o livro nele, mas o que me restaria para ler?

Depois de alguns capítulos e de me limpar na espuma daquele tipo de banho tão longo que chega a ser decadente — daqueles que nunca tomamos em casa, a não ser que gastemos toda a água quente disponível —, coloquei a calça e um casaco e fui para o andar de baixo.

— Você sempre chega na hora certa — disse ele na cozinha. — Pode se sentar no sofá. Vou levar a comida.

A lareira estava acesa, as cortinas fechadas e a TV ligada ao fundo. Eu me sentei no sofá de couro preto (acho que era mais fácil de limpar, mas eu não queria pensar nisso naquele momento) e vi Adam entrando na sala com dois pratos. Ele os apresentou com um floreio, e ri quando vi as embalagens de peixe e batatas com creme de ervilhas em embrulhos para viagem. Saiu e voltou novamente, dessa vez trazendo talheres, sal, uma garrafa de champanhe e dois copos. Mexeu no controle da TV e a indicação de DVD apareceu na tela — ri muito quando vi que ele se lembrou de levar a caixa do *The Shield* que estávamos assistindo vagarosamente.

Comemos o peixe e as batatas no embrulho, bebemos champanhe e ficamos juntinhos conversando sobre coisas aleatórias. Foi divertido, doce, simples e, depois da intensidade de tudo o que aconteceu mais cedo, simplesmente perfeito. Antes de dormir, a última coisa em que pensei foi na alegria e na gratidão pela perversidade e pela gentileza de Adam.

Passamos grande parte do resto do fim de semana transando que nem coelhos. Como nevava, definitivamente estava frio demais para trepar lá fora, o que era uma decepção para mim. Mas transamos na banheira cheia (mais difícil do que eu imaginava, e não só por ter de limpar o chão depois) e na frente da lareira (sim, clima meio filme pornô dos

anos 70, mas foi ótimo). Voltamos à berlinda, onde tive um orgasmo intenso, ali presa. Percebemos depois que havia problemas práticos quando há uma mulher de pernas bambas por causa de um orgasmo presa somente pelo pescoço e pelos pulsos — não tão sedutor porque Adam teve de me segurar para que eu não me enforcasse acidentalmente. Brincamos de médico em uma cadeira que vinha completa com estribo e alças reguláveis. Ele me amarrou na cama — e me manteve embaixo dela em uma gaiola que descobrimos na segunda noite (depois ficou com pena e me deixou voltar para debaixo das cobertas para dormir com ele). Amo dormir abraçada com Adam, mas queria ter ficado mais para termos outras experiências. Todas as experiências.

Assistíamos a mais episódios de *The Shield* quando precisávamos de um descanso. Mal acreditei que perdi um programa tão bom e com tantos episódios. Fiz um prato frito. Adam fez *fajitas* com molho caseiro; estava tão bom que quase tive um teco. Bebemos chá. Lemos o jornal. Esses pequenos momentos da vida a dois foram fáceis, confortáveis e maravilhosos. O que me preocupou é que se pareceram muito com o começo de um relacionamento, o que ambos dissemos que não nos interessava. Minha voz interna tentou me alertar, mas eu simplesmente não dava a mínima.

Em um momento distraído no domingo de manhã, toquei no assunto. Eu tinha feito o café da manhã e estava levando-o para a mesa. Adam abriu espaço entre as pilhas de suplementos dos jornais.

— Engraçado, esta é a melhor coisa de estar em um relacionamento, esses momentos preguiçosos com os jornais, ficar confortável sem fazer muita coisa.

Ele levantou a cabeça, estava lendo o suplemento sobre esportes, e de repente percebi meu ato falho. Voltei para a cozinha para pegar os cafés e fiquei desesperada para desfazer o que tinha dito.

— Não que a gente *esteja* em um relacionamento, é claro. Nós concordamos que seria uma coisa casual.

Ele abaixou o jornal, pegou uma das canecas de minha mão e me deu um beijinho suave.

— Isso, nós realmente falamos que seria uma coisa casual.

Pilantra. Coloquei minha caneca na mesa e fui pegar o molho de tomate para ter um segundo para recompor minha expressão antes de voltar à mesa.

Assim que voltei, ele falou.

— Mas não estou sentindo que isso seja casual. Tranquilo, sim. Divertido, definitivamente. Mas acho que já passou do casual, você não acha?

Dei uma olhada cuidadosa nele antes de responder. Tive certeza de que não era uma pergunta capciosa, mas ainda assim fiz uma pequena pausa antes de responder.

— Acho.

Sorriu para mim.

— Podemos concordar então que estamos em um relacionamento de verdade? Que somos parceiros ou namorado e namorada ou o que você quiser chamar?

Fiz que sim com a cabeça.

— OK. Bem, então agora que resolvemos isso, podemos tomar o café? —

perguntou ele. Não parecia estar surpreso pela lunática sorrindo para ele com o tubo de ketchup na mão.

Fiz que sim de novo.

— Então vamos lá, pode tomar seu café.

Foi o que fiz. Afinal de contas, tinha de manter minha força para o resto do fim de semana.

Capítulo seis

Pois é, estávamos oficialmente namorando. Digo “oficialmente”, mas não que eu tivesse feito um memorando ou que isso tivesse mudado muita coisa. Passávamos mais fins de semana juntos, quando os círculos familiares e de trabalho permitiam, mas fora isso continuamos nos vendo, transando até o outro ficar quase inconsciente sempre que tínhamos tempo e privacidade, mandando e-mails e mensagens sobre política e TV e conversando relaxadamente sobre nossas vidas durante o dia.

Não havia drama ou estresse, não me preocupava se Adam ia ficar ligando, ou se dizia o contrário do que queria, porque ele era tão direto que tirava a mesma honestidade de mim. Conversávamos sobre qualquer coisa e sobre todas as coisas: família, problemas no trabalho (incluindo uma época muito difícil em que, como tem acontecido no jornalismo nos últimos anos, corri o risco de ser demitida por redução de quadro), como gostaríamos de viver. Nossas conversas sobre sexo ficaram mais francas do que nunca. Eu sei, que medo! Não sou uma pessoa comedida com esse tipo de coisa.

No entanto, era libertador ter um namorado (chamá-lo assim me parecia coisa de adolescente, mas “parceiro” era meio hippie) que não só tinha uma mente bem aberta em relação à minha sexualidade, mas que também gostava dela. Amava me escutar falando sobre o que me excitava, as coisas em que pensava quando eu me masturbava na cama à noite. Contava tudo para ele. O que me deixava constrangida. As coisas que me deixavam excitada. As fantasias que eram tão obscuras que eu provavelmente nunca realizaria na vida real, mas que poderíamos sussurrar um para o outro sob a proteção da noite. O que nos dava segurança era não apenas saber que não haveria julgamentos, mas que o outro sentiria tesão com essas fantasias. Depois de passar tanto tempo me perguntando se acharia um homem que não surtaria com minha sexualidade, que para muitos era obscura (se bem que ainda acho que sou bem tranquila na escala da putaria, a questão é que poucos de nós falam sobre isso abertamente), era maravilhoso poder curtir esse lado das coisas com Adam. E depois assistir ao DVD de *Homeland* juntos, fazer panquecas com formatos engraçados e jogar Scrabble até de manhã.

Estabelecemos uma rotina, e era maravilhosa. E então certo dia, um pouco antes do feriado da Páscoa, recebi uma ligação de minha mãe. Estava chorando. Mamãe nunca chora na vida real. Com propagandas ou com aqueles filmes horrorosos de pais alcoólatras ou de crianças morrendo de câncer, sim, mas na vida real é uma das mulheres mais fortes e mais capazes que conheço.

Ela tinha caído enquanto tirava as folhas das canaletas do telhado e quebrou o joelho. Eles a estavam levando para uma cirurgia de emergência, mas ela não sabia o que aconteceria depois.

Normalmente, isso estaria resolvido facilmente. Meus pais estão casados há quase quarenta anos e são muito dedicados um ao outro. Contudo, naquela manhã, papai tinha viajado para Hong Kong para uma semana de viagem de negócios. Levou meses para organizá-la. Normalmente, meu irmão estaria presente para ajudar — ainda mais

porque vive mais perto —, mas estava nos Estados Unidos a trabalho durante um mês, dando o máximo de si para obter uma promoção. Minha mãe, que nunca incomodava ninguém, ficou insegura em pedir que um deles mudasse de planos.

Sou muito próxima à minha família. Não houve discussão sobre o que faria. Felizmente, eu já havia marcado algumas folgas perto do fim de semana prolongado, e tinha direito a várias horas (e um chefe gentil o suficiente). Com uma arrumação aqui e outra ali, consegui nove dias seguidos para voltar à casa de meus pais. Fui rapidamente em casa para pegar algumas roupas, coisas de banho e meu laptop, e ainda deu tempo de ligar para meu pai e meu irmão e avisar que mamãe estava bem e que eu estava a caminho do hospital para encontrá-la quando saísse da cirurgia. Liguei para Adam também para avisar que nossos planos obscenos para o fim de semana teriam de esperar. E fui embora.

É claro que em se tratando de operações espera-se muito. Entrei na recepção do hospital toda esbaforida, mas descobri que mamãe não ia sair da cirurgia em menos de duas horas. Eu me sentei na sala de espera e atendi a várias ligações preocupadas. Estava cada vez mais nervosa até que, finalmente, alguém veio para dizer que ela tinha saído. Eu devia estar com a cara de quem vai surtar a qualquer momento, porque me falaram que, assim que o efeito dos anestésicos passassem e ela subisse para o quarto onde passaria a noite, eles me deixariam vê-la, apesar de a hora de visita já ter acabado.

Vê-la foi um alívio e uma bênção. De repente percebi, daquela maneira que só nos damos conta quando uma coisa dessas acontece, que apesar de me sentir tão imatura que nem conseguia decidir o que comer no jantar algumas vezes, tanto meus pais quanto eu estávamos envelhecendo, e haveria um tempo em que eles não estariam mais ali. Segurei sua mão e ela sorriu para mim, sonolenta, pálida e fraca, mas com brilho suficiente nos olhos para abrandar meus medos. Dei um beijo suave nela e fui para a casa de meus pais dormir. Tinha de ligar para pessoas da família e amigos com atualizações sobre o estado dela (foi a primeira vez que quis que mamãe tivesse Facebook, só para facilitar as coisas). Fiz uma mala para ela para a manhã seguinte e comecei a adaptar as coisas para que tivesse conforto quando voltasse.

Ela voltou mais cedo do que eu esperava. Acho que cedo demais, apesar de não poder reclamar da qualidade do tratamento que recebeu no hospital; só acho que pareciam querer tirá-la da cama logo para colocar outra pessoa. Dois dias depois da cirurgia, eu a estava ajudando, muito lentamente, a entrar no meu carro com as muletas. Eu a levei para casa com cuidado, xingando cada buraco que fazia o carro se mexer de maneira que ela batia o joelho e se contorcia de dor. Ela sentia muita dor, tomava cinco tipos de remédios em quatro lotes durante o dia. Andar causava dor, sentar causava dor, ela não conseguia deitar ou sair da cama sem ajuda. Variava de irritada por precisar de ajuda a tão grata que quase chorava, pois sabia que não conseguiria fazer nada sem mim.

Nos primeiros dias depois da operação, fomos o centro do mundo uma da outra. Eu dormia perto dela para ajudá-la a se levantar e chegar ao banheiro se precisasse ir no

meio da noite. Eu acordava quando ela acordava, dormia quando ela dormia (bem, não dormia — estava tendo dificuldade), fazia toda a comida, ajudava com os remédios, conversava sobre suas variações de humor, secava suas lágrimas, dava-lhe conforto quanto ela sentia que algo tinha dado errado. Era muita coisa e muito cansaço, e não estou mencionando isso como uma reclamação. O que essa semana me ensinou foi que, mesmo com alguém que amo, não sou uma enfermeira por natureza. Sou muito impaciente e me frustro com facilidade. Além disso, a falta de sono me deixa louca.

Não havia tempo para diversão e frivolidade. Até minha obsessão pelos assuntos da atualidade diminuiu; eu lia o jornal às dez da noite, quando lia. Falei com Adam brevemente ao telefone em cerca de duas noites, mas me peguei toda chorosa contando sobre as dificuldades de ajudar mamãe para ir ao banheiro e voltar, e para manter os remédios em dia. Contei com tanto detalhe que achei melhor não ficar resmungando sobre essas coisas com ele novamente, até porque ele estava trabalhando, curtindo os fins de semana e, em geral, levando a vida normalmente. Além disso, sendo honesta, fiquei assustada com o fato de sentir que tudo ficava melhor quando ouvia a voz dele. Não se tratava de uma situação na qual eu devia contar com ele. Eu tinha de conseguir fazer aquilo sozinha. Bem, pelo menos era a minha lógica.

Minha lógica não prestava.

Com o passar dos dias, as coisas ficaram mais fáceis. Minha mãe começou a melhorar. Ficava em pé com mais segurança. Subia e descia as escadas com as muletas mais depressa. Conforme foi se curando, a dor foi diminuindo, o que fez com que voltasse a ser como era antes. Voltou a ter apetite, e eu me senti menos como uma competidora no *Masterchef*, daquelas que se esforçam muito e depois têm suas criações culinárias dispensadas depois de duas garfadas. Meu pai voltou para casa, e a expressão de alegria e alívio no rosto de mamãe foi óbvia.

Quando fiz minha mala e voltei para casa, pronta para retomar o trabalho, estava exausta. O estresse não tinha passado e me senti mal pela minha pobre mãe. Quando entrei em casa e vi uma louça de nove dias na pia e roupas de trabalho esperando para serem lavadas, meu coração pesou. Eu me forcei a fazer tudo e fui dormir à uma da manhã, na véspera de um expediente que começava às sete, e me xinguei por ser uma idiota desorganizada.

É claro que as coisas ficaram mais fáceis. Nunca tive um feriado em que sentisse que voltar ao trabalho seria um alívio, mas nesse caso foi assim. Quando retomei a rotina, o estresse quase passou. Mas houve uma coisa estranha que aconteceu no caminho, e não consegui determinar como ou quando ou por quê, mas estava começando a me preocupar.

Sou uma pessoa bastante sexual. Este livro é um bom sinal disso, mesmo com o aviso de que é um livro em grande parte sobre minha vida sexual, e não sobre as outras coisas que faço (poderia escrever um livro sobre meu amor por beber chá, fazer Sudoku e assistir reprises de *The Big Bang Theory*, mas não acho que exerceria a mesma atração). Desde que comecei a sair com Adam, conseguíamos fazer sexo cerca de duas vezes ao dia quando estávamos juntos, até mais. No entanto, mesmo

que estivesse namorando o único homem que conheci que conseguia seguir o meu ritmo nesse aspecto, eu tinha uma rotina. Toda noite, eu tinha um orgasmo na cama antes de dormir. Podem ficar com leite quente, contar ovelhas ou o que quer que façam, um orgasmo é de longe a maneira mais eficiente de me fazer dormir.

Contudo, não gozava há algum tempo. Eu contei. Nove dias. No começo, foi porque estava dormindo na cama com minha mãe e, bem, isso seria bastante bizarro. Mas mesmo quando ela melhorou e pude ir para o quarto no final do corredor, o quarto de minha infância, não acontecia. Eu ia dormir exausta, meu sono era intermitente, mas mesmo quando tentava... nada.

Achei que fosse por causa do estresse e da tensão e tentei não me preocupar com isso, porém quando voltei para casa e já havia trabalhado há uns dois dias, tentei todos os truques (banhos quentes, livros de sacanagem no Kindle, e-mails safadinhos com Adam) e nada dava certo. Era tudo muito divertido, mas não havia o alívio. Eu já tocava meu corpo daquela maneira toda noite (menos quando dividia quarto ou em outras circunstâncias inapropriadas/inconvenientes) literalmente desde que já era grande o suficiente para saber o que era um orgasmo, mas de repente foi como se meu corpo fosse um estranho. Nada funcionava.

Nove dias viraram dez. Onze. No décimo segundo dia eu estava começando a entrar em pânico. Não era do meu feitio. Não só eu estava irritada no trabalho e sem dormir, porque levava séculos para cair no sono, mas estava genuinamente preocupada. Apesar de conhecer Adam bem o suficiente para saber que nosso relacionamento não se resumia ao sexo, esse componente era uma base importante. O que acontece quando você tem uma namorada que não consegue ter um orgasmo?

Eu já ia descobrir.

Falei sobre isso com ele ao telefone. Ele ligou certo dia para saber como eu estava. Era incomum, porque geralmente conversávamos via mensagem, e-mail ou Messenger, fora nossas conversas ao vivo nos fins de semana e nas noites de dia de semana quando estávamos juntos (se bem que a semana louca no trabalho dele fez com que as visitas de dia de semana parassem por um tempo). Fiquei tão feliz em ouvir sua voz, mas devo admitir que fiquei com medo também — COMO dizer para seu namorado que você passou de uma escritora de pornografias, cheia de tesão e obcecada por sexo pervertido, para uma pessoa que não teve um orgasmo nos últimos quinze dias? E dá para fazer isso sem chorar? No meu caso, não. Foi a primeira vez que chorei na frente dele, me senti uma imbecil melodramática. E ele foi superfofo com a situação toda, o que me deixou ainda mais chorosa.

Ele me falou para parar de tentar, para parar de me preocupar e ir na casa dele no fim de semana, que já era na noite seguinte. O colega ia ficar fora até o final do domingo, porque ia em uma despedida de solteiro, então o apartamento era nosso. Ele cuidaria de mim um pouco, eu poderia recuperar o sono perdido, relaxar e tentar retomar o equilíbrio.

Francamente, não estava convencida de que daria certo, mas, prestes a me sentar em uma máquina de secar roupas para tentar ter um orgasmo, não tinha mais ideias.

Cheguei na casa dele afobada e, honestamente, já meio de mau humor. Tive muito trabalho e o dia foi cheio de pequenas chatices. Passei grande parte da tarde discutindo uma reclamação feita pelo sujeito de um artigo que escrevi, que recebeu muitas respostas dos leitores. Eu podia provar que ele falou o que falou e que eu não tinha deturpado suas palavras, mas o esforço de procurar a gravação, mostrá-la para meu editor e editor-executivo, e depois formular uma resposta para a reclamação fez com que precisasse muito de um vinho tinto quando fui embora. De preferência sozinha no meu apartamento porque, depois de três semanas sem ver Adam, queria ser sociável, amigável e divertida quando ele me visse de novo, e não uma idiota.

Não sei se demonstrei alguma dessas características, mas ele me deu uma grande taça de vinho. Quando abriu a porta e eu o vi, tive um surto de frio na barriga. Não era apenas o desejo de sempre; era afeição também. Eu me joguei nele e o apertei quando me abraçou com força, e me inclinei com vontade no beijo de boas-vindas, abrindo minha boca para convidar sua língua a entrar mais.

Ele me deu bastante atenção. Fez um prato especial de salsichas com mostarda, o tipo de jantar reconfortante que era perfeito para uma noite fria de sexta-feira, principalmente quando a companhia é boa. Manteve a conversa em tom brando, e deu para perceber que estava focado em me fazer rir. Ofereceu musse de chocolate (seria falta de educação recusar) e uma taça de vinho do Porto, e nos arrumamos para assistir a um filme em DVD. Levamos as taças para o sofá. Conforme os minutos foram passando, comecei a me sentir cansada e descansei a cabeça no peito dele. Ele me abraçou e senti que estava tudo perfeito. Fofo, na verdade.

Quando o filme terminou, ele me pegou pela mão e me levou para o quarto. Eu estava me sentindo nervosa, mas não daquela forma D/s de sempre. Acho que foi mais uma ansiedade quanto à minha performance. Estava dividida. Era Adam, o Adam fofo, sexy e maravilhoso que eu não via há séculos. Queria pular nele, mas ao mesmo tempo estava muito preocupada, sem saber se conseguiria dizer que precisava dormir ou fingir estar cansada para evitar uma possível estranheza por causa do que poderia acontecer.

Ele me abraçou e voltou a me beijar. Toques macios e lentos dos lábios para começar, evoluindo para um beijo apaixonado, sua língua invadindo minha boca, mãos acariciando minhas costas.

Ele interrompeu o beijo para tirar minha blusa e me puxou para voltar ao beijo, como se não quisesse parar até que fosse necessário, ou como se estivesse preocupado em não quebrar o encanto. Nunca beijei alguém tanto quanto beijei Adam, e era maravilhoso, romântico, carinhoso. Nossas bocas ficaram coladas enquanto ele abriu meu sutiã. Quando suas mãos foram para minha cintura, copieei seus movimentos, e, ainda beijando, abrimos a calça um do outro.

Interrompeu o beijo mais uma vez para tirar o sutiã pelos meus braços e para tirar a própria camisa. Eu não conseguia parar de sorrir para ele com a visão de seu corpo nu, e a última coisa que vi antes de voltarmos a nos beijar foi o sorriso dele refletido no meu.

Ele me fez andar de costas até que a parte de trás de minhas pernas encontrasse a cama, depois fez uma pequena pressão nos meus ombros para que eu primeiro me sentasse e depois deitasse. Fui para trás e ele me seguiu. A ponta de seu pênis ficou passando na minha coxa, o que me fez sentir arrepios.

Quando o beijo finalmente acabou, beijou minha bochecha e tomou minha orelha entre os dentes, mordendo com carinho antes de descer. Beijou meu pescoço e peito, reencontrando-se com meus seios, acariciando-os, lambendo e sugando meus mamilos suavemente.

Continuou até minha barriga, não perdeu nenhum centímetro de pele. Abri as pernas em um convite lascivo, mas ele começou a beijar a parte interna da minha coxa. Gemi de prazer, mas também de frustração. Sabia que estava molhada (era um bom começo, certo?) e queria que ele me provasse.

Beijou até meu joelho e depois mudou de perna, subindo com beijos. Quando chegou perto de onde eu estava tão desesperada por ele, preendi a respiração. Senti seu hálito quente na minha umidade e isso me fez sentir calafrios. Tremia de ansiedade e então, finalmente, senti sua língua em mim. Uma lambida da base da vagina até o clitóris. Quase berrei de alegria e alívio.

Ele não tinha pressa, lambia com a língua toda repetidas vezes antes de usar a ponta para mover os lábios para cima e para baixo. Então, ele me fodeu com a boca. Meus olhos se fecharam e minha cabeça foi para trás à medida que ele se enfiava em mim, língua entrando o máximo que podia, rosto coberto de secreção contra meu corpo.

Movia a língua, e seus beijos íntimos eram um eco dos beijos apaixonados que deixaram minha boca inchada minutos antes. Eu me senti sensual, incrível e chocada ao perceber o quanto me afetou. Eu estava incrivelmente molhada, dava para ouvir. A ideia podia ter me feito corar mais cedo naquela noite, mas tentei não pensar nisso, tentei me deitar e me perder nos sentimentos maravilhosos que ele estava invocando.

Não sei por quanto tempo me lambeu, só sei que foi por um bom tempo, mas ainda não era o suficiente. Ele moveu a boca e começou a lamber meu clitóris. Lambeu e chupou, mais forte e mais rápido. Eu me senti cada vez mais perto do orgasmo, mas assim que esse pensamento entrou em minha cabeça, a sensação se dissipou. De repente, pensamentos nada relacionados ao sexo entraram em minha mente. Todas as coisas estressantes nas quais eu vinha pensando estavam lá, minha preocupação se aquilo ia dar certo, o cansaço extremo. Eu sabia que não ia conseguir gozar naquele momento, e não fazia ideia do motivo ou de como fazer com que isso passasse. E sabia que ele ficaria decepcionado, era outra coisa que eu odiava porque ele foi tão fofo e fez tudo que pôde para que a noite fosse especial, e ainda assim não era o suficiente. Quis chorar.

Eu me afastei dele e, pela primeira vez na vida, não era de brincadeira ou provocação, era real. Simplesmente não dava. Um tanto ocupado e, portanto, sem perceber a minha mudança de estado de espírito, Adam tentou me seguir com a boca. Tive de empurrá-lo pelos ombros e pedir que parasse. Ele olhou para mim, confuso.

— Desculpa, não dá. Não que não queira. Meu Deus, eu realmente, realmente quero, mas não consigo. — Minha voz estava trêmula e os olhos cheios de lágrimas. Era ridículo estar tão chateada, mas eu estava cansada, exausta, frustrada e genuinamente preocupada pelo fato de, pela primeira vez na vida, ser completamente incapaz de controlar minhas emoções ou meu corpo.

Ele parou e pareceu pensar em alguma coisa enquanto olhava para mim. Depois, seu rosto mudou. Não estava mais repleto de surpresa e preocupação. Ficou impávido e feroz de repente. Eu conhecia aquele olhar. Mas o quê...

Em um segundo, pegou meus cabelos e deu um tapa na minha cara. Levei um solavanco. O primeiro tapa é geralmente o que me faz afundar. Tem alguma coisa primitiva nele. Alguma coisa não só fisicamente estridente, mas também degradante, aviltante. Nos segundos imediatamente após o som estalado no quarto, o silêncio — ou era o zumbido em meu ouvido? — foi ensurdecador, apesar de estar tudo quieto. Ficamos nos olhando, nos medindo. Minha mente ainda estava focada nas preocupações, mas esses pensamentos começaram a sumir quando senti a onda de adrenalina que sempre sentia quando começávamos aquela dança.

— Não é você quem decide se goza ou não — chiou ele.

Olhei com raiva.

— Sério, você acha que *este* é o momento certo pra você virar um mega Dom? Depois da...

Ele me calou com um beijo, mas o que antes foi sensual e apaixonado, agora foi forçado, uma invasão. Sua língua penetrou minha boca com força, senti meu gosto nele. Foi constrangedor. Senti minhas bochechas quentes.

À medida que invadia minha boca, forçou uma das mãos entre minhas pernas. Tentei fechar as coxas, prendendo a mão entre elas. Ele soltou um uivo de irritação e desconforto. Parou o beijo e deu outro tapa na minha cara.

— Não ouse, caralho. Abra as pernas ou juro que vai se arrepender.

A expressão dele chegou a me assustar um pouco, não porque achei que realmente me machucaria, eu confiava nele completamente, mas porque ele pareceu estar genuinamente irritado. Certamente pela primeira vez em nosso relacionamento, mantive as pernas fechadas com convicção. Olhou para mim por um bom tempo.

— Ou você usa a palavra de segurança ou faz o que mando, mas pare de me fazer perder tempo, porra.

Eu odiava a possibilidade de decepcioná-lo. Não queria usar a palavra de segurança. Relutante, abri as pernas para ele, que começou a me esfregar com força.

Ele se deitou comigo e me virou de lado, em uma posição que poderia parecer inocente e íntima, a não ser pelo antebraço que pressionou contra minha garganta e a artilharia de putarias e insultos que começou a sussurrar em meu ouvido. Pelo visto, o momento dos beijos amorosos havia passado.

Disse coisas humilhantes e degradantes, coisas que ele sabia que me deixavam excitada, disse que ele falaria quando posso ou não gozar, que eu não tinha porra nenhuma que escolher. Então vieram as palavras que me encheram de terror.

— Vou fazer uma contagem regressiva começando no cinco, e quando terminar é melhor você gozar.

Eu não estava mais pensando em nada, só estava focada nas imagens tecidas pelas palavras dele, na mão entre minhas pernas, nos números soando em meus ouvidos enquanto contava. Por um instante curto, tudo que estava atormentado meu cérebro foi silenciado. Só havia eu, ele, isso. Fiquei consumida.

Assim que ele disse “um”, aconteceu. Eu honestamente não estava esperando. Estava começando a me preocupar com a punição por não ter o orgasmo, tentando me preparar, quando me atingiu como um martelo. Abri a boca para berrar, mas nenhum som saiu. Fiquei tesa por alguns segundos e depois comecei a tremer. O alívio foi incrível. Eu me perguntei, de maneira fugaz, se não teria estourado um vaso sanguíneo.

Não sei se caí no sono ou se simplesmente não conseguia me concentrar e escutar, mas a coisa seguinte que percebi conscientemente foi a voz de Adam no meu ouvido. Dessa vez, estava doce e reconfortante, perguntando se eu estava bem, dizendo que eu era maravilhosa. Sua mão agora acariciava minha coxa, para cima e para baixo, e o braço que estava no meu pescoço acariciava meu seio levemente.

Eu me virei e enterrei o rosto em seu peito, não consegui olhar para ele durante algum tempo. Fiquei um pouco estupefata com aquilo tudo, a pressão, o alívio. Agradei, rosto abafado em seu peito, tentando esconder o fato de eu estar chorando levemente de tanto alívio.

Ele riu devagar.

— Ah, linda, você não tem que me agradecer por nada. — Puxou as cobertas por cima de nós e beijou o topo da minha cabeça, apertando o abraço. O calor dele me deu conforto. Pela primeira vez em quase quinze dias, eu me senti feliz e estranhamente em paz. E bastante exausta também.

Quando acordei, o quarto ainda estava aceso — ele deve ter dormido quando eu dormi, e não tentou se afastar para desligar as luzes. Não dava para saber por quanto tempo eu tinha cochilado, mas sei que foi por algum tempo. Tirei meu peso de cima do braço dele, que provavelmente cairia em breve se não tivesse circulação.

Fiquei olhando para ele enquanto dormia. Parecia mais jovem sem os óculos, inocente de um jeito estranho, definitivamente não era o homem complexo e ocasionalmente rígido que eu conhecia. Nunca havia notado como seus cílios eram longos. Isso me fez sorrir. Ele me fazia sorrir. No entanto, me senti um pouco culpada — ele sabia como me ajudar a gozar quando eu não fazia ideia de como isso aconteceria, e meu agradecimento foi dormir em cima dele sem nenhuma tentativa de reciprocidade. Achei que era hora de retomar o equilíbrio. Tínhamos de recuperar o tempo perdido, e, sinceramente, qualquer preocupação remanescente sobre minha habilidade de ter um orgasmo não seria um problema para o que eu tinha em mente.

Saí da cama com cuidado. Parei na altura da cintura dele e beijei acima da virilha e depois dos lados. Ele não se mexeu. Eu me ajeitei até ficar confortável sobre os cotovelos e joelhos e peguei seu pênis macio entre os lábios, usando a língua na parte de baixo. O pau começou a crescer em minha boca e Adam começou a se mover,

gemendo quieto enquanto dormia. Movi minha boca para cima e para baixo, passando a língua na ponta, fazendo um carinho calmo no saco com os dedos.

Ele tocou minha coxa, o que me deu um susto. Com ele ainda na boca, eu me virei para olhar para ele, que estava sorrindo com sono. Sorri também da maneira que pude com a boca cheia.

Seus dedos começaram a brincar no meio das minhas pernas, entrando em mim quando o chupei até a garganta. Eu me engasguei, o que me fez pressionar seus dedos, uma reação em cadeia que me confundia. Comecei a mover a boca mais rápido.

— Espere — disse ele com voz rouca.

Levantei a cabeça, confusa e, vou ser sincera, meio relutante. Eu estava me divertindo.

— Assim não. Quero foder.

Ah. OK. Sorri de novo.

Eu me sentei em cima dele e me inclinei para beijá-lo conforme nossos quadris se moviam em um mesmo ritmo. Ele interrompeu o beijo de repente e mandou que eu me sentasse. Não era novidade, ele adorava ficar me olhando, brincar com meus seios e observar enquanto eu me esfregava nele.

Quando me sentei e me inclinei um pouco para trás, ele esticou a mão e colocou um dedo entre nossos corpos, massageando meu clitóris com calma. Gemi e comecei a mexer os quadris com um pouco mais de urgência.

Então ele retirou a mão e agarrou meu punho. Não foi com força, mas com firmeza. Moveu minha mão até onde a dele havia estado. Queria que eu brincasse comigo mesma enquanto observava.

Eu havia feito algumas coisas constrangedoras para ele e nele, mas a intimidade daquilo, de tê-lo observando meu rosto tão de perto enquanto eu me tocava, me fez sentir meio relutante. Mas seu olhar era implacável, quadril estável enquanto eu tomava minha decisão.

Fiquei meio insegura, mas sabendo o quanto ele gostava de me ver daquela forma fez com que a estranheza inicial valesse a pena e, convenhamos, quando você está fazendo uma coisa tão fundamentalmente divertida, no final das contas não é tão difícil assim. Fora que pelo que havia acontecido mais cedo, teria sido meio grosseiro negar o pedido.

Comecei a massagear meu clitóris. Ele tirou a mão. Ainda não estava movendo o quadril, mas estava bem dentro de mim e a sensação era incrível. Fechei os olhos e me concentrei em como aquilo era maravilhoso, em vez de me concentrar na vergonha de me masturbar enquanto ele assistia.

Então ele começou a falar comigo. Sussurrou coisas sujas. Não coisas humilhantes e depravadas, como antes, mas as fantasias que compartilhamos, as coisas que ele sabia que me excitavam. Eu me esfreguei com mais força e senti outro orgasmo crescendo em mim.

Eu me forcei a abrir os olhos e encará-lo.

— Vou gozar — falei, meio surpresa, meio pedindo permissão.

Ele sorriu e fez que sim com a cabeça quando de repente começou a mover a pelve para cima e para baixo, me comendo com força. Eu o vi tendo um orgasmo, eu o senti pulsando dentro de mim. A sensação me tirou do sério. Minhas coxas o pressionaram e berrei de novo.

Depois que nossas respirações se apaziguaram, eu me abaixei e dei um beijo nele. Ele colocou os braços em torno do meu pescoço e ficamos deitados assim por um tempo. Nenhum dos dois queria se separar ainda. E naquele momento, me dei conta do que ele tinha acabado de fazer. Eu tinha me esforçado para provocar um orgasmo em mim mesma, estava preocupada com isso. Apesar de ter me feito gozar com elementos D/s, ele quis me mostrar que eu ainda podia fazer tudo sozinha. Dei um beijo no peito dele. Meu homem complexo, inteligente, doce.

Na manhã seguinte, depois do melhor sono que tive em semanas, fiquei deitada ouvindo a respiração mansa dele e refleti um pouco sobre tudo. Por que não usei minha palavra de segurança? Naquele momento, foi um misto de não querer dar fim ao que estava acontecendo, não querer decepcioná-lo, e uma curiosidade em relação ao que aconteceria depois. Eu confiava nele indubitavelmente, estava intrigada (e admito que meio desesperada naquela altura) para ver o que ele ia experimentar. O fato de eu ter respondido ao sexo D/s naquela situação, quando nada mais funcionava, me surpreendeu. Teria me preocupado, porém logo provamos que eu não havia chegado a um tipo de nível em que o único sexo ao qual respondia tinha um quê de D/s — o que realmente era bom porque eu não queria que Adam desenvolvesse uma LER relacionada ao açoitamento, ou problemas desse tipo.

A outra coisa que notei foi que Adam me conhecia muito bem, entendia meu caráter e personalidade de maneira que eu não percebia até então. Em grande parte, ele era um dominante muito desafiador, certamente porque conseguia arriscar um palpite bem certo sobre como eu reagiria, a qualquer momento — o que eu acharia difícil ou irritante, o que seria mais fácil. Mas eu não sabia mesmo que ele era capaz de canalizar esse conhecimento de maneira que contribuísse tanto para o meu bem-estar.

Desde esse episódio, já estive em outras ocasiões em que fiquei estressada com a vida e achei o sexo difícil. Na nossa dinâmica, se eu não estou no clima de fazer sexo por qualquer motivo, não é sempre que Adam toma uma expressão severa e dominadora e impõe suas vontades sobre mim de qualquer maneira. Não se enganem, não se tratou disso, não se trata disso nessas ocasiões. Há momentos em que um dos dois está doente ou estressado ou algo do tipo, quando as coisas param por um tempo. Mas há outros momentos em que o mundo me oprime, quando as minhas preocupações, quaisquer que sejam, não se esvaem com facilidade, e isso atrapalha um pouco o meu encanto. Nessas ocasiões, o D/s — catártico, amável e geralmente perverso — consegue abrir espaço e limpar meu cérebro. Por alguns momentos, não me preocupo, não penso na lista de coisas que tenho de fazer, não priorizo o que tem de acontecer mais tarde, apenas reajo. Tolero. *Aproveito*. E é bom demais.

Capítulo sete

Meus sentimentos por Adam foram se aprofundando de maneira gradual. Sei que há momentos em que sou um tanto distraída com coisas emocionais, mas mesmo assim não estava esperando que fosse Charlotte a pessoa que me ajudaria a perceber a mudança.

Ela e eu nos encontramos para almoçar perto do meu escritório. Estava trabalhando nas redondezas por algumas semanas, e foi uma boa oportunidade para botarmos o papo em dia, mesmo sabendo que eu teria de ouvir vários “eu falei” sobre o quanto Adam era maravilhoso.

Eu ainda estava lidando com o fato de Adam e Charlotte terem dormido juntos. Sabia que isso não devia me incomodar, sabia que era coisa do passado, sabia até que ele não queria sair com ela de novo e que Charlotte estava feliz com Tom. Mas, de alguma maneira, era estranho. Não conseguia entender por quê. Quando ela e Tom começaram a ficar eu não me incomodei. Qual era a diferença agora?

Eu sei; até mesmo para mim, era um nível novo de ausência de memória.

Nossos sanduíches e cafés tinham acabado de chegar quando Charlotte mencionou Adam e eu estarmos juntos e perguntou como estava indo. Contornei a conversa da maneira mais delicada que pude.

— Está indo muito bem. Estamos nos divertindo muito.

Charlotte arregalou os olhos e mexeu as sobrancelhas. Não tive como não sorrir.

— Estamos nos divertindo muito mesmo — concedi.

Ela riu.

— Eu sabia que vocês dois iam se dar bem. Vocês têm mentalidades muito similares sobre as coisas, e é óbvio que funcionam bem em termos D/s. — Foi minha vez de erguer a sobrancelha: não era um rumo que eu me sentia confortável em tomar na conversa. — E são bem tranquilos com a maioria das coisas, mesmo sendo perversos.

Fiz que sim (afinal de contas, estava certa), se bem que foi mais difícil manter o sorriso. Tentei silenciar essa sensação estranha. Era irritação? Não queria dizer que era ciúmes porque, racionalmente, eu sabia que não tinha do que sentir ciúmes. Acho que era mais porque eu ainda estava descobrindo coisas sobre Adam — a maneira como reagia, o que gostava (não só as perversões; ele mencionou por alto que amava um molho específico enquanto almoçávamos cerca de uma semana antes, então comprei o molho para deixar na minha cozinha). Senti pontadas de dor quando percebi que talvez Charlotte soubesse algumas dessas coisas, ou todas. Merda. Parecia ciúmes mesmo.

Mordi o sanduíche para tentar esconder minha reação. Sabia que era besteira. Tinha apenas de gerenciar aquilo — sem querer soar como se eu fosse uma *coaching*.

Não estava prestando atenção no que Charlotte dizia enquanto meu monólogo interno entrava em parafuso, mas meu cérebro logo se ligou quando a frase dela veio seguida de um silêncio, como se esperasse por uma resposta.

— Então, você gostaria de ir? Não precisa se vestir com roupa formal, mas

precisaria usar algum traje de fetiche.

Não fazia ideia do que ela estava falando, mas sabia que qualquer coisa que pedisse código de vestimenta não fazia o meu tipo. Não me importo com trajes de fetiche. Acho que alguns são sensuais, mas não sou o tipo de pessoa que se sente confortável vestindo esses trajes por aí.

Estava esperando pela minha resposta. Droga. Tentei disfarçar.

— Onde é mesmo? — Fiz uma pausa. Até eu percebi o quanto foi capenga. — E, hum, quando é?

Charlotte suspirou.

— Sem ser nesse fim de semana, no outro, em uma casa noturna no centro.

Eu me senti um tanto aliviada. Mentia muito mal. Mal mesmo. Até mesmo as coisas simples, do tipo “sim, vovó, este colete que a senhora passou oito meses tricotando, que não está no tamanho certo e que é feito de uma lã que pinica fica lindo em mim e amei”, até essas mentiras estão fora do meu alcance. Ainda bem que não teria de inventar nada.

— Que pena, vou estar na despedida de solteira de uma amiga da faculdade. Desculpa, você vai ter que ir sem mim.

Charlotte franziu o rosto.

— Que pena. Sabe se Adam vai estar aqui? Talvez queira vir conosco — vai um grupo grande. Vai ser engraçado.

Adam havia mencionado que tinha ido em uma boate de fetiche com Charlotte; aquela conversa — em que descobri que haviam transado — ficou marcada no meu cérebro. Talvez ele quisesse ir, eu não ia fazer um estardalhaço se fosse — concordamos em sermos monogâmicos e eu confiava nele —, mas senti um incômodo enorme só de pensar.

Charlotte olhou bem para mim, um daqueles olhares de quem sabe demais.

— Você realmente gosta de Adam, não gosta?

Concordei e respondi, talvez rápido demais:

— Sim, claro que gosto. Não estaríamos fazendo o que fazemos se eu não gostasse dele. E se não confiasse nele.

Ela balançou a cabeça.

— Não foi isso que quis dizer, Soph, e você sabe disso.

Fingi estar confusa. Charlotte e eu nunca conversamos profundamente sobre emoções. Sempre mantive distância porque, com meu histórico com Thomas, sentia que poderia gerar um certo conflito de interesses — eu dava espaço para eles, era um ato deliberado. Rangi os dentes torcendo para que Charlotte pensasse o mesmo.

— Isso que está acontecendo entre você e Adam não é como eu e Tom, é? É sério. Não é um namoro casual, uma combinação para os jogos?

Eu me concentrei na decoração feita com salsinha em meu prato — sério, quem coloca salsinha em um sanduíche? Qual o objetivo? — e tentei controlar minhas expressões, não ficar corada, não revelar nada.

— Olhe, nem eu nem ele queremos toda a cerimônia do compromisso. Estamos

apenas nos divertindo, nada mais.

O estranho foi que as duas sabiam que eu estava mentindo. Mas, para meu alívio, ela não insistiu. Apenas deu um sorrisinho.

— Eu sabia que vocês iam se dar bem. Tom não tinha certeza, mas eu sabia.

Falou com um tom presunçoso. Mas deixei passar. Era mais seguro.

O problema de se dar conta de que está apaixonada é que você fica com vontade de gritar para todo mundo. Mas calma, não sou uma heroína da Disney, não vou fazer uma apresentação grandiosa com animais dançando, nada disso, mas em alguns pequenos momentos eu me pegava quase falando, mas me controlava e não dizia nada.

E não, não estou falando apenas sobre o momento depois do orgasmo. Apesar de isso ser muito agradável também.

O negócio foi que Adam e eu estávamos virando parte da vida um do outro rapidamente. Conhecemos os nossos pais (os meus se comportaram quase o tempo todo, fora uma história constrangedora sobre uma peça da escola quando eu tinha 6 anos de idade; a mãe dele pegou as fotos antigas de escola e Adam ficou com tanta vergonha que teve de sair da sala). Ele foi em eventos do meu trabalho como meu acompanhante. Eu pensava nele em momentos inusitados do dia e — as mensagens e e-mails são prova disso — ele sentia o mesmo. Ele me fazia rir, me dava apoio, era divertido, boa companhia. Sentia saudades quando não estava por perto. Eu estava tentando relaxar quanto a isso, mas a ideia de separar nossas vidas por qualquer motivo que fosse me deixava muito mal. Não, informo logo que não havia razão para isso acontecer naquela época, mas só a possibilidade já me deixava doente de preocupação. Eu sei, sou uma mulher complexa. Ou talvez um pouco louca. Mas o fato era que havia uma bofetada no formato de Adam no centro de minha vida, e eu amava isso. Amava Adam, na verdade. Mas ainda parecia incipiente. Talvez meu cuidado fosse um mecanismo estranho de autodefesa, mas eu constantemente tentava perceber se ele sentia o mesmo.

É claro que Adam, sendo quem era — franco, a ponto de ser estúpido —, achou uma forma de me situar.

Estávamos assistindo TV quando falei que o amava. Sei que provavelmente há todo um debate pertinente questionando se eu devia ter dito isso primeiro, se foi muito cedo, blá-blá-blá — na verdade, se minha mente estivesse mais alerta naquele exato momento, eu provavelmente teria desenvolvido todo o debate internamente antes de abrir a boca.

O que aconteceu foi que estávamos assistindo ao jornal — ele no sofá, eu no chão aos seus pés, não por razões D/s, só porque era confortável me sentar com as pernas esticadas.

Deitei a cabeça nele, usando a coxa como travesseiro, e ele tocou meu ombro e acariciou o pescoço. Começou a massagear com calma um local que estava dolorido no começo da semana e que estava me incomodando (disse que era porque eu carregava uma bolsa “do tamanho de um pequeno planeta”. Respondi que ele era um idiota, mas acho que esvaziei metade do conteúdo da bolsa no lixo e na gaveta de

minha mesa de trabalho). Quando seus dedos começaram a mexer no nódulo de tensão, nós dois sentados em um silêncio companheiro, senti uma onda de afeição por ele, e também uma sensação de que, naquele momento, não havia outro lugar no mundo onde eu preferisse estar, e ninguém mais com quem preferisse estar.

No impulso, beijei a calça jeans dele um pouco acima do joelho.

— Te amo.

Continuou movendo os dedos e sua voz atrás de mim foi lânguida.

— Eu sei.

Por uma fração de segundo, senti uma onda de horror. Meu monólogo interno estava começando a entrar em pânico, pensando coisas do tipo “merda, ele não sente o mesmo, como assim ele...” e então parei. Meu cérebro registrou o que ele tinha dito e comecei a gargalhar.

Virei a cabeça e vi que ele estava sorrindo para mim. Como suspeitei.

— Seu palhaço. — O sorriso dele aumentou.

— Eu também te amo. Até porque você entende minhas referências ao *Star Wars*.

Olhei para ele com raiva, mas sabíamos que era apenas uma encenação.

— Sorte sua. Senão eu ia dar com meu cotovelo nas suas costelas.

Ele se inclinou, pegou meus braços e me colocou no sofá ao lado dele. Veio me dar um beijo, mas antes disso, parou com o rosto bem perto do meu.

— Eu te amo, sim, mas essas ameaças vazias são inúteis.

Mostrei a língua e ele se aproximou para me beijar, para pegar minha língua com os dentes. Ele me abraçou e passei as mãos pela cintura dele. O beijo com mordidas foi se aprofundando.

Não falamos mais nada por certo tempo.

Declarações de amor com menções sci-fi à parte, meu relacionamento com Adam era diferente de todos os que já havia mantido com outros caras. Era um namorado amável e atencioso, gentil e carinhoso, mas também o dominador mais desafiador por causa de seu gosto pela humilhação. Quando eu era criança, mamãe costumava dizer “paus e pedras podem me ferir, mas palavras não vão me atingir”, mas Adam era o D/s oposto a isso (não que fosse minha intenção mencionar isso para mamãe, que ficou encantada por ele).

Nossa dinâmica sexual incluía um pouco de dor, mas Adam tinha a mesma quantidade, senão mais, de prazer e entretenimento provocando minha mente, e quanto mais me conhecia, mais fácil ficava me prender figurativa e literalmente. Mas nem tudo dependia do sexo. É claro que isso era incrivelmente divertido, e sempre que dava nós nos atacávamos, mas eu gostava dos momentos calmos, das conversas entre as putarias, tanto quanto dos orgasmos. Quanto mais nos conhecíamos, mais percebíamos que nosso senso de humor era parecido, que não gostávamos de drama no relacionamento, tínhamos interesses similares, o mesmo foco na família e nos amigos, e quanto mais ficávamos juntos, mais queríamos estar. Em pouco tempo, ele virou a pessoa para quem eu queria contar que tive um dia ruim, cuja companhia eu queria na primeira cerveja depois de receber o salário. Eu sabia que era recíproco

porque ele confessou isso — o que era um alívio. O próximo passo era inevitável.

Já havíamos conversado sobre casamento e filhos, algo que os dois queriam algum dia (ainda não, ainda estávamos tomando cuidado, apesar de termos trocado as camisinhas por um DIU), sobre morar juntos em algum momento nos dois anos seguintes, e então de repente aconteceu.

O cara que morava com Adam ia comprar uma casa, então Adam tinha a opção de encontrar outras pessoas para morar com ele ou se mudar para outro lugar. Isso adiantou nossos planos um pouco, mas decidimos nos arriscar e alugamos um apartamento de dois quartos em um lugar perto dos escritórios dos dois. Estávamos oficialmente morando juntos. Nossos pais ficaram muito felizes, Thomas e Charlotte ficaram nojentos com o sucesso do encontro forjado (o que fez com que a ajuda deles na nossa mudança fosse bem irritante de vez em quando, apesar de terem contribuído muito na montagem das estantes de livros), e nós, bem, estávamos no céu com as alegrias da lua de mel.

Até mesmo para nossos padrões, estávamos insaciáveis na primeira semana depois da mudança. Entre decidirmos quem pagava qual conta e quem faria a limpeza, transamos em todos os cômodos — se bem que o apartamento era pequeno, então isso levou apenas uma tarde — e revisitamos todas as perversões e fantasias que nos vieram à mente enquanto a louça se acumulava na pia.

Fazer a mudança de verdade e desfazer as malas foi um processo lento, o que não causou surpresa. Fazíamos várias pausas. No primeiro fim de semana na casa nova, eu estava de quatro mexendo embaixo da cama, para tentar abrir espaço para outra caixa de roupas, quando de repente senti as mãos dele na minha bunda.

Antes que eu conseguisse entender o que estava acontecendo, ele puxou minha calça de ginástica e a calcinha para baixo — eu sei, supersedutor — e passou a mão entre minhas pernas. Fiquei o mais estática que pude, ciente de que, se levantasse minha cabeça um centímetro, bateria no estrado de metal. Enquanto me deliciava com a manipulação dele, senti que estava ficando molhada, quando ele tirou a mão de repente. Eu teria me sentido frustrada, mas um segundo depois, enfiou o pau em mim. Não disse uma palavra, apenas começou a se mexer, fazendo pressão, e eu olhando para a caixa que estava tentando mover.

Ele diminuiu o ritmo por um momento, e eu achei que fosse me ajudar a levantar para que transássemos em cima da cama, e não embaixo dela, mas logo em seguida senti a ponta de seu dedo, ainda úmido por ter me masturbado momentos antes, no meu ânus. Enfiou-o vagorosamente e o integrou ao movimento, enfiando quando puxava o pau e vice-versa. Não sei se foi a surpresa do sexo, o dedo no ânus ou o fato de estar presa embaixo da cama, mas senti a excitação crescendo rapidamente. Empurrei meu corpo contra o pau e o dedo com força quando gozei.

Ele tirou o pau e o dedo de dentro de mim conforme eu recuperava o fôlego e, antes mesmo de eu perceber o que estava acontecendo, ouvi um barulho familiar e o gemido quando gozou nas minhas nádegas. Depois, eu o ouvi se levantando, fechando a calça e indo embora. Puxei as calças para cima — porque sabia que ele ia adorar quando

percebesse que eu tinha feito isso, e também por pura necessidade — e terminei de arrumar as caixas no quarto. Quando entrei na sala alguns minutos depois, ele estava sentado lendo o jornal regional e bebendo chá. Havia uma outra xícara na mesinha esperando por mim. Ele me deu uma olhada e piscou. Sorri e o empurrei para que me desse espaço no sofá, fazendo uma pequena pausa na mudança.

Depois de alguns dias de folga para fazer a mudança e nos organizarmos, tivemos de voltar aos nossos respectivos escritórios. Apesar de termos escolhido um apartamento equidistante de cada local de trabalho, ele geralmente trabalhava mais tempo do que eu, então eu chegava em casa pelo menos uma hora antes todas as noites. Quem chegava primeiro tentava facilitar a vida do outro — começava a fazer o jantar ou qualquer outra atividade necessária para minimizar o tempo das rotinas do serviço doméstico.

Contudo, passadas algumas semanas, eu quis dar boas-vindas mais memoráveis — e bem mais sensuais.

Um dos maiores equívocos em relação a ser submissa é achar que significa passividade, esperar que alguém faça alguma coisa para você em vez de tomar a iniciativa. Adam às vezes comentava que eu era proativa e que ele gostava disso. Sendo assim, em uma tarde bem chata no trabalho, tramei uma forma de alegrar a noite dele — de maneira constrangedora para mim quando fosse hora de executar o plano.

Em geral, quando ele chegava em casa, era recebido com um oi animado, com o barulho de alguém cozinhando ou com o chuveiro ligado, dependendo do meu horário de chegada e do tanto que já teria feito das tarefas noturnas. Nunca chegou em casa e me viu ajoelhada sem roupa no chão da sala, boca aberta e um “por favor, me use” escrito em meu corpo com aquela droga de batom vermelho.

Acreditem, uma coisa é ser proativa, mas quando seu namorado se excita com coisas pervertidas e degradantes, é mais difícil fazer essas coisas consigo mesma do que deixar que outros façam, e não apenas em termos de logística — encontrar o batom na bolsa de couro dele e depois conseguir escrever aquilo em mim de cabeça para baixo foi bem difícil. Também foi árduo emocionalmente. Minha mão tremia e eu estava um pouco corada diante da depravação da cena, antes mesmo de ele chegar. A teoria de fazer algo que eu sabia que ele achava excitante era uma coisa, mas a prática era diferente. Ajoelhada, esperando que chegasse, comecei a me questionar se era uma ideia terrível e se ele não estaria cansado querendo ver o jornal.

Ainda bem que não foi o caso.

— Que surpresa boa — ele sorriu e atravessou a sala. Tentei não me contorcer aos ecos de seus sapatos no chão de madeira. Eu me senti muito vulnerável enquanto ele olhava para o batom em meu peito. Eu sabia que era um olhar para me deixar desconfortável e envergonhada, mas sabia também que mais tarde eu o provocaria porque, pela expressão dele, parecia que estava tendo dificuldade de ler inglês.

Era um homem que adorava me ver de uniformes, roupas íntimas e todos os tipos de fantasias, mas eu nunca me enjoava de vê-lo de terno. Sei que é um clichê enorme,

mas mesmo assim era verdade. Vê-lo com alguma roupa elegante deixava minha boca seca. Engoli a saliva quando o vi colocando o pau para fora, mantendo o blazer e a gravata. Ele era bom comigo.

Deixou que eu me inclinasse para a frente e o chupasse, sugando e movendo minha língua nele.

Não demorou para que ficasse duro e, assim que isso aconteceu, fiz um movimento para a frente, tomando-o até a garganta e pressionando meu nariz em seu corpo. Ele gemeu quando fiquei naquela posição parada o máximo que pude, só me movia para trás quando estava começando a sentir falta de ar. Vi um de seus joelhos perdendo a força e sorri quando sugeri que se sentasse no sofá.

Ele fez isso, mas logo o retomei com a boca, alternando entre tomá-lo até o fundo da garganta e lambe a ponta do pênis e massagear a base com as mãos. Olhei para ele e fui ficando mais excitada com a expressão de puro prazer em seu rosto.

A respiração ofegante e a maneira como começou a tencionar o corpo eram indicações de que não levaria muito tempo, então fiz movimentos mais rápidos quando ele segurou meus cabelos. Deu um grito de alívio no momento em que encheu minha boca. Quando terminou, deixei o pênis, me levantei e comecei a falar o que tinha no fogão para jantar conforme andava até o quarto para me vestir. Não se preocupem, tive um orgasmo depois, mas sentir prazer puramente por estar dando prazer para ele criou uma certa ansiedade. E uma das coisas que morar juntos sempre trouxe foi tempo para uma diversão pervertida.

Estar em um apartamento maior que o meu e com mais privacidade também abriu espaço para mais dias de preguiça e carícias sem medo de sermos interrompidos, ou de um de nós ter de ir embora logo. Fez também, por causa da quantidade de sexo que fazíamos e das novas experiências que compartilhávamos, com que nossas fronteiras — e meus limites — comessem a mudar.

Tudo começou quando estávamos encolhidos no sofá em uma manhã de sábado vendo TV. Não somos muito ativos de manhã e não tínhamos nenhum plano imediato, então estávamos sentados bebendo chá e vendo programas de cozinha, curtindo a sensação de não termos de estar em nenhum lugar, nem de fazer nada.

Quando se levantou depois da terceira xícara de chá, achei que estivesse indo ao banheiro. Ou pelo menos foi o que me pareceu, até ele voltar com a já familiar corda macia de algodão.

Em silêncio, amarrou meus punhos na frente do meu corpo. Os batimentos já estavam se acelerando diante da dúvida do que estava tramando, mas depois de me amarrar, ele voltou a assistir TV; botou um dos braços sobre meu ombro e me abraçou.

Fez carinho em meus cabelos e atrás das orelhas de uma forma que quase me fez ronronar. Não demorou para que eu estivesse deitada no sofá com a cabeça em sua perna. Ele continuou a fazer carinho distraidamente enquanto assistia, de forma um tanto surreal, a uma demonstração de como fazer omeletes.

Às vezes, o estado de espírito submisso é algo que vem com o tempo, minha voz interna tem de ser silenciada pelo prazer que sinto com o que fazemos; mas em outras

ocasiões, entro nesse estado com facilidade e profundamente. Ser amarrada é uma das coisas — junto com levar um tapa no rosto — que consegue me colocar no clima submisso muito rápido. Eu já estava levitando, e ele estava apenas fazendo carinho em minha orelha.

Ficamos assim por um bom tempo, e ele até começou a conversar comigo como se aquilo fosse a coisa mais normal do mundo. Eu me senti meio estranha, definitivamente com o pé atrás, mas ainda assim consegui conversar. Consegui até pegar a caneca de chá e beber com as mãos amarradas. Era como uma manhã totalmente comum de sábado, apesar de eu estar sentindo que ficava cada vez mais molhada.

Depois de certo tempo, ele pegou meus punhos presos e os levantou acima da minha cabeça, o que me fez sentir muito vulnerável. O toque começou a ficar mais sexual quando moveu os dedos para cima e para baixo do meu corpo por cima das roupas. Acariciou meus seios com sutileza até que meus mamilos ficassem eretos. Então ele se abaixou e me beijou com carinho, e senti como se eu estivesse derretendo.

O beijo se aprofundou, o toque ficou mais duro. Apertava meus seios, ainda segurando meus punhos sem dificuldade com a outra mão. Esticada e presa no chão, eu não tinha para aonde ir, e essa incongruência — *estávamos assistindo a um programa sobre como fazer omeletes!* — fez com que a cena ficasse surreal. Gemi de dor e excitação.

Ele tirou a mão do meu seio e foi para o meio das minhas pernas. Arranhou em cima da costura do jeans, o que me fez tremer. Começou a exercer pressão, fazendo com que minha calcinha ficasse ainda mais molhada conforme era empurrada contra minha pele, meu clitóris inchava com a força do material contra ele.

Esfregou o meio de minhas pernas com firmeza por cima das roupas. Senti minha pele ficando quente quando ele parou de me beijar e se sentou, olhando para mim como quem está se divertindo. Eu detestava quando fazia isso; senti uma pontada de vergonha. Era como se ele estivesse caçoando de mim. Lutei contra minhas amarras, mas foi em vão, a não ser pelo fato de senti-lo ficando excitado ao me ver fazendo resistência, sem sucesso. Idiota.

Achei que fosse me levar ao orgasmo, mas quando eu estava quase lá, parou. Olhei para ele, meus olhos embaçados e confusos. Ele ergueu minha cabeça, se levantou e saiu da sala. Eu não sabia o que fazer, então fiquei onde estava me perguntando aonde ele tinha ido, o que estava fazendo.

Então ouvi o barulho de água. Será que ia me deixar naquele estado enquanto tomava banho?

Uns dez minutos devem ter passado quando ele reapareceu. Ele me levantou pelos punhos e me desamarrou. Mandou que eu me despisse rapidamente e fosse com ele ao banheiro.

Arranquei as roupas e as deixei no sofá. Fui atrás dele, intrigada e um tanto nervosa.

Ele estava sentado na borda da banheira cheia e segurava a corda. Ele me mandou entrar, e eu obedeci, olhando para ele com cuidado.

A água estava uma delícia, quentinha. Pensei comigo mesma que poderia aguentar muita coisa naquele conforto. Hoje, vejo que foi uma ideia estúpida e prova de que eu não tinha noção do que estava acontecendo. Eu o subestimei enormemente. Enfim, vivendo e aprendendo.

Assim que me instalei, mandou que eu levantasse as mãos e amarrou-as novamente pelos punhos, como havia feito antes.

Olhou bem dentro dos meus olhos e perguntou se eu confiava nele.

Era nesse momento que o nervoso vinha. Reparei que Adam tinha um padrão no qual tendia a perguntar isso antes de fazer alguma coisa nova ou sinistra comigo. Queria ter certeza de que eu estava de acordo. Depois de alguns momentos, fiz que sim com a cabeça. Afinal de contas, eu confiava nele. Confiava nele em tudo.

Ainda bem.

Antes que eu me desse conta do que estava acontecendo, ele colocou uma das mãos em minha testa e me empurrou para baixo da superfície da água. A banheira era uma das coisas que eu mais amava em nosso apartamento novo; quando ainda estávamos com o corretor de imóveis, eu me apaixonei por ela — era profunda, comprida e tinha quatro pés ornamentados. Não que essa última característica fizesse alguma diferença naquele momento, mas as outras duas sim. Quando vi a banheira, imaginei nós dois deitados dentro dela, o que já havíamos feito. Mas nunca, nem em um milhão de anos, imaginei aquela cena.

O barulho da água quando ele me afundou foi estranhamente alto, e depois tudo ficou em silêncio, com exceção do meu coração batendo, aquele baque cheio de pânico que encheu meus ouvidos. Senti minhas narinas se enchendo de água, ele me segurando pelos ombros, meus pés chutando conforme meus instintos gritavam, tentando me levantar, sair. Depois de alguns segundos — que pareceram durar tempo para caralho — ele me puxou de volta pelos punhos amarrados. Respirei fundo, sentindo como se estivesse ficado submersa por meio minuto.

Meus cabelos longos estavam encharcados e grudados em meu rosto. Ele afastou os cabelos e fiquei olhando para ele em um misto de surpresa e medo, piscando os olhos para tirar a água dos cílios.

— Você está bem? — perguntou.

Eu o encarei; precisava da conexão, da doçura de seu olhar. Nunca me senti tão impotente, nunca senti tanto como se ele tivesse controle sobre todos os meus aspectos. Meu nariz ardia por ter inalado água no choque quando ele me afundou. Minha respiração estava ofegante. Mas eu sabia que podia confiar nele. Sabia, apesar de tudo, que queria continuar. Respondi que sim com a cabeça.

— Respire fundo — disse ele. Concordei de novo e de repente o mundo escorregou e ele me empurrou de novo. Dessa vez, durou mais tempo, talvez cerca de dez segundos. Talvez mais. Quando me puxou novamente, meu coração estava disparado e meus pulmões pareciam estar queimando.

Ele continuou por algum tempo, alternando entre me empurrar na água e me deixar recuperar a respiração. Em certo momento, ele me afundou e me levantou várias vezes

rapidamente. Fiquei engasgada e joguei água no chão e no jeans dele. Adam não pareceu se preocupar com isso. Notei que a calça dele estava apertada na região da virilha. Acho que eu não era a única curtindo aquilo, apesar da situação inusitada.

Quando terminou, ele me mandou ficar de pé de frente para a parede. Com as mãos atadas, foi surpreendentemente difícil me levantar. Tive de me esforçar para pegar impulso, mas ele me ajudou. A última coisa que notei antes de me virar foi que a camisa dele também estava molhada.

— Empine a bunda e abra as pernas.

Normalmente, essa ordem me faria sentir exposta e constrangida — *será que algum dia eu me acostumaria?* —, mas na verdade fiquei feliz por ter um tempo sem precisar olhar para ele, um tempo para retomar minha compostura. Todavia, não foi muito — meu erro foi achar que o elemento mais intenso do que ele tinha planejado já havia sido feito. Quem dera.

Pelo canto do olho, eu o vi pegar um tubo de sabonete líquido do lado da banheira, e me perguntei por um minuto se ele ia enfiar a ponta curvada em mim. Hoje, acho que isso teria sido menos humilhante do que fez.

Ele me lavou. Encheu as mãos de sabonete líquido e começou a esfregar minhas costas, nádegas, pernas. Depois passou a mão ensaboada entre minhas pernas, e ri de leve quando ficaram moles ao toque íntimo e eu tive de me segurar na parede. Mas depois veio a parte que me fez choramingar de vergonha. Ele passou a mão para cima e para baixo entre as nádegas e deslizou um dedo ensaboado dentro de mim em uma mistura de limpeza e sexo anal. Fechei os olhos na tentativa de bloquear o constrangimento daquele ultraje, tentando lutar contra a excitação inevitável e irritante que inspirava.

Quando decidiu que eu estava limpa, mandou que eu me sentasse e lavou a parte da frente do meu corpo; fez um trabalho cuidadoso nos meus seios. Eu teria olhado para ele com sarcasmo por estar fazendo uma coisa tão óbvia se fosse capaz de encará-lo, mas naquele momento não tinha como fazer isso.

Colocou xampu na palma da mão e começou a lavar meus cabelos. A sensação dos dedos no meu couro cabeludo me deixou dócil, quase sonolenta sob seus cuidados. Tirou a espuma com cuidado, posicionando o chuveiro em um ângulo certo para que a água não entrasse em meus olhos e para que o sabão escorresse pelas minhas costas, e não pelo meu rosto. A solicitude dele era surreal. Foi gentil, e seu toque foi leve quando me ajudou a ficar de pé para limpar o resto do corpo com o chuveiro até que eu estivesse pronta para sair (pelo visto, ele sentiu necessidade de enxaguar meu clitóris duas vezes mais do que qualquer outra parte de meu corpo). Nesse momento, olhei para ele com sarcasmo, mas ele apenas sorriu e me deu o braço para que eu saísse da banheira.

Desamarrou a corda, agora ensopada, mais uma vez e me envolveu em uma toalha felpuda e morna para me secar. Eu me encolhi em seu abraço, e ele beijou minha testa. Beije seu pescoço e ele tremeu, o que me fez sorrir encostada em seu corpo.

Quando terminou de secar meus cabelos, mandou que eu voltasse para o quarto e

me deitasse na cama. Fiz o que mandou. Quando ele entrou no quarto, estava nu com o pau duro. Subiu na cama e se ajoelhou entre minhas pernas, levantou-as e afastou-as. Fiquei corada novamente quando ele me inspecionou de novo.

Pegou o lubrificante na mesinha de cabeceira e colocou um pouco do gel no dedo. Inclinou-se para a frente e passou o gel no meu ânus, enfiando o dedo vagarosamente, o que me deixou surpresa. Rapidamente, ele pegou o lubrificante de novo, colocou gel no pau e o espalhou.

Depois, pegou meus tornozelos, mantendo minhas pernas erguidas e abertas, e colocou a ponta do pau no meu ânus. Eu já havia feito sexo anal, mas sempre de quatro. Agora, eu estava olhando nos olhos dele conforme enfiava o pau em mim.

Foi humilhante, constrangedor e insanamente erótico. Minhas experiências anteriores com sexo anal nem sempre foram positivas — o canal estreito e meu pânico diante da dor (eu sei, é irônico) fizeram com que não fossem fáceis. Contudo, Adam me preparou bem: meu corpo estava pronto para aceitá-lo. Passei os braços pelo pescoço dele quando começou a foder comigo — deslizava para dentro e para fora.

Empurrei minha bunda contra ele, pedindo silenciosamente que continuasse, que fosse mais fundo. Ele sussurrou no meu ouvido que eu ia gozar enquanto ele comia meu cu porque eu era uma putinha suja que obviamente estava excitada com aquilo. Eu já havia gozado com estímulos anais antes, até com sexo anal, mas não sem um estímulo adicional de algum tipo. Dito isso, quando abri a boca para dizer que não ia gozar daquela forma, o orgasmo veio.

Quando minha respiração se acalmou, ele estava com aquele sorriso metido que geralmente tinha. Eu não sabia se devia beijá-lo ou dar um tapa nele — um enigma frequente em nossa vida sexual. Antes de conseguir me decidir, ele voltou a me foder, um pouco mais rápido e com mais força do que antes, dizendo que eu era bem apertadinha e que comer meu cu fazia com que ele quisesse gozar também. Antes de terminar essa frase, ele gozou.

Morar juntos era ótimo. Fiquei um pouco preocupada achando que seria estranho dividir meu espaço com outra pessoa depois de tanto tempo sozinha, mas era muito bom. Adam era melhor do que a maioria das pessoas com as quais eu tinha morado — colocava as coisas na lava-louças por conta própria e era obcecado por arrumação de uma forma que na verdade me caía muito bem. A única coisa que demandou um certo ajuste foi, ironicamente, o sexo.

Eu sei, é ridículo.

O negócio é que transávamos muito. Muito e muito. Nas primeiras semanas de empolgação, eram duas ou três vezes por dia. Antes do trabalho. Depois do trabalho. O fim de semana todo. Era incrível, exaustivo, divertido. Estávamos em um casulo de diversão divina, amorosa e sensual. Era bom demais.

Exceto, é claro (e é engraçado porque isso é uma coisa que nenhuma heroína erótica que eu conheça jamais mencionou), que essa quantidade de sexo pode dar cistite.

Nunca havia tido isso antes, e quando veio a primeira crise não fazia ideia do que

era, só sabia que doía tanto que dava vontade de chorar. Não me sentia confortável de me sentar em lugar nenhum, só no banheiro, e não queria fazer xixi nem quando já estava sentada no vaso, pois parecia que eu estava urinando fogo. Depois de alguns dias torcendo para conseguir acabar com essa coisa desconhecida com analgésicos, uma bolsa de água quente o tempo todo e força de vontade, desisti e marquei uma consulta no médico. Depois de uma conversa um tanto bizarra sobre quanto sexo eu fazia, saí com alguns sachês de uma bebida com gosto de mirtilo e (por vontade própria porque não queria voltar ao médico para conversar sobre isso de novo) com pílulas de mirtilo (que tomo até hoje — é mais seguro).

Não foi a única coisa que ficou meio estranha, apesar de, no geral, sermos bem francos um com o outro. A conversa “como você se sente em relação ao sexo durante minha menstruação” foi bem tranquila — Adam não tinha problemas com isso (provavelmente menos do que eu por causa do meu medo de sujar tudo), principalmente quando percebeu como eu ficava animadinha nas preliminares, o que lhe dava mais chances de fazer coisas depravadas. Há males que vêm para o bem.

É claro que o tempo que gastamos deitados na cama acariciando um ao outro até chegarmos ao orgasmo teria sido um pouco melhor se eu não tivesse feito com que o esperma jorrasse no rosto dele sem querer. E, para a minha vergonha, comecei a rir e depois a gargalhar, até que doeu tanto que eu não conseguia respirar. A cara dele foi ótima, e depois ele começou a rir também. Quando consegui me recompor e entregar um lenço de papel para ele, cheguei à conclusão de que era o tipo de homem para casar. Não só não ficou com raiva como também viu graça naquilo. E sexo definitivamente tem de ser divertido. Apesar de que, como sugeri para ele (bem) depois, deve ter sido uma compensação cármica por ele ter esfregado minha secreção no meu rosto tantas vezes.

Essas histórias obscenas e engraçadas do período de lua de mel não são histórias para contar para os amigos em comum em um almoço dominical. Convenhamos, os únicos que poderiam entender essas coisas (e não ficar tentados a, na melhor das hipóteses, comprar uma boia para eu usar na banheira, ou, na pior, chamar a polícia) eram Thomas e Charlotte, e, bem, não me sentia muito confortável com isso.

Apesar de ter saído para jantar com eles algumas vezes nos primeiros meses morando com Adam, e de falar e mandar e-mail para Charlotte e Thomas separadamente, não era uma coisa sobre a qual eu me sentia confortável em discutir. Primeiro, porque era tão recente que eu não queria compartilhar com ninguém. Segundo, sendo honesta, eu ainda tinha um pouco de ciúmes de Adam e Charlotte por terem transado. Sei que rolou antes de eu conhecê-lo, e não tinha como eu me sentir com mais moral do que ninguém porque era a única pessoa na mesa que havia dormido com todos eles (se bem que *isso* foi uma coisa que me fez corar quando me dei conta). No entanto, conversar sobre as coisas que Adam e eu estávamos fazendo enquanto eu me perguntava, lá no fundo, se Adam e Charlotte fizeram coisas parecidas era simplesmente esquisito. Eu sabia que era irracional, e estava me esforçando para não demonstrar, para superar isso, até porque esse tipo de insensatez em relacionamentos

me incomoda. Decidi que o silêncio era a melhor política a ser adotada.

Além disso, de acordo com o que o casal me contava sobre seu relacionamento, eu sabia que minhas práticas com Adam eram bem mais tranquilas. Para mim, estar fazendo meus progressos era mais do que o suficiente, obrigada, mas Thomas me presenteava com histórias de *munches* e festinhas com brincadeiras e diversão semipública que iam muito além de tudo o que eu tinha vivido, ou das coisas com as quais eu me sentiria confortável. Thomas e Charlotte eram como duas crianças aventureiras em um parque, e era claro que se divertiam juntos. Entretanto, tivemos sim uma noite memorável que deu uma amostra um tanto surreal da dinâmica volúvel entre eles.

Adam e eu finalmente terminamos de arrumar nossas coisas no apartamento e convidamos Tom e Charlotte para tomarmos drinques e jantarmos, e para agradecermos pela ajuda na mudança. Quando chegaram, ela parecia estar um pouco mais nervosa do que o normal e ficou afastada quando os recebemos e pedimos que fossem até a sala. Dei um abraço em Tom; ele e Adam apertaram as mãos. Eu me virei para abraçar Charlotte, que segurava um vaso de orquídea, um presente para o lar. Peguei o vaso, agradei aos dois (secretamente, fiquei me perguntando se seria fácil comprar outra daquelas antes da próxima visita deles, caso precisasse — não tenho um histórico muito bom com plantas), e depois me inclinei para dar um abraço nela. Charlotte recuou um passo.

A voz de Thomas veio repentinamente, atrás de mim.

— Ela não pode dar abraço pra cumprimentar você hoje.

Eu me virei para ele, um tanto confusa.

— Ah. OK.

Eu realmente não fazia ideia do que estava acontecendo. Estava doente e não queria passar para mim? Ou preocupada que *eu* estivesse doente? Estava com dor nas costas?

Reconheci o sorriso de Tom — antigamente, me fazia sentir bastante nervosa. Naquela ocasião, fiquei confusa e com certeza divagando sobre o rumo que aquilo tomaria.

— Mas ela tem uma coisa pra perguntar pra você.

Olhei para Charlotte. Não me convenceu. Estava com a boca fechada e não parecia querer dizer nada. Estava também com dois círculos avermelhados nas bochechas que me deixaram de boca aberta — desde que a conhecia, nunca a vi corada. Senti Adam se movendo atrás de mim para ver melhor, estava visivelmente tão confuso quanto eu.

Tom olhou para ela.

— Não tem?

Seu olhar era rebelde. Ela concordou e fechou os olhos, reunindo forças para falar.

— Por favor, posso beijar seus pés pra cumprimentar vocês?

Não contive minhas bochechas coradas em sinal de simpatia. Merda. Que cena esquisita. E também, para minha surpresa, estranhamente sensual. Ou talvez tenha sido eu me lembrando de algumas coisas humilhantes que ela me mandou fazer quando

jogamos juntas e sentindo que a justiça estava sendo feita. Tudo que vai, volta.

Não resisti.

— O quê?

Olhou para mim com raiva. Sei que sou terrível por ter pedido que repetisse, mas minha defesa é: e se eu tivesse escutado mal? Teria sido constrangedor.

A mandíbula de Charlotte estava tensa, dentes rangendo.

— Por favor, posso beijar seus pés pra cumprimentar vocês? — Uma pausa e um suspiro brando. — Vocês dois.

Adam se virou para mim, trocamos um olhar um tanto surpreso. Eu já havia tido experiências íntimas com pés antes, mas naquele contexto foi meio estranho. Fiquei um pouco preocupada com a progressão das coisas depois daquilo. Thomas e Charlotte ainda eram meus amigos mais próximos, mas eu não tinha interesse em reavivar nada sexual com eles, principalmente naquele momento. Dito isso, foi sim uma forma de vingança. Descobri que sou meio filha da puta em relação a isso.

— É claro que pode — respondi sorrindo. Pelo canto do olho, vi Adam concordando também.

Levei a orquídea para a cozinha e quando voltei vi Charlotte engatinhando pela sala até Adam. Foi uma cena surreal. Senti uma curiosidade rápida, porém suprimida, de saber se a imagem dos dois jogando juntos era similar. A imagem de Adam olhando para ela de cima, vendo-a dar um beijo em um sapato e depois no outro, foi forte. Achei aquilo um tesão de uma forma meio estranha, não tanto por Charlotte (apesar de ainda ser uma mulher linda), mas pelo que vi de Adam — o olhar de poder, os músculos do rosto, os cílios enquanto olhava para baixo, para ela no chão. Era uma imagem que — percebi com certa surpresa — eu geralmente não via porque era eu quem ficava de joelhos.

Enquanto olhava para eles, Charlotte desfez o quadro e começou a se arrastar até mim. Eu estava descalça, ainda bem que tinha ido à pedicure dias antes. Ela abaixou a cabeça e senti seu hálito no meu pé esquerdo. Ela o beijou rapidamente. Fez um pouco de cócegas, eu ri e olhei para Adam. Ele e Thomas observavam com atenção.

Ela foi para meu outro pé e, quando se abaixou e deu um beijo nos meus dedos, ouvi um pequeno som de constrangimento, tão baixo que ninguém mais pôde ouvir. Ainda tinha momentos estranhos em que algumas coisas que ela fez comigo passavam pela minha mente, fazendo com que eu ficasse corada. Entretanto, apesar de uma parte de mim ter gostado de vê-la um pouco rebaixada (o que já era intrigante em si — isso contava como tendências *switch*?), aquele pequeno choramingo me fez sentir pena dela. Eu me abaixei e fiz carinho em sua nuca, onde o corte de cabelo terminava, e por um segundo ela se inclinou para o meu carinho, parecia estar se reconfortando nele.

A sala ficou pesada com um clima de... alguma coisa. Depois, muito rápido, ele se dissipou. Charlotte se levantou, ainda corada. Perguntei o que todos gostariam de beber. Decidimos o que pedir para comer e escolhemos um DVD.

O resto da noite foi como era de se esperar. Houve umas peculiaridades estranhas. Charlotte não se sentou no sofá ao lado de Thomas durante o DVD, sentou-se no chão

aos seus pés. Tenho quase certeza que sussurrou um pedido de permissão para ir ao banheiro no meio do filme. No geral, ela parecia estar um pouco mais sem jeito do que o normal (Tom admitiu mais tarde que fez com que ela usasse um *plug* a noite toda, o que provavelmente também me faria ter dificuldades de conversar normalmente), mas fora isso, foi tranquilo como sempre. Charlotte e Tom se olharam de uma forma estranha, o que me fez pensar no que aconteceria quando chegassem em casa, mas nada mais foi dito e não houve novas situações constrangedoras. Quando Charlotte se despediu de nós com beijinhos, tudo parecia estar quase normal. OK, quem estou querendo enganar? Não estava normal. Mas quando foram embora de mãos dadas, fiquei feliz por Charlotte e Tom. Acho que eu não teria feito aquilo para o meu dominador, mas cada um sabe de si — para eles parecia funcionar.

Quando fechamos a porta e fomos para a cozinha encher a lava-louça, Adam e eu respiramos fundo ao mesmo tempo e depois rimos. Não consegui esconder minha curiosidade por muito tempo.

— Então, eu tenho uma pergunta.

Adam estava tirando os restos de comida dos pratos. Ele me deu uma olhada.

— Pode falar.

— Era isso que você fazia com Charlotte? Esse tipo de demonstração em público 24 horas por dia?

Admito que estava um pouco preocupada — se Adam gostava daquilo, era novidade para mim, e não era uma direção que eu queria tomar, independente do quanto conhecia as pessoas na sala conosco (na verdade, será que conhecê-las só piorava? Talvez sim).

Ele sorriu.

— Não, eu não fazia essas coisas em público e certamente não teria mandado que ela fizesse isso em uma situação social. — Ufa. Mas que raiva do meu maldito cérebro idiota por querer instantaneamente fazer a próxima pergunta óbvia, “qual tipo de brincadeira você fez em público?” Eu me controlei.

Ele interrompeu meus pensamentos.

— O clima ficou meio estranho, não ficou?

Eu ri.

— Ficou sim. Eu sabia que eles estavam experimentando um estilo de vida D/s mais intenso, mas não sabia que tinha evoluído tanto. É muito ruim meu primeiro instinto quando Tom mandou que ela fizesse aquilo ser uma risadinha de constrangimento e nervoso?

Adam sorriu.

— Eu também. E minha risadinha é horrível.

Ficamos em pé nos olhando por um tempo, o silêncio foi pesado. No final, esperei até estar de costas para colocar sobras de comida na geladeira, pois não conseguia encará-lo para dizer a próxima frase.

— Mas vê-la fazendo aquilo foi um tesão.

Quando me virei, ele estava me encarando e concordando.

— Foi um tesão mesmo. — Sorriu. — Especialmente quando ela beijou os seus pés. Virei os olhos para cima.

— O típico homem com fantasias lésbicas.

Ele me deu um beijo no nariz.

— Em parte. Mas foi uma maneira interessante de humilhação.

Lembrar da cena me fez tremer.

— Foi mesmo. Fazer aquilo na frente de outras pessoas seria um limite difícil pra mim, mas aquele nível de controle, de obediência... — Parei de falar e engoli a saliva para ter coragem de dizer em voz alta. — Eu teria curiosidade em experimentar por um tempo.

Adam me deu outro beijo.

— Só por um tempo?

Sorri.

— Meu Deus, sim, só por um tempo. Não muito pra que você não fique insuportável e enlouquecido pelo poder.

— É verdade, tenho tendências megalomaníacas. Além disso, detesto microgestão, então provavelmente não conseguiria lidar com isso por muito tempo também.

E foi assim que nossa incursão ao fim de semana de D/s contínuo começou. Boto a culpa na maldita da Charlotte.

Capítulo oito

Desde quando aprendi o que era D/s, sempre tive sentimentos dúbios em relação a esse negócio de 24 horas por dia. Li romances incrivelmente excitantes sobre isso, conheci algumas pessoas (no meu primeiro e único *munch* e depois on-line) para as quais sei que funciona muito bem, mas simplesmente não via o mesmo acontecendo comigo. Como sempre, são as coisas práticas que me bloqueiam. O que acontece se ele enche o saco e quer apenas assistir críquete e você está esperando para receber ordens sobre o que pode comer, vestir ou fazer? Como o trabalho entra nisso? Os amigos? Cada um na sua e tudo mais, mas eu simplesmente não achava que seria legal na minha vida.

O que não significa que não tinha curiosidade.

A visita inusitada de Charlotte e Thomas me inspirou a experimentar. Na maior parte da noite, tudo correu de maneira completamente normal, mas havia um subtexto intrigante. Eu gostaria de fazer aquilo o tempo todo? Não. Poderia tentar por um período determinado? Teria vontade disso? A resposta era definitivamente sim — ainda mais depois de nossa viagem ao chalé pornô e do caminhar do nosso relacionamento. Confiava na (relativa) doçura de Adam e em sua capacidade de conhecer meus limites. E agora que tínhamos nosso próprio apartamento, havia todo o tempo e a privacidade necessários para tentarmos.

Então foi o que fizemos.

A manhã do dia em que decidimos que ele teria controle total sobre mim começou como qualquer outra. Foi um sábado. A noite de sexta foi tranquila — nós dois éramos fãs do estilo “ir para casa e se jogar no sofá depois de uma semana de trabalho” nas sextas à noite, deixando as diversões sociais para o fim de semana mesmo. Naquele momento em que se sente uma certa confusão quando se acorda, tive a sensação estranha de que alguma coisa importante aconteceria naquele dia, mas não consegui me lembrar imediatamente o que era. Senti apenas a ansiedade — parecido com dias de viagem, ou quando é seu aniversário, coisas desse tipo.

Eu me virei na cama e vi que Adam já estava acordado e olhando para mim. Sorriu, me beijou e me deu um abraço bom e longo. Esse ritual era fofo e amável e — nos poucos meses morando juntos — estava rapidamente se tornando uma das minhas maneiras favoritas de começar o dia. Sendo assim, foi uma posição incongruente para Adam relembrar as regras daquele dia uma última vez.

Era bem simples. Eu pertencia a ele completa e absolutamente. Tinha de fazer o que mandasse, quando mandasse, e se não obedecesse, haveria punições. Todas as escolhas seriam dele. O que eu vestia, o que comia, quando comia, o que fazia. Também não haveria orgasmos sem sua permissão expressa, do momento em que nos levantássemos até o momento em que eu dormisse. Ainda bem que eu não teria de chamá-lo de “senhor” ou “mestre” — concordamos que seria teatral demais e que nos tiraria do clima —, mas, essencialmente, era o que ele seria.

Achei que haveria um tempo até começarmos. Sendo notoriamente uma pessoa que tem aversão às manhãs, esperava poder ir ao banheiro e pelo menos escovar os

dentes, ter um momento para organizar os pensamentos antes de dar início a uma dinâmica potencialmente muito intensa. Era um pouco estressante, mas o desafio não verbal daquilo já estava me instigando — queria viver aquele dia, ver até onde ele nos levaria. A adrenalina já estava começando.

Adam perguntou se eu entendia o que ele estava falando, fiz que sim com a cabeça. Achei que minha voz fosse delatar meu nervosismo caso eu falasse, e que talvez ele pegasse leve comigo se visse meu medo, sentisse que eu não teria a experiência por completo.

Rá. Até parece.

Ele segurou meu rosto de um jeito suave, fez carinho nos meus cabelos e me olhou com atenção.

— Lembra da sua palavra de segurança?

Fiz que sim de novo.

Ele sorriu.

— Que bom. Lembra que não é vergonhoso usar a palavra, especialmente hoje. Sei que vai ser um grande desafio pra você, mas sei que vai fazer o melhor que puder pra me agradar.

Olhei para o homem que aprendi a amar — sorrindo para mim com os cabelos desarrumados por causa da cama — e sorri para ele, sabendo que tinha razão. É claro que era um pouco de competitividade junto com amor o que sustentava a minha necessidade de me sair bem, mas não achei que devia mencionar isso naquele momento.

Hoje, tenho a ligeira impressão de que ele já sabia.

E então começou. Mandou que eu tomasse banho enquanto ele ficava na cama lendo o jornal no celular. Uma consequência daquele mau humor matinal que já mencionei foi que nossa rotina rapidamente se formou: ele ia ao banheiro primeiro e deixava que eu ficasse na cama uns dez minutos a mais antes de me levantar, e ainda por cima quando eu terminava de me vestir, geralmente havia uma xícara de chá e às vezes até torradas me esperando. Então até mesmo essa ordem inocente foi um pouco estranha. É claro que as coisas só iam ficar cada vez mais desafiadoras.

Uma vez limpa e seca, voltei para o quarto nua, como instruído. Ele já tinha me visto pelada centenas de vezes, mas quando colocou o celular na mesinha de cabeceira e se virou para me dar atenção total, eu me senti incomodada e constrangida. Tentei não ficar corada e fechei os punhos em um esforço de não cruzar os braços sobre o peito. Tinha certeza de que isso não seria aprovado.

Ele mandou que eu me virasse de costas, colocasse as mãos na parede ao lado da cama e afastasse as pernas. Fiz o que mandou, e ele saiu debaixo do edredom para ficar em pé atrás de mim.

Colocou a mão na minha bunda, passou um dedo gelado de lubrificante em mim e enfiou o dedo com tanta facilidade que fiquei com um pouco de vergonha. Ainda bem que não estava vendo meu rosto. Então seu dedo foi substituído pela ponta de um *plug* anal (bem gelado) que ele lentamente enfiou por inteiro em mim.

Colocou a mão no meio das minhas pernas e, apesar de o toque ser um tanto mecânico e quase impessoal, não consegui conter um tremor. Meu corpo já estava sinalizando o prazer no começo desse jogo, até mesmo enquanto meu cérebro ainda tentava decidir se estava gostando de fato.

Isso não é inteiramente verdade. Eu já estava — inconscientemente — resmungando um pouco diante das ordens constantes.

Mandou que eu me virasse para ele. Obedeci, virando os olhos para cima em silêncio diante da microgestão. Seria daquela forma o dia todo? Porque ia ficar chato incrivelmente rápido.

Não controlei minha expressão rápido o suficiente para que ele não visse quando me virei. Não foi a primeira vez que viu aquela expressão no meu rosto — e certamente não seria a última —, mas a reação dele me deixou literalmente bestificada por um momento.

Puxou meus cabelos e segurou meu rosto bem perto do dele. Sua expressão era inflexível, a voz baixa e ameaçadora quando me avisou que eu devia me comportar naquele dia.

Antes mesmo de eu decidir se devia responder ao que ele tinha dito ou se era mais seguro ficar calada, ele se sentou na cama, me jogou sobre seu colo e começou a me dar uma surra pesada.

À medida que ia deixando minha bunda mais vermelha, eu me tencionava contra o *plug* inflexível. Estava frustrada e excitada ao mesmo tempo, desesperada para provar que eu era capaz. Contudo, apesar das emoções conflitantes passando pelo meu cérebro (OK, no geral era fúria), havia uma prova inquestionável sobre como estava me sentindo diante daquela indignidade. Meu rosto estava corado e eu sabia que estava ficando mais molhada. Maldito Adam.

Mas, naquele dia, a minha excitação certamente não era o objetivo.

Quando ele finalmente terminou, eu me levantei com cautela, pernas trêmulas e nádegas em chamas. Não olhei para ele. Eu me senti pequena. Punida.

Ele se levantou e foi até o armário; me deixou em pé de um jeito estranho. Começou a colocar roupas na cama. Saia. Blusa. Gravata. Minhas meias compridas listradas (geralmente usadas embaixo da calça, mas já tinha visto Adam olhando para elas quando eu as colocava). Prendedor de cabelos. Acho que a estudante sensual era a pedida do dia. Eu devia ter me sentido bem. Já havia colocado variantes dessa fantasia para Adam, até caçoava dele pelo clichê. Era o Adam que eu conhecia. Amava. Ainda assim, eu o observei com cautela, ciente de que as regras haviam mudado.

Antes de mandar que eu me vestisse, amarrou uma corda em minha cintura e a puxou entre minhas pernas para segurar o *plug* no lugar certo. Depois, ficou me assistindo enquanto me vestia para ele. Foi devagar e um pouco esquisito, até porque a combinação do *plug* com a corda fazia com que me curvar para colocar as meias me deixasse meio aérea.

Sei que fico corada constantemente, mas mesmo assim não sei se já havia sentido meu rosto tão quente sem estar com febre. Finalmente, quando terminei de me vestir,

ele mandou que eu me ajoelhasse na sua frente, e sentou-se na cama. Apesar de eu estar vestida e ele não, senti como se eu estivesse pelada.

Mandou que eu abrisse bem a boca. Comecei a me sentir um pouco mais confiante — pelo menos sabia aonde aquilo ia dar por enquanto. Não mandou que eu o chupasse, apenas me pegou pelo rabo de cavalo e transou com meu rosto, forte e profundo, várias e várias vezes. Engasguei com ele na boca algumas vezes, lutando para conseguir respirar enquanto minha saliva escorria pelo queixo, mas ele não estava interessado no meu desconforto — estava me usando como um buraco para foder, nada mais. Depois tirou o pau de dentro de mim e gozou na minha blusa.

Ele se levantou e passou por mim com um carinho rápido na minha cabeça. Eu busquei apoio no movimento como um ato de doçura porque, francamente, não havia muito mais que fosse doce naquela experiência, o que me fez sentir estranhamente irritada e chateada. Pegou shorts e uma camiseta, e voltou a se posicionar na minha frente.

— Coloque o casaco e vá buscar café pra nós dois.

Tenho certeza de que fiquei boquiaberta. A saia era longa o suficiente para um dia de trabalho, se eu quisesse ir trabalhar de saia, mas a meia era meio excêntrica.

— Onde devo ir? O que quer que eu compre?

Eu odiava a indecisão em minha voz — essa indecisão não apareceu rápido demais? —, mas sendo o dia em que ele daria as ordens, esses momentos de independência tiveram mais significado do que geralmente teriam, e eu não queria fazer nada errado. Queria agradá-lo. Meu cérebro zumbia diante da logística daquilo. Como daria certo?

O sorriso dele quando respondeu indicou que também tinha ciência da minha indecisão um tanto incomum.

— Você decide.

Fui até a loja. Foi meio estranho, porém meu casaco era comprido o suficiente para que ninguém tivesse ideia do que eu estava usando por baixo. Coloquei um cachecol para esconder os sinais da mancha na minha blusa. Queria poder dirigir até a loja, mas o senso comum prevaleceu — bem, isso e o fato de não ter certeza se gostaria de escrever “usando *plug* anal e corda na virilha enquanto dirigia” no espaço da “causa do acidente” quando eu fosse acionar o seguro.

Caminhando os dez minutos até a loja, achei que o momento ao ar livre, sozinha, me ajudaria a retomar o equilíbrio, mas não. O *plug* mexia a cada passo, minhas nádegas ainda doíam por causa da surra e meu cérebro rodava com perguntas sobre o que aconteceria depois — especialmente porque aquilo estava sendo mais desafiador do que eu esperava. Estava tentando desesperadamente entender o porquê; se eu compreendesse o que estava acontecendo, com sorte superaria um pouco das dificuldades.

Infelizmente, não consegui ter essa compreensão quando voltei para casa. Liguei a chaleira e aqueci os croissants que tinha comprado, ainda me sentindo incerta em relação ao que iria acontecer.

Quando o café da manhã ficou pronto, Adam se sentou no sofá para comê-lo e fez um

sinal para que eu me sentasse no chão entre suas pernas.

Foi estranho. Não é raro eu me sentar no chão porque quero. Quando assistia à TV ou lia jornais, geralmente pegava uma almofada do sofá e me deitava de barriga para baixo no chão, esticada para ler e relaxar. Não era uma coisa que me inferiorizava, um tipo de status; era minha escolha, um lugar confortável para me sentar. Mas naquele contexto, foi diferente, muito diferente, e só conseguia me lembrar de Charlotte sentada no mesmo local alguns fins de semanas antes, assistindo ao DVD conosco. Será que uma coisa tão simples também foi tão importante para ela? Tão estranha?

Comemos em silêncio compartilhando a geleia, TV ligada em som baixo ao fundo. Depois de comermos, tomamos café e assistimos ao jornal. Ele fez carinho nos meus cabelos e eu deitei a cabeça em seu joelho; o silêncio mudou sutilmente de um sentimento estressante (pelo menos para mim) para algo um pouco mais amigável. De repente, me dei conta. Os momentos que eram mais opressores e estranhamente irritantes eram os de menor conexão emocional, quando ele me tratava mais como uma coisa do que uma pessoa. Momentos de carinho retomavam o equilíbrio, faziam com que eu sentisse que estava tudo certo. Mesmo com a humilhação, havia carinho. Era fofo.

Se bem que eu tinha acabado de beber meu primeiro café naquela manhã, o que provavelmente me ajudou a ficar menos pirada.

Depois das notícias do dia, mandou que eu me levantasse. Obedeci com as pernas um tanto fracas. Fiquei de costas para Adam; ele tirou a blusa manchada de dentro da minha saia para que ele pudesse desamarrar a corda. Puxou minha calcinha até as coxas e fez isso.

Depois, mandou que eu me inclinasse para a frente e removesse o *plug*.

Sei que é besteira. Já havíamos feito sexo anal algumas vezes, então ele certamente sabia o que ia ver. Mas mesmo assim, tive de respirar fundo umas duas vezes, e precisei me esforçar conscientemente para estabilizar minhas mãos, que de repente começaram a tremer, antes de conseguir me mostrar para ele daquela forma.

Observando enquanto eu me humilhava, Adam pegou o lubrificante — acho que foi buscar o tubo no quarto quando eu saí para comprar o café da manhã. Abaixou o short e passou o gel em seu pênis, que estava ficando ereto. O que ele disse depois destruiu a sensação doméstica que compartilhamos momentos antes.

— Quero que se crave em mim.

Virei o rosto para olhar para ele em busca de uma explicação silenciosa, apesar de já saber o que queria dizer.

— Empurre o cu no meu pau.

Estava sentado no sofá. Não era muito baixo, mas ter de me abaixar em cima dele foi estranho; tive de fazer uma manobra para não achatá-lo, mas consegui colocá-lo dentro de mim. O gemido de prazer quando me sentei em seu colo me encheu de orgulho. Levei a cabeça para trás, apoiando-a em seu ombro, curtindo a sensação de tê-lo bem dentro de mim.

Depois de algum tempo, comecei a me mover vagarosamente. Meus pés fincados no

chão me ajudaram a dar impulso para cima e para baixo. O movimento de fricção fez com que minha bunda, que ainda estava machucada, doesse. Era humilhante também: eu estava efetivamente dando meu cu para ele, que ficou sentado. Mas também era muito gostoso, antes mesmo de ele tocar meu clitóris.

Eu não havia gozado antes, portanto já estava bastante estimulada, antes mesmo de ele me masturbar, fazendo com que eu me movesse com mais força contra seu corpo.

Meu orgasmo se concentrou rapidamente, e foi só no último segundo que uma voz lá dentro de mim me fez lembrar que devia pedir permissão antes de gozar. Minhas coxas tremiam com o esforço de impedir o orgasmo quando, relutante, disse as palavras. Ele me fez repetir o pedido antes de finalmente ficar com pena e me deixar gozar, alto e com tanta força que só não caí do sofá porque ele me segurou pela cintura.

Quando voltei à realidade, fez carinho em meus cabelos, beijou meu pescoço e sussurrou que estava feliz por eu ser um brinquedo tão bom para ele foder. Foi algo que, em outro estado de espírito, teria me deixado com raiva, mas, em vez disso, sorri em plena alegria abastecida pela adrenalina. Olhei para ele e, impulsivamente, ele se abaixou e me beijou com paixão.

— Você fica tão linda toda desarrumada e coberta de depravação.

Eu me controlei para não fazer uma careta para ele (sabia que *isso* não ia acabar muito bem naquele dia), então retribuí o beijo, aproveitando o momento de carinho.

Uma das coisas interessantes de morar junto com Adam era a maneira como nos complementávamos. Eu era organizada, sempre fui, um pouco por causa do trabalho e porque passei tantos anos morando só que, se não me organizasse, ninguém mais faria isso por mim. Adam, por outro lado, amava o fato de eu arrumar grande parte do lado administrativo da nossa vida a dois, e por sua vez escolheu fazer uma coisa da qual nunca gostei de verdade. Limpeza.

Sei que viver em uma casa limpa e arrumada é maravilhoso, mas devo admitir que não sou uma faxineira por natureza. De vez em quando faço uma limpeza, quando tenho visita ou quando chega naquele ponto em que de repente você sente que não tem mais como viver daquela forma, nem mais um segundo, e deve agir imediatamente (ver também: crescimento de sobrancelha — como é que pode eu ir dormir com uma aparência OK e acordar parecendo o elo perdido de monocelha?). Adam, por outro lado, amava limpar. A primeira coisa que fez quando nos mudamos, enquanto eu organizava os DVDs em ordem alfabética (não me julguem), foi reorganizar nossa cozinha. Um sábado de manhã divertido começava com ele esfregando o banheiro até que ficasse brilhando enquanto eu comprava o jornal e fazia o café da manhã. Ele gostava disso, parecia se satisfazer, e esse era um dos (muitos) motivos para que eu agradecesse à minha estrela da sorte por ter me apaixonado por uma pessoa tão maravilhosa quanto ele.

Mas não naquele dia.

Naquele dia, parecia que ele só queria me testar. Sentou-se no sofá e fez com que eu limpasse a sala. Tirei o pó, passei pano e aspirador. Ele nem tirou os pés do caminho quando foi necessário. O tempo todo, eu sabia que estava me observando e

olhando para a minha saia quando eu me abaixava.

No entanto, se era isso que ele tinha em mente para aquele dia de controle total, quem era eu para discutir?

Quando terminei, andou pela sala inspecionando meu trabalho. Limpei melhor do que faria normalmente por vontade própria, mas ele foi meticoloso — ou devia estar buscando desculpas.

Encontrou uma área empoeirada atrás do aparelho de DVD, passou a mão pela sujeira e a mostrou para mim. Franzi o rosto quando olhei para a poeira — francamente, quase imperceptível — em seus dedos. Peguei o espanador e me inclinei para colocar o braço no móvel da TV e alcançar o local. Mal notei que murmurei um “pelo amor de Deus” bem baixinho.

Ele veio para o meu lado em segundos. Nem olhou para mim, apenas me pegou pelo braço quando passou e me carregou com ele. Não entendi muito bem o que estava acontecendo, foi muito rápido.

Abriu uma porta no canto da sala, que dava para uma pequena despensa. Quando nos mudamos, colocamos ali as caixas vazias que precisavam ser jogadas fora, e meu primeiro pensamento quando a abriu foi “nossa, ele tirou tudo, levou as caixas para o lixo”. Até que me empurrou lá dentro e me jogou no chão. Fechou a porta e me deixou na despensa escura e quase vazia (havia um cobertor que usávamos quando estava frio, mas só isso).

Foi tudo tão rápido que fiquei surpresa nos primeiros minutos. Eu me sentei, xinguei Adam (mais baixo do que antes), e esperei para ver o que aconteceria depois. Que porra de brincadeira era aquela? Eu estava mais furiosa do que qualquer outra coisa. Sei que concordei com as regras, mas que merda era aquela? Em parte, quis abrir a porta, mas várias coisas me impediram — curiosidade em relação ao que ele faria, e orgulho, que se recusava a deixá-lo ver que estava me incomodando ou que aquilo estava me chateando. Pensei em abrir a porta, sair e ver o que aconteceria, mas visto que eu não queria pedir desculpas e não tinha intenção de usar a palavra de segurança, a única coisa que era capaz de acontecer era eu me meter em mais confusão ainda. Péssimo plano.

Esperei da forma mais paciente que pude (o que não era muito).

A única luz na despensa vinha por debaixo da porta. Eu a vi piscando em alguns momentos e me perguntei se era ele passando. Eu me esforcei para ouvir se ele estava lá fora, e nem sabia se ficaria aliviada ou nervosa caso estivesse. Mas o tempo todo eu estava fervendo. Senti uma fúria completa, inflamada, do tipo que já havia sentido em situações D/s antes, mas nunca com Adam.

Não sei por quanto tempo fiquei sentada, mas comecei a ficar mais calma. Parei de sentir raiva e comecei a sentir ansiedade. Eu me senti mal por talvez tê-lo desapontado ou decepcionado, irritada por essas ordens aparentemente tão simples terem sido tão desafiadoras — confusa, na verdade, por terem sido tão difíceis. Eu me deitei e me encolhi em posição fetal, esperando que ele voltasse.

Finalmente, ele abriu a porta e mandou que eu saísse. Tentei me levantar, mas

mandou que eu ficasse de quatro. Dei uma olhada em seu rosto quando passou por mim e tentei ler sua expressão, mas naquele momento realmente não deu.

Fui engatinhando atrás dele até o outro lado da sala. Ele parou ao lado do móvel onde colocamos nossa TV, video game e DVD, e finalmente se virou para mim, ao mesmo tempo em que abriu o short. Eu abri a boca automaticamente, mas ele sorriu — um retorno breve, porém reconfortante, do meu Adam — e balançou a cabeça.

Ele se masturbou enquanto eu assistia. Eu já tinha visto Adam fazendo aquilo; normalmente era aceitável que eu ajudasse, mas dessa vez eu sabia que só podia olhar. Foi um tipo de tortura erótica, especialmente quando ele começou a ir mais rápido, aproximando-se do orgasmo.

Por fim, ele gemeu e apontou o pau para baixo. Por um segundo, achei que estivesse mirando em alguma parte do meu corpo ou roupa, mas em vez disso gozou no chão de madeira.

Mais tarde me contou que eu fiz uma expressão de confusão e irritação. Acho que não melhorou muito quando ele falou comigo — eu literalmente tive de controlar um desejo de empurrá-lo.

— É por isso que quando eu digo limpe a sala, tudo tem que ficar limpo. Agora lambe.

Olhei para cima tentando descobrir se ele estava falando sério ou se era algum tipo de brincadeira. Eu já o conhecia bem o suficiente para saber que não estava me enrolando, que não se influenciaria pelos meus olhares suplicantes. Mas acho que ele me conhecia o bastante para saber que eu não ia usar minha palavra de segurança para escapar daquilo.

Lentamente, eu me abaixei e lambi o esperma, meio sem jeito, mas a secreção se moveu na superfície de madeira para longe de mim. Maldito chão laminado. Eu me mexi e tentei pegar com a língua, ciente de que era uma tarefa ridícula e surpreendentemente difícil. Levei séculos, e quando terminei meus olhos estavam cheios de lágrima por causa da humilhação. Senti também que tinha desapontado e decepcionado Adam. Era uma sensação estranha e inesperada que me fez querer uivar. Fui pega de surpresa. Mas ele percebeu o que eu estava passando.

Assim que viu meu rosto, me levantou do chão e me levou para o sofá. Nós nos sentamos juntos, ele me abraçou e eu me segurei nele de uma maneira que mais tarde me daria certa vergonha, mas que naquele momento foi muito desesperadamente importante. Eu precisava da conexão, precisava do calor dele. Precisava dele.

Sua voz foi calma e gentil. Disse que eu tinha me saído bem, que estava orgulhoso de mim. Perguntou se eu estava bem, se ele tinha ido longe demais.

Depois da reação inicial à humilhação toda, eu me acalmei um pouco. Ele pegou a coberta que estava na despensa e me envolveu nela, dando um beijinho na minha boca antes de ir fazer duas xícaras de chá.

Bebi o chá e me senti um pouco menos desamparada. Já havia tido experiências D/s intensas antes — coisas mais humilhantes, coisas definitivamente mais dolorosas — que me afetaram muito menos. Conversamos sobre isso com calma, o que achamos

provocante, o que achei difícil e por quê.

Considerando que não tenho dificuldade para falar sobre alguns elementos da minha mente, sobre esse fiquei um pouco bloqueada. Já havia sido tratada de maneira impessoal, já havia sido machucada, humilhada de maneiras distintas e similares. Não sei se foi o fato de aquilo ter acontecido no nosso ambiente doméstico que fez com que fosse mais intenso; não sei se foi ficar presa na despensa — há uma grande possibilidade. Pensando hoje, me pergunto se a sensação de estar sendo punida apropriadamente por um mau comportamento em vez de estar sendo punida “de brincadeira” teria me deixado no limite.

Não sei o que foi, mas aos poucos voltei a me sentir eu. Bebemos nosso chá e comi um biscoito de chocolate (acho que o açúcar ajudou a melhorar meu humor também — é minha desculpa e vou mantê-la), e enquanto ficamos no sofá abraçados meu estado de espírito mudou mais uma vez.

Ainda tínhamos a tarde toda para brincadeiras pervertidas, e apesar de o tempo de Adam no controle ter acabado, em um acordo silencioso, eu ainda estava me sentindo animada e queria mostrar meu carinho por ele, pela sua gentileza e compreensão. Então comecei a fazer isso das formas mais eróticas possíveis. Fiquei deitada em seu colo lambendo e chupando seu pau com amor enquanto assistia rúgbi, saboreando o ato de em parte provocá-lo, em parte adorá-lo durante o jogo todo. Depois pedi, por vontade própria e com uma expressão bem menos raivosa, se deixaria que eu o chupasse até gozar enquanto eu me masturbava. Depois fiz o show mais sacana para ele, aquele tipo de coisa que me faz corar, mas que deixa os olhos de Adam escuros de tanto tesão.

Era o tipo de coisa que em um contexto diferente seria humilhante, que me deixaria com raiva se ele tivesse me obrigado a fazer. Mas eu quis fazer porque escolhi. Fiquei molhada me dedicando a ele, vendo como seu pau ficava duro.

Minhas humilhações eram quase insuportáveis, mas fazer a mesma coisa voluntariamente era OK.

Eu sei, sou uma mulher contraditória. Alguns amantes da perversão certamente diriam que meu comportamento foi um show pobre para uma submissa, e talvez tenha sido. No entanto, nós dois descobrimos nossos limites e percebemos, sem sombra de dúvida, que o tipo de controle 24 horas por dia não era a nossa. Se bem que, enquanto escovávamos os dentes à noite, Adam admitiu que isso não era uma coisa ruim.

— Tem dias, Soph, que não consigo fazer nada direito, imagina gerenciar você. Não foi uma coisa natural. Quero uma parceira igual que se submete, não uma escrava que obedece. Dar uma punição real pra você não me excitou tanto quanto outras brincadeiras excitam. Só me fez sentir meio babaca.

Comecei a rir no meio do gargarejo.

— Sei que isso provavelmente me exclui do clube dos Doms, mas na verdade nunca li as regras para entrar e provavelmente teria ignorado todas do mesmo jeito. É que nem aquela citação do Groucho Marx: “Não quero pertencer a nenhum grupo que me aceite como membro.”

Suspirei de alívio. Ainda bem. Ele beijou minha orelha.

— Vamos continuar fazendo o que funciona pra gente? Isso significa que você pode me ridicularizar sem se preocupar se vou fechar a cara ou fazer com que você peça desculpas por falta de respeito. Podemos fazer coisas D/s ou coisas comuns. Ou só ver televisão e comer torrada. É isso que tenho em mente pra um relacionamento ideal.

Ele tinha razão. E isso nos poupou de ter de assinar um maldito contrato sexual.

Capítulo nove

Não sou do tipo travessa, se bem que as travessas provavelmente também negariam que são. Contudo, às vezes posso ser meio... exuberante, digamos. Atrevida, até. Com Adam não havia problema porque nosso relacionamento era baseado em uma dinâmica D/s que não era ranzinza. Ele era seguro ao me dominar, sem me mandar chamá-lo de Senhor Mestre de Tudo, fazer reverência ou me referir a ele na terceira pessoa. A dinâmica entre nós ia e vinha dependendo do que estávamos fazendo, onde estávamos e quem circulava por perto. Às vezes, a provocação entre nós ficava bem descarada, até boba. Quando estava no clima certo, e se não se esquecia, mais tarde ele podia inventar uma retribuição brincalhona pelo meu “mau comportamento”, mas, como amava dizer, não precisava de uma razão para me “punir”: quando chegava a hora, e se ele sentia vontade, simplesmente me machucava porque nós dois gostávamos disso. Era a justificativa que precisava.

Ele não estava errado.

Não havia a ideia de que eu era “punida” por ser quem sou. Em geral, ele deixava os resmungos menores passarem, via que eram sinais de afeição, o que realmente eram, e normalmente tolerava minhas reclamações atrevidas, que nem mesmo minhas tendências submissas conseguem controlar.

Bem, normalmente era tolerante.

Admito que eu vinha ridicularizando ele mais do que o normal, mas se vocês me perguntarem por que, eu teria dificuldade de responder. Eu estava especialmente de bom humor, o que provavelmente exacerbou esse quadro; quando estou feliz, tendo a ser um tanto irreverente. Foi o resultado de uma cena particularmente pesada que tínhamos protagonizado alguns dias antes. A cena ficou na minha cabeça — daquele jeito positivo, memórias que vêm no meio do nada e fazem você ficar quente de excitação e vergonha enquanto espera a água ferver. Talvez isso tenha me inspirado subconscientemente a me rebelar um pouco mais do que o normal como uma maneira de retomar o meu equilíbrio diante das memórias de estar deitada no chão da cozinha pelada, machucada e coberta de esperma. Contudo, em geral, o que aconteceu tem a ver com alguns velhos amigos de faculdade que vieram passar o fim de semana conosco; eles não tinham noção do que fazíamos no quarto, graças a Deus.

Eu forcei a barra. Sempre que meus amigos de faculdade se reúnem, as piadas e o sarcasmo fluem, era fácil entrar nesse clima. E foi engraçado ver os olhos de Adam franzidos enquanto me observava em meio às gargalhadas. Seus olhos diziam “se eles não estivessem aqui, você estaria jogada no sofá neste momento lamentando o que acabou de falar”, ao passo que os meus brilhavam para ele dizendo “eu sei, mas eles estão aqui. Rá!”.

Analisando hoje, fui longe demais. Mas não achei isso na hora. Enquanto preparávamos o jantar — *dim sum* do supermercado chinês, carne refogada com gengibre e cebolas, acompanhados por cerveja — a provocação continuou. Vi seus olhos se apertarem aos meus comentários mais bobos, mas sabia que não havia nada que ele pudesse fazer. Realmente me fez rir. O humor em suas respostas e a maneira

que suas tendências tácteis permaneceram as mesmas me deram a certeza de que ele estava encarando tudo de forma positiva. E falando sério mesmo, ele estava — seu sorriso era indulgente, seus olhos brilhavam.

Enquanto colocávamos louça na máquina e nossos convidados arrumavam o tabuleiro de Scrabble na mesa, ele me puxou para me dar um beijo. Rindo, eu o abracei, tomada pela diversão daquele dia, amando a maneira como ele estava se dando bem com meus amigos, simplesmente saboreando a boa companhia e os momentos deliciosos. Nosso beijo ficou mais profundo e, de repente, ficamos nos olhando com aquela cara de duas pessoas que — não importa quão boa a companhia — querem apenas arrancar as roupas uma da outra.

Dava para decifrar a luxúria em seus olhos, e tenho certeza que os meus diziam a mesma coisa. Scrabble não era mais o jogo que eu queria jogar. Eu me estiquei e o beijei de novo, dando pequenas mordidas em seu lábio inferior. Ele rosnou para mim.

— O que você tem hoje? Está elétrica.

Eu sorri com seus lábios nos meus.

— Desculpa. Não dá pra evitar. Acho engraçado fazer essas coisas quando tem gente por perto. — Belisquei sua bunda. Com força. Ele contorceu o rosto. — Não fique assim, bebezinho. Você faz muito pior do que eu. O negócio é que você tem pouca resistência pra dor.

Olhou para mim fingindo estar revoltado.

— Bebezinho? Eu? Espere até eles irem embora e vamos ver quem é um bebê.

Sorri para ele, belisquei sua bunda de novo e dei-lhe um beijo na ponta do nariz.

— Boa resposta. Falar é fácil. Não há nada que você possa fazer até Sam e Emily irem embora. Seria muito barulho. — Fiz uma expressão fingida de tristeza. — Que pena...

Pegou meus ombros e me puxou para outro beijo.

— Ah, minha Sophie linda e precipitada. — Ele se inclinou para sussurrar no meu ouvido. Tentei não tremer. — Desafio aceito. — Mordiscou minha orelha e, antes que eu pudesse reagir ou entender o que tinha dito, ele pegou a garrafa de vinho e foi para a sala assobiando.

Quando achei que não tinha como aquele dia ficar mais divertido, o jogo começou. E não apenas o Scrabble.

Tomei banho antes de ir dormir para minimizar o fluxo de pessoas no banheiro, visto que todos nos arrumaríamos de manhã. Entrei no quarto molhada e enrolada na toalha. Ele estava esperando. Quando fechei a porta, antes de me dar conta do que estava acontecendo, a toalha foi arrancada de mim e jogada no chão. O ar gelado fez com que minha pele úmida se arrepiasse. Pegou meus cabelos e me arrastou até a cama. Dei um grito de surpresa e ele tapou minha boca com a mão, me silenciando.

No espelho na parede oposta, meus olhos estavam arregalados, chocados e um tanto nervosos, apesar de estarem brilhando de ansiedade — nem mesmo o pior estado nervoso conseguia abalar a ansiedade. Ele sorriu para mim, mas sua expressão foi um pouco perigosa quando se inclinou para baixo, hálito sussurrando quente em

minha orelha.

— Fique em silêncio, entendeu?

Fiz que sim, mas sua mão apertou meus cabelos mais ainda, me deixando paralisada. Meu coração começou a bater um pouco mais forte. As persianas estavam fechadas; meu namorado brincalhão deixou que meu dominador severo aparecesse. A ansiedade, a sensação de desafio, começou a crescer. Ele estava olhando para mim com cuidado e, mais do que nunca, eu sabia que era importante responder. Emiti um gemido vagamente afirmativo, ou assim esperei, do fundo da garganta.

Ele não falou novamente quando me moveu para a cama. O edredom já havia sido retirado, pronto para a minha chegada, e as algemas já estavam presas na cabeceira. Rapidamente, meus punhos e tornozelos estavam presos pelas algemas pesadas, as que ele geralmente ignorava em prol da corda e seus nós elaborados. Isso indicava duas coisas: ele não queria perder tempo com beleza, e queria fazer alguma coisa sem que eu pudesse me debater e fugir. Meu nervosismo começou a aparecer, antes mesmo de Adam se virar e pegar uma pilha de coisas que não consegui ver muito bem em sua mesinha de cabeceira.

Deitou-se comigo de lado, usando a mão como apoio. Não falou durante certo tempo, ficou apenas me observando, esticada e vulnerável, olhar faminto, avaliando. Tentei não me mover, tentei encará-lo, tentei tudo o que pude para não delatar meu nervosismo — e minha excitação. Honestamente, considerando o quanto ele me conhecia e como eu estava esticada e arreganhada, não sei se consegui esconder um ou outro, mas temos de tentar, certo?

Certo.

Ele tirou uma mecha de cabelos do meu rosto e começou a sussurrar para mim.

— Adoro a rapidez da sua mente e seu senso de humor safadinho, você sabe disso. Amo o fato de nos encaixarmos tão bem, nós nos desafiamos. — Concordei, e essa concordância silenciosa foi um tanto incongruente naquelas circunstâncias. — Mas às vezes acho que você é meio imprudente. Me provocou porque achou que não haveria consequências, porque com a casa cheia achou que não haveria chances de eu fazer nada com você. — Engoli a saliva, coração começando a bater forte. — Você pegou meio pesado, não foi?

Abri a boca para argumentar, vi aquele olhar e decidi que um instinto de autopreservação era necessário, ainda mais porque nós dois sabíamos que ele tinha razão. Sem conseguir confiar em minha voz, apenas fiz que sim com a cabeça novamente, só que mais devagar dessa vez.

Ele deu uma risada alta quando balançou a cabeça para mim sorrindo.

— Você jamais devia subestimar minha criatividade. — Pausa. — Posso criar maneiras de punir você se eu quiser. — Abaixou-se para me beijar; arqueei as costas para tentar beijar com mais força. — Não que eu precise de desculpas, não é?

Balancei a cabeça e sorri com timidez.

Ele me deu outro beijo suave e tirou os cabelos de cima dos meus olhos.

— Ai, linda, acho que é melhor assim.

Mesmo com a ansiedade, o nervosismo e o olhar inflexível dele, senti uma onda de amor por Adam. E então ele se moveu e o nervosismo voltou a ser mais forte.

Olhando em retrospectiva, minha complacência parece uma forma de loucura. Até mesmo naquele momento, lá no fundo, não esperava que o que ele ia fazer comigo fosse tão desafiador. Como poderia ser? Logisticamente? Ele já havia me machucado e, apesar de ter sido difícil de aguentar quando ele era mais durão, eu ia até o final, geralmente ilesa e em silêncio. O que poderia fazer naquele momento, com pessoas no quarto ao lado, que pudesse ser pior do que o *flogger*,¹ ou o chicote, ou as piores humilhações dele?

Rá. Como sou boba.

Ele começou com os prendedores de roupas. Dei uma olhada neles com cuidado enquanto Adam os alinhava ao meu lado na cama. Contei dez. Coisa boa não ia sair.

Tirados direto do cesto de roupa suja, os prendedores eram de madeira, perversos e inflexíveis. Suguei o ar desesperadamente quando a dor começou a pulsar nos mamilos assim que ele, com muita seriedade, pregou os dois.

Não sei o que estava fazendo, mas não tinha a intenção de ficar naquela região por muito tempo. Meu peito se movia com as respirações desesperadas enquanto eu processava os primeiros poucos momentos de dor. Então ele desceu pelo meu corpo com outro prendedor e deslizou os dedos pelos meus lábios vaginais. Em questão de segundos, percebi o que queria fazer. Eu me senti bem ereta, ou pelo menos tentei. Joguei a cabeça para cima, meus braços e pés, ainda presos pelas algemas de couro, se retraíram com urgência, porém sem efeito.

— Adam, não, não faça... — Parei de falar quando me lembrei que ele havia ordenado que eu ficasse calada e ao perceber o olhar incisivo dele diante da minha voz cheia de pânico. Ele se afastou balançando a cabeça perante minha impertinência, mas qualquer alívio que eu possa ter sentido por ele ter se afastado retornou quando veio com a mordada de bola, que foi enfiada sem cerimônia na minha boca e apertada em minha cabeça. Ele pegou o prendedor de novo e, dando um sorriso maquiavélico, enfiou o dedo na minha boceta e separou a pele para que pudesse colocar o prendedor diretamente em um dos lábios.

Para minha vergonha, eu estava tão molhada que o prendedor escorregou e saiu. Ele deu uma risadinha quieta, olhei para ele com raiva. Ele me repreendeu e limpou o dedo em meu rosto em sinal de aviso, e depois voltou para tentar de novo. Consegui deslizar-lo e o prendedor se fechou. O beliscão incisivo me fez choramingar, respirei fundo pelo nariz para tentar processar a dor.

Rapidamente, ele adicionou outro prendedor perto do primeiro, e depois dois mais no outro lábio. Eu estava começando a me debater um pouco, apesar de, claro, não ter aonde ir. Eu me concentrei em tentar ficar parada. Em deixar a dor passar por mim, em me acostumar a ela. Quase em recebê-la de bom grado. Também não queria que ele visse o quanto estava tirando de mim. Esqueçam minha competitividade no Scrabble, esse nível era totalmente diferente e ele sabia disso. De repente, colocou prendedores nas minhas orelhas, um em cada lóbulo. O ridículo (e também a dor) me tiraram do

transe, e o encarei com raiva novamente. Ele sorriu, e senti meu olhar ficando mais ameno involuntariamente, amando o jogo apesar de querer derrotá-lo. Sei que tecnicamente é um tanto impossível que eu “vença” na nossa dinâmica, mas isso não me faria parar de tentar, sendo a otimista que sou. Ou a idiota. Ou ambos.

Ele se abaixou e beijou a bola que estava na minha boca.

— Só mais dois.

Dois? Sério? Só vi mais um. Hmmmmm.

Ele passou o dedo na minha boca, no meu lábio inferior, pegou a pele e afastou-a da mordança para colocar mais uma droga de um prendedor. Nessa altura, eu já estava tremendo levemente. A dor foi inesperada, mas o principal que senti foi humilhação. Sei que é besteira — ele já havia feito coisas muito piores comigo, mas estar imóvel e ser tratada daquela forma me fez sentir muito à mercê de seus desejos. E também me fez ficar muito molhada, e esse paradoxo — aquela vozinha em minha cabeça perguntava “Como isso pode dar tesão?” — me fez ficar ainda mais corada. Até porque quando ele mostrou o último prendedor, eu poderia apostar dinheiro onde ia colocá-lo. O número dez da sorte.

Ele o colocou no meu clitóris, e o toque no meio das minhas pernas me fez tremer com uma mistura de ansiedade e excitação. Dava para ver que ele estava de pau duro; estava curtindo tanto quanto eu.

Ele me conhecia bem e notou a direção do meu olhar.

— Ah, linda. Quer que eu coma você?

Fiz que sim, ciente de que estava ávida — talvez um pouco demais —, mas já tinha passado do ponto de me importar. Ele sorriu para mim.

— Uma última coisa e você vai estar pronta.

Não sabia ao certo o que estava fazendo, só sei que levantou minha bunda da cama e me segurou pela cintura. De repente, uma coisa foi pressionada em meu ânus, escorregando um pouco e depois parando. Era pequeno demais para ser um *plug*, mas tinha uma ponta que fazia com que só entrasse até ali e...

O QUE era aquilo?

Ele se levantou da cama e acenou para mim.

— Só vou lavar as mãos. Não quero esfregá-la em algum lugar dolorido.

Mais tarde, me contou que meu rosto estava hilário. Eu literalmente não fazia ideia do que ele tinha feito, minha cabeça chegou a rodar.

Meu ânus estava ardendo um pouco. Era uma sensação estranha, porém não ruim. Meio quente. Tencionei os músculos do ânus tentando sentir o que era, e de repente a ardência ficou quente de uma forma menos agradável. Que porra era aquela?

Quando ele voltou e se arrumou na cama, me tirou do suspense.

— Gengibre. Decidi guardar um pedaço enquanto preparava o jantar.

Uma parte de mim o parabenizou pela organização. O resto, sentindo a ardência crescente no ânus, teria dado um chute nele se minhas pernas estivessem livres.

Eu já tinha ouvido falar em *figging* — a prática de colocar um pequeno *plug* curvilíneo feito à mão com gengibre fresco no ânus da submissa. Mas nunca havia tido

a experiência. Além das sensações dos prendedores em todo o meu corpo, era um sentimento muito intenso, e isso foi antes de Adam afastar os prendedores do meio das minhas pernas e se enfiar em mim.

Entrou facilmente, e ele gemeu, gostou de eu ter me aberto com vontade para ele involuntariamente.

Começou a se mover empurrando o gengibre mais para dentro de mim com seus movimentos. Cada enfiada parecia bater em um prendedor ou outro, e as explosões de prazer e dor de seus movimentos me deixaram incapaz de fazer qualquer coisa, a não ser reagir ao que viesse depois. Eventualmente, as duas sensações se misturavam e comecei a gemer por trás da mordada, degustando o anacronismo dos dois extremos de sensações.

Ele gozou depois de alguns minutos, acho que um produto da ciência de seu poder junto com minhas convulsões frenéticas embaixo dele conforme o gengibre aumentava em intensidade. Estava começando a queimar um pouco, o que me fez mexer a bunda. Se perguntassem se eu estava tentando fazer com que saísse ou tentando aliviar a dor, eu não seria capaz de responder. Ele tirou o pau, se levantou e foi até o outro lado do quarto para pegar seu cinto.

Meus olhos devem ter ficado enormes porque ele sorriu e fez carinho no meu rosto; era um deboche para me deixar mais segura.

— Não se preocupe, Soph, não vou bater em você com o cinto, pelo menos não esta noite. — Senti alívio e um tipo estranho de decepção, mesmo com a variedade de sensações diferentes que ele estava me causando, eu, pateticamente, ainda queria mais. — Acho que você vai começar a se contorcer em breve, então isso vai ajudá-la a ficar paradinha.

Fiquei olhando com aflição enquanto ele pegava o *plug* anal inflável que eu tinha comprado e descartado por achar grande demais para o meu ânus. Mexendo nos prendedores com delicadeza, ele abriu minha vagina e enfiou o *plug*. Merda. Já sabia o que ia acontecer. A bomba fez um som chiado e o *plug* se expandiu dentro de mim. Não tive como controlar, gemi. Ele fez pressão de novo, me preenchendo. Depois se curvou e apertou o cinto em volta das minhas coxas, amarrando-as juntas para garantir que eu não ia expelir o *plug* (por acidente ou por qualquer outro motivo).

Depois, ligou o vibrador.

Naquele momento, o fato de estar amarrada provavelmente foi a melhor coisa porque do contrário eu teria pulado da cama. As vibrações na minha boceta fizeram com que eu me contorcesse, o que teve efeitos lancinantes tanto no *plug* de gengibre quanto nos prendedores. Cada pequeno movimento, até cada respiração, tinha um impacto, uma consequência de dor ou de prazer.

Eu estava pegando fogo.

A sensação em meu ânus ficava cada vez mais intensa. Ele se deitou ao meu lado, queixo apoiado no braço, observando com atenção. Se eu conseguisse me mover, certamente teria dado um chute nele, naquele momento. Eu me senti como uma espécie em um experimento.

Não queria me mover, mas o gengibre machucava cada vez mais. A cacofonia de dor pelo meu corpo estava se modificando e, de repente, a sensação de queimação foi mais forte do que tudo. Meus olhos começaram a lacrimejar, e eu comecei a chorar desesperadamente com a mordada na boca.

Adam sorriu.

— O negócio do gengibre é que demora um pouco pra esquentar. Acho que você deve estar chegando perto da potência máxima agora.

Chegando perto? Não sabia se conseguiria lidar com mais do que aquilo. Ele riu devagar, o que me faz achar que minha incredulidade estava estampada no rosto.

— Não se preocupe, a dor vai começar a passar. Em cerca de dez minutos vai parecer que tem um *plug* normal em você — bem menor do que esse.

Fiquei corada.

— Mas pode machucar um pouco mais antes de melhorar. Não se preocupe, linda, vou ficar do seu lado o tempo todo.

E ficou mesmo. Brincou comigo como um gato se divertindo com um rato. Viu a agonia em meu rosto quando a ardência do gengibre virou uma queimadura total e implacável, viu meus olhos se encherem de lágrimas. Observou enquanto eu tentava controlar minha respiração para aguentar a dor e, quando meu esforço foi bom o suficiente para minha aflição evidente começar a ficar mais branda, tirou e recolocou um prendedor no meu mamilo. O alívio e o retorno da pressão quebraram minha calma e deram início a uma nova onda de prazer. Ele fez carinho nos meus cabelos, passou os dedos pelo meu rosto, beijou o topo dos meus seios. Disse o quanto estava orgulhoso, como eu era corajosa, que era um tesão me ver aguentar aquilo por ele com o esperma dele secando na minha coxa, que eu era uma vagabunda imunda por não só deixar fazer essas coisas em mim, mas também por sentir prazer com elas.

E ele tinha razão, eu sentia. A dor embaçava tudo e se misturava com as vibrações incansáveis entre minhas pernas. Eu estava sendo jogada em um mar de sensações, ciente apenas da dor e dos sussurros dele, que me mantinham em solo firme, me diziam que eu era capaz, que conseguiria aguentar.

Então ele começou a remover os prendedores, e eu realmente não tive certeza se conseguiria. A coisa mais estranha dos prendedores é que, depois de certo tempo, você não sente mais. Quando uma coisa fica presa por tanto tempo que deixa a pele dormente, a dor passa a não ser agressiva e se transforma em uma sensação fraca. Meu corpo era uma mistura dessas dores até Adam começar a tirar os prendedores. Começou com os que estavam na boca e nas orelhas. Fez um carinho suave para que a pele voltasse a ter sensações e para minimizar a dor quando o sangue voltasse a circular. Depois, passou para meus seios e tirou os prendedores, mas não massageou meus mamilos. As lágrimas começaram a correr. A dor foi crescendo tanto que as lágrimas caíam em meus pobres seios punidos. Ele acabou ficando com pena e beijou os mamilos com cuidado, acariciando-os com a língua.

À medida que foi para baixo, comecei a tremer. Eu não tinha noção do tempo, mas já não era hora de a queimadura do gengibre começar a passar? Do jeito que estava,

eu não parava de choramingar com a mordança na boca, incapaz de controlar minhas reações, grata por ele *ter* me amordaçado porque senão eu estaria berrando. Colocou a mão entre minhas pernas. Eu não consegui decidir se estava feliz ou chateada por ele ter tirado os prendedores dos lábios vaginais tão rápido. A dor foi tão intensa que vi estrelas, mas pelo menos passou logo, e a mão de Adam massageando aquela área foi uma mudança de ritmo bem-vinda.

Finalmente, faltava apenas o prendedor no meu clitóris, o gengibre no meu ânus e o vibrador grande demais na minha boceta. Ele parou por um instante e olhou aquela região mais uma vez, assimilando a cena. Então, para meu pânico, apertou a bomba mais uma vez fazendo com que eu ficasse completamente cheia, e mudou a velocidade das vibrações dentro de mim. De repente, meus gemidos foram um precursor inevitável do orgasmo que estava me deixando preocupada, pois era capaz de me fazer cair da cama. Talvez fosse até melhor que eu estivesse amarrada.

Ele veio até mim e beijou meu rosto, onde um rastro de lágrimas estava secando.

— Você vai gozar pra mim agora, minha menina corajosa e boazinha?

Fiz que sim com a cabeça, apesar de honestamente não saber se ia conseguir superar o redemoinho de sensações o suficiente para me perder em um orgasmo. No entanto, às vezes, Adam sabe quais serão minhas reações muito melhor do que eu.

Ele tirou o prendedor do meu clitóris e começou a massageá-lo com os dedos, tanto para mitigar a dor quanto para aumentar o prazer. Eu me senti cedendo, olhando para ele, vendo-o fazer que sim com a cabeça e depois o sorriso em seu rosto quando eu me entreguei à sensação.

Gozei com tanta força que doeu. A consequência imediata foi que fiquei desconectada do que acontecia, senti a respiração alta e as pernas e os braços frouxos conforme ele veio até mim, tirou as algemas, massageou meus braços, tirou a mordança e, finalmente, tirou o pedaço de gengibre.

Ele colocou o gengibre em um lenço de papel e o jogou no lixo, lavou as mãos novamente e depois veio se deitar comigo. Eu estava em silêncio, repleta. Depois das experiências de submissão mais intensas, levo certo tempo para voltar ao mundo. Fiquei como se fosse uma versão ligeiramente zonzá e quase sonolenta de mim mesma.

Ele me abraçou, e eu me enrosquei no calor de seu corpo com gratidão, buscando aquela conexão e proximidade à medida que comecei a emergir. Adam beijou meus cabelos e fez carinho nas minhas costas. Eu me segurei nele, um pouco estupefata. Sem palavras.

— Viu? Criatividade. Não preciso me preocupar com barulho.

Levei alguns segundos para entender suas palavras, e quando entendi comecei a rir sozinha lembrando do jogo que havia dado início àquilo tudo.

— Você tem toda razão. É isso que quer ouvir? Você tem razão.

Sorriu para mim.

— Fala sério, Soph, em que momento não quero que você me fale que tenho razão? Mostrei a língua para ele.

— Mas foi incrível. O gengibre machucou muito, mas o aumento da intensidade foi maravilhoso. Passou da ardência pra queimação, até que chegou um momento em que a única coisa que eu podia fazer era lidar com a dor.

Mordeu minha orelha.

— Foi um tesão assistir. Gosto mesmo de fazer você se contorcer.

Concordei solenemente.

— Gosta, sim.

Sorriu para mim.

— Na próxima vez vou deixar você de quatro, bater em você e depois usar o *flogger* quando começar a se contorcer.

Minha primeira reação foi sentir ansiedade, talvez porque, ao mesmo tempo em que a dor queimou muito, ela acabou assim que o gengibre foi retirado.

— Mal posso esperar.

— Eu sei. Assanhada.

Desliguei a luz e fomos dormir, ele seguro por saber que provou que tinha razão, e eu não dando a mínima para isso, sentindo os efeitos da satisfação e do alívio de uma noite maravilhosamente intensa.

Muito ruim de minha parte ficar planejando como atirá-lo no dia seguinte para ver se ele se superava? Talvez eu seja *mesmo* uma atrevida.

¹ Tipo de chicote curto com várias tiras de couro. (N. da E.)

Capítulo dez

O gengibre foi apenas uma das muitas experiências novas às quais Adam me apresentou. Outra que me agradava, para minha surpresa, era assistir a pornô com ele. Antes de conhecê-lo, meu conhecimento de pornô vinha, em geral, do preconceito e daquelas amostras gratuitas de quinze minutos que passam nos canais pay-per-view nos motéis — a maioria com mulheres de seios e unhas falsas. Eu sei, unhas falsas não são motivo de ira, mas eu achava aquilo ridículo — quem acreditava que aquelas mulheres conseguiam se masturbar alegremente com presas tão compridas? Era como ver o Wolverine tocando punheta. Eu sei que o diretor comum de pornô não deve estar ligando para minha preocupação com a suspensão da descrença, um conceito de Stanislawski, mas para mim fazia diferença.

Eu definitivamente não sou uma falsa moralista, mas minha escolha de inspiração erótica era sempre baseada em textos, desde as minhas primeiras aquisições de livros da Black Lace e das primeiras leituras no Literotica on-line. Quando Adam mencionou assistirmos a pornô juntos pela primeira vez, revirei os olhos. Não estava interessada, só isso. Prefiro fazer sexo assistindo a críquete, que também não me excitava. No entanto, em uma determinada noite quando estávamos juntos na cama, ele me mostrou uma parte de uma cena com uma morena linda de olhos maravilhosos (mas cujo rosto não era falso).

O elemento D/s era mínimo, a gravação era bonita e não muito — por falta de uma palavra melhor — ginecológica. Parecia real e, sem querer ser redundante, quando ele botou a mão no meio das minhas pernas é óbvio que nos divertimos. Mais tarde, fiquei sabendo que o nome da mulher era Stoya. Adam me mostrou mais alguns filmes com ela, e juntos encontramos alguns outros com mulheres gostosas e de aparência realista, que reagiam como mulheres comuns reagiriam durante o sexo (sem garras e sem orgasmos com berros, daqueles que me deixavam de sobrelhas em pé). Minhas favoritas, além de Stoya, eram Madison Young, Sasha Grey e a dominadora australiana Chanta Rose. O interessante nelas todas é que vão completamente contra os preconceitos de como se porta uma mulher que trabalha no ramo pornô. Articuladas, sexualmente livres (e certamente sem deixar que tirem vantagem delas), inteligentes, criativas — o tipo de mulher com quem eu adoraria tomar um drinque porque parecia interessante, e parecia ter algo a dizer.

Durante certo tempo assistimos a algumas cenas juntos deitados na cama, e eu me converti. Não assistíamos a esses filmes sempre que fazíamos sexo — acho que fazer qualquer coisa *toda vez* que você faz sexo é meio preocupante —, porém, como parte do nosso repertório sexual, era divertido. Esses filmes também forneceram um contexto para várias discussões sobre nossos gostos e sobre o que gostaríamos de experimentar. O pornô em si variava de cenas de sexo bem diretas (incluindo uma paródia de Batman que conseguia ser tanto excitante quando hilária) até cenas D/s bem intensas, que deixavam minha garganta seca. Mas por mais que eu gostasse dessas cenas, amava o carinho que vinha depois, onde as submissas envolvidas na ação se enrolavam em roupões de banho; seus rostos mostravam aquelas mesmas

reações eufóricas, cheias de endorfina e sorrisos, que eu tinha depois de alguma prática intensa e provocante. Eu conseguia me identificar com elas. Acreditava nelas. E o fato de esse tipo de pornô ser direcionado para mim, e não apenas para homens, me atraiu. E muito.

Adam amava o quanto eu curtia os filmes, e amava o fato de serem algo que podíamos compartilhar. Acho que também gostava da possibilidade de ter conversas sobre mulheres atraentes comigo sem que eu ficasse chateada. Eu definitivamente estava me sentindo segura quanto ao nosso relacionamento, quanto ao que tínhamos — não me pareço com uma estrela pornô (se bem que, pelo que sei, a maioria delas não se parece com estrelas pornôs quando estão longe das câmeras), e Adam não esperava que eu me parecesse com uma delas, da mesma maneira que eu não esperava que ele fosse um James Deen (um ator pornô prolífero cujo sucesso só crescia) ou um Damian Lewis (tem alguma coisa no olhar dele).

Sei que o pornô é um grande tabu para algumas pessoas, mas com Adam eu sentia que, quanto mais eu o conhecia e confiava nele, mais feliz ficava em ter novas experiências ao seu lado. Estava muito apaixonada, sabia que ele me amava e eu tinha confiança que me protegeria. Com os dominadores que vieram antes dele, meu nível de confiança era menor, porém quanto mais experiências intensas vivíamos, melhor era a leitura que tínhamos um do outro. Eu acreditava que ele saberia com quais coisas eu conseguiria lidar ou não, que saberia o significado das minhas reações em determinadas situações.

É claro que, de vez em quando, ele usava esse conhecimento para brincar comigo de formas malignas — até porque sabia que eu era tanto impaciente quanto curiosa (minha mãe diz que sou enxerida; prefiro dizer curiosa — que se dane, como jornalista acho que posso justificar como “curiosidade profissional”).

Em uma manhã melancólica e cinzenta, fui para a minha mesa de trabalho com um café e um croissant de chocolate (certamente a única maneira de começar uma semana) e já havia um e-mail esperando por mim. Era curto, direto ao ponto e exatamente o tipo de coisa que enlouquece minha mente e faz com que digite milhões de perguntas.

Tenho planos pra este fim de semana. Um grande desafio. Vou apresentar uma coisa nova pra você.

Eu queimei de curiosidade. O nervosismo começou com toda força, e logo eu estava debruçada sobre o suspense como se fosse um nó, tentando desatar o mistério desse desafio a partir das informações (propositalmente escassas) que ele me dava. E o irritante era que eu sabia que ele tinha contado no começo da semana porque queria que a ansiedade e o nervosismo aumentassem conforme o fim de semana fosse chegando. Mas saber disso não fez com que eu não reagisse exatamente como ele esperava. Não tinha como evitar. Droga de cérebro. Na segunda-feira, a única resposta para minhas perguntas, ignoradas em sua maioria, foi:

Não vai machucar do jeito que está achando. Mas não posso dizer que não vai machucar.

Serei honesta: depois do episódio do gengibre eu não duvidava de mais nada. Já estava provado que ele era capaz de fazer coisas comigo que eu jamais teria imaginado. Minha curiosidade me deixou de cabeça nas nuvens.

Tentei fazer perguntas quando ele estava desprevenido. Casualmente, antes de dormir. Enquanto jantávamos. Até mesmo durante o sexo. Mas nada dava certo. Ele apenas sorria para mim e ficava com aquele brilho no olhar que me deixava excitada e nervosa.

Mesmo quando o fim de semana finalmente chegou, me fez esperar. Passei a noite de sexta-feira meio que esperando que ele me atacasse, ou me mandasse pegar alguma coisa no baú de cabeceira, que acabou virando o lar dos nossos brinquedos. Mas nada. No sábado, passamos a maior parte do dia em nossos laptops jogando, e no domingo eu já estava quase convencida de que ele havia esquecido ou mudado de ideia, ou o que planejou dependia de alguma coisa que encomendou e ainda não havia chegado.

Sophie, a bobinha.

Estávamos sentados no sofá quando ele me pegou pela mão e se levantou. Não olhou para mim nem disse nada, mas as intenções eram claras. Eu o segui até o quarto.

Fomos até o baú de cabeceira — *eu sabia!* (O quê? Eu não sabia nada, mas pensar dessa forma foi um tipo de defesa.) Ele falou comigo, olhando para trás apenas de lado.

— Tire a roupa. Toda.

Seu tom foi brusco mas, pelo menos naquele momento, a expectativa afastou o nervosismo. Tirei a roupa rapidamente tentando ver por cima das costas dele o que estava tirando do baú de brinquedos.

Quando me despi, ele se virou para mim segurando duas cordas. Ele me empurrou para a cama e amarrou meus punhos, que ficaram presos na cabeceira. Depois, abriu minhas pernas e amarrou cada tornozelo em uma quina, o que fez com que eu ficasse escancarada.

Antes de Adam, eu era relativamente desacostumada a ser amarrada. Meus ex-namorados geralmente usavam algemas e, nas raras ocasiões em que usavam cordas, era de maneira casual. Adam era aficionado por cordas. Amava *shibari*, o *bondage* japonês, e os nós geralmente eram elaborados, meticulosos; de vez em quando, ele desamarrava um nó que não estava direito e o refazia perfeitamente. Ficava superconcentrado no que estava fazendo, eu amava observar a concentração em seu rosto. No entanto, ele estava mais desconectado de mim naquele momento do que costumava ficar. Movia meus braços e pernas como queria, mas seus movimentos eram impessoais, eu era um brinquedo. Foi um pensamento que, estranhamente, deu tesão. Acho que devia ter agradecido por ele não *me* colocar dentro do baú dos brinquedos.

Ele deixou o quarto por pouco tempo e voltou arrastando cabos. Fiquei confusa e meio nervosa — meu primeiro pensamento foi “esse negócio é pra ligar na tomada?”.

Então ele se aproximou e ergueu o objeto para me mostrar o que era.

Todo mundo já viu essas máquinas. São daquelas que mostram nas propagandas de TV tarde da noite para pessoas desesperadas por entrar em forma, mas que não têm tempo ou motivação para ir à academia. Eu já tinha lido a respeito e visto os folhetos no suplemento de domingo, mas sinceramente sempre tive minhas desconfianças. Sendo muito franca, tenho tendências a engordar por causa do meu amor eterno por queijo. Não vejo como quatro peças adesivas presas na minha barriga vão conseguir atingir os “músculos” escondidos embaixo de anos acumulados de queijo cheddar.

Fiz piadas quando vi o aparelho de TENS (estimulação nervosa elétrica transcutânea) no meio das coisas dele quando nos mudamos, mas ele me falou que era bom para tratar das dores musculares decorrentes de um machucado que adquiriu jogando rúgbi. Agora me dei conta de que deixou de mencionar um uso secundário que podia me interessar. Babaca.

Colocou uma pequena peça circular no meu seio, ao lado do mamilo. Era fria e grudada, tremi de leve quando a ajustou. Colocou uma segunda no outro lado do meu mamilo, já ereto (digamos que era parte nervoso, parte excitação). Foi para o outro seio e fez o mesmo.

Fiquei preocupada quando ele se inclinou na minha direção, hálito fazendo cócegas no meu ouvido.

— Lembra da sua palavra de segurança?

Minha garganta estava seca e achei que não fosse conseguir falar, então apenas fiz que sim com a cabeça.

— Diga em voz alta. — Hesitei. Ele entendeu meu silêncio como um ato de teimosia. — Vamos lá, não é vergonha nenhuma dizer a palavra. Diga pra mim. — Minha mandíbula estava travada e meu nervosismo aumentou, do jeito que aumentava quando ele fazia essa checagem quase ritualística. A palavra que eu havia escolhido — cortesia de uma piada interna de um programa de comédia — era deliberadamente nada sedutora e até um pouco ridícula. Eu não estava preocupada se ia acabar com o clima, o negócio era que essa checagem inevitavelmente indicava que o que ia acontecer, fosse o que fosse, seria um desafio grande para mim. Depois de uma semana me perguntando o que tinha em mente, todas as minhas teorias mais selvagens foram descartadas quando ele tomou a primeira iniciativa. Não tinha como fazer uma previsão, não fazia ideia do que aconteceria. Era um passo real em direção ao desconhecido, em que eu tinha de confiar nele e deixar que fosse meu guia. Eu o xinguei em silêncio por fazer com que o suspense fosse ainda pior, e respirei fundo na tentativa de me acalmar.

Depois, rangendo os dentes:

— Trompete.

Eu disse que não era nada sedutor.

Meio segundo depois de eu ter falado, dei um berro. Não tive como me segurar. Uma dor repentina e intensa passou pelos meus mamilos. Tive uma pequena brecha para pensar “Ele tinha razão, não é uma dor convencional, é diferente”, e senti o

mesmo de novo. Eu não era muito de berrar — sou mais de choramingar, mesmo assim de má vontade, porém cada explosão de dor que tomava minha pele tirava um berro da minha garganta.

Merda.

Nos moldes daqueles pensamentos aleatórios que sempre passam pela minha mente nesse tipo de situação, pensei de repente: “Ele usa isso pra se sentir melhor?”

Por cerca de um minuto, a dor ia e vinha com intervalos de poucos segundos. O pulso implacável fez com que meus mamilos latejassem e que a pele delicada dos seios doesse.

Ele chegou mais perto. Encarei-o com raiva. Ele estava ali, parado com a pequena caixa branca de plástico, os fios pretos e vermelhos colados em meu corpo. Percebi também que havia uma quantidade preocupante de alavancas e botões na caixa. Já dava para imaginar aonde aquilo ia parar.

Ele definitivamente queria brincar. Girou um botão e de repente minhas costas se arquearam diante do aumento de intensidade e duração do pulso. Porra. Emiti um som que só pode ser descrito como um lamento fúnebre. Ele mudou a programação, acho que para minimizar o incômodo para os vizinhos.

Depois de um momento de alívio divino, a dor começou a aparecer de novo. Começou como uma picada leve, mas conforme os segundos passavam mordeu o lábio para tentar abafar o berro que estava se formando na minha garganta.

Adam me viu lutando contra a corda e sorriu para mim — o mesmo tipo de expressão de quando entreguei o controle remoto do ovo para ele. Devia ser a mesma reação que tinha quando era garoto e ganhava carrinhos de corrida ou coisas do tipo. Ainda era um demônio dos brinquedos, só que agora seus brinquedinhos preferidos incluíam mulheres seminuas.

Moveu os dedos dentro da caixa novamente e eu me contorci, me preparando para o que me esperava. Era como se quisesse saber quais reações e sons conseguia tirar de mim — o que eu aguentava com mais dificuldade.

Mais rápido do que esperava, ele desligou a máquina, tirou as peças dos meus seios e deu um beijinho neles.

Seu sorriso crescia a cada minuto; senti uma mistura estranha de afeição por ele estar se divertindo tanto e nervoso por não saber o que tinha em mente. Eu tinha razão de ser desconfiada.

— OK. Vamos começar?

O quê? Achei que tivéssemos terminado. Que merda.

Colocou as quatro peças em duplas bem no topo das partes internas das minhas coxas. Estavam perto da minha boceta, o que era tentador e, admito, um tanto preocupante. Caixa de controle em mãos, ele se sentou na cama ao lado do meu corpo prostrado. Tinha aquele olhar que me deixa simultaneamente molhada e nervosa. Mexeu em alguns botões e o movimento começou.

O choque inicial (desculpe o trocadilho) daquela sensação fazendo cócegas nas minhas coxas me fez pular, apesar de ter sentido a mesma coisa nos seios. Eu me

contorci nas cordas e recebi um sorriso desdenhoso. No entanto, tive tempo de me ajustar à sensação.

Na programação mais fraca, o formigamento era como se meu vibrador Rabbit estivesse sendo passado dentro da minha coxa. Era agradável, causava cócegas, era quase tranquilizador. A força da vibração aumentou — dei uma olhada rápida no sorriso de Adam, o que confirmava que não era impressão minha —, e de repente não parecia mais que o vibrador estava sendo passado na minha pele, mas sim que a própria pele vibrava; e é claro que estava, pois a corrente elétrica estava passando por ela. A sensação não era desagradável, mas certamente era um pouco mais intensa do que a anterior. Comecei a me mover mais contra as cordas apesar das tentativas de ficar imóvel, me retorcendo em face à sensação.

A meia hora seguinte foi ridiculamente intensa. De fato, subestimei aquela maquininha. Tinha mais padrões de pulsação do que o vibrador mais avançado que eu já tive (que tinha 31 velocidades — sou apaixonada por objetos, é mais forte do que eu). Algumas programações me ataçavam e me levavam quase lá; outras eram bem intensas e me faziam contorcer e choramingar baixinho, e eu não saberia dizer se era de prazer ou de dor. E, é claro, ainda tinha o botão de força. No começo, usamos as programações de pulsação na intensidade mais baixa — falando sério, é assim que deve ser quando você está experimentando alguma coisa nova e se sentindo nervosa. No entanto, quando uma camada de suor já estava formada nas minhas costas e minhas coxas estavam úmidas (prova de que qualquer nervosismo que senti em relação a experimentar aquilo já havia se dissipado), Adam teve a satisfação de dar um gás nas vibrações.

O que causou mais dor e choque foi uma programação surpreendentemente inócua, usada em níveis tão altos que eram maquiavélicos. Adam quase teve de me rebocar do teto depois. Uma descarga e depois alguns momentos de alívio. Vocês devem achar que seria fácil de aguentar, uma explosão rápida e depois o descanso, certo? Não. Nos níveis mais elevados, a sensação da eletricidade percorrendo meu corpo era como uma agulha pequena me espetando. Era uma forma diferente de dor, se comparada à catarse da vara ou de uma boa sessão de cinto, mas no momento em que atacava minhas coxas e a beirada de minha vagina, era excruciante, tipo a coisa mais difícil pela qual já passei. Os momentos de descanso só faziam com que meu coração disparasse e minhas mãos tremessem mais, visto que eu sabia que o alívio seria rapidamente interrompido e meus berros recomeçariam. Se ele estivesse me torturando em busca de alguma informação, teria conseguido tudo o que queria e mais um pouco. Ele me disse depois — com um tipo de orgulho esnobe — que viu minhas mãos se fecharem em punhos e meus dedos dos pés se encolherem conforme processava a dor. Não fiquei surpresa.

Ainda bem que ele não era um sádico por natureza. Ficou cansado de ver meus lábios tremendo enquanto tentava dar conta da dor; meu monólogo interno me mandava aguentar, dizia que eu tinha de durar apenas mais alguns segundos até que parasse. Então começava novamente. Quando ele terminou, minha boca estava seca e minha

garganta áspera. E eu ainda nem tinha gozado.

O orgasmo foi interessante (como acho que todos os orgasmos são). Sempre achei que o *eletrosex* fosse uma forma de *edgeplay*, uma prática BDSM com muitos riscos, mas que no contexto certo e com a pessoa certa no controle desse a oportunidade de causar uma sensação tão intensa que podia ser dolorosa, porém sem deixar marcas — o próprio Jack Bauer ficaria orgulhoso. Dito isso, nos níveis mais brandos, a sensação tem muito mais a ver com prazer — na verdade, se estamos falando sobre *edgeplay* enquanto conceito, então aquele momento em que o prazer é tão intenso que dói pode ser muito divertido. Depois de muito testar, Adam encontrou a melhor programação para me excitar. Era uma pulsação intensa e regular que aumentava em força; foi colocada em um nível que, no ponto mais forte do ciclo, causava dois segundos de dor agonizante, e depois a felicidade tranquilizadora dos níveis mais baixos voltava. Minha masoquista interior estava no paraíso, ao passo que as mudanças constantes de sensações me causavam contorções desesperadas na cama, o que o deixava feliz também.

Não acho que teria gozado apenas com as sensações do TENS, pelo menos não onde estava posicionado. Mesmo que o ponto principal da eletricidade que percorria meu corpo estivesse perto da vagina, não era intensa ou concentrada o suficiente para me levar o clímax. Contudo, quando Adam colocou um vibrador de vidro dentro de mim — com tanta facilidade que deu vergonha — e se aproximou para brincar com o meu clitóris enquanto me comia com o vibrador, foram apenas alguns segundos até eu chegar ao limite, e quando cheguei foi alto, longo e intenso. Acho que conheço bem o meu corpo e sei como me excitar, mas mesmo nos meus melhores dias, quando estou com mais tesão e com tudo de melhor que minha gaveta de brinquedos tem a oferecer, nunca senti um orgasmo daqueles. O chacoalhar das pernas, uma consequência do gozo, continuou quando ele tirou o vibrador de mim, limpou os dedos melados na minha bunda, desgrudou as peças e deu início à tarefa árdua de desfazer as cordas presas em meus braços e pernas. Por certo tempo, fiquei como uma bola de terminações nervosas, incapaz de me mover — se bem que depois eu me movi porque, sério, seria muito rude não agradecer a Adam de alguma maneira.

Ficamos deitados juntos tempo suficiente para que minha respiração voltasse ao normal. Ele fazia carinho nas minhas costas de uma forma quase hipnotizante. Finalmente, eu me arrastei até a ponta da cama e o tomei na boca — uma forma óbvia, porém bastante eficaz de agradecer por ter feito algo tão diabólico e divertido. A julgar pela sua ereção, não fui a única que se divertiu — pensar nisso me fez sorrir ao mesmo tempo em que o chupava, passando a língua e curtindo a sensação de retomar um pouco do controle.

Não tive pressa, aproveitei a sensação de tê-lo na boca e adorei suas reações; achei que ele merecia ser um pouco mimado (apesar de minha maneira de mimar não ter o frisson da maldade deliciosa dos mimos dele).

— Ai, Sophie — sussurrou, e segurou meus cabelos para que eu ficasse parada enquanto ele gozava. Meu coração se encheu, senti a presunção tomando meu ego.

Mas tudo bem porque Adam era presunçoso em 85 por cento do tempo quando fazíamos qualquer coisa relacionada a sexo (e isso sendo moderada). Talvez fosse contagioso.

Voltei para a parte superior da cama e me deitei no ombro dele. Adam beijou minha cabeça.

— Você está bem?

Dei um sorriso. Eu aprendi a amar esses momentos de calma — eram um sinal da preocupação de Adam e também funcionavam, da melhor maneira possível, como um post-mortem pós-coito onde ele aprendia sobre as coisas que mais gostei, as que achei mais difíceis de lidar. Ele era sempre amável e doce, até quando diabólico, mas nunca como nesses momentos em que conversávamos francamente e com alegria sobre o que havia acontecido.

É claro que quando acabávamos de fazer alguma coisa pornográfica, eu mal conseguia olhar para ele sem ficar corada, então geralmente sussurrava minhas respostas contra seu peito.

— Estou bem, obrigada. Foi incrível. Bem intenso.

— Não foi intenso demais?

— Não, foi no ponto. Deu pra aguentar. Quer dizer, não. Em alguns momentos foi mais do que dava pra aguentar. — Parei de falar e suspirei. Tentei organizar os pensamentos, o que era sempre difícil, ainda mais no retorno de um estado mental de submissão. É como se parte do meu cérebro ficasse tentando processar como eu me sinto sobre o que aconteceu, então explicar para outra pessoa é como tentar achar uma agulha no palheiro. — É meio estranho. Eu quero ser levada ao ponto em que acho que não vou mais dar conta, e depois pra um pouco além pra provar que sou capaz, apesar de achar que não sou. Você faz isso. Você sabe o que eu aguento.

Ele riu.

— Acho que estou começando a me ligar nisso, sim. — Me deu outro beijo. — Você foi tão forte. Amo quando se conforma e tenta superar a dor. E ver você se debatendo quando fica amarrada? Não me canso disso.

Dei uma gargalhada fingindo surpresa.

— Jura? Você me surpreende. Mas tenho uma pergunta.

Ficou curioso.

— Diga.

Fiquei meio constrangida, o que foi inusitado.

— Como você acha que seria se transasse comigo enquanto a eletricidade estava pulsando no meu corpo?

Ele se aproximou para me enxergar melhor.

— Você é incrível. Quando penso em alguma coisa obscena pra fazer, você sempre tem uma ideia que piora tudo. É maravilhoso.

Sorri para ele.

— Posso dizer o mesmo de você. Dá pra se divertir bastante.

— Dá, linda, isso dá mesmo. — Ele cobriu meus ombros com o edredom. — É claro

que vamos ter que experimentar pra ver como vai ser o sexo desse jeito.

Enquanto caía no sono, pensei nas coisas que descobri com Adam. Sei que provavelmente soa como uma bobeira, mas nunca achei que teria um namorado com quem pudesse viver, amar, fazer as coisas do dia a dia, e que transaria comigo de todas as formas. Eu me sentia incrivelmente sortuda.

Quando fui tomar uns drinques com Tom após o trabalho algumas semanas depois, eu ainda estava toda contente com as alegrias da lua de mel. Depois de alguns meses terríveis após o término com James, eu estava mais feliz do que nunca. Saber que Tom e Charlotte também estavam se divertindo só me fazia sentir ainda mais sortuda — não só arrumei um parceiro que era tão malvado quanto amoroso, como o relacionamento dos meus amigos parecia caminhar de vento em popa.

Ou era o que eu achava. Acabou que Tom não estava brincando quando disse que as coisas nem sempre são o que parecem.

A noite começou bem. Pedimos as primeiras cervejas, encontramos uma mesa *box* e nos acomodamos para conversarmos sobre os últimos acontecimentos. Ele me contou dos projetos recentes no trabalho e uma promoção para a qual estava se candidatando. Perguntou sobre minha mãe, falei que a recuperação da operação no joelho estava progredindo. Falamos um pouco sobre os programas de TV que estávamos assistindo. Como sempre, foi uma conversa tranquila e cheia de provocações. Senti um carinho enorme pelo meu amigo — prometo que não foi por causa da cerveja.

— Estou tão feliz por termos tido tempo pra nos encontrarmos. Parece que faz anos que não vejo você — falei. — Muito legal eu ter Adam e você ter Charlotte; sair todo mundo junto é surpreendentemente tranquilo, considerando tudo que já aconteceu, mas tem tempo que não saímos só nós dois.

Tom concordou.

— Acho que desde o seu término com James. Engraçado, nunca fiquei amigo de uma mulher com quem transei. — Ele ergueu o copo para fazer um brinde de brincadeira. — Pelos ex-amigos coloridos.

Fiz o brinde mas balancei a cabeça.

— Não somos ex-amigos. Somos ex-coloridos. É diferente.

Tom sorriu.

— Pedante. É o tipo de comentário espertinho que antigamente me faria dar uma surra de vara em você.

Mostrei a língua para ele.

— Bem, esses dias estão definitivamente no passado. Não acho que Adam e Charlotte gostariam disso.

Ele sorriu.

— Adam com certeza não, mas não sei se Charlotte se importaria.

Fiquei em silêncio. Uma coisa que a vida de jornalista me ensinou foi que, quando não sei o que dizer, deixar que o silêncio se prolongue geralmente faz com que alguém o preencha. Tom não me decepcionou.

— Temos um relacionamento aberto, sabia?

Tomei um gole de cerveja.

— É mesmo? — Eu meio que achava que eles estavam abertos a se divertirem com outras pessoas, em geral por causa de uns comentários passageiros de Charlotte sobre festas BDSM e boates em que estive, mas eu não sabia os detalhes. Achava que não era mais do meu interesse.

Todavia, Tom certamente queria falar.

— Charlotte é incrível. Sensual, engraçada, bom coração. É uma menina ótima. Nesse último ano, fizemos muitas coisas que eu sempre quis fazer, mas nunca consegui. Sexo a três. — Fiquei corada quando me lembrei das minhas experiências com eles, bem no começo do relacionamento dos dois. — Sexo em local público, dor exagerada, dominação 24 horas por dia. Eu a levei em festas e fiz com que transasse com outros caras na minha frente. — Virei os olhos para cima. — É incrível. Ela é incrível. Preencheu quase todas as minhas fantasias.

Parou de falar. Não sei aonde queria chegar, mas não falou mais nada. Tossi para limpar a garganta.

— E “quase todas” as suas fantasias é uma coisa boa, não é? E conforme os limites mudarem vocês provavelmente vão fazer mais coisas, se for o que os dois querem. Afinal de contas...

— Não é isso que quero dizer, Soph.

Fiquei confusa. Tom não é muito bom para falar de seus sentimentos. Esse tipo de conversa emocional era tão surreal quanto conversar com um leão-marinho. Naquele momento, fazia o mesmo sentido.

— Então, o *que* você está querendo dizer?

— Eu amo Charlotte. Estou apaixonado por ela. E ela gosta de mim. Gosta *muito* de mim. — Ele franziu o rosto e fez sinais de aspas com os dedos. — Mas não somos um casal de verdade. Ela não quer isso.

Ele estava inconsolável. Apertei a mão dele. Honestamente, não sabia o que dizer.

— Mas achei que já estivessem namorando de verdade agora.

Ele balançou a cabeça.

— Nós nos vemos na maioria dos fins de semana. Nos divertimos muito. Encontramos vocês. Vamos em vários eventos de sacanagem. Mas não conversamos sobre as coisas emocionais. Tem mais a ver com sexo. E ela está saindo com outras pessoas.

Eu me debrucei para a frente.

— Tem certeza que ela está saindo com outras pessoas? Como você sabe?

Ele deu um sorriso cheio de dor.

— Ela me falou. E pra ser justo, ela me disse que tudo bem se eu fizer o mesmo. Ela só quer se divertir.

Tentei encontrar uma forma de entender com mais clareza.

— Ela é poligâmica? É isso que ela quer? Quer estar em relacionamentos com várias pessoas?

Ele fez que não.

— Se fosse isso, eu pensaria em uma maneira de fazer com que desse certo. Mas não é poligamia. Ela simplesmente não quer um relacionamento sério neste momento.

Tom parecia tão chateado que fiquei triste por ele. Nunca falava sobre seus sentimentos — eu certamente nunca o tinha visto sendo tão sincero.

— Ela basicamente não tem limite, Soph. Ela é tão pervertida, tão sexy. Realizou todas as minhas fantasias. Faz basicamente tudo que eu mando. Mas não posso ordenar que me ame. E ela não me ama.

Terminamos os drinques em um clima sombrio. Todas as minhas tentativas de deixá-lo mais seguro em relação a Charlotte foram aniquiladas por uma verdade fundamental — ele tinha razão, podia dominá-la para satisfazer todos os desejos físicos dele, mas não podia fazer com que mudasse emocionalmente. Coitado do Tom.

Capítulo onze

Com o passar dos meses — e depois de finalmente arrumarmos tudo da mudança —, nossa vida a dois começou a entrar em um ritmo. Era objetivo, sem agitações e tinha um vai e vem que me tranquilizava. Minha tendência era cozinhar à noite porque eu geralmente chegava do trabalho primeiro, mas Adam colocava a louça no lava-louças e passava horas no fim de semana temperando coisas e preparando refeições elaboradas e deliciosas — sempre cuidando para que a cozinha tivesse espaço, caso eu desejasse cozinhar. Enquanto ele limpava, eu organizava; garantia que seus afilhados recebessem presentes de aniversário e que o aniversário de casamento de seus avós fosse lembrado, tudo planejado da melhor maneira. Pode parecer irônico que, quando se tratava de sexo, havia um elemento D/s bem forte — e, portanto, um desequilíbrio de poder — em nossa vida amorosa, mas em todos os outros sentidos fôssemos iguais. Éramos amáveis, felizes, comemorávamos os sucessos um do outro e dávamos suporte nos momentos ruins.

Foi uma pena quando a carreira de Adam ficou um pouco instável.

Ele trabalhava em uma agência de patentes havia oito anos, tinha sido promovido inúmeras vezes, e de repente eles foram comprados por uma agência maior. Visto que Adam estava em uma posição gerencial que também era ocupada por um funcionário da empresa maior, assim que a fusão foi anunciada ele sabia que seu cargo estava em risco. Contudo, posso afirmar que nenhum de nós esperava que as coisas acontecessem de maneira tão rápida.

Cheguei em casa do trabalho certa noite e o encontrei sentado à mesa da cozinha com uma caneca de chá. Coloquei as compras de lado e fui dar um beijinho nele; ele se apoiou em mim e me deu um abraço. Retribuí o abraço por alguns segundos, dei-lhe um beijo na cabeça e me afastei para olhar para ele.

— Você está bem? O que houve?

Deu um beijo no meu seio e suspirou de leve.

— Fizeram uma oferta pra mim hoje.

Admito que fiquei um pouco confusa. Como falei, não esperávamos que isso fosse acontecer naquele momento.

— Quem?

— O diretor administrativo. Ofereceram um acordo se eu pedir demissão voluntária.

Eu o abracei forte, minha mente girou.

— Jura? Sério? Que merda. Você está bem? — Eu sei, é uma pergunta idiota, mas é o tipo de coisa inane que o cérebro cria quando alguma coisa desse tipo acontece. Acreditem, eu também gostaria de ter dito algo mais profundo.

Ele fez que sim.

— Estou bem. Mas temos que pensar no que vai acontecer agora.

A oferta, no papel, era tentadora. Adam já tinha falado algumas vezes sobre sua frustração com a estrutura administrativa, e até sobre montar seu próprio negócio. Eles pagariam seis meses de salário para sair imediatamente, nem teria de se preocupar com o aviso prévio. Considerando que um acordo desses seria isento de impostos, eles

na verdade estariam dando oito ou nove meses de pagamento em dinheiro. Se conseguisse um emprego novo, se começasse a trabalhar como freelance ou angariasse clientes para uma agência própria antes de terminar de receber esse pagamento, estaria em uma posição boa. Eu sabia o que faria se fosse comigo, mas também sabia que, apesar de amá-lo e de ajudá-lo no que precisasse, a escolha era dele.

Felizmente, ele percebeu que aceitar o acordo fazia mais sentido, e foi negociar os termos no dia seguinte (acabou ficando com um pouco mais; fiquei muito orgulhosa). No entanto, como ele sinalizou com um tom sombrio quando brindamos o novo começo ainda naquela semana, era um tanto irônico que, na época em que estávamos começando a sair juntos, houvesse duas levas de um programa de demissão voluntária no meu jornal — infelizmente, não era uma raridade nesse ramo —, e eu sobrevivesse às duas ilesa, ao passo que ele não escapou da primeira. Mas, no geral, ele pareceu lidar bem com aquilo. Era otimista quanto às oportunidades que a mudança oferecia, e sem dúvida a quantidade de dinheiro na conta bancária ajudou a aliviar a ansiedade.

Entretanto, as coisas mudaram um pouco nas primeiras semanas depois que finalizou seus serviços na empresa. Ele se candidatou para alguns empregos, marcou reuniões com ex-colegas de outras agências, passava bastante tempo fora. Mas quando ficava em casa, ele era incrível: eu chegava e me deparava com jantares épicos na maioria das noites, as roupas estavam todas lavadas e até mesmo alguns consertos tinham sido feitos, pois ele tinha tempo. Foi ótimo. Ele queria se manter ocupado, e estava sossegado quanto ao tempo que levaria para arranjar um novo emprego, queria aproveitar as semanas livres. Quem era eu para argumentar?

Ele também fez vários planos para diversão perversa. Comprou brinquedos on-line, feliz por saber que não precisaria ir aos correios porque estaria em casa para receber suas encomendas. Ele me mandava e-mails enquanto eu estava trabalhando dando dicas do que havia comprado, dizendo o que eu podia esperar quando chegasse em casa. Ou eu chegava em casa e o encontrava à espreita com um brilho nos olhos e um plano em mente. Variava do abrupto e violento — ele me agarrava assim que eu entrava e me enchia de beijos, me apalpava por baixo da roupa — ao doce e carinhoso. Teve um dia cinza de inverno em que cheguei encharcada; já havia um banho quente de banheira me esperando, e Adam me ajudou a tirar as roupas molhadas e me deu uma taça de vinho. Nada mal.

Mesmo com meus horizontes sempre se expandindo graças ao meu querido namorado dominador, ainda havia coisas que ele me apresentava que me deixavam perplexa. Foi assim que me vi na frente de uma loja de animais em um shopping fora da cidade numa manhã chuvosa de sábado.

Estava frio. Como sempre, demos aquela esticada no sono — quer dizer, uma esticada de leve: nós dois éramos incapazes de acordar depois de oito da manhã, mesmo quando não tínhamos de nos preocupar com o alarme. Depois de uma trepada de lazer, não necessariamente D/s, mas ainda assim muito boa, ele se levantou e jogou um jeans para mim.

— Vamos fazer compras.

Fiquei sem entender. Em parte porque estávamos em um momento de controle, tentando evitar gastos desnecessários com o dinheiro da demissão, e em parte porque tínhamos bastante comida para o fim de semana. Jogou um pulôver também, e eu fiz uma careta para ele.

— Escolhendo o que eu visto? Que coisa mais dominadora. — Ele afastou as cobertas e eu me levantei resmungando. Ele deu um beijinho no meu nariz.

— Ah, pare, nada de malcriação. Só por causa disso, acho que devia colocar o jeans sem a calcinha.

Olhei para ele com cuidado tentando distinguir se aquele era o Adam sarcástico ou o Adam caminhando para algo mais. Então a ficha caiu. Eram os dois.

Dei um suspiro de brincadeira, mas nós dois sabíamos que minha pulsação tinha começado a se acelerar um pouco diante do que estava por trás daquelas compras inocentes.

— Tá bom. — Comecei a colocar o jeans. Ele me deu um abraço e um beijo daqueles. Estava sorrindo quando se afastou.

— Boa menina.

Eu me senti sorrindo para ele involuntariamente. Que droga. Peguei um sutiã e fui buscar o pulôver na cama. Ele estava tramando alguma coisa. Eu tinha certeza.

Quando entramos no estacionamento de uma super *pet shop*, olhei para ele e ergui minhas sobrancelhas. Ele fingiu não ver e saiu do carro. Eu o segui, já cheia de suspeitas em relação ao que ia acontecer. Não temos nenhum animal, nem mesmo um peixe, então se não fosse para comprar um cachorrinho para mim, eu já sabia por que estávamos ali. Ele havia mencionado antes; foi uma das coisas obscenas que sussurramos à noite na cama, excitando um ao outro com fantasias e ideias pervertidas. Não envolvia quebra de limites, era uma coisa que me intrigava — apesar de também ser meio constrangedor ir dar uma volta na loja de animais em um sábado de manhã para realizar uma fantasia.

Quando subimos as escadas até a porta automática, não me contive e fiz a pergunta, discretamente.

— Por que temos que comprar esse negócio aqui? Todos os outros objetos novos você tem comprado on-line.

Ele me ouviu e se virou com aquele tipo de sorriso que me deixava tentada a empurrá-lo das escadas.

— Mas qual a graça? Queria você aqui comigo.

Imbecil.

Olhei para ele com raiva, e ele segurou minha mão. Fez carinho na minha palma, não sei se para acalmar o nervosismo que ele sabia que estava por trás da fúria, ou se para me impedir de correr de volta para o carro ou de me esconder no armazém de artes no meio do caminho. Talvez aquele fosse o melhor momento para eu aprender a fazer ponto de cruz.

É claro que eu sabia que seria muito pior demonstrar nervosismo e culpa. Estávamos

apenas em uma pet shop. Não era uma sex shop no Soho afinal de contas (e até mesmo essas lojas estão superchiques hoje em dia). Olhei para o chão o máximo que pude, quase derrubei um display de ração de pássaros. Adam me levou para o fundo da loja.

Paramos na frente de uma parede cheia de gaiolas. Havia algumas pequenas para bichos como coelhos e outras maiores, grandes o suficiente para um Dogue alemão. Ou uma Sophie. Eu me lembrei da gaiola no chalé pornô e fiquei corada. Adam se abaixou atrás de mim para checar as dimensões e o preço da que chamou minha atenção.

— Um dia vamos ter uma casa grande o suficiente pra uma gaiola dessas, aí vou colocar você lá dentro e fazer o que quiser.

Fiquei corada com suas palavras. Não falei nada, mas senti um formigamento no meio das pernas que mostrava que eu não era contra a ideia. Mas eu não ia dar o gostinho de admitir isso. Soltei um murmúrio indefinido e continuei andando pelo corredor. Ele veio atrás, mas me fez parar de novo para olhar outra coisa.

— É claro que precisaríamos de uma almofada bem grande pra ficar no fundo da gaiola.

Havia um casal com um yorkshire na coleira, perto de nós o suficiente para ouvir minha resposta. Decidi que ser discreta era a melhor estratégia. Entrei na dança.

— Claro.

Ele estava com cara de menino travesso, era evidente que se divertia. Senti um sorriso nascendo em mim involuntariamente. Eu ia fazer o mesmo com ele. Quis mostrar uma indiferença casual e proposital, e fui dar uma olhada em uns coelhos lindos de orelhas longas. Minha calma durou mais ou menos quatro segundos, o tempo de ele me levar às tigelas de ração.

— Escolha uma.

Olhei para elas. Por entre elas. Em torno delas. Eram todas tigelas normais. Algumas eram ridiculamente caras. Uma tinha a palavra PRINCESA em pedras imitando diamantes. As pessoas compravam aquilo para seus bichos? Eu me distraí um pouco até que sua voz interrompeu meus pensamentos.

— Vamos. Não podemos ir embora sem uma tigela.

Então poderíamos ir embora? Ótimo. Peguei a tigela mais próxima, sem diamantes e com preço razoável, um objeto simples e branco de porcelana. Coloquei a tigela nas mãos dele.

— Uma coleira e uma guia também.

Que. Cara. Babaca.

Ele me levou até as coleiras e guias. Fazia muito tempo desde que tinha tido um cachorro, e quando escolhíamos acessórios para Barry com certeza não tinha aquela variedade. Couro, camurça, estampada, lisa, com tachas. Mais drogas de diamantes. Sem nem pensar, comecei a analisá-las, curiosa para decidir qual parecia melhor; depois, comecei a ficar um pouco preocupada que *qualquer uma* fosse ficar bem. Brincar de bicho de estimação foi ideia minha, em geral nascida da experiência segura,

simples e inesperadamente erótica que tive nos confins da gaiola. Mas não achei que fosse ser daquela forma.

Quase sem perceber, meus dedos foram na direção de uma coleira grossa de camurça marrom. Passei os dedos nela, e de repente a voz de Adam estava logo atrás de mim, falando baixo.

— Gostou dessa?

Minha voz estava hesitante.

— Só achei macia e bonita.

Ele a tirou do mostrador, e eu abaixei as mãos de um jeito estranho.

— É bem longa. Tem certeza que vai caber?

Olhei para ele com raiva, apesar do constrangimento.

— Acho que não é uma coisa que se experimenta — chiei.

Ele mexeu as sobancelhas e fez uma careta, mas felizmente foi até o fim do corredor para encontrar uma guia que combinasse. Era um couro marrom simples com uma parte quadriculada por dentro. Eu me lembro de pensar que gostei da coleira, e depois de me repreender por me importar tanto.

Depois de pegarmos os três objetos, finalmente poderíamos ir embora. Quando chegamos perto do caixa, joguei tudo nas mãos dele — se ia me obrigar a fazer aquilo, com certeza podia pagar. Sei que podíamos estar comprando tudo para um bicho de verdade, mas experiências anteriores me ensinaram que eu não conseguia fazer uma expressão neutra. Sabia que minha expressão ia me entregar se eu me aproximasse do caixa, então fiquei à espreita, fingindo ler um anúncio sobre um spray que ajudava cachorros a terem um bom comportamento. Será que funcionava em namorados?

Enquanto isso, ouvi Adam batendo papo com a gatinha que o estava atendendo. Inventou uma história com facilidade sobre um pastor alemão imaginário que tínhamos. Ele a fez gargalhar — pelo visto o cachorro dele nem sempre seguia instruções, mas era um bom animal. Eu tive vontade de correr e dar um chute na bunda dele — me ridicularizando enquanto flertava com outra mulher. Teve sorte de eu não mordê-lo na perna.

Ele pegou a bolsa no balcão e deu uma olhada em volta para ver onde eu estava. Andei em direção à porta e ele me seguiu, pegando minha mão e me levando para fora da loja. Eu o chamei de idiota e ele deu uma risada alta, depois se aproximou e deu um beijo na minha testa. Eu me derreti um pouco, o que me deixou brava tanto comigo quanto com ele.

Quando chegamos em casa, colocou a coleira, a guia e a tigela na mesa de centro, exibindo-as para mim. Saiu da sala e me mandou ficar quieta. Levei meio segundo para entender o duplo sentido; meus braços cruzados e expressão nula não serviam de nada, visto que ele já havia saído da sala. Voltou alguns minutos depois com algumas almofadas, travesseiros e cobertores.

Com cuidado, colocou tudo no chão na frente do sofá. Percebi que estava fazendo uma pequena cama — nem precisava adivinhar para quem seria. Acho que deveria ter agradecido por não comprar uma daquelas almofadas grandes no final das contas.

Ele se sentou no sofá.

— Tire a roupa. — O tom de voz era direto. Quase desdenhoso.

Eu já havia ficado pelada na frente dele mil vezes, fácil. Ele tinha me visto pelada umas duas horas antes. Dividia uma cama comigo, eu sem roupa, toda noite, fora nos dias extremamente frios de inverno, os que pediam pijama de lã. Mas quando ele me encarava daquele jeito, eu sempre me sentia desconfortável. Tirei o pulôver e o sutiã e mexi nos botões do jeans. Finalmente, tirei a calça, tentando ignorar o constrangimento — e o sorriso cínico dele — conforme me despia. Tentei não ficar trocando o peso de um pé para o outro, o que certamente denunciaria meu nervosismo.

— Fique de joelhos e venha até aqui de quatro.

Levou alguns segundos até que eu conseguisse me mover. A ideia de fazer algo tão humilhante era gostoso na abstração, mas diante da possibilidade de realmente fazer aquilo, meu primeiro instinto era empacar, prevaricar, sugerir que fizéssemos aquilo em outro momento. Fazer um chá. Fazer aquela revisão freelance que eu estava adiando. Qualquer outra coisa.

Ele ficou sentado pacientemente, me observando. Não falou mais nada, o que me deixou ainda mais irritada. Ele sabia que não *precisava* dizer nada. Sabia que eu ia obedecer, mesmo incerta. Imbecil arrogante. Suspirei e me ajoelhei com cautela. Vi Adam fazer que sim com a cabeça em sinal de aprovação à medida que me movi lentamente pelo carpete, até ficar ajoelhada aos pés dele.

Mantive a cabeça baixa, não estava pronta para encará-lo. Infelizmente, ele conhecia essa artimanha, então quando cheguei perto, tirou meus cabelos do rosto e segurou-os em um rabo, puxando um pouco para trás para que eu o olhasse. Fiquei corada, me sentindo pequena.

— Segure seus cabelos pra mim.

Obedeci. Ele abriu meu cordão — presente de aniversário dele, a única joia que eu usava — e o colocou no bolso. Ficamos nos encarando por um bom tempo, e depois os dedos dele lentamente tomaram minha garganta e ele colocou a coleira apertada em meu pescoço. A sensação da camurça em minha garganta me deu arrepios.

Coleiras são objetos engraçados. É claro que são o cúmulo do clichê BDSM, mas nunca quis experimentá-las. A minha submissão — seja quem for o dominador — é uma coisa privada. Não preciso usar uma coleira para mostrá-la ao mundo. O colar que Adam me deu, apesar de sutil o suficiente para que eu o usasse embaixo das roupas de trabalho, era, de várias maneiras, um sinal de seu amor e, sim, de sua dominação. Mas para qualquer outra pessoa além de nós dois, era apenas um colar. Eu estava mais do que feliz com aquilo. Geralmente.

A camurça da coleira tinha cerca de cinco centímetros de largura e fazia com que fosse difícil mover o pescoço para cima e para baixo com facilidade. Era uma constrição. Pesada. Macia. Amável. Desafiadora. Engoli a saliva, ou tentei, e a coleira ficou ainda mais apertada. Eu me sentei e olhei para o chão, apenas respirando e me acostumando, ou tentando me acostumar.

Adam se inclinou e colocou a guia com um “clique” que foi tão alto que me fez

tremer. Pegou meus cabelos e começamos o diálogo que sempre acontecia antes das brincadeiras mais desafiadoras.

— Lembra da palavra de segurança?

Fiz que sim. Ele sorriu.

— Ótimo. Fora essa palavra, não quero que diga mais nada. Entendeu?

Concordei novamente. Ficar calada não seria um problema. Eu geralmente achava muito difícil falar quando ele estava me humilhando.

Adam se levantou e começou a se afastar do sofá. Ele me levou para dar uma volta no apartamento, puxando com mais força de tempos em tempos para garantir que eu mantivesse o mesmo ritmo que ele — em alguns momentos, andou tão rápido que eu tive de acelerar o passo para acompanhá-lo.

Depois, me levou para o sofá e mandou que eu fosse para minha cama. Se fosse permitido que eu falasse, provavelmente teria feito algum comentário engraçadinho, mas como não era, subi na pilha (surpreendentemente confortável) de almofadas, e me encolhi para caber no espaço. Ele se deitou no sofá e começamos a assistir TV.

Depois de alguns minutos, ele se distraiu e começou a fazer cafuné em mim. Passou os dedos pelo meu rosto e coçou atrás da orelha. Orelhas e nuca são duas zonas erógenas que me fariam ronronar. Tive de me esforçar muito para não fazer barulho quando ele passou os dedos entre essas duas partes, mas fiquei deitada aproveitando o toque, a mente vagando. Era uma cena pacífica, tranquilizadora, e com o tempo nem mesmo a coleira em meu pescoço teve tanto peso.

Não sei por quanto tempo ficamos no silêncio companheiro antes de ele se levantar e sair da sala, pegando a tigela na mesa de centro no caminho. Meu coração começou a bater mais rápido, nervosismo surgindo. O momento era esse. Fiquei preocupada de não conseguir aguentar, a humilhação era muito profunda, apesar do erotismo e da intimidade estranha.

Adam voltou com uma bebida para ele e uma tigela de água para mim. Estava também com um pacote de biscoitos.

Colocou a tigela na minha frente e mandou que eu bebesse, mas não ficou em cima de mim para ver se eu obedeceria. Em vez disso, arrumou-se no sofá novamente, bebendo Coca e comendo biscoito. Contudo, não retomou o cafuné. Foi estranho, mas me senti vazia, senti falta do toque dele.

Fiquei deitada, imóvel e congelada, olhando para a tigela que, graças ao ângulo em que Adam colocou, preenchia meu campo de visão quase todo.

Quando terminou a bebida e colocou o copo na mesa, olhou para mim. Eu não havia me mexido. Não conseguia. Acho que ele sabia que isso ia acontecer.

Ele se sentou, pés no chão, e se abaixou para olhar dentro dos meus olhos.

— Você vai usar a palavra de segurança?

Lembrando do aviso de que devia ficar calada, e sem querer me meter em mais encrenca ainda, balancei a cabeça em silêncio.

— Então faça o que mandei e beba. — Pausa. — Ou não. Tudo bem. Temos o dia todo. Você vai acabar ficando com tanta sede que vai ter que beber.

A voz dele não foi dura. Era um tom até carinhoso, mas as palavras eram ríspidas. Ele sabia que aquilo era difícil para mim, mas estava determinado a me obrigar. De certa forma, isso facilitou as coisas. Ele queria aquilo, queria que eu fizesse. Se eu não conseguia ter coragem suficiente por mim mesma, faria por ele, para agradá-lo.

E foi o que aconteceu.

Abaixei a cabeça e meus lábios tocaram a água fria. Ainda bem que os cabelos cobriram meu rosto para me esconder, mas percebi, tarde demais, que estavam molhados quando tomei um pequeno gole barulhento. Novamente, ele juntou meus cabelos em um rabo. Notei que estava com a guia no punho novamente.

Tomei mais uns goles na tigela na esperança de que fosse ficar mais fácil. Só consegui tocar a água com meu rosto — então não, não ficou menos constrangedor. Olhei para ele com uma expressão de súplica. Ele sorriu para mim e se encostou no sofá novamente. Ele me puxou pela guia para longe da tigela, de maneira que eu me sentasse no meio de suas pernas.

Começou a fazer carinho nos meus cabelos de novo e o movimento me tranquilizou.

— Bom bichinho. — Fiquei tensa por um momento, mas ele não falou mais nada. Lentamente, comecei a relaxar com a cabeça no joelho dele, desfrutando da atenção e da aprovação.

Pouco depois, ele pegou os biscoitos. Observei, preocupada.

Colocou um biscoito na palma da mão e estendeu-a na minha frente. Instintivamente, abaixei a cabeça e peguei o biscoito com a boca. Só tomei um baque quando mordi o biscoito. Minhas mãos estavam livres. Eu podia ter segurado o biscoito — mesmo que ele me repreendesse, nada me impedia de tentar. Mas instintivamente, usei a boca. Não consegui decidir se era uma coisa boa ou ruim. Ele me chamou de bom bichinho de novo, e resolvi que o melhor era não pensar. A simplicidade e o companheirismo silencioso do que estávamos fazendo era uma delícia, mas havia uma pontada de constrangimento, um tipo de humilhação da qual eu não conseguia me livrar. Eu não tinha certeza se estava amando ou detestando, mas notei um volume na calça de Adam, então acho que é justo dizer que sabia como ele estava se sentindo em relação à cena toda.

Ele me pegou olhando para a calça dele e sorriu. Perguntou se eu queria o seu pênis. Fiz que sim sem nem ousar olhar para ele. Adam abriu os botões do jeans e deixou o pênis à mostra. Deu uma puxada na guia, mas eu nem precisava do convite. Eu me aproximei e abri a boca para tomá-lo, porém ele me deteve.

— Assim não. Você tem que lamber.

Fiquei encabulada. Não me entendam mal, meu repertório de boquete envolve lambidas, mas não daquela forma. Nunca daquela forma. Ainda assim, quem era eu para argumentar? Não que eu pudesse: de qualquer maneira, não era permitido que eu falasse. Tudo bem.

Fiquei corada e passei a língua para cima e para baixo, fazendo círculos no topo para tomar a secreção pré-goço. Circundei um pouco abaixo da cabeça do pau, fazendo com que Adam ficasse tenso e sem ar. Depois desci e lambi o saco, me

deleitando no som dos gemidos.

Achei que em breve ele iria colocar o pau na minha boca, não sabia ao certo quanto faltava para seu orgasmo, mas depois de um bom tempo ele parou e mandou que eu me virasse. Obedeci, e ele mandou que eu me afastasse um pouco; ainda estava segurando a guia.

Ele se ajoelhou atrás de mim e colocou a ponta do pau entre minhas pernas, quase dentro de mim mas não exatamente. Foi uma tortura senti-lo naquela região por tanto tempo, mas fiz o que pude para não me mover, até que ele ordenou que eu fizesse pressão para trás e puxou a guia. Eu me empurrei contra seu pau e gemi — o primeiro som que emití em séculos.

O som que ele fez em resposta só pode ser descrito como um gemido de prazer.

— Meu Deus, Sophie, você está molhada pra caralho.

Ele não estava errado.

Deu uma risada.

— Eu amo o fato de você estar amando isto.

Olhei para o chão. Sabia que estava certo, mas quis abaixar a cabeça só para me dar um momento para processar aquilo sem que ele visse. Mas eu sabia que ele via tudo; via até demais de vez em quando.

Ele puxou a guia, me aproximando dele, mas sem mexer o quadril.

— Fode comigo. Mostre o quanto está gostando.

Sorri. Isso eu podia fazer, com ou sem coleira e guia. Movi a cintura para a frente e depois deslizei para trás no pau dele. Tive a impressão de que ele queria que eu obedecesse o meu próprio ritmo, então foi o que fiz. Por um bom tempo, mantive um ritmo constante e lento, indo para a frente até o pau quase sair de mim, e depois voltando para trás até que a pelve dele tocasse a minha bunda.

Depois daquele tempo todo, eu conhecia as reações dele muito bem e era capaz de identificar quando estava resistindo a um orgasmo. Ficava me fazendo parar para que pudesse se recuperar rapidamente. Fui um bichinho de estimação obediente e fiz o que ele indicou, se bem que mexi o quadril bem devagar nesses momentos — às vezes, acho que lutar para ter o controle é tão prazeroso para ele quanto para mim.

É claro que a transa, além de todo o resto, também teve seus efeitos em mim, e logo tive de lidar com o meu próprio orgasmo. Nós dois queríamos que aquilo durasse e, apesar de os joelhos dele provavelmente estarem doendo tanto quanto os meus, simplesmente continuamos.

Foi ele quem sucumbiu primeiro. Ele geralmente adorava ser atizado e aguentava muito mais do que eu (acho que porque normalmente tem mais paciência), mas ele simplesmente não conseguiu mais segurar e, quando me impulsionei para trás, fez pressão para a frente, me comendo com força de repente. É claro que segui o ritmo, e logo meu orgasmo começou a ganhar volume.

Tive um momento de pânico repentino — quando estávamos fazendo alguma coisa D/s particularmente intensa, ele geralmente preferia que eu pedisse permissão para gozar, mas como fazer isso se falar não era permitido? Ainda bem que Adam me

conhece, às vezes até mais do que eu me conheço. Em meio a respirações profundas, ele disse que eu tinha permissão para gozar; em boa hora porque, segundos depois, nós dois berramos.

Por um momento, ele ficou onde estava, depois se encostou no sofá, cabeça para trás, recuperando o fôlego.

Sem nem pensar, voltei para a minha cama e me encolhi novamente.

Não sei por quanto tempo dormi, mas acho que apaguei segundos depois de me deitar. Quando acordei, ele estava na minha frente de novo — notei que tinha usado algumas das minhas almofadas para proteger os joelhos. Sorri; ele claramente não estava tão acostumado a se ajoelhar quanto eu.

O pau dele estava duro de novo e a centímetros do meu rosto. Suas mãos estavam entre as minhas pernas. Dava para sentir e ouvir o quanto eu estava molhada quando ele enfiou os dedos em mim. Ao mesmo tempo, começou a falar comigo, dizendo que eu era uma pervertida por ficar tão excitada por ser tratada como um animal, e que eu era uma ótima vagabunda de estimação. As palavras fizeram a minha pele arder, mas fiz pressão contra seus dedos.

Tirou os dedos do meio de minhas pernas e colocou-os na minha boca, fazendo com que eu provasse as nossas secreções misturadas, um lembrete do prazer dos dois.

Voltou a tocar o meio das minhas pernas e colocou o pau na minha boca. Tentei usar a língua, mas não era o que ele queria. Ia apenas usar minha boca — transar com ela enquanto enfiava os dedos em mim com força.

Seu dedão tocou meu clitóris e fez pressão. Gozei em segundos. Ele deu um tempo para que eu recuperasse a respiração, mas não tirou o pau da minha boca. Não demorou para voltar a foder com meu rosto; segurou meus cabelos e me fez engasgar ao invadir minha garganta. Ficou duro e encheu minha boca.

Dessa vez, não me deixou na cama improvisada, me puxou para o sofá com ele. Tirou a guia, mas, quando tentou remover a coleira, eu segurei sua mão. Eu gostava de usá-la; dormi em seus braços com ela no pescoço.

A dinâmica de brincar de animal era interessante — senti uma liberdade, em grande parte porque não era esperado que eu falasse, o que é um alívio nas cenas mais constrangedoras que ele inventava. A questão não era fingir ser um animal em específico, é claro, tinha mais a ver com a simplicidade da coisa. Ele teve até mais controle do que o normal, e nós dois gostamos disso; sentimos que foi menos irritante do que a tentativa de D/s 24 horas por dia.

A intimidade do nosso relacionamento, o lado D/s e também o lado comum namorado/namorada foram coisas que, de alguma maneira, ajudaram Adam a lidar com as mudanças na carreira. Pelo menos, esses fatores o distraíam por algumas horas.

E também eram bastante divertidos.

Capítulo doze

Conforme as semanas foram passando e as várias entrevistas de Adam não resultaram em nenhuma proposta de trabalho, comecei a notar uma pequena mudança nele. Não tanta — não se preocupem, isto aqui não vai virar um relacionamento no estilo drama de novela —, mas de repente começaram a existir momentos de tensão. Eu o pegava em momentos pensativos. Preocupado. Triste.

Na verdade, éramos bem sortudos. Eu ganhava um salário decente, certamente dava para pagar aluguel e contas — até porque eu estava acostumada a pagar tudo sozinha antes de morarmos juntos. Dava para viver bem, a curto prazo, mesmo que o dinheiro dele acabasse, e felizmente estávamos longe disso. Mas isso não fez com que ele não ficasse frustrado. Tudo começou com uma discussão por causa de um pedido de pizza, a coisa mais aleatória.

Cheguei tarde do trabalho e Adam passou o dia fora em uma entrevista, então nenhum dos dois providenciou algo para o jantar. Chegamos em casa quase na mesma hora. Ele pegou as correspondências e eu fui para a cozinha abrir a geladeira. Comecei a tirar coisas para fazer o jantar. Ele me seguiu, lendo as correspondências rapidamente.

— Soph, não precisa cozinhar. Vamos pedir comida? Estou a fim de uma pizza.

Olhei para os ovos, legumes e condimentos que separei, calculando mentalmente se valia a pena gastar as vinte libras de uma pizza e acompanhamentos (porque se você opta por pedir comida, pizza sem um pão de alho é uma piada).

Apontei para a tábua que eu tinha pegado.

— Não precisa. Posso fazer omelete espanhol em dez minutos. Vai ser mais rápido do que esperar pela pizza.

Ele olhou para mim, me avaliando da mesma maneira que fazia quando tentava medir minha reação em um momento D/s.

— Tudo bem, não me importo em esperar. Podemos abrir um vinho, esperar com estilo.

Olhei para o jogo de facas e peguei a de cortar legumes; voltei à tábua.

— Imagina, comer pizza à noite em casa é meio decadente. Não me importo em cozinhar.

Ele foi para trás de mim e gentilmente pegou a faca e a colocou na bancada, e então me virou para que eu o encarasse. Beijou a ponta do meu nariz e sorriu.

— Soph, nós podemos pedir uma pizza, não vou à falência por isso.

Olhei para ele. Ele me conhecia bem demais. Esse negócio de conseguir “adivinhar o que eu estava pensando” dava muito tesão (e um pouco de irritação também) em situações sexuais. Isso fazia com que ele fosse, no geral, um namorado atencioso e sensível. Contudo, nas ocasiões raras em que eu queria esconder alguma coisa, isso dificultava tudo. Ocasões como essa.

Dei um suspiro e guardei a faca. Sorri para ele, mas foi um sorriso forçado. Torci para que ele não percebesse.

— Tudo bem, vamos pedir a pizza.

Peguei meu *tablet* e comecei a ver o menu on-line. Ele parou atrás de mim e começamos a conversar sobre os méritos do molho *barbecue* na massa (para mim, uma obrigação) enquanto escolhíamos a pizza. Fiz o pedido e fui buscar meu cartão para colocar os dados do pagamento.

— O que você está fazendo? — perguntou enquanto eu mexia na minha bolsa.

— Pedindo a pizza — respondi com um tom mais grosseiro do que foi minha intenção.

— Não precisa fazer isso — disse ele, com um tom ainda mais rude. — Eu pago essa merda. A ideia foi minha, eu pago.

— Não precisa, eu que estou fazendo o pedido. Posso pagar.

Ele pegou o *tablet* de mim.

— Eu vou pagar a pizza.

Tentei pegar o aparelho de volta, ciente de que aquilo era uma briga idiota, e nem estávamos discutindo por causa de opções de comida italiana. Eu nem sei por que estávamos discutindo.

— Eu estava fazendo o pedido, a conta está no meu nome, me deixe pagar.

Ele se virou repentinamente e, pela primeira vez, me respondeu de verdade.

— Você não precisa pagar. Não preciso que pague tudo.

Fiquei ofendida.

— Não estou pagando tudo. — *E se estivesse, precisa fazer esse escândalo?* — A questão é que faz mais sentido eu pagar um pouco mais do que você enquanto...

— ... enquanto não estou trabalhando. Eu sei que estou desempregado. Obrigado por me lembrar. Não tinha percebido. Não estou trabalhando e ainda assim fico pedindo comida. Tudo bem.

Fiquei puta com a injustiça.

— Eu não falei isso. Nem pensei nisso. E quando falei que você não está trabalhando, não foi pra soar dessa forma, não foi pra soar de forma alguma, é só um fato. E tranquilo, a gente se vira, você vai arrumar outra coisa. Enquanto isso, estamos OK. — Fiz uma pausa e engoli um bolo estranho na garganta. — Estamos bem.

Acho que ele ouviu a mudança no meu tom, detectou o pequeno tremor na minha voz. De repente, a frustração sumiu e ele ficou constrangido e em silêncio. Passou a mão no cabelo e suspirou.

— Desculpa, Soph. Mil desculpas. Não quis ser grosseiro, sou um idiota. Só não esperei que morar junto com alguém fosse ser assim.

Porra, como assim? Senti o pânico crescendo no meu peito. Eu estava muito feliz, mais do que nunca. Ele não estava? Acho que percebeu meu olhar; rapidamente, veio fazer carinho no meu braço e me puxou para mais perto.

— Não, Soph. Não foi isso que eu quis dizer. — Soltou um palavrão baixinho. — Só quis dizer que quando nos mudamos, não achei que não fosse conseguir dar conta, que você teria que me levar nas costas.

Eu estava confusa e bem irritada.

— Não estou levando você nas costas. Nós estamos nos levando.

Ele balançou a cabeça.

— Não neste momento, linda. Você está me levando. E é muito legal que queira fazer isso, tenho muita sorte que você tenha condições, mas eu fico frustrado. Não é certo.

Balancei a cabeça de tanta irritação.

— Estamos em uma parceria. Compartilhamos as coisas. Quando você trabalha ganha bem mais do que eu. Está desempregado agora, mas isso vai mudar em breve e vamos voltar pra dinâmica de sempre. É só uma coisa temporária. Não tem por que se sentir mal com isso.

— Mas eu me sinto. Não está certo. — Ele viu que eu estava ficando estressada, mas falou do mesmo jeito. Tive de dar crédito pela honestidade dele.

— Sabia que você é um imbecil? Que isto é ridículo?

Ele fez que sim com um ar sombrio.

— Eu sei. Sei sim. E desculpa por eu ser um pentelho com isso. Mas me incomoda.

— Ele parou de falar e depois apontou para mim e mexeu o dedo. — Mas nem tente fingir que quando era o contrário você não se sentia mal. Lembra nos restaurantes você pedindo pra dividir a conta, e aquela fase quando você comprava os ingressos do cinema ou qualquer outra coisa pra “compensar” pelas refeições, quando acontecia um milagre e você me deixava pagar um jantar sem dividir? — Fez aquele sinal de aspas no ar quando disse “compensar”. Deu vontade de morder os dedos dele.

Tinha razão. Mas a questão não era essa.

— Passei dessa fase. — Era quase verdade.

Sorriu para mim.

— Eu sei. E sei também que esta discussão é ridícula.

Concordei.

— É completamente imbecil. Ainda mais porque não faz diferença, a conta é conjunta mesmo.

Ele pegou o *tablet* de novo e começou a digitar os dados dele.

— Deixa eu usar um pouco das nossas economias para pedir o jantar.

Não pude deixar de sorrir.

— Tá bom, mas só pra constar, fazer piadinha porque ganho mais do que você, mesmo que seja temporário, é meio decadente. Esperava mais de você.

— Eu sei. Sou uma feminista terrível.

Palhaço.

Mesmo com os momentos de impasse e com o estresse por causa da situação de Adam, continuamos fazendo bastante sexo. Talvez fosse nossa libido parecida (e bem entusiasmada), mas o fato de terminarmos a maioria dos dias com um carinho ou algum tipo de diversão perversa mostrava que continuávamos emocionalmente próximos, mesmo com as dificuldades do cotidiano. É bem difícil ficar chateada com alguém quando você dorme com as pernas enroscadas e os braços dele em volta de você — se bem que ainda era irritante quando ele roubava o edredom.

No entanto, teve um momento em que de repente as coisas não pareciam mais ser

tão sólidas. E veio, para a minha surpresa, no lado sexual, e até submisso, das coisas, e não de alguma situação sobre dinheiro ou preocupações com a vida. Também foi, no geral, tudo coisa da minha cabeça.

O problema de ampliar os limites é que às vezes você só sente que foi muito longe quando fica tarde demais para voltar. Sei que parece uma frase tipo daquelas de biscoito da sorte, mas com certeza é verdade. Infelizmente, e, de alguma forma, inevitavelmente, foi uma conclusão à qual cheguei depois do acontecimento.

Adam já havia estendido meus limites e me atizado de dezenas, se não centenas, de maneiras diferentes desde que estávamos juntos. Já havia me machucado, me constrangido, me excitado, de maneira que eu nunca nem tinha sonhado, e que, em alguns casos, eu nem considerava eróticas até que ele as fizesse. Eu estava aos pés dele. Era tão excitante quanto surpreendente, e para uma pessoa que gosta de estar em desvantagem na submissão, era uma coisa muito inebriante. Eu amava. Amava a psicologia das coisas que fazíamos. Amava o fato de fazermos o jantar juntos ou assistirmos TV ou pendurarmos roupa depois do sexo — momentos tranquilos que eram um contraste bem mundano e estável à putaria que acontecia antes.

Depois de certo tempo, comecei a me acostumar com o controle mental dele, com sua habilidade de me manter em desvantagem dando apenas pistas sobre experiências que teríamos juntos muito antes de acontecer. Às vezes (mas, para a minha frustração, apenas às vezes), eu conseguia silenciar a curiosidade e o nervosismo que ele tentava instigar. Mas em outras vezes, ele via que eu estava blasé; era quando instigava mais ainda e o combate entre domínio e submissão de repente ficava mais competitivo do que os jogos de computador (que uma vez foi tão sério que Adam jogou o controle no chão de tanta frustração — eu ri, ele me beijou, acabamos nos distraindo).

Para começo de conversa, eu não percebi o tamanho do desafio que ele tinha planejado para mim. Ele havia decidido, depois de uma busca interior, que talvez a melhor forma de garantir trabalho fosse se estabelecer como redator freelance. Começou a procurar clientes para sua agência nova. Quando foi indicado para uma empresa grande em York por um ex-colega de trabalho, foi convidado a dar um pulo no local e contribuir com algumas ideias para um panfleto e uma campanha publicitária. Ele perguntou se eu gostaria de ir com ele. Considerando que eu não negaria uma boa caminhada pelas ruelas de York, concordei em ir. Ele chutou o balde, deixou a cautela de lado e reservou uma suíte chique de hotel para o fim de semana, feliz por poder fazer parte das finanças novamente. Pesquisei lugares legais para jantarmos depois que as reuniões acabassem.

Ele tinha me avisado na semana anterior que ia esticar meus limites mais do que nunca durante a viagem. Senti a pontada de nervosismo, claro — não sou boba, mas tenho de admitir que estava me sentindo um pouco complacente. Tudo que ele já havia proposto para mim deu para aguentar (em geral), então, apesar do nervosismo, era mais por medo de decepcioná-lo do que por me preocupar com o que ele estava armando. Sophie, sua idiota.

O quarto era lindo, com vista para o rio de todas as janelas, uma banheira gigante

com pés ornamentados e uma cama grande o suficiente para seis pessoas (ou pelo menos para mim na minha melhor pose de estrela-do-mar, e Adam, o que já era bastante). Adam foi para a reunião e eu fui às lojas e almocei. Combinamos de voltarmos para o hotel no final da tarde, e achei que rolaria um sexo antes de jantarmos.

Foi a primeira vez que o subestimei naquela noite. Infelizmente, não foi a última.

Ninguém consegue me ver aqui em cima. Foi o que fiquei falando para mim mesma enquanto tomava sol na minha pele desnuda. Mesmo que alguém em um dos ônibus de turistas passando lá embaixo me visse, provavelmente acharia que eu estava apenas admirando a vista do rio. Sem me mexer. Por meia hora. Mas eles estavam em movimento, então não teriam como saber. *A não ser que voltem. E se voltarem?*

No final das contas, Adam foi sutil; a corda que prendia meus punhos à varanda era tão longa quanto precisava ser, nada mais; dava para abrir os braços, me inclinar e esconder minha situação colocando os seios nus no metal que antes estava frio, mas ficava mais quente quanto mais eu me apoiava nele. Acho que devia ter me sentido grata pela sacada ser feita para proteger crianças, havia poucos espaços vazados por onde as pessoas pudessem ver o pouco que eu estava vestindo. Ele definitivamente estava testando minha paciência. Ele me avisou para não olhar, mesmo que a tentação e o tédio fossem extremos. Apesar do som de Adam se mexendo no quarto, as portas fechando e abrindo, e até o canal sendo trocado na TV, me darem uma ideia do que estava acontecendo, a tentação de olhar foi bem grande. Mexi a cabeça “casualmente” para tirar os cabelos do ombro, e arrisquei uma olhadela, mas a profundidade da varanda não me permitia ver muito; não conseguia me virar com os punhos imobilizados.

E ele não prendeu apenas os braços. Meus tornozelos estavam ancorados nos suportes da varanda. Ele afastou minhas pernas só um pouco além da zona de conforto, fazendo com que eu sentisse uma pontada de dor nos músculos das coxas. Adam gostava daquilo, gostava da minha reação ao perceber que ficaria efetivamente presa ali até que decidisse o contrário. Meu pé se flexionou até mesmo quando ele se abaixou para amarrá-lo; isso denunciou o nervosismo, que fazia com que eu tivesse vontade de agir, de chutar, antes de sentir sua mão acariciando minha coxa, me acalmando como se eu fosse um animal assustado.

Tentei desesperadamente ser racional. Eu confiava nele. Sabia que seu interesse por fazer algo em público não era maior do que o meu, que ambos gostávamos do nosso segredo compartilhado. De repente, toda a pesquisa que ele tinha feito para escolher um hotel fez sentido. Mesmo quando eu estava nervosa e me sentindo estranha, sabia que devia ser um lugar seguro e discreto, mesmo que eu tivesse a impressão de estar sendo exibida para os pedestres.

Adam passou as mãos em mim de maneira possessiva, puxou meus cabelos, bateu a mão de leve na minha bunda para tirar uma marca de sujeira. O nervosismo voltou um pouco quando, após ter certeza de que eu não iria a lugar nenhum, ele desapareceu e voltou com uma das combinações favoritas dele: o *plug* anal de vidro e aquela droga de

plug inflável. Quando colocou o de vidro, soltei um gemido, esqueci de mim e de onde estava. Fiquei corada e escondi a cabeça no meu ombro por um momento — uma bobeira, é claro, como se isso fosse impedir que me vissem se *realmente* tivesse alguém por perto. Quando colocou o *plug* inflável na minha boceta, deu uma risadinha ao ver o quanto eu já estava molhada. Eu me mexi e mordi o lábio para silenciar os gemidos quando ele apertou a bomba e inflou o *plug*, me preenchendo. Ele ficou ao meu lado e se apoiou casualmente de costas na sacada da varanda; ficou observando meu rosto, vendo meus dentes pressionarem meu lábio com mais força, assistindo minhas narinas se inflando sempre que apertava o botão e me enchia de tremores. Continuou apertando e sorrindo, até que viu um mau humor verdadeiro no meu rosto.

— Não, *não*. Você não faz essa cara pra mim se eu quiser fazer isso com você.

Falou com tom severo. Como sempre, eu não fazia ideia do que essa *cara* era e de como evitá-la, mas o desprazer dele me fez sentir arrependida. Fiquei um pouco preocupada também, porém mais chateada por tê-lo decepcionado e desagradado. Respondi meio que tropeçando nas palavras.

— Desculpa, não estou fazendo cara nenhuma, não estou *fazendo* nada, só... — Parei de falar de tanta insegurança, muito frustrada porque, apesar de ser boa com palavras, ele era capaz de me deixar tão desarticulada. Tão incerta. Falei com uma voz miúda. — Quero ser boa.

O sorriso dele fez meu estômago revirar. Ele se inclinou e beijou meu ombro.

— Sei que quer. E geralmente é uma menina *muito* boa. Você me satisfaz sim. — Conforme as palavras entravam na minha cabeça, foram pontuadas com mais três bombeamentos daquela droga de *plug*. — Melhor garantirmos que isso aí fique direitinho e apertado. — Sorriu para mim. Apesar de a minha vagina já estar tão cheia — a sensação era a de que o punho dele estava dentro de mim —, apesar de já estar doendo, sorri em resposta e apreciei aquele sorriso faminto que às vezes ele dá durante nossas brincadeiras, como uma criança perdida em uma loja de balas. É claro, uma criança pervertida e má.

Ele realmente fez questão que ficasse tudo direitinho e apertado. A última corda prendeu bem os dois *plugs*, deixando um belo laço na minha cintura. Ao se levantar e tirar a poeira da calça, pegou a caixinha que tinha o controle de vibração do *plug*. Eu gemi baixinho, quase uma súplica. Ele me deu um beijo.

— Não se preocupe. Não vou colocar muito forte. Sei que vai ser difícil gozar em silêncio aqui fora. Só quero que fique no suficiente pra deixar você ligada.

Soltei uma risada por causa da escolha de palavras e da intenção. Amarrada, pelada, com um *plug* enfiado em mim e esperando o prazer dele? Como se me manter excitada fosse um problema. As vibrações surgiram dentro de mim e o tremor nas pernas começou. Beijou meu ombro.

— Você confia em mim, minha Sophie? — Estava averiguando meu rosto. Fiz que sim, sem dúvidas.

— Confio, sim. — Observou por mais dois segundos antes de concordar.

— Que bom. Lembre-se: se confiar em mim, nada ruim de verdade vai acontecer

com você. — Tentei não tremer diante do alerta em suas palavras. — Não se esqueça: fique olhando para a frente e seja uma boa menina pra mim.

Dei um sorriso.

— Prometo.

Ele voltou para o quarto. Fiquei observando os barcos lá longe, um homem passeando com o cachorro às margens do rio. Não havia mais nada para fazer, apenas ficar de pé, esperar e curtir a vista e o clima razoavelmente ameno. Parada ali, aquele sentimento de simplicidade submissa me tomou. Eu confiava nele. Eu o amava. Queria agradá-lo. Sabia que não ia fazer nada para me machucar. Era claro que estava lá dentro armando alguma coisa, mas o que seria não fazia diferença. Era capaz de lidar com qualquer coisa que me propusesse. Já estava molhada por causa da ansiedade. Fiquei meio sonolenta, degustando a quentura do sol.

Hoje, percebo que ele me fez sentir em uma cena falsa de segurança.

Não sei por quanto tempo fiquei lá até ele vir me desamarrear. Falou com voz baixa à medida que desfazia os nós, mandando que eu olhasse para a frente, que não me mexesse, mesmo quando já fosse possível. Flexionei os punhos levemente quando os desamarrou, mas fora isso fiquei parada enquanto desamarrava os tornozelos.

Ele fez um som de repreensão quando passou os dedos na umidade da parte interna das minhas coxas. Tive de me controlar para não dizer que, quando você fica em pé com uma coisa vibrando no meio das suas pernas, é de se esperar que a gravidade faça seu trabalho. Ele parecia inflexível; nem mesmo eu seria tão descuidada.

Quando terminou de me desamarrear, colocou as mãos sobre meus olhos.

— Vou levar você lá pra dentro, mas quero que fique de olhos fechados. Entendeu?

Falei que sim. Já não me sentia tão confiante quanto antes.

— Boa menina. — Era uma das expressões de afeto favoritas dele, e me dava um certo conforto. Não tanto, mas um pouco. Já ajuda, não é?

Quando me levou para o quarto, colocou uma venda sobre meus olhos. Segurou meus punhos nas minhas costas e de repente me empurrou no chão.

— Fique de joelhos.

Obedeci, devagar, sem saber em qual lugar do quarto estava. Meus joelhos tocaram um tapete felpudo que eu sabia que estava no meio do quarto. Eu me abaixei nele, sentindo um pouco de conforto com a quentura e a maciez do tapete, mesmo quando Adam começou a amarrar meus punhos atrás de mim. O silêncio dele estava me deixando nervosa, assim como a venda, que ele puxou um pouco mais para cima do meu nariz.

— Está vendo alguma coisa?

Abri a boca para responder, mas ele deu um tapa forte no meu rosto antes que eu pudesse falar. A surpresa (e a força considerável) me deixou sem ar. Ele riu baixinho, um som que me deixou inquieta.

— Acho que não.

Fiquei sentada em silêncio, meio que esperando outro tapa. Mas ele se foi.

Dava para ouvi-lo se movendo. Às vezes estava mais perto, às vezes no quarto.

Teve um momento em que achei que ele estivesse no banheiro. Eu não fazia ideia do que fazia, e como eu não estava em casa, era muito mais difícil ter uma imagem de onde ele estava, mais ainda de saber o que estava tramando. O carpete que cobria a maior parte do quarto abafava seus movimentos. Eu tomei sustos constantes, achando que cada barulho ou mudança no ar era ele chegando mais perto.

Finalmente, ele fez carinho no meu rosto. Eu me contorci, esperando que fosse me bater de novo, mas a mão era quente e tranquilizadora. Era reconfortante, um retorno do *meu* Adam, e essa conexão me fez sentir mais calma por um instante. Até que finalmente ele falou.

— Lembra da sua palavra de segurança?

Puta merda. Suspirei, acho que de nervoso, e falei com tom brusco.

— Lembro.

Ele se abaixou e sua voz foi dura o suficiente para que eu tremesse.

— Não fale nesse tom. É só pra se lembrar da palavra, caso precise dela.

Senti uma onda de fúria. Abri a boca para retrucar, pensei melhor e resmunguei para mim mesma (melhor assim, certo?). Acho que naquele momento, não fazia diferença. Ele se foi. Eu acho.

Não sei por quanto tempo fiquei ajoelhada. Tempo o suficiente para começar a me sentir meio desconfortável. Quis me mexer um pouco, mas não tinha como dizer se ele estava olhando ou não. Não queria mostrar que estava desconfortável, caso ele estivesse no quarto.

De repente, ouvi um som no ar e uma ardência nos seios. A vara. Merda.

Odeio a vara. Machuca mais do que todas as outras coisas que ele usa em mim — não tem muito como medir a força. Se usado com carinho, o chicote rabo de gato pode ser bem sensual, um pouco mais do que cócegas. Até mesmo quando usada de forma fraca, a vara me faz tremer. E aquela pancada foi longe do fraco.

Bateu duas vezes nos meus seios e acho que foi para trás de mim — era difícil ter certeza por causa do tapete. Bateu na minha bunda. O barulho da vara cortando o ar fez com que eu me encolhesse, mas nunca havia tempo para me preparar, mesmo que soubesse onde ia bater. Logo, havia linhas de fogo em todo o meu corpo. Ele foi implacável. Tentei não berrar, mas a dor foi intensa, e não poder vê-lo fez com que eu me sentisse estranhamente abandonada.

Ele me bateu bastante, tanto que comecei a choramingar baixinho. Foi um tipo difícil de dor, e apesar das vibrações na minha boceta, tive de me esforçar muito para aguentar, sentindo meus olhos se enchendo de lágrimas atrás da venda conforme as pancadas implacáveis continuavam. Ele já devia estar ficando entediado, certo?

Não tive tanta sorte. De vez em quando ele parava e eu o sentia chegando perto. Em um determinado momento, passou a unha em várias marcas nos meus seios e a dor me fez berrar. Colocou o dedo na minha boca, me ridicularizando com um “ssssshhhh” no meu ouvido.

Eu estava dividida entre duas pessoas em conflito. Meu lado racional sabia que aquilo era uma manipulação mental, tão intensa quanto ele havia me avisado que seria,

mas que fundamentalmente aquele era o meu namorado amado, Adam, em quem eu podia confiar e que cuidaria de mim. Meu lado menos racional estava em pânico, reagindo apenas à dor, à adrenalina e ao nervosismo, torcendo desesperadamente para que aquilo acabasse logo e que ele passasse para alguma coisa um pouco menos desafiadora. Qual dos lados venceria? Eu não fazia a menor ideia. Mas pela primeira vez em muito tempo, foi uma batalha equilibrada.

Finalmente, e felizmente, ele parou. Ouvi o som de Adam jogando a vara no sofá. Quase entrei em colapso de tanto alívio.

Senti Adam chegando mais perto. Ele pegou meus cabelos e me puxou para a frente. Percebi que estava passando o rosto na virilha dele em cima da calça. Eu me inclinei para a frente com vontade, provavelmente foi meio patético. Esfreguei o rosto nele e o senti ficando ereto. Abri a boca, uma indicação silenciosa, porém bem óbvia, de onde eu queria que as coisas chegassem. Ele fez carinho na minha cabeça.

— Ainda não, em um minuto.

Senti uma onda de decepção quando ele me pegou pelos braços e me levantou; meus pés tremiam. Eu o ouvi pegando a caixa de controle e a bomba do *plug*, que ainda estava dentro de mim. Melhor assim, senão eu acho que teria tropeçado nesses objetos. Ele me levou para o banheiro. Nem tive tempo de sentir alívio, ele me levou direto para lá; de repente, senti os ladrilhos gelados sob meus pés. Que inesperado.

Sua voz foi brusca.

— Entre na banheira.

Subi com insegurança, usando os pés para me segurar. Sem enxergar e com as mãos atadas, fiquei sem equilíbrio e fui desajeitada. Fiquei aliviada quando percebi que a banheira estava vazia; a primeira coisa em que pensei foi que ele faria algum tipo de asfixia com água, e a ideia de fazer isso sem ver nada realmente me deixou com medo.

Mas foi tudo bem. A banheira era grande o suficiente para que eu me ajoelhasse confortavelmente, esperando pelo que viria depois. Eu o ouvi abrindo a calça perto de mim, e por um momento achei que finalmente fosse chupá-lo — talvez tivesse me levado para o banheiro porque queria gozar no meu corpo e ficou preocupado em sujar tudo.

No entanto, não foi isso que aconteceu. Duas coisas ocorreram quase ao mesmo tempo. O *plug* na minha vagina começou a vibrar em alta velocidade, o que, considerando o erotismo de tudo que tinha acontecido antes, fez com que eu sentisse meu orgasmo estrondando dentro de mim como um trem.

E Adam começou a fazer xixi em mim.

O jato quente começou nos meus seios. Congelei. Meu cérebro simplesmente se encolheu. Conforme meu orgasmo ficava ainda mais perto, o jato foi para cima, perto dos meus ombros, molhando meus cabelos. Tremi, em parte por causa do orgasmo, em parte por causa da surpresa. Gozei, mas meus gemidos não estavam relaxados. Como pôde ser capaz? Sempre conversamos sobre aquilo como um limite difícil. Como pôde? Senti mágoa e uma decepção muito profunda. Quis chorar, quis dar um soco nele, mas não podia fazer nada, fiquei com medo de minhas pernas não aguentarem se

eu tentasse me mover. O som do meu orgasmo virou uma série de soluços silenciosos.

As mãos de Adam tomaram minha cintura. Ele diminuiu as vibrações e desamarrou a corda que prendia os *plugs*, e depois tirou-os. De repente, vi um feixe de luz, a venda foi tirada. Olhei para ele; seus olhos castanhos estavam abertos de tanta preocupação. Pisquei, tentando me focar nele, tentando me focar em qualquer coisa, e percebi que não conseguia porque meus olhos estavam cheios de lágrimas.

Ele estava falando comigo, mas eu não entendi o que estava dizendo por alguns segundos. Estava se repetindo, e se abaixou para tirar a corda dos meus punhos. Ele me ajudou a me levantar e pegou uma toalha quentinha do gancho.

— Sophie? Era água. Era água morna. Foi só água morna.

Pisquei de novo, olhando para ele e tentando entender, meu cérebro não funcionava direito. Mostrou um copo.

— É água. Eu cuspi água em você.

Fiz que sim com a cabeça. Ele sorriu aliviado, feliz por eu ter entendido, feliz por eu ter compreendido a extensão do jogo mental. Ele beijou meu rosto, colocando meu cabelo molhado para trás do ombro. Molhado de água.

— Linda, você foi demais. Você está bem? — Ele me beijou no rosto, fez carinho nos meus braços, que estavam gelados e arrepiados. — Você está congelando, vem, vamos pra cama um pouquinho.

Ele me levou, mais ou menos me carregou, até o quarto e fomos para a cama juntos. A quentura de seu corpo e do edredom com o qual me cobriu me ajudaram a voltar a mim. Ele fez carinho nas minhas costas, me beijou, me abraçou. Era o meu Adam de volta.

Nós nos beijamos. Fizemos amor com carinho. Devagar e com doçura e afeição, uma chance para nos reconectarmos, para que eu retomasse o equilíbrio. Ele veio para cima de mim devagar, mãos entre minhas pernas tocando o clitóris, causando um orgasmo que tivemos juntos, um orgasmo que cedi por vontade própria em vez de tê-lo arrancado de mim.

À medida que nossa respiração voltou ao normal, ficamos deitados no quentinho, cientes de que tínhamos tempo de nos recuperarmos antes do jantar.

Examinei meus seios e coxas, curiosa para ver as marcas da vara. Não havia. Sonolento, ele me contou que usou a vara, mas não o suficiente para deixar marcas — eu senti mais intensidade por causa da forma que ele manipulou minha mente. Não tive argumentos. Foi muito intenso mesmo. Tudo foi muito intenso.

— Achei mesmo que você tivesse... — Minha voz foi fraca no começo e sumiu antes que eu pudesse falar.

Ele fez carinho no meu rosto e beijou minha boca.

— Eu sei, linda. Eu achei que você tivesse entendido quando falei que nada ruim de verdade aconteceria com você. Quando vi você tremendo, percebi que não tinha entendido. — Ele me beijou de novo. — Mil desculpas se foi exagerado.

Dei um abraço nele.

— Tranquilo, eu estou bem. Só não entendi o que você quis dizer com nada ruim “de

verdade”, não no calor do momento. Eu me empolguei.

Olhou para mim com cuidado.

— Mas você está bem? Jura?

Sorri e fiz que sim.

— Estou bem. Juro. — Foi a primeira vez que menti para ele.

Ainda não conseguia acreditar. Não fez xixi em mim, não mexeu nos meus limites mais difíceis. O alívio foi imenso. Ainda dava para confiar nele. Contudo, deitada ouvindo a respiração dele enquanto cochilava, as lágrimas começaram a cair. Havia um problema.

Eu não conseguia confiar em mim.

Capítulo treze

É realmente irônico que uma coisa que *não* aconteceu pudesse ter um impacto tão gigantesco no meu estado de espírito. Mas de fato teve.

Eu tinha de dar crédito a Adam. Ele disse que ia mexer com a minha cabeça, e fez isso com êxito. E foi um amor depois, um amor mesmo. Percebeu o quanto me afetou e fez tudo para me acalmar. Em termos de cuidados posteriores, foi um dominador bom e responsável. Mais do que isso: como meu namorado, foi amável, cuidadoso e preocupado.

Naquela noite, fiquei deitada com os olhos escancarados, cérebro ativo enquanto ele tirava uma soneca. Depois, saímos para um jantar bem farto, frutos do mar lindamente cozidos e o tipo de pudim de chocolate que me faz delirar, um pecado. Ele elogiou meu vestido, e minha garganta ficou seca quando o vi em um de seus melhores ternos. Foi romântico, divertido, e Adam estava ótimo. Estávamos tão confortáveis quanto sempre estivemos um com o outro. Foi fofo, genuinamente fofo.

O problema foi que, mesmo enquanto curtíamos a noite, havia uma pequena parte do meu cérebro que estava surtando. Foi como uma realidade paralela: em geral, dava para ignorá-la, mas de vez em quando ficava mais barulhenta e então eu começava a pensar em uma coisa na qual não queria.

Depois, voltamos para o quarto. Fomos de quatro até a varanda para que ninguém nos visse e, rindo que nem crianças, nos deitamos pelados no chão; havia apenas um lençol extra tirado do armário nos separando do frio do concreto. Ficamos bem juntinhos para minimizarmos o frio, e aí o chamego virou amasso, e logo estávamos transando, rindo porque era desconfortável ficar em cima um do outro (o concreto machuca os joelhos) provocando prazer. Quando nos recuperamos dos nossos respectivos orgasmos, nos aconchegamos para observarmos as estrelas. Ele me beijou e disse que me amava, eu o beijei e falei que o amava também.

Foi realmente uma noite memorável, linda e romântica — bem, tão linda e romântica quanto possível, considerando que mais cedo eu estava convencida de que Adam tinha feito xixi em mim. Eu devia ter conseguido esquecer aquela sensação estranha, mas não consegui mesmo. E, para ser justa com ele, não tinha nada a ver com Adam, o problema era eu.

Deitada, minha mente ficou voltando ao momento na banheira, ao orgasmo crescente, à certeza de que ele estava fazendo xixi em mim. Dois pensamentos ficavam indo e vindo:

Achei que ele estivesse fazendo xixi em mim e não o detive.

Achei que ele estivesse fazendo xixi em mim e ainda assim gozei.

Sei que algumas pessoas gostam do tabu, mas esportes aquáticos sempre foram um limite muito difícil para mim. Apesar das mudanças de limites no tempo em que estava com Adam, certas coisas permaneciam fora de cogitação. Tudo que fosse ilegal, é claro, qualquer coisa que pudesse causar machucados ou problemas permanentes, qualquer coisa relacionada a privadas, qualquer coisa relacionada a parceiros múltiplos (sim, mesmo tendo participado de sexo a três antes, tinha medo de

estragar um relacionamento fazendo sexo a três enquanto namorava), qualquer coisa relacionada a agulhas (sou muito medrosa). Eu confiava que ele manteria esses limites e, de fato, os manteve.

Eu não.

Eu me senti confusa por causa da minha falta de ação. Fiquei com nojo de mim e me senti covarde também. Em geral, depois das brincadeiras sexuais, tenho certas memórias do que aconteceu, das coisas que fiz. Quanto mais a cena é desafiadora, mais isso acontece. Nas minhas primeiras experiências D/s, foi esse processamento mental que me fez aceitar os pensamentos e sentimentos evocados pelas minhas novas experiências pervertidas. Era gostoso e útil, pois me permitia compreender o lado emocional do que eu estava fazendo, do que estava permitindo que fizessem comigo.

Mas o problema com isso era que, quando mais eu pensava, mais desconectada eu me sentia. Até mesmo os momentos D/s mais desafiadores e dolorosos que eu já havia suportado foram fundamentalmente divertidos. Desafiadores, sim, até constrangedores (mas acho que já está bem claro que eu gosto disso, de uma forma meio estranha). Mas aquilo foi diferente. As intenções de Adam foram boas — más, porém boas: o equivalente erótico de se apavorar em uma casa de horrores e sair ilesa, rindo e com o coração batendo de medo por causa de um cenário que só existiu na sua cabeça. No entanto, eu não estava conseguindo pensar em outra coisa, nem entender a cena dessa forma.

Eu sei que não usava minha palavra de segurança o suficiente, nem mesmo quando as coisas ficavam tão intensas a ponto de parecerem insuportáveis. Duas das quatro vezes em que a usei foram porque fiquei com câibra no pé quando estava amarrada e senti a necessidade de pular e sacudir a perna para tentar retomar a circulação sanguínea (eu sei, não é nada sensual).

Racionalmente, eu sabia que não era certo ver o uso da palavra de segurança como um “fracasso”, mas em algum lugar da minha mente era isso que eu sentia — se não um fracasso, então uma derrota, como erguer a bandeira branca. Em geral, isso era tranquilo porque as pessoas com as quais eu estava levavam essa teimosia em consideração durante a punição, mas naquela cena, naquele momento, a responsabilidade foi minha, e eu abdiquei dela. Eu congelei.

Tentei racionalizar. Estava chocada. Foi tudo muito rápido. Lá no fundo, eu sabia que Adam não estava urinando em mim — talvez tivesse percebido porque não havia cheiro, ou pelo fato de o líquido ser muito quente ou... mas foi muito estranho. Eu me senti muito desnorteada, e durou várias semanas.

Adam e eu conversamos sobre isso; ele me conhecia bem e sabia que tinha alguma coisa errada, mas eu deliberadamente falei com tranquilidade sobre isso, nas poucas vezes em que conversamos. Eu dizia que tudo bem aos pedidos repetidos de desculpas, porque honestamente acreditava que ele não tinha nada por que se desculpar, a responsabilidade tinha sido minha. A proteção e a gentileza dele só me fizeram amá-lo mais ainda. Ele me abraçava, fazia cafuné, conversava. Acho que ele pensou que tivéssemos superado isso, que tudo estivesse bem. Mas apesar de termos

voltado à vida normal — trabalho, transa, discussões sobre as notícias, ver TV, visitar amigos e família —, a experiência deixou uma sombra estranhamente extensa no meu humor, e ficava voltando à mente nos momentos de calma.

E me fez questionar também até aonde a dinâmica D/s poderia ir. Alterar nossos limites é normal, mas em que momento começa a ser demais? De repente, minha frustração com James, que foi incapaz de continuar me machucando porque passou dos limites do que considerava aceitável, seguro e gentil, pareceu um tanto injusta. As situações eram diferentes, mas as semelhanças me deixaram sem reação. Pela primeira vez em meses, voltei a pensar nele. Isso também foi estranho.

É claro que ver James foi ainda mais estranho do que pensar sobre ele.

Fazia quase um ano desde nosso último encontro. Foi em um almoço triste que, naquela época, achei que pudesse incentivar uma reconciliação, mas acabou sendo o último de uma série de encontros e contatos cada vez mais impessoais que resultaram em silêncio.

A última mensagem a não receber resposta foi minha. Decidi que era muito difícil viver em um mundo de se e talvez, então tomei a iniciativa de me afastar — se é que desaparecer em um buraco de desespero pode ser chamado de tomar uma iniciativa. O fato de ele não ter tentando entrar em contato comigo de novo validou a minha resposta.

Segui adiante.

Mas, é claro, quando o vi depois disso, fiquei momentaneamente estupefata. Estava no pub com alguns amigos celebrando um aniversário depois do trabalho quando vi uma pessoa que se parecia com ele perto do bar. Esse “reconhecimento” de estranhos aconteceu várias vezes nos meses logo em seguida ao término do nosso relacionamento nada convencional. Com o tempo, isso parou, mas tinha alguma coisa naquele cara — o corte de cabelo, a postura, talvez o modelo do terno — que me fez pensar em James. Talvez fosse apenas o fato de eu estar pensando muito nele naquela época, por causa do episódio ao qual me referia como *Pipigate*, em vez de Watergate. Eu sei, é um nome ridículo, mas colocar um apelido nele me fez rir, e eu estava tentando fazer com que o episódio fosse menos pomposo. É claro que um nome bobo não resolve o problema todo, e nos momentos pesados em que ele ainda vinha à mente, comecei a me perguntar — considerando o quanto tinha me afetado — se fui justa na forma como tentei ajudar James e sua preocupação sobre o que estávamos fazendo juntos.

Olhei para o homem por tanto tempo que Mark, nosso repórter de assuntos do governo local, ao lado de quem eu me sentava no trabalho, cutucou minha costela com o cotovelo.

— Está tudo bem, Soph? Você está com cara de quem vai começar a babar.

Voltei a prestar atenção na conversa.

— Não, não estou flertando. Ele não faz meu tipo. Só achei que fosse uma pessoa que conhecia.

Shona, nossa editora de notícias e a mulher mais direta que já conheci, se virou e

olhou para ele.

— Eu gostaria que fosse alguém que conheço. Que bunda linda. O terno fica bom nele, parece caro. Aposto que não se importaria em comprar uma rodada de drinques pra todo mundo de vez em quando. — Deu uma olhada para Mark, que suspirou.

— Você é bem sutil, mas acho que é minha vez de ir ao bar. Me ajuda a trazer os copos, Soph?

Fiz que sim sem nem prestar muita atenção e comecei a fazer o movimento para sair da mesa *box*. Foi quando ele se virou.

Foi como se soubesse que estávamos falando sobre ele — apesar de não estarmos falando alto, e até mesmo Shona estava a alguns drinques do seu ápice de volume de voz. Nossos olhares se encontraram e a fagulha do reconhecimento virou surpresa. Ele sorriu e acenou.

Merda.

Shona gargalhou.

— Bem, se não é uma pessoa que você conhece, com certeza é alguém que quer conhecer você. Ele definitivamente fica melhor de frente. É solteiro?

As palavras foram mais difíceis de serem ditas do que deveriam.

— Não sei.

Sou uma covarde. Acenei para ele e fui direto ao banheiro, desejando muito que já tivesse sido servido e ido embora antes de eu ajudar Mark a levar os drinques para a mesa.

Não tive essa sorte. Ele estava basicamente à toa na porta do banheiro esperando por mim.

— Oi, Sophie.

— Oi.

— Como você está? Quanto tempo. Você parece bem.

— Obrigada. Estou bem sim, muito bem. E você? — A conversinha soou ridícula e me deu vontade de sair correndo. Acho que foi um pequeno passo à frente eu ter sentido estranheza, e não desejo. Apesar de não ter como deixar de notar que seus cabelos ainda caíam sobre o rosto — eu nunca resistia tocar naqueles cabelos. Coloquei a mão no bolso.

O silêncio se alongou. A conversa já havia acabado? Tomara que sim.

Ele tossiu para limpar a garganta e fez sinal para uma mesa atrás dele.

— Bem. Estou com alguns colegas do trabalho, acho melhor voltar. Devem estar achando que estou dando em cima de você... — Ele riu, e eu me controlei para não dar um chute nele. Era tão improvável assim que os amigos estivessem pensando que ele estava dando em cima de mim? E, peraí, que diferença fazia? Eu não *queria* que ele desse em cima de mim. Certo? Meu Deus, que confusão. Pensei em Adam — o Adam simples, direto, aquele que eu sabia no que estava pensando — e me lembrei que não tinha mais de fazer aquilo. Pensar nisso me fez sorrir, me deu certo apoio.

— Também estou com um pessoal. Melhor ir. Que bom que você está bem.

— Você também. Vamos tomar uns drinques algum dia desses.

Eu não levei o comentário a sério, falei um “vamos” sabendo que não havia chances de ele me ligar. Fui pegar alguns copos de cerveja das mãos de Mark com o adeus de James no ouvido.

Ele mandou um e-mail para o meu trabalho no dia seguinte perguntando quando eu gostaria de tomar aqueles drinques.

Eu literalmente não sabia o que dizer. Um “não” direto me pareceu muito abrupto, ao passo que “estou com uma pessoa” era um pouco de exagero, e daria a entender que eu presumi que ele estava me chamando para sair romanticamente, o que era uma conclusão ousada, visto a maneira como tudo terminou. Entretanto, eu não queria sair com ele para beber, o que devia indicar uma forma de progresso, então acabei simplesmente ignorando o e-mail, certa de que ele esqueceria em alguns dias.

Não esqueceu.

Naquela sexta-feira, combinei de ir beber com Charlotte depois do trabalho. Ela estava na cidade trabalhando e resolvemos tirar vantagem disso e ir a um happy hour para colocar o papo em dia. Fiquei meio tensa — eu não passava muito tempo com ela desde que Adam e eu começamos a namorar sério, então fiquei preocupada de ela tentar conversar sobre as proezas sexuais (formidáveis) dele, de maneira que me desse vontade de fugir. Ou de me embriagar. Na verdade, acho que era uma boa opção.

Um pouco depois da minha hora de ir embora do escritório, fui chamada na recepção para assinar o recebimento de um buquê gigantesco de flores, celofane e laço e folhas verdes. Eu me senti meio boba de levar o buquê para minha mesa, mas não consegui parar de sorrir. Shona veio ver, cheirou os lírios no centro do buquê, e eu abri o cartão.

E aqueles drinques? — Bj, James.

Meu queixo caiu. Coloquei o cartão no envelope e o envelope no bolso. Shona começou a rir quando viu minha expressão.

— Adam está mandando mensagens sacanas pra você no trabalho?

Ri involuntariamente.

— Quem me dera. — É claro que era uma mentira, mas acho que não seria muito inteligente de minha parte admitir para a editora de notícias que, em algumas manhãs, quando eu parecia louca para responder meus e-mails, estava na verdade decidindo o que ia acontecer quando nos reencontrássemos na sala de casa mais tarde.

Abaixei a cabeça e terminei de digitar umas informações sobre o relatório do conselho local, torcendo para a vermelhidão delatora sumisse de minhas bochechas. Uma coisa era certa: era bem óbvio que eu devia dizer “não, obrigada” para aquele convite.

Decidi que a maneira mais fácil era por e-mail. Eu sei, um tanto covarde, mas em minha defesa digo que não tínhamos um histórico muito bom de conversas por telefone. Nem ao vivo, na verdade. Achei que fosse a forma mais segura. Ainda assim um tanto estranha, levando tudo em conta, mas mais segura.

Oi James

Só queria escrever rapidamente pra agradecer pelas flores, são lindas.

Não sei se sairmos é uma boa ideia. Tenho um namorado agora.

Soph.

Reconheço que foi seco. Escrevi e reescrevi o e-mail dezenas de vezes, mas não quis escrever nada que desse a entender, sem querer, que eu gostaria de estar livre para beber com ele, nem que eu fosse terminantemente contra encontrá-lo. Nem queria que parecesse que Adam se intrometia na minha vida social, caso James quisesse apenas bater um papo inocente (se bem que eu tinha quase certeza que não — era um buquê bem pretensioso).

Quando fui embora, James ainda não havia respondido. Não sei se responderia. Não acho que começaria a fazer perguntas sobre minha vida amorosa. Saí com pressa para me encontrar com Charlotte, louca para dar início ao fim de semana.

Charlotte estava disposta. Desde o momento em que entrou no bar, quando tirou o chapéu que a protegia da chuva e usou os dedos para pentear os cachos enquanto lia o menu de bebidas, conversou com alegria sobre qualquer coisa, sobre tudo. Parecia realmente feliz.

O que foi uma surpresa, considerando as conversas que tive com Tom. Depois de alguns drinques, decidi arriscar e perguntar como estavam as coisas com ele. Eu tinha certeza de que ela não estava encenando, mas ao mesmo tempo achei meio surreal que estivesse feliz e ele tão para baixo. A não ser que alguma coisa tivesse mudado muito nas últimas semanas.

Era hora de averiguar. Sei que parece que estou me intrometendo, mas não é isso, é curiosidade, lembram?

— E aí, como estão as coisas entre você e Tom?

Admito que, em se tratando de fazer perguntas, fui meio direta demais, mas eu já havia tomado três drinques e não era a entrevistadora mais criativa do mundo. Mesmo assim, nem eu previ que a conversa tomasse o rumo que tomou.

— Ótimas. É, ele é incrível. Sem ser nesta última semana, na outra, arrumou um sexo a três com uma menina que conhecemos em um *munch*. Ela me dominou, ele dominou nós duas. — Um sorriso apareceu em seu rosto. — Foi intenso. Bem intenso. Baita desafio. Na verdade, me fez lembrar de você.

Fiquei confusa por um momento.

— Eu sou intensa e desafiadora?

Minha mão estava em cima da mesa. Ela deu um tapinha nela com carinho, não sei dizer se para me repreender ou se para mostrar afeição.

— Não, me lembrou de dominar você.

Fiquei corada.

Aconteceu um pouco antes de eu conhecer James. Não me arrependo, mas a experiência foi um dos catalisadores que me fez perceber que eu queria um relacionamento D/s romântico em vez de ter um Dom colorido. Thomas conheceu Charlotte antes, e nos encontramos no meu primeiro e único *munch*. Nos demos superbem, cada uma flertou bastante, e então, em um feriado memorável, nós três

transamos. Ela me forçou a lamber o ânus dela — OK, no começo me *forçou*, mas depois fiz porque quis — e me bateu com a vara. Eles escreveram em mim e foderam ao meu lado. Foi intenso, senti várias emoções, muita dor e humilhação, e, naquela época, foi uma das experiências sexuais mais incríveis que tive, apesar de ter dúvidas em relação a repeti-la.

De repente, era eu quem estava sorrindo, apesar de uma certa timidez. Ela fez carinho na minha mão e depois pegou o drinque.

— Engraçado. Antes daquele fim de semana com você e Tom eu nunca tinha feito *switch*. Achei que fosse ser interessante tentar, mas não achei que tivesse talento pra coisa, e no final das contas me saí bem.

Dei um sorriso sarcástico.

— Da forma mais gentil possível, meu amor, eu discordo. Você foi uma cachorra de primeira.

— Cachorra ou dominadora?

— Os dois. Com certeza, os dois.

Ela gargalhou, e dois caras na mesa ao lado se viraram para olhar para ela, que nem percebeu. Charlotte era estonteante, mas não dava a mínima para isso, e essa natureza despreocupada era uma das coisas que eu mais admirava nela.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Fui muito má com você, não fui?

Virei os olhos para cima.

— Você acha?

Ela sorriu.

— Mas é que foi tão divertido ver como você reagia, tentar prever o que ia fazer e achar uma forma de fazer com que me obedecesse. Eu nunca tinha gostado do lado psicológico da dominação até fazer com você. Foi ótimo, eu realmente gostei.

Ficamos em silêncio por um tempo. Era um daqueles momentos em que a conversa podia tomar dois rumos. Eu podia mudar de assunto, ou podia expressar interesse, o que faria com que ela continuasse. Foi estranho? Um pouco, mas não tanto — Thomas e eu não transávamos havia bastante tempo, e mesmo naquela época não havia ciúmes. Tenho de admitir que minha emoção principal foi uma curiosidade incisiva. Começou, vai até o fim.

— Você gostou, mas estou sentindo que vai ter um “porém” em algum momento.

Ela concordou.

— Houve momentos em que fiquei me perguntando como seria se fosse comigo, se eu estivesse sendo obrigada a fazer as coisas que você fez. Ser machucada, escreverem em mim. — Eu me senti ficando meio quente pensando nessas coisas. Engoli a saliva e fiz que sim; de repente, não conseguia falar, meu cérebro ficou mais lento por causa dos pensamentos obscenos.

— Então falei para Tom que estava curiosa. Que eu queria fazer um sexo a três onde eu basicamente fosse *você*, dominada por eles dois. E ele começou a falar com essa menina, Jo, em um *munch*. Engraçadíssima, gente boa, muito sensual, cabelos

escuros compridos e olhos verdes. Saímos pra beber e pra ver se nos daríamos bem e ele combinou tudo.

Seus olhos brilhavam de tanta energia com as memórias excitantes.

— Ele combinou tudo por mim.

Começou a falar mais baixo, e eu me inclinei para a frente para ouvir.

— Eu não sabia exatamente quando ia acontecer, só sabia que ia rolar. Quando me amarrou e me vendou na sala dele no sábado à noite, achei que fosse uma coisa só pra nós dois. Aí a campainha tocou e ele foi atender.

— Você adivinhou que era ela?

Ela ficou meio envergonhada por um instante.

— No começo, não. Achei que fosse alguém vendendo alguma coisa, ou que ele estivesse só mexendo comigo. Aí ouvi essa pessoa entrando e as vozes ficaram mais altas, e percebi que...

Completei a frase para ela.

— Que ele *realmente* estava mexendo com você.

Ela riu e continuou.

— Ela não falou comigo quando entrou, mas começou a me tocar. Não de maneira sexual, só de uma forma direta. Era como se estivesse me avaliando, me beliscou, apertou e mexeu, passou a mão como se estivesse checando um pedaço de carne.

Fiquei com a garganta seca de repente.

— E como você se sentiu com isso?

— Horrível. Estranha. Constrangida. Humilhada. — Charlotte sorriu com sarcasmo.

— Incrível. Deu muito tesão.

Sorri também.

— Ah, sim. Sempre essa mistura esquisita.

Charlotte concordou e mostrou o copo para fazermos um brinde.

— Às vezes é bom saber que não sou a única que sinto isso. Foi um grande desafio. Ela foi implacável, bateu em todos os cantos com uma régua. — Charlotte fingiu estar chocada. — Doeu muito mesmo. No final fiquei cheia de marcas quadradas por causa da ponta da régua.

Imaginei a pele clara dela marcada dessa forma. Tenho de admitir que pensar nisso fez minha pele se contorcer. Eu definitivamente não estava interessada em transar com ninguém além de Adam naquele momento, mas, ao me lembrar da palidez macia da pele dela, fiquei intrigada com os pensamentos voltados para suas marcas.

— Ela e Tom conversaram enquanto ela agia, falaram sobre como as marcas estavam bem-feitas, o tipo de dor que eu já havia aguentado, se eu gostava, como ele gostava de bater em mim. Eu não fui o foco dela nem quando estava me batendo, me senti um negócio, um brinquedo, uma coisa pra fazer enquanto ela conversava com ele. Foi tão humilhante e tão gostoso. Entendo perfeitamente por que você gostou. Eles transaram e eu assisti, foi tudo que eu quis. Ela me mandou agradecer por estar transando com ele na minha frente, e foi o que fiz. Foi tão legal. Foi tão incrível ele ter organizado tudo, tudo que fantasiei e mais.

Sorri, entendia completamente o deslumbre dela com a intensidade da cena, e fiquei aliviada pela afeição óbvia que ela sentia por Thomas, por ter organizado tudo. Mas eu tinha uma pergunta.

— Então, estou intrigada.

Ela riu.

— Pode perguntar, Soph, já passamos da fase da conversinha educada.

Sorri.

— Só pra constar, isto aqui está sendo *muito* mais divertido do que uma conversinha educada. Mas estou curiosa. Você sentiu ciúmes ou se sentiu estranha vendo Tom transando com ela?

Charlotte respondeu sem hesitar.

— Nada. Vamos encarar os fatos, Tom e eu não estamos namorando. Não é assim que gostamos um do outro. Temos um combinado parecido com o que você tinha com ele. É muito divertido. Ele não é meu namorado. Não quero que seja. E ele não quer uma namorada.

Fingi estar repentinamente interessada no menu de bebidas. Ai. Coitado do Tom. Achei que era hora de mudar de assunto pedindo mais bebida.

O resto da noite passou voando. Charlotte e eu conversamos sobre o trabalho, novamente ela me disse que nunca viu Adam tão apaixonado (o que ainda me fazia sorrir), discutimos o que veríamos no cinema no sábado seguinte, todos nós combinamos de ir. Foi ótimo, exatamente o tipo de noite de sexta-feira que você precisa depois de uma semana longa do trabalho.

Senti que seria uma pena deixar as flores de James no trabalho, mas não queria levá-las para casa — não sou muito boa com etiquetas, mas achei que seria péssimo, pior ainda porque pareciam muito caras e Adam ainda estava preocupado com suas finanças. Dei as flores para Charlotte quando nos separamos e cada uma foi para seu lado. Para mim, estava tudo acabado com James. Pensei em mencionar para Adam que ele entrou em contato, mas não sabia ao certo como ele se sentiria com o fato de eu receber flores de outra pessoa, então fiquei na minha, e no final acabei esquecendo.

Pensando hoje, percebo que foi um erro — foi como se eu estivesse mentindo para ele por omissão. Mas naquele dia, fui para casa de bom humor, me sentindo sortuda pelo relacionamento claro e amoroso que tinha com Adam, e ansiosa para ver o que o resto do fim de semana guardava.

Eu sei, fui uma idiota.

Capítulo quatorze

As coisas voltaram ao normal lentamente. Bem, o mais normal que ficava para mim e para Adam. No distanciamento do tempo, o horror de *Pipigate* começou a se dissipar e eu comecei a perceber que minha reação não foi um sinal de que eu estava caindo em um precipício. Meus limites continuaram os mesmos, e Adam manteve seu respeito — como também manteve naquela ocasião. Até mesmo a sensação estranha de que eu o decepcionei de alguma forma por não ter conseguido lidar com a manipulação mental começou a melhorar. Passei a me sentir mais estável emocionalmente. Esqueci James também. Foi um alívio.

Adam foi impecável nesse caminho todo — amável, obsceno e certamente o motivo pelo qual eu consegui retomar meu equilíbrio com o passar do tempo, se bem que eu parei de debochar quando ele perguntava se eu sabia minha palavra de segurança antes de começar a fazer alguma coisa intensa.

O negócio foi que ele não fez nada massivamente intenso desde aquele fim de semana. Eu não conseguia decidir se estava aliviada ou um pouco desapontada. Transávamos quase toda noite (fora um dia que cheguei em casa exausta demais para conseguir me mover) e nossas conversas pervertidas tarde da noite continuaram, mas estávamos definitivamente falando sobre D/s mais do que fazendo D/s. Não acho que tenha sido uma decisão deliberada da nossa parte, mas foi como as coisas evoluíram — até porque a vida cotidiana estava mais atarefada do que nunca, havia visitas às nossas famílias, o ritmo do trabalho (eu) e o novo negócio (ele). Contudo, até as coisas mais comuns da vida podem ficar um pouco mais divertidas quando adicionada uma dose de sacanagem — e decidi tomar a iniciativa para mostrá-lo que estava pronta para outra experiência nova (que não acabasse com o meu cérebro).

Era aniversário dele. Sei o que vocês estão pensando, mas não tem nada a ver com alugar um chalé pornô ou arrumar um jeito de me pendurar no lustre; meus planos, na maioria das vezes, eram bem tranquilos. Adam estava trabalhando muito, então, algumas semanas antes, pedi que reservasse o fim de semana logo depois de seu aniversário para que eu pudesse levá-lo em algum lugar, fazer um agrado. E foi isso que fiz.

Depois de muito buscar na internet e de checar os comentários sobre hotéis, encontrei um lugar com preço razoável que parecia romântico de uma maneira apropriada e ideal para um fim de semana aconchegante. Admito que, com meu péssimo senso de direção e minha estimativa de tempo de viagem otimista, acabamos viajando sete horas de carro. Paramos para jantar no meio do caminho, mas o tempo que passamos no carro — tendo recordações relacionadas às músicas que eu escolhia no iPod dele, conversando sobre tudo, desde o tipo de adolescente que fomos até os últimos álbuns que compramos — me fez lembrar o quanto eu gostava de estar perto de Adam. Mesmo quando o papo foi acabando conforme as cidades maiores e menores deram espaço ao campo, era um tipo de silêncio confortável de duas pessoas curtindo a companhia uma da outra, porém igualmente felizes com seus próprios pensamentos e visões. Chegamos tarde — muito tarde! — e fomos dormir logo,

contentes por podermos começar a conhecer o local na manhã seguinte.

Depois de um café da manhã animado, aproveitamos a oportunidade e fomos caminhar no vilarejo. Pegamos as direções (Adam ficou a cargo delas — melhor assim) e fomos achando nosso caminho nas estradas e trilhas em torno dos campos. Quando chegamos no vilarejo, era apenas uma loja pequena e um pub/hotel. Entramos na loja e comprei uma pilha de jornais; depois, fomos ao pub. Nos sentimos meio estranhos, eram apenas 11 da manhã, mas estávamos na esperança de tomarmos chá. Que inocentes. A dona do estabelecimento pelo visto levava chá muito a sério; nos levou para uma sala vazia nos fundos, colocou xícaras e pires na nossa frente e uma chaleira com chá para meia dúzia de pessoas.

Nós nos sentamos, conversamos e esquentamos nossas mãos nas xícaras por certo tempo, até que eu percebi Adam cada vez mais vidrado na TV, posicionada em um canto da parede. Não fiquei ofendida, fiquei mais intrigada. Eu já o conhecia o suficiente para saber que tinha alguma coisa específica acontecendo.

— Você acha que eles têm o canal de esporte? O segundo dia dos testes vai começar daqui a pouco.

Antes de começarmos a namorar, eu não teria entendido o que ele quis dizer. Agora, eu não apenas me virava na terminologia do críquete como também sabia o quanto ele amava o jogo. Ele ficou meio sem graça, mas eu ri. Perguntamos. E foi assim que o fim de semana romântico de caminhadas em montanhas e de fugir de tudo para comemorar o aniversário de Adam acabou com seis horas do primeiro dia bebendo chá de uma chaleira infinita (no final das contas, o marido falecido da senhora gostava de críquete — acho que isso fez com que ela ficasse predisposta a gostar de Adam). Enquanto eu lia os jornais de cabo a rabo, ele se divertiu vendo o jogo. Como falou com certa alegria quando começamos a caminhar de volta para o hotel depois de um almoço enorme e tardio (achamos que seria meio grosseiro não comer, visto que estendemos tanto o chá), “a Inglaterra está até vencendo. Que dia lindo”.

É claro que também haveria de ter um pouco de sacanagem.

Ficamos encharcados voltando para o hotel, então nos refugiamos na área do bar, onde havia uma lareira ótima. Dessa vez, as bebidas foram alcoólicas. Terminei a minha primeiro, por nervosismo e por ter coisas a fazer. Adam fez um gesto perguntando se eu queria outra bebida, mas eu fiz que não. Fiquei meio corada — não deu para evitar — e contei que tinha uma surpresa, que precisava de cerca de dez minutos antes de ele subir para o quarto.

A cara dele foi hilária. Fazíamos várias obscenidades juntos, mas ele realmente amava quando eu planejava coisas. Ergueu o copo como se estivesse brindando.

— Realmente é o melhor aniversário de todos os tempos.

Sorri para ele.

— Não se precipite. Você ainda não sabe o que estou armando. Até daqui a dez minutos.

Depois disso, fui para o quarto.

Nunca fui muito fã de figurinos. Nem mesmo em festas chiques, muito menos no que diz

respeito ao sexo. Sempre me fizeram sentir meio ridícula, e fico muito consciente de mim mesma. Já fazia muito tempo desde que fui estudante, nunca fui uma garçanete alemã, definitivamente não sirvo para *cheerleader*, e apesar de querer ser a Mulher Maravilha quando tinha 11 anos de idade, também não me sinto inclinada a me vestir como ela. Adam adorava. Desde o começo, falava que gostava de roupas íntimas, figurinos, uniformes e materiais diferentes, como couro e látex.

Eu já havia implicado com ele por causa disso. Caçoava quando via que estava olhando sem parar para minhas meias listradas que iam até acima dos joelhos. Mas sabia que ele gostava dessas coisas. E logo ficou claro que genuinamente amava o esforço, a cor e a fantasia. Não era um fator decisivo — não que ele só gostasse de sexo dessa forma — e não fazia pressão para que eu usasse roupas, para ele, mas quando comecei a perceber exatamente o quanto ele amava aquilo, passou a ser algo que eu gostava de fazer de vez em quando para agradá-lo e fazer com que seus olhos brilhassem.

Isso não significa que eu não achava a ideia meio boba, sem mencionar que me deixava meio tensa. A primeira vez que coloquei um figurino para ele, criei um uniforme escolar com uma saia cinza que batia nos joelhos, uma blusa branca, meias compridas e uma gravata velha que comprei em uma loja de caridade por uns cinquenta centavos. Ele veio me visitar e me encontrou de olhos vendados (o que foi melhor tanto para mim quanto para ele — culpa do nervosismo). Quando finalmente tirou a venda e eu vi o quanto adorava me ver vestindo o que eu chamava de figurino chique, eu meio que me converti. Ele não conseguia tirar os olhos de mim, e me encarou com tanta fome e desejo que me deixou confiante, apesar de ainda um pouco envergonhada, admito. Ele sempre me fazia sentir bem comigo mesma, inclusive quando fazia coisas degradantes, mas a forma como olhou para mim quando me fantasiei pela primeira vez me deu calafrios.

Quando botei um espartilho na frente dele a primeira vez, ele praticamente me tacou na cama e ficou anos beijando meus seios, apertados na vestimenta constringente. No casamento de um amigo, usei um vestido modesto no estilo década de 1950 com pequenas cerejas na estampa. Em momentos estranhos durante o dia, eu o pegava olhando para mim com uma expressão nos olhos que depois passei a conhecer e amar, mas que infelizmente inspirava uma coisa que com certeza não podíamos fazer na frente dos outros. Quando voltamos ao hotel que reservamos para a noite do casamento, nos agarramos e nos beijamos com fome assim que fechamos a porta. É claro que ele destruiu a modéstia do vestido quando me fez abrir o fecho no pescoço e revelar meus seios antes de levantar a saia de várias camadas e me fazer me masturbar para ele. Mas achei que protestar seria falta de educação.

Eu sabia, por causa das conversas baixinhas que tínhamos na cama, no escuro, que ele era fã de látex. Eu não tinha experiência com látex, e portanto não tinha uma opinião formada. Mas nem preciso dizer que era fã dele. E era seu aniversário.

Encomendei o vestido on-line. Tinha um preço razoável e, quando o experimentei, fiquei surpresa não só com a maneira como coube, acentuando todas as curvas sem

me deixar preocupada com as partes mais avantajadas, mas também com a sensação. Era uma delícia na pele, fiquei fazendo carinho nele, passando a mão na minha coxa, apreciando a sensação nas pontas dos dedos. Tinha um zíper que ia do final do vestido — mais ou menos no meio da coxa — até o pescoço. Depois de testá-lo, decidi que deixá-lo mais abaixo para que ele visse um pouco de decote seria a melhor opção. O zíper era incrivelmente útil, pois minimizava a luta inevitável de tentar caber no látex. Mesmo assim, tive de me esforçar.

Mudei de roupa rapidamente; fiquei meio afobada, mas consegui me vestir no tempo estipulado. Quando ouvi o cartão dele na porta quinze minutos depois — ele claramente quis se certificar de que eu teria tempo para me arrumar —, eu já não estava ofegante por causa do esforço. Torci para que o tom corado nas minhas bochechas fosse mais sedutor do que exaurido.

Quando me viu, chegou a se engasgar, o que achei que era um bom sinal. Eu estava ajoelhada, mãos nas costas e pulsos cruzados (isso fazia com que eu não precisasse me preocupar com os movimentos nervosos dos dedos, e também empinava meus seios), esperando por ele. Ainda me sentia tímida — deixei a luz da sala em uma penumbra de propósito, se bem que não levei em consideração a luz do luar entrando pela janela —, mas o olhar dele me deu confiança. Luxurioso. A expressão inteira dele berrava “isso é incrível, é como se fosse meu aniversário”. E era, claro.

Ele veio até mim e se abaixou até ficar no mesmo nível que eu. Tocou o material, fazendo carinho para cima e para baixo do meu corpo, depois apertando como se quisesse pegar o máximo dos meus seios cobertos pelo látex que fosse possível.

— Puta merda.

Não é o tipo de reação que estou acostumada a ter diante das minhas opções de figurino. Não digo isso com autopiedade, apenas com o realismo de uma mulher que usa o mínimo de maquiagem, tem mais camisetas *nerds* do que vestidos e nunca aprendeu a andar de salto alto. Sorri para ele. A reação foi exatamente a que esperei. Mais, na verdade. Com certeza fez com que a insegurança valesse a pena.

Ele se inclinou para a frente para me dar um beijo, eu me estiquei na direção dele com vontade. Enquanto nossas línguas se moviam, ele continuou a me apalpar. Depois de um bom tempo — não que eu estivesse reclamando —, ele ficou em pé na minha frente. Começou a desabotoar o jeans, mas eu segurei suas mãos para impedi-lo. Olhou para mim com a sobrancelha em pé. Deu para perceber que estava decidindo se ia agarrar meus punhos e tomar o controle ou ver o que eu tinha planejado. Minha garganta ficou meio fechada quando me preparei para falar, mas eu havia pensado naquilo várias vezes, repetidamente.

— Eu faço isso — sussurrei.

Ele sorriu para mim e, quando comecei a me mover, ajudou a me levantar. Assim que fiquei de pé, abracei-o e o beijei com vontade. Pressionei meu corpo no dele e minha língua em sua boca, controlando o beijo, atijando-o e fazendo com que gemesse quando segurou minha bunda. Sorri e continuei massageando a língua dele com a minha, e dei uma pequena volta para que ele ficasse de costas para a cama. Eu me

afastei dele e o empurrei na cama com gentileza, seguindo-o imediatamente e subindo nele, ficando de quatro para beijá-lo de novo. Ele voltou a acariciar e apertar meu corpo por cima do vestido.

Eu não descreveria Adam como um *switch*. Ele mesmo admitia que era um covarde em se tratando de dor e não gostava de ser humilhado ou constrangido. No entanto, de vez em quando amava ficar deitado aproveitando enquanto eu o excitava. Tinha uma tolerância muito maior do que eu, na verdade (e certamente não resmungava quando eu ia mais devagar ao vê-lo se aproximando do orgasmo, como eu fazia quando trocávamos de papel).

Eu o beijava, lambia ou chupava, apertava os ombros ou arranhava o peito. Era uma coisa que eu tinha a tendência a fazer quando via que ele estava estressado ou cansado. Ele me disse que era uma mudança legal poder desligar o cérebro. Disse que amava o desafio mental de me dominar, mas sempre tinha de estar prestando muita atenção e planejando o próximo passo. Daquela maneira, sentia como se estivesse sendo mimado sem ter de pensar: apenas relaxava. Ele raramente desejava aquilo, mas eu conseguia ver quando queria, e — convenhamos — eu entendia esses sentimentos mais do que a maioria das pessoas. Eu amava brincar com ele daquela maneira; era uma forma íntima de mostrar o quanto o amava.

Então, quando segurei seus punhos e afastei suas mãos do meu corpo com firmeza, prendendo-as acima da cabeça dele no travesseiro, ele não reclamou. Chegou a sorrir de tanta ansiedade. Eu me estiquei até a mesa de cabeceira e peguei uma pequena corda que levei só para aquilo. Amarrei seus punhos na cabeceira da cama. Era um *bondage* bem simples, tenho certeza que ele poderia se livrar dele com facilidade (eu não tinha as habilidades de Adam para o *shibari* — na verdade, eu era ruim até para dar nó em cadarços), mas ficou claro que ele não queria se libertar, então eu não tive de perder muito tempo me preocupando com isso.

Depois de amarrar Adam, eu me sentei na cintura dele e senti a ereção fazendo pressão na minha bunda embaixo do jeans. Movi os quadris levemente, fazendo com que ele se engasgasse de novo. Pisquei para ele.

Desabotoei sua camisa lentamente, tocando e fazendo carinho na pele revelada. Quando cheguei no último botão, abri a camisa e me abaixei para beijá-lo novamente, dessa vez passando o látex no peito e na barriga dele de uma forma que o fez tremer. Parei de beijar sua boca e fui para o queixo, o pescoço e depois em volta da orelha. Brinquei com a orelha e sussurrei que era para ele ficar confortável porque ia permanecer ali por algum tempo. Ele impulsionou a pelve para cima quando falei isso e deu um gemido alto — um misto de excitação e frustração, um som que eu já havia emitido inúmeras vezes.

Deixei que meus lábios e língua explorassem seu ombro e depois descí. Acariciei e chupei seus mamilos, mordendo devagar só para lembrá-lo de todas as vezes que mordeu os meus, o que fez com que ele gargalhasse. Eu fazia questão de que ele sentisse o látex sempre que possível, então quando minha boca chegou no umbigo dele, estava se contorcendo e gemendo quase constantemente. Amei vê-lo puxando a

corda quando arqueou as costas. Estava começando a ficar desesperado, era exatamente o que eu queria. E também era uma novidade para mim. Sorri para ele. Não pude me conter. Eu me perguntei se esse tipo de comportamento esnobe era contagioso.

Cheguei no cós do jeans e abri os botões lentamente. Ele rapidamente levantou o quadril para que eu pudesse tirar a calça. Aproveitei para tirar as meias também — nunca são muito sensuais.

A ereção estava apertando a cueca *boxer*. Não resisti e me movi com calma, dando uma lambida no pano e fazendo com que seu corpo todo tremesse. Amava quando ele ficava sensível se provocado daquela forma.

Tirei a cueca e vi seu pau inchado aparecer livremente, parecia mais grosso do que o normal. Colocá-lo logo na boca era tentador, mas eu tinha um plano a seguir.

Apoiei meus joelhos ao lado dos dele e sorri novamente. Ele até parecia sonolento quando olhou para mim. Estava com os lábios secos, ficava lambendo-os o tempo todo. Se eu estivesse no lugar dele, acho que já estaria implorando para que me tocasse. Ele sempre tinha mais autocontrole. É claro que a diferença era que eu não me importava se ele não implorasse.

Eu o toquei sim, mas talvez não como ele esperava. Passei as unhas com carinho pelas suas coxas, chegava muito perto do pênis e depois me afastava. O melhor era ver como seu pau tremia quando eu chegava perto dele, como se, involuntariamente, estivesse tentando fazer com que eu o tocasse. Observar isso me deixou molhada — quer dizer, mais molhada —, assim como ver a expressão de concentração no rosto dele quando gemia baixinho.

Dei um sorriso.

— Você está ronronando.

Balançou a cabeça.

— Linda, eu não ronro. Estou rosnando baixinho.

Eu ri.

— Ah é? Então vou continuar um pouco mais.

O som que fez com certeza foi um rosnado.

Eu amava torturá-lo daquela forma, e continuei por mais tempo do que planejei. De vez em quando eu me abaixava e beijava suas coxas e barriga, mas tinha cuidado para evitar o pênis. Vi que a ponta estava úmida, fiquei orgulhosa de mim por estar resistindo. Não sei se ele sentia o mesmo.

Eu me levantei e me afastei da cama. O gemido de decepção dele me fez rir. Definitivamente, estava ficando desesperado.

Fui até o banheiro e voltei com a outra parte da minha surpresa. Trouxe uma garrafa de champanhe de casa, mas o balde de gelo e as taças foram fornecidas pelo hotel a pedido meu. A cena tinha um ar clássico e decadente, se vocês ignorassem o vestido de látex de piranha e a ereção dele à mostra.

Coloquei o balde na mesa de cabeceira e fiquei aliviada quando percebi que a garrafa não era difícil de abrir. Enchi uma das taças e dei um gole enquanto ele me

observava, parecia estar entretido, porém um tanto confuso também.

Quando levei a taça à boca pela segunda vez, enchi a boca de champanhe. Contudo, em vez de engolir, segurei o líquido gelado e borbulhante, voltei para a cama e passei os lábios no pau dele.

Ele soltou uma exclamação quando passei o champanhe nele com minha boca antes de fazer movimentos para cima e para baixo. Ele voltou a murmurar sacanagens para mim, a palavra “foda” foi usada com proeminência — era tudo elogio de uma forma um tanto agressiva. Olhei para ele e sorri conforme o líquido ficou gradualmente mais quente e perdeu a efervescência. Afastei a boca e engoli antes de tomar outro gole e repetir o processo.

Depois, quando a taça ficou mais vazia, coloquei-a perto da boca dele pra que bebesse também — mas gostei mais da minha maneira de beber o champanhe. Não quando estivéssemos em companhia, é claro, mas funcionava bem para os dois.

Comecei a usar as mãos no pau e no saco, massageando e provocando conforme movia a língua em torno dele. Mudei de posição de forma que ficasse de joelhos na cama com a bunda virada para ele. Eu sabia que naquela posição ele conseguiria ver o vestido de látex. Fiquei corada quando pensei na visão que ele teria, mas sabia que adoraria, antes mesmo de me dizer isso e de me chamar de safada.

Apressei o ritmo e ouvi sua respiração ficando mais rápida e superficial, o que significava apenas uma coisa. Era hora de parar.

Achei que ele fosse ficar puto por causa do nível de provocação, mas queria dar mais uma coisa antes de finalmente aliviá-lo. Fui para cima e me arreganhei na frente do rosto dele para que visse minha umidade diretamente.

Ele amava me chupar, e uma de suas posições favoritas para fazer isso era que eu me impulsionasse contra seu rosto. Eu sei, sentar no rosto de uma pessoa é o ato principal de uma mulher dominadora. Não com Adam. Dizia que não ligava, e se não era uma forma particularmente dominadora de fazer aquilo, ele gostava. Não era o tipo de pessoa preocupada em tentar manter um ar de superioridade — o que explicava as danças bobas que ele fazia pelado no quarto em um sábado de manhã enquanto cantava a música que estava tocando no rádio. Ele sabia que quando a dinâmica mudasse, eu me submeteria a ele sem questionar, e no resto do tempo podíamos ser simplesmente quem éramos.

É claro que ele não ia ter o que queria com tanta facilidade. Fiquei a centímetros do rosto dele, levantei o vestido devagar e fiz carinho nos meus lábios. Ele amava ficar olhando enquanto eu me masturbava; eu geralmente achava que era meio constrangedor, mas naquela situação, provocando-o daquela forma, sorri quando meu rosto ficou quente.

Ele conseguia falar muito mais do que eu teria conseguido naquela situação, e começou a me dizer o quanto amava me ver fazendo aquilo e o quanto ficava excitado. Enfiei o dedo em mim e gemi quando percebi que estava desesperada para ter um alívio também. Tirei o dedo e o passei nos lábios dele, revestindo-os com minha secreção. Ele lambeu os lábios com vontade e depois chupou meus dedos ferozmente.

Eu me masturbei enquanto ele sussurrava coisas sujas para mim, praticamente implorando para que eu deixasse que me lambesse. Aguentei o máximo que pude, mas dessa vez a oferta foi boa demais para ser recusada, e eu me sentei na boca dele.

A língua de Adam entrou em mim em segundos, se aprofundando mais do que achei que fosse possível. Lutou com a corda enquanto movia a cabeça. Estava desesperado para me provar e me lambe, gemendo enquanto fazia isso tudo. Tirou a língua por um segundo para passá-la no meu clitóris, depois voltou a me comer com ela. Os dois estavam frenéticos. Quando me aproximei do orgasmo, eu me levantei por um segundo para deixar que ele respirasse o mais fundo que pudesse e depois me sentei de novo, me esfregando em seu rosto enquanto ele me lambia e chupava, segurando na cabeceira da cama para ter apoio.

Meu corpo todo tremeu quando gozei e eu me perdi por um momento. Voltei à realidade, respirando forte e tendo um momento pós-orgasmo estranho, pensando “nossa, será que eu o amassei?” (uma consequência certa de se sentar na cara de alguém). Ainda bem que não. Saí de cima de Adam com pernas trêmulas e me deitei ao lado dele. Foi difícil olhar para seu rosto, que estava encharcado com a minha secreção. E também o fato de ele estar sorrindo de orelha a orelha não ajudava.

Eu o abracei e apoiei o rosto em seu pescoço, o que não só era uma delícia após o orgasmo (eu geralmente ficava meio carente logo depois, mas Adam era bom em lidar com isso), mas também fez com que ele sentisse o látex contra seu corpo novamente. Olhei para seu corpo e vi os dedos dos pés se contorcendo e o pênis pulsando. Coitadinho. Eu teria de fazer alguma coisa em um minuto, assim que me recuperasse.

Contudo, levou certo tempo, e quase caí no sono na minha felicidade pós-orgasmo, até que Adam tossiu alto para limpar a garganta e ergueu as sobrelanceiras para mim quando olhei para ele.

— Posso ajudar em alguma coisa? — Dei um sorriso.

Ele soltou uma exclamação irritada e eu impliquei com ele mais um pouco antes de finalmente ceder e descer na cama. Eu me sentei em cima dele novamente; me abaixei mas prendi o pau contra sua barriga deliberadamente. Ele gemeu quando movi o quadril, deslizando para cima e para baixo do pênis sem deixar que entrasse em mim. Ele finalmente suspirou um “por favor” e eu cedi, me levantando um pouco para deixar que entrasse em mim.

O gemido de alívio dele foi tão forte que achei que ele tivesse gozado de cara. Honestamente, eu não teria achado estranho — eu já o estava atijando havia séculos. Então, começou a mover a pelve, tentando me comer. Eu ainda não queria abrir mão do controle, então o prendi na cama. Ele ficou parado. Ficamos sem nos movermos olhando um para o outro, esperando para ver o que acontecia depois.

Sorri para ele.

— Você tem muito mais autocontrole do que eu.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Tenho. Mas você é mais gentil comigo do que sou com você.

Concordei e me abaixei para beijá-lo.

— Tudo bem, é divertido quando você é mau.

Ele riu.

— Vou lembrar você disso quando olhar pra mim com raiva novamente.

Touché. Devagar, abaixei o zíper do meu vestido, deixando mais do decote à vista, mostrando meus seios. Eu me inclinei e os ofereci para ele, que começou a lamber e sugar com fome. Abaixei o zíper mais ainda para dar mais acesso para ele; tomou meus mamilos e passou a língua neles. Não consegui mais resistir e meu quadril começou a se mover para cima e para baixo, para a frente e para trás, em cima do pau dele. Ele se engasgou e gemeu nos meus seios conforme eu o comia, cada vez mais rápido.

Ele tirou a cabeça do meio dos meus seios e gemeu:

— Por favor, posso gozar?

Foi a primeira vez que me perguntou uma coisa dessas (se bem que depois ele disse que foi porque não queria arruinar meus planos, e não para pedir permissão. Continuo não acreditando nisso).

— É claro que pode — falei, mais de surpresa do que por qualquer outro motivo. Dessa vez, não parei de me mover.

Ele berrou quando gozou. Se o resto do hotel não sabia que estávamos transando, agora sabiam — talvez fosse um bom plano tomar café da manhã no quarto no dia seguinte. Senti seu pau se mover e me preencher. O orgasmo dele pareceu levar séculos antes de finalmente se deitar com os olhos fechados, exausto.

Eu rapidamente desamarrei os braços dele e o ajudei a abaixá-los. Ele disse que eles estavam um pouco dormentes, mas ficariam bem.

Eu me levantei e tirei o vestido de látex, aproveitando o ar fresco na minha pele depois da quentura do vestido por alguns momentos antes de voltar para a cama e me aconchegar nele. Eu teria perguntado se gostou do presente de aniversário, mas ele já estava dormindo profundamente — não fiquei ofendida, compreendi como um sinal de que as coisas foram bem. Eu brinquei com ele por causa disso quando acordou um pouco depois — mas então ele pediu uma taça de champanhe e começamos tudo de novo.

Tomamos o café da manhã no quarto mesmo no dia seguinte. Sentimos que seria menos constrangedor. E dessa forma não precisávamos nos vestir.

Capítulo quinze

Não contar para Adam que James me mandou flores foi uma coisa. Quando ele apareceu no meu escritório no meio do nada, achei que devia mencionar, independente do quanto seria estranho.

Aconteceu uma ou duas semanas depois do aniversário de Adam. Tive semanas estressantes no trabalho, mas a grande reformulação na qual estávamos todos trabalhando encontrava-se quase no fim, e eu estava ansiosa para o fim da tarde e a comemoração no bar depois.

Saí rapidamente para comprar um sanduíche para comer à tarde quando, literalmente, quase esbarrei com James. Primeiro, achei aquilo suspeito. O escritório dele ficava no outro lado da cidade, então a chance de estar simplesmente passando por ali no meio do dia era bem pouca. Ele ergueu a mão e acenou; apesar de querer fingir que não o vi, achei que fosse me seguir se eu saísse de perto.

— Olá. — Ele sorriu.

— Oi. — Eu não. Achei aquilo incrivelmente estranho. Sou um lixo para entender o que está acontecendo nessas situações. Minhas experiências com James me mostraram que eu o achava mais difícil de ser decifrado do que qualquer outra pessoa. Não precisava daquilo. Não falei mais nada.

— Está indo almoçar?

Engoli minha irritação. Era 1h10 de uma tarde de sexta-feira. Havia grandes chances de ser isso mesmo.

— Não. Estou indo fazer um trabalho.

Ele ficou me olhando por um bom tempo.

— Posso comprar um sanduíche pra você antes de ir?

Nós dois sabíamos que eu estava mentindo em relação ao trabalho. E era claro que ele queria falar sobre alguma coisa. Eu estava curiosa, prova de minhas tendências masoquistas, se é que precisava de mais provas. Talvez deixar as coisas claras fosse melhor. Suspirei e comecei a descer a rua. Ele me seguiu.

— Eu compro o meu sanduíche.

Quando pedimos nossos sanduíches eu já estava me perguntando por que diabos achei que aquilo seria uma boa ideia. Foi terrivelmente estranho. Fiquei olhando para o rosto dele quando estava distraído. Parecia mais desconcertado do que nunca. No final, como acontecia tantas vezes, eu cedi primeiro.

— O que houve? Você está bem?

Ele tomou um gole da bebida e fez que sim lentamente.

— Sim, estou bem. Tudo bom.

Longa pausa. Esse almoço estava sendo ótimo, principalmente porque eu não tinha certeza se me importava com o fato de ele estar bem ou não.

— Eu estava em uma reunião aqui perto, então achei que pudesse vir e checar se você estava por aí pra colocarmos o papo em dia.

Tantos comentários sarcásticos passaram pela minha cabeça. Tentei ignorá-los e

optei por algo mais seguro.

— Devia ter ligado.

Sorriu, sem graça. Ele me conhecia muito bem. Sabia o que estava passando na minha mente.

— Pensei nisso, mas ou você tem um número novo ou está ignorando minhas mensagens. Pensei em ligar para o seu escritório, mas achei que o elemento surpresa poderia me favorecer.

Sorri sem querer; foi um sorriso triste. Estranho que uma pessoa com a qual senti tanta conexão, por quem me apaixonei tanto, pudesse estar sentada na minha frente como um estranho. Pior do que um estranho — um conhecido indesejado.

— E deu certo?

Ele riu, um eco dos tempos de antigamente.

— Não muito. Acho que já vi você mais feliz ao me ver.

Seus lábios sorriam, mas os olhos estavam sombrios. Não consegui nem evocar um pequeno sorriso nos meus lábios. Meu nível de paciência estava baixo e eu estava cansada do jogo. Era como ficar mexendo em uma ferida.

— Por que você está aqui, James?

Falou com voz hesitante.

— Pra chamar você pra jantar.

Que irônico que tivesse existido um tempo em que eu me sentia animada quando ele fazia isso. Agora não. Quis chutá-lo na canela por me machucar tanto. Olhei bastante para ele. Parecia um pouco cansado, um tanto derrotado. Como se soubesse qual seria a minha resposta antes mesmo de eu dizê-la.

— Não posso. — Merda, foi isso que me preocupou quando escrevi aquele e-mail. A ambiguidade é o que dificulta tanto. — Não quero — esclareci. Um pouco dura? Talvez. Tentei amenizar. — Não acho que seja uma boa ideia. Estou em um relacionamento novo, e estou feliz. Sair pra jantar, mesmo que inocentemente (achei o adendo importante, ainda não fazia ideia nenhuma do que ele estava pensando exatamente), seria estranho. Na verdade, isto aqui é estranho.

Ele pareceu magoado. Eu me senti culpada por machucá-lo, pelo menos até ele falar.

— Olhe, não faz diferença se você ainda estiver saindo com Thomas. Também tentei esquecer você. Não consigo. Fiquei me perguntando se não gostaria de tentar de novo. — Sorriu de leve. — Ou tentar de maneira apropriada, na verdade, porque nunca fizemos isso.

Senti uma onda de raiva tão grande que nem sabia por onde começar.

— Não, nunca fizemos isso mesmo. Foi a sua escolha. E você me falou que me amava, mas desapareceu da mesma forma. Não quero tentar nada.

Ele abriu a boca para responder, mas eu o interrompi.

— E não tem nada a ver com Tom. Conheci outra pessoa. Moramos juntos, estamos felizes, temos uma vida juntos.

Ele pareceu confuso, constrangido, surpreso por eu ter encontrado outra pessoa.

Tive vontade de derramar o café no colo dele.

— Mas eu amei você. Eu amo você — respondeu ele.

São palavras pelas quais eu teria dado tanto quando precisei delas, mas naquele momento foram apenas isso — palavras vazias. Fiquei cansada de repente.

— James, você não me ama. Sinto muito se estiver magoado, mas isso não é amor. Lembra quando disse que me amava, e que por isso tinha dificuldade de me causar dor, e tinha que dar um tempo de me dominar?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Então, você não acha que se me amasse teria sentido falta de me ver sem nenhum D/s, ou até mesmo sem sexo?

Ele me interrompeu, mas foi meio minguado, o protesto de um menininho que foi pego em flagrante.

— Mas eu sentia falta de você, sim. Sinto.

Balancei a cabeça.

— Se sentisse não teria conseguido se afastar. Mas se afastou. E tudo bem, não estou ofendida, sério. Você provavelmente me fez um favor. Não daríamos certo a longo prazo. Eu precisava de segurança, de uma pessoa que eu sabia que estava lá comigo. Sem desconfiança, sem questionamentos.

A pergunta dele foi um misto de curiosidade e melancolia.

— E agora você tem isso?

Não vi por que deveria responder, não senti necessidade de justificar meu relacionamento com Adam. Não queria conversar sobre uma coisa tão especial com ele quando não era de sua conta. Mas, no meu coração, eu sabia que a resposta para a pergunta era um sim categórico.

Terminamos o almoço rapidamente com o mínimo de bate-papo aleatório, mas fiquei aliviada por estar tudo acabado. Ele disse que manteria contato como amigo, mas nós dois sabíamos, quando ele me deu um beijo na bochecha, que isso não ia acontecer. E por mim tudo bem.

Quando voltei ao escritório para a parte da tarde, comecei a sentir uma dor de cabeça no topo do nariz. Não sou muito boa em confrontos, e apesar de saber que eu havia feito a coisa certa, detestava o fato de poder tê-lo magoado, mesmo queimando de irritação por ele achar que poderia voltar para a minha vida depois de meses de silêncio.

Eu também sabia que tinha de contar para Adam que nos encontramos. Não sabia como ele ia reagir. Apesar de estar tudo bem desde nossa viagem a York, e de o negócio dele estar indo bem, eu não queria fazer nada para que se sentisse inseguro em relação aos meus sentimentos por ele. Também não queria que achasse que James ainda era um fator na minha vida — era muito estranho, visto que conversamos bastante sobre meus sentimentos em relação a James no começo, quando eu nem pensava que um relacionamento com Adam fosse possível.

Era tudo muito complicado.

É claro que, quando finalmente chegamos ao pub para a comemoração, Mark não

ajudou quando brincou com Adam dizendo que ele estava muito metido mandando buquês ostensivos para o escritório.

Os olhos de Adam se focaram em mim. Eu sei que eu estava com cara de surpresa e culpa, mas o que poderia dizer naquele momento? Ele sorriu para Mark e disse “Foi mal, cara”, e a conversa continuou, mas eu sabia o que aconteceria mais tarde. Ele não era bobo e não era o tipo de pessoa que deixaria aquilo passar sem perguntar nada, apesar de saber que não devia ser nada sério.

Só que ficou sério depois disso. Senti como se fosse uma traição accidental. E juntando que eu teria de contar sobre o almoço inesperado com James mais cedo, de repente ficou parecendo que a conversa tinha todo o potencial de ser tenebrosa.

Que merda.

Pegamos uma carona com Shona, que tinha de trabalhar no fim de semana, então não bebeu. Conversamos tranquilamente no carro sobre o trânsito, o tempo, todas essas coisas aleatórias que preenchem o silêncio. Contudo, chegamos em casa e senti uma bola de nervos no estômago.

Ele merece reconhecimento por não ter me deixado enrolar o papo.

Comecei atirar o casaco e fui até a cozinha ligar a chaleira, mais para ter alguma coisa para fazer, eu acho.

— Então, que negócio é esse de flores? — Estava de costas para mim, então não consegui ver se estava sendo casual e tranquilo, mas o tom foi calmo. Respirei fundo.

— James mandou.

Ele colocou a lata de chá de volta no armário com mais força do que necessário.

— Não me lembro de você trazer flores para casa. Quando foi isso?

Hesitei.

— Há um mês ou dois. Na noite em que saí com Charlotte. Dei as flores para ela, não as queria.

Ele se virou para olhar para mim, observador, preocupado de uma forma que me fez sentir podre.

— Por que não me contou?

Tantas respostas possíveis. Decidi manter a simplicidade.

— Não me pareceu importante. Achei que fosse inapropriado trazê-las pra casa, então dei as flores pra Charlotte. Simplesmente não pensei em mencionar.

“Inapropriado”? Como foi que as coisas ficaram tão estupidamente formais?

— Charlie levou as flores?

Fiz que sim.

— E sabia de quem eram?

Fiz que sim novamente, apesar de me sentir meio confusa. De que importava? A expressão no rosto dele definitivamente indicava que importava, sim.

— Então por que contar pra ela e não pra mim?

Ergui os ombros.

— Honestamente não pareceu tão importante. Não conversamos tanto sobre as flores, eu só contei quando dei o buquê pra ela. — Achei melhor não dizer que,

deliberadamente, não mencionei quem tinha me dado as flores até ela entrar no táxi para que não tivesse como fazer mais perguntas sobre aquilo.

Ele analisou meu rosto procurando por mais coisas. Fiquei nervosa. Momentos como esses, quando ele me conhecia tão bem, não funcionavam a meu favor.

— Então por que ele mandou flores pra você?

Suspirei. Não havia como ter aquela conversa naquele momento.

— Ele me chamou pra sair. — Tentei sorrir, mas ele não retribuiu. — É óbvio que eu disse que não.

Estava de braços cruzados agora. Expressão séria, porém mostrando mágoa. Eu queria melhorar a situação, porém não fazia ideia de como, só tinha uma impressão de que ele não ia gostar do que eu ia dizer depois, mas tinha de ser dito.

— Eu o vi hoje e contei sobre você. Que estamos felizes, que não estou mais interessada em nada com ele.

— Você o viu? Onde?

— Ele foi até o escritório. — Engoli a saliva antes de continuar. — Fomos almoçar.

A voz dele ficou brusca de repente.

— Você saiu com ele?

A raiva fria na voz dele me deixou furiosa de repente.

— É claro que eu não saí com ele de uma forma romântica, porra. Ele estava parado na porta do meu escritório esperando pra me convidar pra almoçar. Eu decidi que era melhor ir e falar pessoalmente que não estava interessada e botar um ponto final nisso.

— Sério? — Parecia não estar convencido.

— Sério.

— E você ia me contar que o encontrou pra almoçar?

Ouvi minha voz ficando mais fina conforme eu ficava com mais raiva, mas não tinha como me conter.

— É claro que ia.

Deu uma risada amarga.

— Como é que vou acreditar nisso se você nem contou que vocês voltaram a se falar?

Eu estava começando a entrar em pânico. Nunca discutíamos em casa quando eu era pequena, e um efeito dessa criação era que eu detestava esse tipo de confronto. Sendo honesta, sou péssima em lidar com isso. Não fazia ideia do que dizer, detestava tê-lo irritado, e ainda assim tinha uma sensação de injustiça e uma ansiedade cada vez maior. Não podia arruinar tudo naquele momento.

— Não seja assim, eu não pensei nisso. Não foi importante. Não é importante. James com certeza não é relevante pra minha vida agora, certamente não é relevante pra nós.

O rosto de Adam estava franzido, mostrando uma emoção que eu não conseguia compreender direito, e seu tom de voz me fez tremer.

— Eu acho que ele tem uma relevância pra nós, sim. Até porque, quando

começamos a sair você ainda estava longe de tê-lo esquecido. Você se afastou pra se preservar quando ele se mandou, mas era óbvio que ainda gostava dele. Você confessou isso pra mim.

Fiquei sem conseguir falar por um momento. Ele estava com ciúmes. Estranho — que droga que ele me conhecia tão bem, conseguia ler minhas emoções melhor do que ninguém que eu já havia conhecido, e ainda assim estava tão cego.

— Isso tem anos, seu idiota. Você acha que eu teria começado um relacionamento com você, vindo morar com você e começado a construir uma vida nova se tivesse uma esperança secreta de que pudesse voltar com outro homem?

Adam ficou de boca aberta com o meu tom cheio de raiva, mas não houve tempo para que ele me interrompesse ainda.

— Eu amo você, seu retardado. Você é o meu cara. Quando acordo de manhã e vejo seu rosto no travesseiro ao meu lado, tudo no mundo parece correto. Quando acontece alguma coisa boa, ou alguma coisa ruim, meu primeiro instinto é compartilhá-la com você. Nunca fui tão verdadeira e nunca falei tão honestamente com uma pessoa como falo com você. Você me faz rir. — Minha voz ficou mais branda. — Eu imagino como nossos bebês vão ser, se vão ter os seus cabelos ou os meus olhos. Fico pensando em como vai ser envelhecer com você, o que vamos fazer quando meus joelhos ficarem tão fracos que você vai ter que me ajudar a levantar quando eu me ajoelhar na sua frente. Quando penso na minha vida não consigo mais imaginá-la sem você. Você não é uma garantia pra caso eu encontre alguém melhor. Você é o melhor. Você é o cara. Eu amo você, seu palhaço.

Eu virei o rosto para olhar para a janela, sentindo-me insegura e chorosa de repente. Olhei para a rua lá fora, tentando me recompor para o que aconteceria depois.

De repente, os braços dele vieram por trás de mim, corpo quente, reconfortante e sólido nas minhas costas. Com todas as fibras do meu ser, quis me inclinar para trás, me encostar nele e ceder, mas fiquei reta. Desconfiada. Incerta.

Ele apoiou o queixo no meu ombro. Pude ver seu reflexo na janela. Apesar de não estar sorrindo, não estava mais com cara de irritado. Suspirou baixinho e seu hálito no meu pescoço me fez tremer.

— Desculpa. Eu sei que sou um idiota. Só fiquei surpreso por você não ter me contado. Não é do seu feitio.

Eu me virei e abri a boca para responder, mas ele colocou um dedo na frente dos meus lábios.

— Eu sei. Sei que não quis me aborrecer. Aposto que era um buquê com ouro e você ficou preocupada por eu me sentir mal com isso também, principalmente porque não foi muito tempo depois de eu ser dispensado no trabalho. — Eu sorri involuntariamente. — Só levei um choque por saber que ele voltou pra sua vida e você se recusou a falar com ele.

Mordi o lábio.

— Adam, não é assim. Ele não voltou. Ele sabe que não estou interessada.

Deu um beijo na minha testa. Foi um gesto pequeno, ele já havia feito isso várias

vezes, mas só o alívio por ele ter repetido o gesto fez meus joelhos ficarem fracos.

— Eu sei que não foi assim, linda. E sei que você acha que sou um mongol. Mas quando nos conhecemos, você ainda estava consumida por ele, apesar de ele ter te tratado tão mal, e eu sabia que você merecia mais. O fato de ele ter voltado e tentado alguma coisa é basicamente o meu pior pesadelo.

Suspirei.

— Mas eu não vou a lugar nenhum.

Ele sorriu.

— Eu sei, e isso é fantástico. Mas eu não sabia disso desde o começo, né?

Balancei a cabeça com um pouco de vergonha.

— Não. Acho que não mesmo.

— O negócio é que eu te amo também. Não falo tanto quanto você, mas estou melhorando nisso, tento mostrar o que sinto todos os dias — balançou as sobrancelhas —, e não apenas no sexo. — Virei os olhos para cima. — Também não consigo imaginar minha vida sem você. Seria entediante. Talvez mais arrumada. Mas se a gente terminar, meus pais vão ficar muito decepcionados. Eles já tinham desistido de achar que eu encontraria uma pessoa pra me aturar.

Fiz uma careta para ele.

— Então eu sou a única mulher que vai aturar o seu jeito?

Ele mordeu meu lábio inferior, um aviso descontraído, e sorriu.

— Não é que você seja a única mulher que vai me aturar. É que você é a única que consegue seguir o meu ritmo.

Acho que meu rosto deve ter demonstrado indignação, porque de repente ele começou a beijá-lo de novo.

— Não, não, não, não é só nisso. Não me entenda mal, eu amo o nosso sexo, mas acho que o que faz com que tudo seja tão intenso e divertido é a conexão emocional, além da física. E sei que parte dessa conexão vem do fato de conseguirmos conversar sobre praticamente qualquer coisa. — Colocou a mão sobre meu rosto. — Mesmo que de vez em quando você fique constrangida.

Quase sorri.

— Eu amo você, Soph. É real. Passar a vida juntos, passar por altos e baixos, cuidar um do outro, o pacote inteiro.

Não consegui esconder a frustração na minha voz.

— Então, por que estamos discutindo?

Ele me beijou de novo.

— Porque fico perturbado quando você não é aberta e honesta comigo, como sempre é.

Engoli a saliva.

— Eu sei, e peço desculpas. Eu ia contar.

Adam sorriu.

— Eu sei que ia. Acredito em você. — Ele me beijou e eu abri a boca, queria um beijo decente (quer dizer, indecente). Mas antes de conseguir, ele se afastou

novamente.

— Ah, e só pra registrar: “Eu amo você, seu retardado?” Que delicada. Descalça, dei um chute na canela de Adam e recebi um beijo.

Capítulo dezesseis

Não sou boa com discussões, mas alguma coisa na minha conversa pós-pub com Adam deixou o céu mais limpo, como depois de uma tempestade de verão. Fiquei satisfeita por ter acontecido de maneira tão dramática? Não, e durante algumas semanas depois eu senti a necessidade de assegurá-lo do meu amor — e, sendo sincera, eu precisava ter certeza de que ele não estava mais chateado. Mas o que aconteceu, o que foi estranho e positivo, foi que fiquei mais forte, não apenas enquanto casal comum, mas no sentido D/s.

Uma das coisas que eu achava mais interessante em me submeter a Adam era que o tipo de dominação dele era muito diferente do que eu tinha vivenciado antes. Havia algumas semelhanças entre a maneira como as pessoas com as quais pratiquei antes me controlavam, mas o fator mais notável era que envolvia muita dor. Isso não me incomodava, muito pelo contrário — minhas tendências masoquistas e o prazer da endorfina faziam com que a experiência fosse incrível —, porém o estilo de Adam era diferente. Ele estava longe de ser um sádico. Eu sabia que ele tinha tido parceiras que amavam dor — afinal de contas, não é um traço difícil de ser encontrado em uma sub —, mas ele parecia gostar de ver a mulher *curtir* a dor, e não de puramente infligir dor. Era um homem complexo, se não surpreendente.

Entretanto, às vezes até eu ficava abismada com a maneira e os lugares onde conseguíamos descobrir uma perversão. Em um determinado fim de semana, estávamos em uma loja grande de esportes para que Adam, que tinha começado a andar de bicicleta para se manter em forma e economizar na gasolina, pudesse comprar faróis novos.

Fiquei besta com a loja gigantesca, parecia um galpão. Gosto de nadar e de ir à academia, mas fora isso não praticava nenhum esporte desde meus dias de aula de educação física na escola. E as coisas com certeza haviam mudado desde então no quesito compras. Havíamos acabado de passar pelo corredor de roupas de banho e chegamos nos produtos de hipismo.

Eu posso até ter gostado das nossas tentativas recentes de brincar de animal de estimação, mas me transformar em uma *ponygirl* realmente não me interessava — nem a Adam, até onde eu sabia. Contudo, alguma coisa o fez se apressar; apertou o passo, e fui atrás dele. Tinha um sorriso no rosto que só podia significar que viu algo que achou interessante — realmente agia como uma criança grande de vez em quando; eu achava isso — e ele — uma graça.

Olhei para onde estava olhando e vi uma seleção extensa de chicotes para cavalgar. Adam havia partido a vara ao meio — ainda bem que não doeu tanto quanto parece —, e eu tive de morder o lábio para não gargalhar com a cara de abandonado dele quando jogou os dois pedaços fora. Pelo visto, queria comprar um substituto.

Assim como fizemos na loja de animais, ficamos naquela loja comum cercados por caçadores de promoções de fim de semana, e discutimos, em tom baixo, sobre a compra de um item que parecia ser normal, só que para objetivos obscenos. Eu gostaria de dizer que estava menos corada dessa vez, mas não estava. Foi o meu

talento para barganhar que me impediu de voltar correndo para admirar os aparatos de mergulho. O que nos surpreendeu foi que, além de os chicotes serem idênticos aos que vimos on-line em sex shops — era óbvio que alguns fornecedores tinham dois tipos diferentes de clientes —, eram cerca de quatro vezes mais baratos. Dá para aceitar que em geral paguemos um pouco mais por brinquedos e equipamentos eróticos; considerando que são coisas bem-feitas, é apenas uma taxa safada que temos de pagar. No entanto, aquilo foi como encontrar o desconto dos descontos dos brinquedos eróticos, e escolhemos um chicote fofo cuja etiqueta de preço mostrava um valor ridículo, cerca de quatro libras.

Minhas orelhas estavam quentes quando pegou o chicote, mas eu na verdade estava quase tão animada quanto ele por causa da economia. Bem, e também porque era um bom sinal de que iríamos para casa para uma tarde de diversão amável e carregada de endorfina.

Estávamos quase indo embora quando Adam parou e arregalou os olhos. Eu não tinha certeza que era um bom sinal, ainda mais quando vi para onde olhava. Não consegui conter uma exclamação. A etiqueta dizia “chicote *dressage*”, que tinha mais ou menos 75 centímetros de comprimento, não diferente do chicote normal, porém bem mais longo e fino. Quando chegava em três quartos do chicote, o centro mais duro, porém flexível, parecia acabar, mas o material continuava e ficava pendurado na ponta como um cadarço.

Eu soube com toda certeza que aquilo machucaria. Muito. Fiquei olhando para o chicote, me perguntando como ficariam as marcas, por quanto tempo durariam. Rapidamente, estava nas mãos de Adam e, conforme o flexionou e experimentou o peso, olhos franzidos enquanto pensava em como seria usá-lo, não vou negar que também fiquei fascinada. Não que eu quisesse necessariamente que o comprasse. Mas é claro que comprou — era um brinquedo novo com o qual podia se divertir. Eu teria chamado a expressão animada dele diante daquela segunda barganha de “fofa” — se não soubesse a forma como planejava usar o brinquedo quando chegasse em casa.

Quase assim que chegamos, ele começou a mexer em uma de suas caixas superorganizadas de brinquedos. Não demorou para encontrar o *flogger*, que tinha uma alça pesada de couro preto com várias franjas grossas na ponta feitas com um material parecido com camurça. Era um objeto que ele podia passar sobre meu corpo, fazendo com que eu ficasse arrepiada, ou usar com força, criando hematomas. Apesar disso — tudo bem, *por causa disso* —, eu o amava.

O *flogger*, o chicote *dressage* e o chicote comum foram colocados na sala. Eu quase ousei ter a esperança de que ele estivesse apenas organizando sua coleção, e não planejando alguma coisa. Ele não usaria os três de uma só vez, não poderia fazer isso, certo? Quem eu estava tentando enganar com meu otimismo exagerado?

Depois de colocar os três objetos da forma que queria, ele notou que eu estava observando e sorriu. Ele me agarrou e começou a me beijar, braços serpenteando minhas costas, me apertando. Eu me derreti nele, e me esqueci dos objetos ligeiramente preocupantes na mesa, focando-me apenas no abraço.

Suas mãos não ficaram no mesmo lugar por muito tempo. Primeiro, fez carinho nas minhas costas, depois tirou minha camisa, fazendo uma pequena pausa no beijo para passá-la pela minha cabeça.

Depois, meu sutiã foi aberto e, em instantes, meu jeans e minha calcinha estavam no meu tornozelo. Gargalhamos juntos e continuamos a nos beijar — ele realmente virou adepto de me deixar nua com muita rapidez.

Deu espaço para que eu pudesse afastar minhas roupas, que não eram úteis naquele momento, e novamente ele estava todo vestido e eu não estava usando nadinha. Mandou que eu ficasse em pé com as pernas afastadas na linha dos ombros e as mãos atrás da minha cabeça, dedos cruzados. Ele me fez esperar, e eu gostei do nervosismo iminente enquanto o observava; tentei distinguir para o que devia me preparar. Então ele pegou o *flogger* e eu escondi um sorriso, ciente de que ele estava guardando os brinquedos novos da mesma forma que deixava as batatas assadas para o final nos almoços de domingo, porque eram a parte favorita dele, e portanto deviam — no mundo dele — ser degustadas por último.

Passou as franjas do *flogger* para cima e para baixo em meu corpo, fazendo com que eu sentisse cócegas nos seios e com que meus mamilos ficassem eretos. Depois, veio para trás de mim e fez o mesmo com minhas costas e pernas, o que fez com que eu tivesse de me controlar para não tremer um pouco de nervosismo.

Então ele parou de passar o *flogger* em mim e começou a batê-lo. Sem muita força no começo, na verdade foi quase imperceptível, mas conforme os minutos passaram, o *flogger* estava definitivamente sendo mais afastado do meu corpo e sendo aproximado com mais força. Ainda estava gostoso, mas gradualmente as pancadas foram ficando cada vez mais intensas. Ele estava me preparando. Estava dando certo.

Logo comecei a sentir um impacto real na minha bunda e pernas. Não é o que eu chamaria de doloroso, mas à medida que movia o braço e as franjas do *flogger* batiam em mim todas juntas, senti como se fosse uma batida sólida em vez de vários segmentos separados me atingindo.

As pancadas ficaram cada vez mais fortes, até que eu comecei a me contorcer com o impacto cada vez que atingia minha bunda. Ele começou a bater no meu corpo todo, atingindo minhas pernas, barriga e seios, fazendo com que eu me retraísse. Ele variou o movimento: foi de mover o braço como se estivesse manipulando uma raquete de tênis a girar o punho em círculos até me atingir apenas com as pontas das franjas, e não com o material todo. Cada variação era uma sensação e uma experiência distinta para dar conta.

Não sei se já havia usado o *flogger* em mim por tanto tempo, mas percebi que estava me monitorando de perto, não só para ver se eu estava bem, mas para entender quais reações provocava quando mudava o local e a forma da pancada. Saber disso fez com que o nervosismo no meu estômago fosse amenizado.

Ele até atingiu as costas dos meus pés, o que me fez dar um grito de surpresa. Não foi nada comparado ao grito que dei quando bateu no meio das minhas pernas e atingiu meu clitóris.

Quando parou, a impressão era a de que não havia nenhuma parte do meu corpo que não tivesse sentido a pancada ou a ardência do *flogger*. A intensidade da dor não foi difícil de aguentar, mas o tempo que ele passou me batendo com as franjas de camurça fez com que parecesse um teste de resistência.

O *flogger* foi deixado na mesa, e ele pegou o chicote *dressage* logo em seguida. Antes mesmo de passar o chicote no ar, eu já sabia que ia ser um tipo diferente de dor. Começou pela minha bunda, como fez antes. Duas pancadinhas de leve, e depois veio o som no ar e uma pontada nas nádegas que me fez ranger os dentes. Outra e outra em uma sucessão rápida antes de uma pausa. Ele se ajoelhou e checkou minha bunda.

— Nossa, você tinha que ver isto. Linhas finas instantâneas. Acho que você vai ficar com alguns hematomas. — A surpresa na voz dele me fez sentir afeição e uma forma estranha de orgulho por ele soar tão feliz. Ele podia até não ser um sádico, mas amava ver as marcas. Não que eu pudesse dizer nada: era incapaz de me conter, ficava passando os dedos no corpo quando as marcas apareciam nos dias depois de ser machucada por ele. Eram uma ilustração colorida do quanto tínhamos nos divertido.

Mas ainda não era hora de se divertir. Não havia outra forma de descrevê-lo — o chicote *dressage* machucava para caralho. Eu me retorcia involuntariamente quando via Adam o movendo e ouvia o barulho no ar. Nos locais onde minha pele estava vermelha por causa do *flogger*, as linhas finas ficaram ainda mais notáveis. Quando bateu nos meus seios eu mordi os lábios, e quando bateu nos meus pés eu quase o chutei.

Certamente, era a forma de dor mais desafiadora à qual ele havia me submetido, e certamente a mais dolorosa que eu vivenciei em muito tempo. Ligeiramente histérica, eu me perguntei se seria possível que minha tolerância estivesse menor. Estava doendo muito. Doeu assim antes? Será que eu havia me esquecido? Exorcizado a memória? Como consegui lidar com aquilo? Quando pararia? Eu conseguiria aguentar?

Adam não fez mais nada comigo enquanto me batia, o que era uma raridade. Não houve sensação de humilhação ou degradação, nada mais em que meu cérebro pudesse se concentrar, desafiar ou do que pudesse fugir. Era apenas dor. Dura, pontiaguda, implacável. E me perdoem por dizer o óbvio, mas doeu. Muito, muito mesmo.

Adam estava atento a mim, mas agora não era uma experimentação, ele estava checkando como eu estava. Isso acalmou meu monólogo interno apavorado. Eu sabia que podia confiar nele, sabia que cuidaria de mim. Eu sabia que conseguiria aguentar mais porque senti uma certa resistência e uma preocupação nele.

Ele colocou o chicote *dressage* de lado e pegou o normal. OK, talvez essa preocupação que percebi fosse um otimismo histérico de minha parte.

Um terceiro implemento faria com que eu tivesse de me acostumar a uma intensidade e uma forma de dor completamente diferentes outra vez. Ardeu, ainda mais nas linhas inchadas que o outro chicote havia deixado e nas áreas avermelhadas da pele, cortesia do *flogger*. A dor foi pontiaguda e concentrada em uma área relativamente pequena, e ele bateu forte desde o começo.

Bateu no meu corpo todo rapidamente — bunda, coxas, barriga, seios. Eu não sabia

onde seria a próxima pancada, e estava começando a achar aquilo muito desafiador, estava lutando para conseguir respirar e me focando em processar a dor. Ele continuou, foi até mais longe do que já havia ido, batendo nos meus mamilos e, quando tentei me proteger, batendo nos braços até que eu os tirasse do caminho e os colocasse atrás da cabeça de novo.

Minha cabeça estava nadando e meus olhos começaram a se encher de lágrimas. A dor estava me dobrando, mas naquele momento eu a queria, desejava o alívio catártico. Mas isso não fez com que eu não me encolhesse e rangesse os dentes. Eu sabia que se ele continuasse eu ia começar a chorar.

Ele parou. Em um instante, veio para a minha frente. Fez carinho nos meus cabelos e beijou minha testa. Foi fofo, mas achei estranho. Foi quase como negar um orgasmo para mim — eu aguentava mais e queria mais.

— Por favor — sussurrei de maneira fragmentada. Desesperadamente.

— O que você quer, linda? — A voz era suave, cheia de uma preocupação genuína.

— Não precisa parar. Por favor, não pare. Eu quero que me faça chorar.

Ele apoiou a testa dele na minha. Fechou os olhos. Depois de um suspiro profundo, foi para trás e me olhou, analisando.

— Tem certeza?

Engoli a saliva e fiz que sim.

— Tenho. — Fiquei meio constrangida. — Por favor.

Acho que nunca tinha visto conflito na expressão dele. Sempre parecia tão certo de tudo. Colocava a mão em meu pescoço regularmente, mas me fazer chorar de dor era uma das poucas coisas que ele não havia experimentado. Ele já havia feito meus olhos se encherem de lágrimas, mas nunca me fez soluçar, nunca me fez chorar de dor mesmo. Percebi que ele não estava certo se devia ir adiante, se eu aguentaria. Mas dessa vez, eu sabia. Confiava nele, de verdade, e sabia.

Já havia feito eu chegar tão perto. Queria sentir as lágrimas correndo pelo meu rosto, queria o alívio do meu corpo sendo destruído com o choro, a catarse da dor.

Ficamos nos olhando por um bom tempo. Apesar de meus olhos reluzentes, dei um sorriso.

— Confie em mim.

Ele não falou nada por longos segundos. Devagar, seus lábios se curvaram em um sorriso.

— Eu confio em você.

Ele respirou bem fundo e recomeçou, garantindo que me atingiria pelo menos com a mesma força que antes. No começo percorreu meu corpo todo, como antes, fazendo com que eu adivinhasse onde seria a próxima pancada, e até bateu no meio das minhas pernas algumas vezes mais.

Depois, começou a se focar. O chicote bateu nos meus seios e eu me retraí. Ele fez de novo. E de novo. Começou a bater com mais força; levava o braço mais para trás, eu estava lutando e senti um bolo crescendo na minha garganta. Bateu e bateu e bateu, e eu só pensava: “Por favor, não pare.”

Então aconteceu. Minha boca estava fechada, lábios unidos enquanto eu aturava a dor, mas uma pancada final me fez separá-los e berrar. Foi a liberação que eu estava esperando. Meus joelhos cederam e eu caí no chão, lágrimas correndo livremente e meu corpo se sacudindo quando comecei a soluçar.

Ele veio até mim em um instante. Abaixou-se ao meu lado, me abraçou forte e sussurrou palavras de amor. Engasgada, agradei várias vezes, tentando garantir para ele que eu estava bem e que ele tinha feito o que eu queria, o que desejava, o que, naquele momento, eu precisava mais do que tudo.

Quando nos abraçamos, senti sua ereção fazendo pressão em mim e dei um sorriso em meio às lágrimas, apesar de não ter condições de fazer nada em relação a isso ainda. Por enquanto.

Depois de algum tempo, ele me levantou e me levou para a cama, deitou-se comigo e se certificou de que tudo estava bem mesmo. Naquele momento, acho que foi tanto para ele ter certeza quanto para mim.

Quando voltei à realidade, permanecemos juntos e conversamos sobre o que tinha acontecido, como sempre fazíamos quando experimentávamos algo novo. Mas dessa vez, eu perguntei como ele se sentiu por ter ido mais longe, assim como ele me perguntava se eu tinha gostado.

Conversamos com leveza. Eu estava exausta, como se tivesse sido quebrada e reconstruída. Ele tirou os cabelos do meu ombro e eu falei que tinha gostado muito, gostei de ser desafiada. Ele beijou meu ombro com delicadeza, e eu virei sua cabeça e o beijei na boca profundamente.

Quando começamos a nos mover um contra o outro e ele me penetrou, ele parou o beijo e ficou quieto.

Por um momento, fiquei preocupada achando que tinha alguma coisa errada, a expressão em seu rosto estava bem tensa.

— Que foi?

Ele deu um sorriso, o sorriso do meu Adam, o sorriso que pode ser causado por qualquer coisa, desde um buquê daqueles até uma fatia de bolo de laranja e uma reprise de *Man v. Food* na TV.

A voz dele demonstrou surpresa.

— Você está molhada pra caralho.

Dei a língua para ele.

— Que falta de cavalheirismo dizer isso.

Ele deu uma gargalhada alta e beijou meu nariz.

— Você acha que é falta de cavalheirismo eu falar isso, mas está certo bater em você com um *flogger* e dois chicotes até você chorar?

Olhei para ele fingindo estar séria.

— Isso mesmo. Qual o problema?

Ele provavelmente estava falando sério, e ainda parecia surpreso.

— É incrível. Você é incrível. Nunca bati em ninguém até chorar de dor. Quando você começou a soluçar foi como se uma onda tivesse passado por você. O alívio foi

quase como um orgasmo. Foi incrível. Tão sensual de ver. Eu me senti — ele parou de falar e fez uma expressão, mas continuou —, vai soar bobeira, mas senti um privilégio tão grande de ser a pessoa capaz de dobrar você daquela forma. — Pareceu constrangido. — Estou falando como se fosse um imbecil pretensioso.

Eu ri.

— Acho que podemos dizer que a maioria dos imbecis pretensiosos não sabem que são exatamente isso. Você está bem.

Ele sorriu para mim e, em um acordo silencioso, ambos começamos a mover os quadris.

— Obrigado.

Eu sorri e fiquei sem ar quando ele pegou minha bunda, dedos apertando um excesso de machucados e hematomas.

— De nada. E obrigada.

Beijou meu nariz.

— De nada. E obrigado.

Continuamos a transar e depois paramos de agradecer um ao outro. Mas levou certo tempo. Somos pessoas muito educadas.

A não ser quando não somos.

Capítulo dezessete

Pode soar meio estranho, mas depois da catarse daquela tarde, minha vida com Adam voltou ao ritmo normal. Não havia mais nenhum medo de ser testada de maneira exagerada. A conversa sobre James algumas semanas antes trouxe paz, porque, mais do que nunca, nós dois sabíamos em que pé estávamos. A vida estava atribulada e os meses foram passando, Adam com vários clientes novos para sua empresa e eu com mais trabalho freelance do que nunca. Nossos fins de semana eram uma mistura entre eventos sociais de sempre — famílias, amigos, cinema — e trabalho, quando cada um ficava em um silêncio amigável em seu laptop, parando apenas para tomar chá e para momentos ocasionais de brincadeira.

Soa meio bobo, mas ainda era novidade ter um namorado que meus pais amavam, com quem eu podia passar quatro horas em um pub discutindo sobre as dez melhores sequências no cinema (e se *O império contra-ataca* ainda conta como uma sequência anterior aos primeiros filmes da série *Star Wars*); um namorado que não ficava chateado quando eu trabalhava nos fins de semana ou até tarde, pois sabia o quanto o trabalho significava para mim. O fato de ele ser não só o homem mais obscuro que eu já havia conhecido, mas também de encarar o trabalho com tanta seriedade quanto eu, e de um dia querer ter filhos e um lar, francamente era o glacê no bolo da perversão.

O lado sexual do nosso relacionamento não ficou mais lento, mas certamente encontrou um lugar confortável dentro do todo de nossa vida juntos. Ainda fazíamos muitas coisas que me pareciam intensas e desafiadoras, mas passamos a fazer mais sexo comum também — com uns beliscões nos mamilos de vez em quando e umas surras aqui e ali.

No entanto, teve um sábado no qual não estávamos fazendo nada intenso em especial. Era o começo da noite, e Adam e eu estávamos aconchegados no sofá com taças de vinho tinto para fazer um brinde, pois ele havia completado o primeiro lote de clientes para sua nova empresa de consultoria de patentes (a parte mais difícil, ironicamente, foi conseguir a papelada com o banco).

Já havíamos conversado sobre comprar um imóvel juntos, apenas especulações, apesar de o aluguel do nosso apartamento permitir um extra para guardarmos todo mês. Com o sucesso do negócio dele e minha carreira de freelance decolando, nossas economias estavam indo bem e tentamos decidir se era o momento de agir. A conquista de certo número de clientes para Adam era mais uma peça do quebra-cabeça.

Estávamos discutindo os méritos de esperar um pouco mais (até para termos grana para comprar móveis) quando meu telefone apitou.

No começo, ignorei porque estávamos conversando com entusiasmo sobre como nossa casa seria, e tendo ideias de novos clientes para o negócio de Adam — ex-colegas de trabalho que ele poderia convencer a contratar seus serviços de freelance e consultor. Nunca o vi tão feliz em relação ao trabalho — estava motivado, curtindo a criatividade e a liberdade de ser seu próprio chefe. O Adam entediado com o trabalho

antes da demissão, e tão negativo logo depois dela, já era coisa do passado. Era ótimo ouvir seu entusiasmo, e eu estava gostando de ter minhas próprias ideias para ajudá-lo na aventura. O fato de que um dia — se os empréstimos permitissem — essa aventura também poderia nos permitir ter uma casa própria era um bônus.

Estávamos conversando com bom humor sobre onde minha coleção de dragões de porcelana ficaria (não julguem, é o que coleciono), quando meu celular apitou de novo. Uma mensagem no fim de semana em que eu não estava trabalhando era facilmente ignorada. Duas, uma atrás da outra, era sinal de que havia alguma coisa errada. Ele olhou para mim e fez sinal para o telefone.

— Pode ver, tudo bem. É bom você checar suas mensagens.

Peguei o celular e li as mensagens. Ambas eram de Thomas.

Charlotte terminou
comigo. Acabou.

E logo depois:

Se bem que pelo visto
nunca fomos um casal.
Como sou imbecil. Cervejinha?

Dei meu celular para Adam, que leu as mensagens.

— Isso não está com a cara boa. Quer ligar pra ele?

Dei um abraço nele, por impulso. A natureza tranquila de Adam era uma das coisas que eu mais amava, mais ainda naquele momento em que as necessidades de um amigo, que efetivamente era um ex, acabou com a nossa noite. Além de não ter problemas com isso, Adam sabia que eu ia querer ver Tom. Embora o lado sexual de nossa amizade tivesse terminado havia muito tempo, ele ainda era um dos meus melhores amigos — e só um namorado tranquilo mesmo para aceitar isso. O fato de Adam se sentir seguro o suficiente em relação ao meu amor para não se estressar era motivo de gratidão para mim.

— Você se importa? — Apontei para a taça de vinho. — Fica pra depois?

Ele deu um beijo na minha testa.

— Tudo bem, linda. Posso usar seu cérebro pra mais ideias a qualquer momento. Ligue pra ele. — Ele pegou o próprio telefone. — Vou mandar uma mensagem pra Charlotte e ver como está.

E foi assim que nossa noite relax acabou com cada um em bares diferentes ficando bêbados com outras pessoas.

Quando cheguei ao bar, Thomas certamente já havia tomado algumas. E eu nunca o vi tão triste.

— E aí.

Ele levantou a cabeça e acenou sem empolgação, e depois voltou a olhar para a bebida.

— Vou pegar uma cerveja. Quer outra? — perguntei sem saber se era uma boa

ideia, mas não queria ser mal-educada. Ele fez que sim.

Quando voltei à mesa, estava mexendo no celular.

— Pensei em mandar uma mensagem pra ela, mas não sei o que dizer.

Ele parecia meio deprimido e, honestamente, eu também não sabia o que dizer. Vamos combinar que “Você está bem?” não era uma opção porque era óbvio que não estava.

— Você acha que mandar mensagem vai ajudar?

Balançou a cabeça com tristeza.

— Sinceramente, não sei se tem mais alguma coisa que eu possa dizer pra ela. Acho que acabou mesmo. — Uma expressão de dor tomou seu rosto, como se ouvir as palavras sendo ditas em voz alta, mesmo que vindas dele mesmo, fosse demais para aguentar. — Porra, acho que acabou mesmo.

Que surreal. Pensei em como Charlotte estava feliz quando saímos, não dava para entender o que causou tal mudança. Sendo assim, perguntei.

— O que aconteceu?

Ele ficou sem falar bastante tempo. Tanto tempo que achei que não tivesse me escutado. Finalmente respondeu.

— Eu falei que a amava. Duas vezes. — Deu um sorriso murcho. — Acho que podemos dizer que ela não sente o mesmo.

Merda.

— Foi ela quem terminou? Por causa disso?

Ele confirmou com a cabeça.

— Quando falei pela primeira vez, meio que passou batido. Estávamos deitados na cama e ela estava nos meus braços, aí falei. — Alguma coisa no meu rosto deve ter denunciado o que eu achava. — Não, não faça essa cara, não foi uma coisa pós-sexo. Estávamos apenas abraçados. Estava muito bom. Aconchegante. Quando falei, ela ficou meio tensa, mas achei que devia falar direito, passei anos pensando nisso e tomando cuidado, mas não falei no impulso. Eu resolvi falar mesmo. Falei que a amava, que queria ter um relacionamento de verdade com ela. — Sua voz ficou mais baixa. — Foi quando ela se afastou.

“Ela disse que não queria nada sério. Nunca quis. Que o negócio dela era fazer sexo e se divertir com pessoas de quem gostava e em quem confiava. Ficou bem chateada, e pareceu até com raiva por eu ter confessado esses sentimentos quando sempre dissemos que o que tínhamos era casual. Eu falei que tudo bem, que podíamos voltar a ser amigos coloridos, que era o suficiente. Mas ela disse que, agora que sabia, não seria justo comigo, que eu merecia coisa melhor e que ela devia terminar direito. Botar um ponto final limpo.”

Eu honestamente não sabia o que dizer para fazê-lo se sentir melhor. Na verdade, pior do que isso, eu sabia que não havia nada a dizer, não havia uma combinação de palavras que pudesse ajudar.

— Eu sinto muito, Tom.

Ele sorriu, desanimado.

— Obrigado. Estou torcendo pra ela mudar de ideia, mas não estou muito confiante. Que idiota ter falado pra ela.

Segurei a mão dele.

— Você não pode evitar o que sente.

Ele balançou a cabeça.

— Eu sei, mas agora vou ter que parar de sentir o que sinto. Eu não entendo. Um relacionamento de verdade era o próximo passo. A gente se divertia tanto, fazia tanta coisa juntos — *munches*, festas, sexo a três. O sexo era literalmente o melhor do mundo.

Dei uma gargalhada e ele ficou meio constrangido.

— Desculpa, Soph, não foi isso que quis dizer. — Ergui uma das sobrancelhas. — Você não conta.

Ri de novo.

— Ainda bem que eu entendo o que você quer dizer e tenho bom senso de humor, senão você estaria se complicando muito.

Pareceu frustrado mas continuou falando com perseverança.

— Só acho que compatibilidade sexual e mentes abertas em um mesmo nível seriam uma base muito boa para um relacionamento.

Fiz que sim com a cabeça.

— Com certeza.

— Mas não são o suficiente.

— Não.

Terminamos nossas cervejas em silêncio.

Adam chegou em casa um pouco depois de mim — coloquei Tom em um táxi, e Adam (sempre um cavalheiro) foi com Charlotte até a porta da casa dela. Peguei minha taça de vinho e voltei para o meu lugar no sofá assim que cheguei. Fiquei dividida entre ver o noticiário, que mostrava uma pessoa comentando as manchetes do dia seguinte, e deixar a mente vagar, pensando na tristeza de Tom e na sorte de eu ter encontrado Adam. Minha raiva por eles terem armado o nosso encontro era uma memória distante.

Ele se sentou ao meu lado no sofá e se inclinou para me dar um beijo.

— E aí?

Eu sorri e dei um abraço nele.

— E aí. Tudo bem?

Seu sorriso foi seco.

— Tudo bem. Já tive sábados mais divertidos.

Concordei com tristeza.

— Eu também. Como está Charlotte?

Ele suspirou.

— Não está muito bem, não tem certeza se fez a coisa certa, questionou a amizade deles, está preocupada se fez com que ele tivesse a impressão errada, preocupada se fez bem em terminar com ele.

— Muito ruim. Eu sinceramente achei que eles estivessem apaixonados, só de olhar

pra eles.

Adam concordou.

— Pois é. O negócio é que não sei se Charlie já sentiu isso por alguém. É uma pessoa muito independente. Está falando em viajar pra esvaziar a cabeça.

O trabalho de Charlotte — dar aulas sobre softwares — funcionava com contrato e tinha vários momentos sem atividade, o que facilitava viagens. Seria fácil conseguir um ou dois meses e retomar o trabalho depois. Eu apenas tinha minhas dúvidas se isso facilitaria ou dificultaria a vida dela.

Adam sorriu.

— Esse negócio de ficar vagabundeando no mundo após um término pode virar moda. — Ah, da ex dele.

Olhei para ele com atenção, tentando ver se havia algum ar melancólico. Não consegui distinguir, então achei que o mais simples seria perguntar.

— Algum arrependimento?

Ele beijou meu nariz e me abraçou.

— Com certeza não, srta. Morgan. O oposto, na verdade.

Dei um sorriso.

— Boa resposta.

No final das contas, Charlotte não viajou. E também não se encontrou mais com Tom. Ele ficou péssimo depois do término, fiquei com muita pena dele, mais ainda porque havia inúmeras semelhanças entre o término dele e o meu com James: a sensação de que não foi um relacionamento “de verdade”, sabe-se lá o que isso significava, de que foi mais uma série de encontros aleatórios.

Falando sério, essa cultura de amigos coloridos e sexo casual parece ter virado uma obrigação na nossa geração, e é um mundo difícil de administrar. Para cada relacionamento como o que tive com Tom (que terminou de maneira orgânica, limpa e sem que as partes ficassem chateadas), havia vários outros que terminavam em sentimentos feridos, confusões e uma total falta de posicionamento das pessoas. Apesar de amar as experiências que tive e a chance de descobrir mais sobre o que eu gostava (e, é claro, apesar da quantidade absurda de diversão), eu estava muito feliz de saber que a incerteza não seria mais um problema. Torci para que Tom conseguisse seguir em frente e encontrar a felicidade.

Ele definitivamente não ficou prostrado esperando isso acontecer. Depois de algumas semanas se lamentando, se cadastrou em um site de namoro e no Fetlife, uma rede social D/s. Mesmo falando sobre Charlotte de vez em quando, começou a conversar com mulheres on-line, apesar de ainda não estar pronto para tomar iniciativas. Pelo visto estava só flertando — eu não sabia se aquilo seria o começo do relacionamento que ele queria. É meio difícil saber se as pessoas são o que parecem ser on-line.

Adam, por outro lado, continuou sendo transparente. Às vezes, isso era até engraçado — por exemplo, ele tinha a tendência a se concentrar tanto no trabalho que desligava o resto todo, eu tinha de balançar a comida na frente dele (ou ficar pelada,

isso também funcionava) para que desse um tempo no que estava fazendo. Mas tudo bem, eu não achava que era pessoal. Eu me sentia segura o suficiente em relação ao amor dele, então essas características acabavam me divertindo.

No entanto, de vez em quando ele era genuinamente surpreendente.

Fomos ao supermercado em um sábado de manhã, no final de uma daquelas semanas que parece que não vai acabar. Adam estava tão distraído que estava hilário. Esqueceu a carteira e ainda tivemos de voltar porque esquecemos o leite. Quando ele ficou um minuto procurando as chaves do carro no estacionamento, eu já estava gargalhando. Não me contive. Ele estava sorrindo também, então achei que tudo bem.

No caminho para casa, ele virou na rua errada, fomos parar em um bairro não muito longe do nosso apartamento — mas distante o suficiente para que eu olhasse para ele quando estacionou o carro, sem entender o que estava acontecendo.

— Você está bem? — perguntei na esperança de que o comportamento estranho fosse um sinal de que estava doente.

— Sim, estou bem — disse ele e saiu do carro. Fiquei confusa mas fui atrás.

Atravessamos a rua. Adam foi até o portão de uma casinha e disse oi para um homem que estava esperando no local. Parecia esperar por nós. Eu sorri mas fiquei sem saber o que dizer porque não fazia ideia do que estava acontecendo. Fomos com o homem para dentro da casa. Meu cérebro girava — seria um cliente novo de Adam? Um amigo? Por que não mencionou nada?

Tudo fez sentido quando entramos. A casa estava vazia, não havia móveis. Quando paramos no corredor, ficou claro que devíamos dar uma olhada na casa.

O corretor, que estava lá para nos receber, concordou em nos deixar a sós, parecia feliz com a ideia de fazer uma ligação no carro estacionado na rua, onde estaria mais quente.

Quando a porta da frente se fechou, olhei para Adam com uma expressão interrogativa. Bem, pelo menos aquilo explicava por que ele estava tão distraído.

— Você não falou que tínhamos uma casa pra visitar hoje.

Pareceu constrangido.

— Não tínhamos mesmo. É que eu vi esse anúncio no jornal, pesquisei on-line e achei que era igual ao que conversamos.

Dei um sorriso. Passamos mil anos conversando sobre como seria nossa casa dos sonhos, mais porque isso fazia com que as economias intermináveis tivessem um objetivo. Queríamos uma casa pequena (quer dizer, ficaríamos felizes com um casarão, mas tínhamos de ser realistas), janelas grandes e uma cozinha espaçosa onde coubesse uma mesa (eu), espaço para um escritório (nós dois), tudo com cores neutras (ele) mas com bastante espaço para prateleiras e sofás de cores vivas (eu). Um jardim pequeno, de preferência, para que eu pudesse ter uma rede (sei que é uma fixação ridícula, mas sério, ler meu Kindle em uma rede é meu sonho de verão) e para que Adam pudesse fazer churrascos.

Eu não fazia ideia do quanto custava e não tinha nenhuma noção se aquela seria, ou poderia ser, nossa casa. Mas vinte minutinhos sonhando não machucariam, não é?

Segurei a mão de Adam.

— Então tá, me mostre a casa.

Fomos caminhando. Uma caminhada até curta. Nosso orçamento não comportava uma casa muito grande. Mas quando entrei na sala e vi as janelas panorâmicas e o jardim de inverno nos fundos, tive um momento estranho de reconhecimento. Eu nos imaginei vivendo ali. Imaginei os vasos de ervas de Adam no aparador da janela da cozinha, nossas prateleiras com DVDs no espaço ao lado da entrada da sala, uma poltrona pequena no jardim de inverno onde eu poderia me sentar para escrever no computador — seria bem-iluminado no verão e teria o barulho da chuva no vidro do teto no inverno, um lugar aconchegante para ficar quando o tempo estivesse ruim. Conforme andamos pela casa, eu me apaixonei cada vez mais. Dava para ouvir a voz de meu pai — que tinha feito palestras para nós dois sobre os perigos de cair de amores por uma casa e assim não fechar o melhor negócio possível por ficarmos muito emotivos — me pedindo para ter calma e manter a objetividade.

Quando vi a banheira com aquele chuveiro potente acoplado, foi o fim. Olhei para Adam. Ainda parecia distraído, mas até ele estava impressionado — a pressão fraca do nosso chuveiro era uma reclamação constante dele.

Eu não tinha ideia do que faríamos. De como funcionava. Nem sabia se podíamos bancar aquela casa. Era coisa de adulto, tramitações novas que eu desconhecia, sobre as quais conversamos mas que agora — quem sabe? — talvez estivessem acontecendo.

Fui até a janela do quarto principal e olhei para a casinha no jardim. Uma casinha no jardim. Ri sozinha, tanto por ficar animada por ter uma casinha no jardim quanto por nem saber o que colocaria dentro dela. Fiquei em pé observando uma mulher pendurando roupas em uma casa vizinha.

— O que você acha? — perguntou Adam do outro lado do quarto. — Colocaram um preço baixo por alguns dias e querem compradores que não estejam negociando a casa onde moram agora. A gente podia pelo menos fazer uma oferta.

— Eu amei — respondi. — Dá pra imaginar a gente vivendo aqui.

— Tem espaço pra filhos.

Eu ri.

— Filhos, no plural? Peraí, eu nem tenho um escritório em casa e já estamos falando sobre mudar os móveis de lugar?

Ele não respondeu à minha provocação, sua voz ficou séria de repente.

— Seria bom nos casarmos primeiro, não é?

Eu ainda estava observando a vizinha.

— Antes de ter filhos? Acho que sim, se bem que não seria muito problema se fosse ao contrário. No final, daria na mesma.

— Eu sei, mas seria melhor casar, não seria?

Eu me virei para ele. Estava em uma posição curvada estranha, mas esticou as costas quando me virei. Ficamos sem falar nada por longos minutos.

— Sophie, estou tentando pedir você em casamento.

Fiquei sem palavras. Literalmente, não conseguia falar. Não chorei, acho que fiquei surpresa demais. Eu sei, já havíamos conversado sobre comprar uma casa, já morávamos juntos, queríamos filhos. Só não estava esperando naquele momento, naquele lugar.

Nós nos encaramos. Depois de alguns segundos ele finalmente falou, quase em súplica.

— Soph? Você está meio que me deixando no vácuo.

Dei uma gargalhada.

— Você não me pediu em casamento direito ainda.

Ele ficou confuso.

— Pedi, sim.

— Não pediu, não. Você disse que estava tentando, mas não pediu.

— Você é tão pedante. — Cruzei os braços, mas acho que meu sorriso gigante delatou meus sentimentos. Ele riu e se ajoelhou.

— Srta. Sophie Morgan, quer se casar comigo? Por favor?

Foi impossível não me engasgar, mas pelo menos não fiquei abanando as mãos como as mulheres costumam fazer.

— É claro que sim. Quero muito. — Pausa. Mais simplicidade? — Sim.

Corri até o outro lado do quarto e me joguei nele. Ele me segurou e me abraçou, e nos beijamos por tanto tempo que fiquei meio preocupada de o corretor voltar. Quando nos afastamos, estávamos sorrindo um para o outro que nem loucos. O rosto de Adam estava visivelmente aliviado. Acho que isso explicava a distração dele.

De repente, Adam soltou um som de exclamação.

— Ah, quase esqueci. — Pegou uma caixinha do bolso e a abriu, revelando um anel.

— Se não gostar, ou se não couber, podemos trocar — disse ele. Tirou o anel da caixa e o colocou no meu dedo. Era simples, nada ostensivo, exatamente o tipo de anel que eu teria escolhido para mim. Dei um abraço forte nele.

— É perfeito.

Ele me deu um beijo no nariz.

— Você é perfeita.

Fiz uma careta.

— Não sou, não.

Ele riu.

— Tá, não é perfeita. Pra início de conversa, você argumenta muito.

Fiz que sim.

— Mas você é extremamente metido de vez em quando.

Fingiu estar pensando.

— OK, essa eu posso aceitar. Mas você é teimosa.

Fiquei indignada.

— Você também!

Ele me beijou novamente.

— Essa não é a questão, a questão é que você é perfeita pra mim.

Olhei para ele e senti um amor enorme pelo meu Adam bondoso, amável, inteligente, engraçado, gentil, obsceno e perverso.

— Você também é perfeito pra mim.

E era mesmo.

Epílogo

Todo mundo tem um local preferido. A praia, a Disney, o campo do time favorito, talvez apenas estar com família e amigos em casa. Amo todos esses lugares (apesar de ser o melhor exemplo de uma torcedora que só aparece quando o time está ganhando), mas um dos meus locais preferidos é a cama com Adam.

Eu sei, vocês acabaram de ler mais de duzentas páginas sobre o quanto eu gosto disso, então não é novidade.

Contudo, quando vamos para a cama e nos abraçamos, eu me sinto segura, feliz, amada, em casa, de uma forma que nunca me senti antes. Não é a cama, o edredom ou o quarto em si. É o homem atrás de mim, literalmente e metaforicamente, cujo domínio reflete minha submissão, mesmo quando caminhamos juntos como parceiros. Iguais.

Isso não quer dizer que o trabalho e outras responsabilidades, os empecilhos da vida real, não interferem de vez em quando. Nem todo o sexo que fazemos é D/s. Isso não é uma coisa ruim — afinal de contas, a variedade é o tempero da vida, e, depois de certo tempo, até mesmo as melhores coisas da vida podem ficar meio monótonas. No entanto, há pouco risco de isso acontecer conosco, até porque temos bastante brinquedos e figurinos que acumulamos para dar uma animada, quando temos tempo e vontade de deixar correr solto.

Mas às vezes não há figurinos. Não há *floggers*. Não há *plugs* anais infláveis. Há apenas nós dois. E esses são os momentos mais íntimos de todos.

Ele se deita atrás de mim, me aperta, um dos braços dele está embaixo do meu pescoço, o outro envolvendo meu corpo em um tipo de abraço ao contrário; todas as partes do meu corpo (ou as mais importantes para nossos objetivos) estão ao alcance dele. Sua cabeça está perto da minha, então quando sussurra no meu ouvido, a sensação do hálito no meu pescoço me faz tremer.

Geralmente quando nos deitamos assim, ele conta histórias obscenas para mim. Conversamos sobre coisas que fizemos, coisas que gostaríamos de experimentar, coisas que não gostaríamos de fazer na vida real mas sobre as quais dá tesão de conversar, deitados no escuro. Às vezes, quando estamos aqui no nosso pequeno casulo, fazendo com que o outro trema de desejo com as histórias que tecemos juntos, a mão de Adam serpenteia até o meio das minhas pernas e brinca comigo até que eu fique desesperada para gozar, pernas tremendo por causa do esforço para controlar o orgasmo.

Mas não hoje. Ainda não. O negócio é que ele ainda é muito mais paciente do que eu. Ele começa uma história obscena, uma variação de outra história que já contamos antes — uma fantasia que logisticamente é bem improvável de acontecer. Conforme fala, faz carinho no meu braço com as pontas dos dedos, pontuando as frases com beijos e mordidas na minha orelha, pescoço e ombro. E tudo isso, é claro, me enlouquece e me deixa molhada.

Em alguns dias, ele deixa que eu me toque. Há vezes em que incentiva isso e gosta de ficar vendo. Mas hoje não, hoje ele definitivamente não quer que eu tente aliviar a

minha tensão sexual crescente. Assim que percebe onde minha mão está indo, segura meu punho.

— Ainda não.

Eu resmungo, ele puxa meu braço e continua o que estava fazendo.

— E pode parar com esse comportamento. — Sua voz geralmente é descontraída mas tem aquele toque de aço que ainda me dá calafrios.

— Não estou me comportando mal. — Eu sei, não estou me ajudando dando uma resposta. Mas tem dias que ele é tão metido. Sei que não é novidade, mas mesmo assim.

Ele para de me tocar e me beijar, e levanta a cabeça um instante.

— Estou sendo muito legal com você, só precisa ter um pouco de paciência, ficar deitada e curtir um pouco.

Considero minha posição. Vale a pena discutir e arriscar as consequências? Provavelmente, não. Mas não estou feliz. Como sempre, em alguns dias o estado de espírito submisso aparece tão rápido quanto bruma no inverno, ao passo que em outros momentos eu tenho vontade de me rebelar, apesar de saber que não só é um jogo que eu não tenho como vencer, como é um jogo que eu de fato não quero vencer.

Na voz de Adam, aquele timbre levemente musical que faz com que eu tenha vontade tanto de me ajoelhar na frente dele quanto de chutá-lo — mas é óbvio que fazer as duas coisas ao mesmo tempo não é muito prático.

— Você já devia saber que se pedisse permissão pra se tocar daria muito mais certo.

Fico calada mas, felizmente para mim, o abajur na mesa de cabeceira já foi desligado, então ele não consegue ver meu rosto. Se conseguisse, eu provavelmente levaria um esporro por estar olhando para ele com raiva.

Ele volta a me provocar. Ainda sem surra e outras humilhações, mas sei que está fazendo com que dure mais tempo do que o normal para me dar uma lição.

Finalmente, toca a parte interna da minha coxa. Eu já estou tão excitada que começo a tremer. Sinto a gargalhada dele atrás de mim, o que só piora a minha cara de mau humor. Quando finalmente passa o dedo na minha umidade, não consigo conter um gemido baixinho de prazer.

— Está vendo, o problema é esse. Até hoje, depois desse tempo todo, tem dias que o seu cérebro quer me combater e faz com que você fique com raiva de mim. Você está confusa aqui — deu um tapinha na minha cabeça com a outra mão, e continuou a passar os dedos no meio das minhas pernas, fazendo com que eu engolissem um gemido de prazer. Ele riu. — Não está confusa aqui. A verdade é essa. Aqui você mostra o quanto ama isso. Tudo isso. É por isso que precisa pensar com a boceta, e não com o cérebro — você vai ser mais feliz.

Fico me perguntando se este é o momento de fazer um comentário engraçadinho sobre homens pensando com o pênis. Acho que não.

Quando termina de me repreender, enfia o dedo em mim. Eu me engasgo e fico corada. Estou molhada, muito molhada, mas estou furiosa também, se bem que

honestamente não sei dizer se é com ele ou comigo.

— Metido pra caralho. — As palavras saem sem querer. Fecho a boca na esperança de poder engolir meu desabafo.

Não tenho essa sorte.

— O que você falou? — A resposta dele é rápida e afiada.

— Nada.

— Não me enrole. Você falou alguma coisa sobre ser metido.

Eu o chamo de metido o tempo todo. Ele com certeza não se importa de eu brincar com ele, mas esse tipo de coisa tem sempre a ver com o contexto. Nesta situação, neste momento, ele não vai deixar passar nada.

Eventualmente, com um pouco de vergonha, repito a frase. Em um instante, os dedos dele somem e a palma de sua mão fica parada sobre minha região úmida. Não se move. Sem beijo, sem carinho, sem sussurro. Seu braço ainda está embaixo do meu pescoço, mas soltou o seio que estava acariciando.

Silêncio.

Fico nervosa. Excitada. Curiosa. Ele vai me machucar? Mas não machuca. Fica apenas deitado soltando um rosnado baixo. Não sei se foi um minuto ou dez, mas pareceu durar para sempre.

Ele finalmente fala.

— É uma batalha de vontades aqui, não é?

— Não sei o que você quer dizer — respondo. Sei sim.

— Estou sendo superlegal com você, mas, só porque não estou indo na velocidade que quer, você quer tudo do seu jeito.

Eu me contenho e não respondo que as coisas são fundamentalmente dessa forma, principalmente porque sei que isso não é verdade, que ambos gostamos disso, que ainda há igualdade de prazer nessa desigualdade, que por algum motivo eu estou mais exigente hoje.

O silêncio se estende e fico preocupada por tê-lo decepcionado. Odeio isso. Sinto minha segurança se derreter. Demoro mais um pouco até conseguir responder, mas finalmente encontro a voz.

— Desculpa. Vou ser boazinha.

Os dedos retornam na mesma velocidade em que foram embora. Fazendo carinho, abrindo meus lábios e entrando em mim.

— Sabia que está mais molhada agora do que quando parei?

Tenho de me esforçar muito para não chamá-lo de metido de novo. Prefiro chamá-lo de babaca na minha cabeça, e novamente fico feliz por ele não conseguir ver meu rosto.

Contudo, ele não para de falar. Sua voz se torna um sussurro constante em meu ouvido.

— É disso que estou falando. Pare de pensar com a cabeça, pense um pouco mais com isto. — Enfia os dedos em mim. — Aqui sempre sabe o que fazer, o que curtir, mesmo quando o seu cérebro teimoso não se ligou ainda. É por isso que esta boceta

pertence a mim.

Dou um gemido involuntário.

— É isso, se solte, seja uma boa menina pra mim. É claro que você quer, não quer?

Meu sangue começa a cantar, meu corpo reage ao dele. Sinto minha submissão me tomando e, à medida que ofereço isso a ele, me torno flexível sob seu corpo.

É um jogo que já jogamos muitas vezes, que certamente vamos jogar várias outras, tomara que para o resto de nossas vidas. É intenso, divertido, excitante, incrível.

Seus dedos se movem no meio das minhas pernas, pontuando os sussurros sobre o quanto eu gosto disso, que nós dois sabemos que eu amo isso, vivo por isso às vezes, principalmente quando ele está com a mão no meio das minhas pernas.

Fico corada, mas nós dois sabemos que é verdade. Minha cintura faz um arco quando pressiono meu clitóris inchado contra a mão dele — é uma espécie de sinal.

Quando me aproximo do gozo, ele vai mais devagar. Seguro um resmungo, ciente de que vai me causar problemas, e me deixo apoiada nas mãos dele, no tempo dele. Ele faz que sim com a cabeça atrás de mim.

— Boa menina. Confie em mim, vou cuidar de você. Seja paciente.

Sinto uma onda de calor com o elogio, e uma descarga de afeição por ele. Realmente cuida de mim, no sexo e em outras áreas. De repente, vem o pedido de desculpas que antes eu dei com mau humor.

— Desculpa. Eu não devia ter dito que você é metido.

Ele ri atrás de mim.

— Linda, eu sou metido.

Eu me contenho para não concordar, não tenho certeza se já posso fazer isso, não quero me arriscar.

— Mas o negócio é que, mesmo sendo metido, às vezes eu quero ter uma razão pra punir você, e o seu ataque é a minha razão.

Meu coração bate ainda mais rápido. Mas não é medo, é ansiedade. Respondo sorrindo.

— Contanto que você não espere que eu seja o tipo de submissa que não vai sacanear você e que obedece todos os seus desejos.

Ele me coloca de barriga para baixo e passa a mão na minha bunda. Continuo sorrindo no escuro quando ele bate na dobra entre a nádega e a perna, a área que me faz tremer.

— Estou bem feliz com você me sacaneando. E, sério, nós dois sabemos que não preciso de um motivo pra punir você, não é assim que funciona. — Está esquentando minha bunda, bate com calma para que eu me acostume à sensação de sua mão na minha nádega. Mesmo depois desse tempo todo, é a coisa mais íntima que fazemos, e a sensação da palma de sua mão em mim, a intimidade do toque, me faz suspirar. É um som feliz.

A quentura da minha nádega por causa dos tapas está começando a ficar maior; eu me ajusto à dor. Faço que sim com a cabeça para concordar, respiro fundo pelo nariz na tentativa de conquistar a dor, de comandar a onda de endorfina. Ele bate mais forte,

eu me contorço e empino a bunda para que encontre a mão dele. Com vontade.

Quando ele me coloca encostada nele novamente, sinto sua ereção me pressionando e ele sente a quentura da minha nádega punida em sua coxa. Suspira de satisfação e morde meu ombro antes de colocar a mão entre minhas pernas e começar a bater em mim nesse local. Eu coloco o quadril para cima, encontrando-o com desejo, tanto desejo que ele ri.

Eu amo isso. Nós dois amamos. Já passei do ponto de sentir que tenho de me desculpar. Não estamos machucando mais ninguém, estamos fazendo com segurança. É tudo consensual. Ele me conhece bem, às vezes acho que me conhece mais do que eu me conheço — se bem que, sim, eu melhorei em relação ao uso da palavra de segurança.

Isso deixa meus mamilos eretos, me deixa molhada. O desafio, a luta, ser controlada, ser amarrada, ser machucada. Ceder para ele, dar prazer para ele. Amá-lo. Tudo se mistura no meu cérebro — a dor com o prazer, a adrenalina com as endorfinas. Na maioria das vezes, a luta não é literal, mas entramos em combate pelo poder e amo a intimidade disso, o controle que ele tem. Às vezes, dou esse controle para ele de bom grado, às vezes ele o toma, apesar de mesmo assim ter minha permissão. De qualquer forma, eu gosto, gosto dele, gosto de ficar desconfiada, de não saber o que vai acontecer.

Reagindo. Aguentando. Aproveitando.

Eu amo Adam. Amo isso.